

Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas / pelo conego Francisco Bernardino de Souza.

Contributors

Souza, Francisco Bernardino de, 1834-

Publication/Creation

Pará : Typ. do Futuro, 1873.

Persistent URL

<https://wellcomecollection.org/works/sdwxfj2g>

License and attribution

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.

You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.



Wellcome Collection
183 Euston Road
London NW1 2BE UK
T +44 (0)20 7611 8722
E library@wellcomecollection.org
<https://wellcomecollection.org>

Manaos - 20-12-92

*Do
F. Bernardino*

LEMBRANÇAS E CURIOSIDADES

DO

VALLE DO AMAZONAS.

PELO

CONEGO FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.



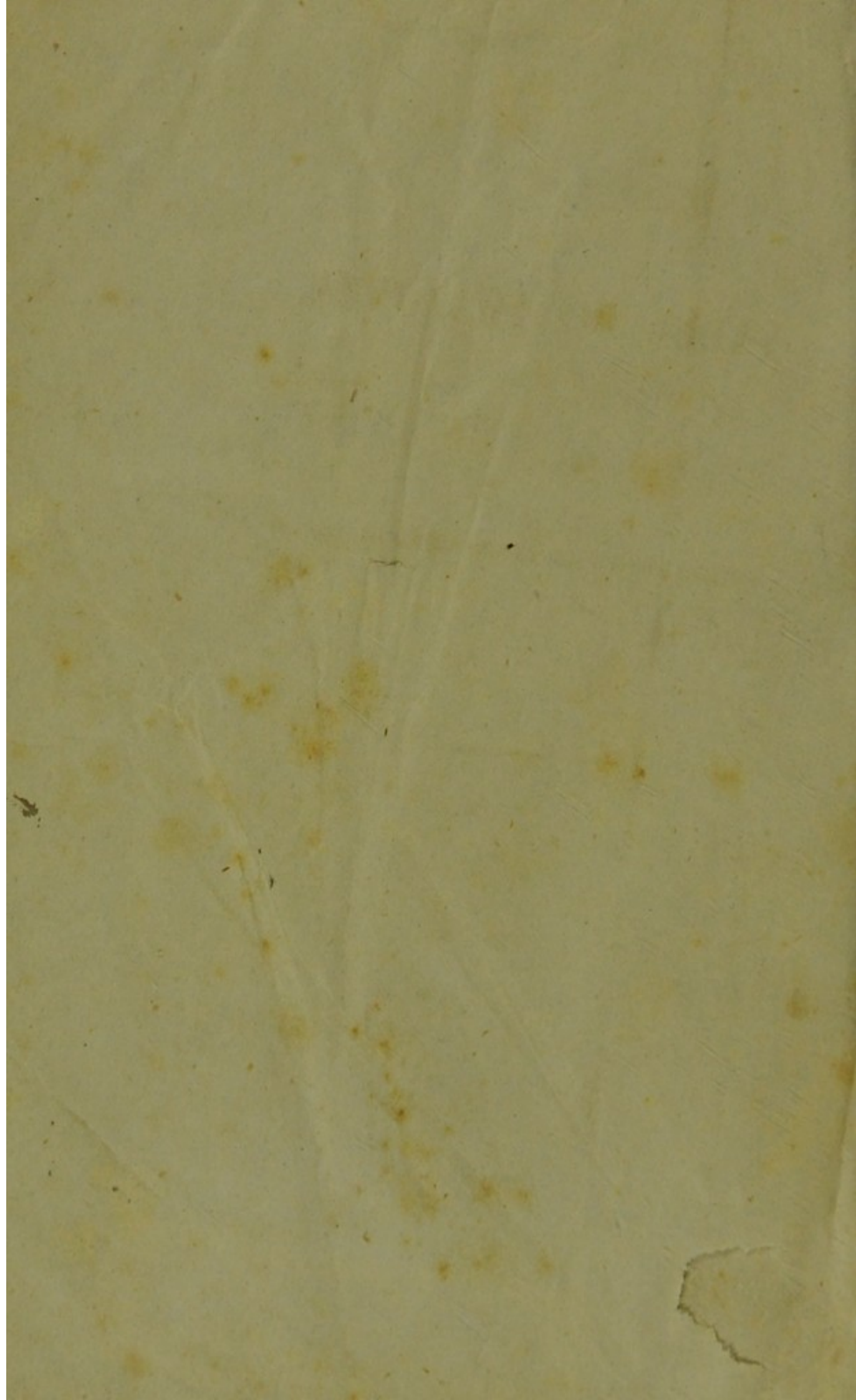
PARA.

TYPE DO EUTERO

RUA DO ESPIRITO SANTO, CANTO DA TRAVESSA DOS FERREIROS.

1873.

(2)ZOBÁ 793



Arvores notaveis

Mocujá

Haste lisa, alta; na ponta
em a espina de folha de coprin

Bucury

(com que se deforma)

a bagacha

Arvores lizo e quito
alta. L. com a sampa e
mto pouco



Hiate no Sanyon

**Wellcome Library
for the History
and Understanding
of Medicine**

(2) Z O B A . 793

À S. M. O IMPERADOR

O. D. C.

O CONEJO FRANCISCO BERNARDINO DE SOUSA.

ILLM.^o SR. TENENTE-CORONEL JOAQUIM JOSÉ DA SILVA
MEIRELLES.

Foi V. S. quem me animou a escrever este pequeno livro, foi também V. S. quem mais poderosamente concorrêo para elle, já escrevendo com aquella facilidade e fecundidade, que lhe admiro, muitos dos artigos que o formam, e já dando-me noticias muiminuciosas e circumstanciadas d'esse immenso e maravilhoso VALLE DO AMAZONAS, que V. S. tanto conhece.

E sabe como escrevi este livro. Roubando alguns momentos á obra, que estou organisando, ao estudo serio e largo, que estou fazendo e que, si Deus o permittir, será publicado um dia, tentei, como uma diversão á esse trabalho de longo folego, lançar sobre o papel algumas das notas, que tenho tomado e offerecêl-as ao publico.

Desejei patentear,—não ao publico das duas provincias do Pará e do Amazonas, que as conhece, porque as vê e admira,—mas ao publico das demais provincias do imperio, as curiosidades, as maravilhas desta terra grandiosa, banhada pelo rei dos rios, e para as quaes não tem limites a admiração.

Animou-me V. S., auxiliou-me poderosamente e ahi está o livro.

Si tem elle algum merecimento, si póde prestar alguns serviços, a V. S. e não a mim deve o publico agradecel-os.

Desejava dizer-lhe isto bem alto, bem solememente; disse-o e estou satisfeito.

Quem menos concorrêo para a confecção d'esta obra, fui eu. Meu unico merecimento consiste em ter podido aproveitar e coordenar os importantes trabalhos de distinctos e illustrados paraenses, como o velho Baena, os nossos amigos os senhores Dr. Francisco da Silva Castro e Domingos Soares Ferreira Penna, assim como os dados fornecidos pelos differentes relatórios dos presidentes das duas provincias, e sobretudo pelos dos senhores Conselheiro Brusque. Adolpho de Barros e Monteiro Peixoto.

Andei catando aqui e alli, commentando, corregindo em um e outro ponto, e procurando fazer de todas essas noticias dispersas um todo, um livro, que ahi vae correr mundo.

Peço pois aos homens illustrados das duas provincias do Pará e do Amazonas, que me desculpem a ousadia do commettimento, que o é sem duvida, para quem, como eu, apenas começa a admirar e a estudar a grandeza e as maravilhas d'este importante valle.

E' entretanto o unico meio que tenho de agradecer a hospitalidade e o agasalho com que tenho sido acolhido n'esta terra.

Se com benevolencia fôr acceito o meo livro, é possivel

que distraia ainda algumas horas ao estudo da obra, que organiso e tente a publicação de um segundo volume.

Quanto a V. S., senhor Tenente-coronel, sei que acolherá benevolmente este livro, que filho também é sêo.

Em qualquer circunstância de minha vida, nunca me heide esquecer das provas de amisade, consideração e estima que recebi de V. S., sem duvida nenhuma um dos melhores corações do Amazonas.

Sou

De V. S.

Amigo e obrigado

Conego Francisco Bernardino de Souza.

PARÁ 7 de Outubro de 1873.

Die 1. Abtheilung ist diejenige, die sich mit der
Beschreibung der Natur und der Geschichte der
Landes- und Völkerverhältnisse beschäftigt, und die
den Namen der Naturgeschichte, der Landes- und
Völkergeschichte führt. Die 2. Abtheilung ist diejenige,
die sich mit der Beschreibung der Natur und der
Geschichte der Völker beschäftigt, und die den
Namen der Naturgeschichte, der Landes- und
Völkergeschichte führt.

Die 3. Abtheilung

Die 4. Abtheilung

Die 5. Abtheilung

Die 6. Abtheilung

LEMBRANÇAS E CURIOSIDADES

DO

VALLE DO AMAZONAS.

INAUGURAÇÃO DA PROVINCIA DO AMAZONAS.

Dos archivos da Camara Municipal da cidade de Manáos, extrahimos o seguinte e importante documento, que ahi vae fielmente transcripto :

«Camara Municipal.

Sessão extraordinaria do dia 1.º de Janeiro de 1852.

Presidencia interina do Senhor Rodrigues do Carmo.

«As nove horas menos dez minutos da manhã, feita a chamada se acharam presentes os Senhores Vereadores Barroso, Páo-Brazil, Roberto, Brandão, Paula Azevedo, Manoel José de Macedo, Fleury e Pedro Mendes Gonçalves Pinheiro : verificado pelo Sr. presidente existir numero legal

para formar casa, declarou aberta a sessão e em seguida passou a nomear uma commissão para receber o Exm. Sr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, presidente nomeado para esta provincia do Amazonas, que se deve achar na casa ás nove horas para prestar juramento e tomar posse da mesma, como tudo se acha conciliado na Acta da sessão de 29 de Dezembro ultimo, cuja nomeação recahiu nos Srs. Vereadores Brandão, Fleury, Pinheiro, Paula Azevedo e Pão-Brazil.

A' hora indicada compareceo o mesmo Exm. Sr., que foi recebido e introduzido pela commissão na sala das sessões, tomou assento ao lado esquerdo do Sr. presidente da Camara, depois do que mandou este proceder á leitura da Carta Imperial, por onde S. M. o Imperador Houve por bem Nomear o mesmo Exm. Sr. para presidente d'esta provincia e finda a leitura da dita Carta Imperial, deferio a este o juramento dos Santos Evangelhos em um livro d'elles nos termos seguintes: «Juro aos Santos Evangelhos defender o Imperio, manter as liberdades constitucionaes, executar as leis, promover quanto em mim couber os melhoramentos moraes e materiaes d'esta provincia do Amazonas, assim Deus me ajude».

Findo este acto, levantou-se o Sr. presidente e convidou o mesmo Exm. Sr. a tomar assento á sua direita, o que assim foi effectuado, declarando aquelle em voz alta e intelligivel, que em virtude da sobredita Carta Imperial, e do Aviso expedido pelo Ministerio do Imperio de 7 de Junho do dito anno, dava a Camara Municipal posse da provincia ao Exm. Sr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, presidente para ella nomeado. E passou logo o Sr. presidente

da Camara a convidar o 1.º vice-presidente nomeado Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda, para prestar o devido juramento d'este cargo, cujo juramento lhe foi effectivamente deferido da forma mencionada, e repetindo o 2.º vice-presidente o conego Joaquim Gonçalves de Azevedo, o 3.º o coronel João Henrique de Mattos e o 6.º o cidadão Manoel Thomaz Pinto—«assim o juro.» O Sr. presidente da Camara, sendo o vice-presidente nomeado em 5.º lugar, passa a presidencia d'esta ao Sr. Vereador immediato em votos, o que feito, deferio este á aquelle o juramento nos mesmos termos acima mencionados e reassume novamente a presidencia.

O Exm. Sr. presidente da provincia pedindo permissão á Camara, deferio igualmente o juramento dos Santos Evangelhos, com as formalidades que constam do termo retro, a João Wilkens de Mattos, que, por Carta Imperial de 18 de Agosto do anno proximo passado, foi nomeado para Secretario do Governo desta provincia.

Concluido que foi o que acima fica declarado, sahio a Camara em companhia do Exm. Presidente da Provincia e mais autoridades e cidadãos outros, que se achavam presentes e se dirigiram á Capella do Seminario Episcopal, onde foi celebrado o religioso acto de acção de graças, dirigindo-se depois ao palacio do governo, onde foram pelo Exm. Presidente da provincia empossados dos seus cargos os empregados nomeados pelo governo de S. M. o Imperador para chefes de diversas repartições. Logo se recolheu ao paço d'ella, acompanhando o Exm. Sr. Presidente, e ahi na sala de suas sessões, tomando novamente assento o mesmo Exm. Sr. ao lado direito do Sr. Presidente da Camara, declarou

em voz alta, que em virtude da Lei de 5 de Setembro do anno passado, installava a provincia do Amazonas, para a qual fôra nomeado presidente por Carta Imperial de 7 de Junho do mesmo anno, do que lavrou o Secretario da presidencia o competente auto, que foi assignado por elle Presidente, pelos Vereadores da Camara, pelas autoridades e mais cidadãos, que presentes estavam.

Finalmente, depois de ter a Camara deliberado que se fizesse publico por editaes todas as occurrencias n'esta mencionadas e que se communicasse a todas as Camaras da Provincia, convidou o Sr. Presidente da mesma ao Exm. Sr. Presidente da Provincia para que se dirigisse á igreja de Nossa Senhora dos Remedios, matriz provisoria d'esta Cidade, afim de ahi assistirem ao solemne *Te-Deum laudamus* em acção de graças por tão satisfactorios acontecimentos, e levantou a sessão, mandando lavrar esta acta, que com os demais membros assignou. Eu Clementino José Pereira Guimarães, Secretario, que a escrevi. (*Seguem-se as assignaturas*).

ILHAS DO RIO MADEIRA.

Até a cachoeira de Santo Antonio, tem o Madeira nada menos de 52 ilhas, muitas das quaes tem 3 e 4 legoas de comprimento. A das *Araras* é a mais importante. E' povoada e abundante de seringas.

DADOS ESTATISTICOS.

Commercio da provincia do Amazonas, no exercicio de 1866 a 1867.—Tinha a provincia 4 açougues, 3 boticas, 1 bilhar, 1 fabrica de sabão, 121 casas de secos e molhados, 2 lojas de alfaiate, 2 de funileiro, 1 de drogas, 1 de ourives, 2 officinas de ferreiro, 3 de marcenaria, 1 de pentieiro, 2 de sapateiro, 4 olarias e 3 padarias.

D'estes estabelecimentos, 76 eram brasileiros, 68 portuguezes, 6 inglezes e 4 de diversas nacionalidades.

Estiveram empregados n'elles 118 caixeiros, sendo 87 brasileiros, 28 portuguezes, 4 inglezes e 1 de outra nacionalidade.

Pagaram estes estabelecimentos para os cofres provinciaes a somma de rs. 2:810\$000 de impostos.

No commercio fluvial denominado de—regatões—foram empregadas 113 embarcações de vella, com 445 toneladas e tripoladas por 259 marinheiros: pagaram de impostos a quantia de rs. 9:386\$046.

No commercio de cabotagem, isto é, entre a provincia do Amazonas e a do Pará, empregaram-se 25 embarcações, sendo 4 á vapor, todas com 1645 tonelladas e tripcladas por 315 marinheiros. Pagaram de imposto a somma de rs. 668\$940.

Ao encerrar o referido exercicio, a fazenda provincial tinha:

Passivo	917\$030
Activo	25:671\$588

Saldo reconhecido no encerramento e que passou para o de 1867-1868 Rs. 24:250\$890

A VILLA DE MAZAGÃO.

Esta villa, cabeça do município do mesmo nome, na provincia do Pará, e fundada em 1770, acha-se situada na margem septentrional das cabeceiras do rio *Mutuacá*, á 9 legoas de Macapá.

Os seus primeiros habitantes foram 114 familias das que evacuaram a praça de Mazagão, na costa occidental da Africa, ao sul do estreito de Gibraltar, e foram transferidas para o Pará, onde deviam formar uma villa com o nome da dita praça.

Esta resolução proveio do conselho proferido, em reunião de ministros, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que então se achava encarregado da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Domínios Ultramarinos.

A população do município é calculada em 4,500 habitantes.

Exporta cacáo, borracha e castanha.

O GIGANTE DOS RIOS.

Da sua nascente á foz tem o Amazonas 1:200 legoas (4,800 kilometros) de curso. Em seu caminho recebe as agoas de cem outros rios, dos quaes trinta dão-lhe mais agoa do que o Sena ao Oceano. Onze são tão potentes como o Rheno, e seis quasi tão grandes como o proprio Amazonas. Occupa por suas proprias agoas ou pelas de seus tri-

butarios, 25 grãos de latitude sobre 30 de longitude, isto é, um comprimento de 600 sobre 700 legoas !

‡ E' o maior systema hydrographico do globo; é a rêde mais vasta, mais completa e mais facil de estradas naturaes, que existe ou que existio em todo o mundo conhecido !

Tomando sua origem á cinco legoas de Lima, quasi em vista do Pacifico, atravessa a America do Sul em toda a sua grande largura e vae lançar-se no Atlantico, sob o equador, á algumas legoas da colonia franceza de Cayena. Em seu trajecto, por si mesmo ou por seus affluentes, rega parte do Perú, a Bolivia, o Brazil, o Equador, a Nova Granada, Venezuela e as tres Goyanas, isto é, cinco republicas, um imperio e tres colonias europeas !

Lança-se no mar por duas grandes bocas, que a ilha de Marajó ou de Johannes, de 180 legoas de circumferencia, separa uma da outra. A maior d'estas duas bocas, a verdadeira entrada do rio, a chave da America do Sul, é a boca do norte ou de Macapá, situada na margem esquerda do rio, á cincoenta legoas da sua entrada, e onde o Brazil tem uma fortaleza, que podia ser de muito grande importancia pela posição estrategica em que se acha. A segunda boca, a mais larga e sem interrupção de ilhas, é a do Sul ou do Pará.

Pela boca do norte, que é visinha da Guyana [franceza, lança o rio tão consideravel volume de agoa, que ao contrario do que se dá em todos os rios tributarios do Atlantico-uão penetram em seu leito as marés do oceano. O rio é que repelle o mar. E' por isso, que em frente da boca de Macapá, até muitas legoas ao largo, em pleno oceano, encontra-se agoa doce.

CULTURA DO ANIL.

Em 1787 dirigio o ministro dos negocios da marinha e do ultramar, uma carta ao governador do Rio Negro, recommendando-lhe a cultura e manufactura do anil e fazendo-lhe sensatas observações sobre a sua manipulação. Aquelle governador, aproveitando-se da idéa e das instrucções, que se lhe davam, cuidou seriamente da cultura do anil, sob tão bons auspícios, que nos annos que decorreram de 1786 a 1797, só elle forneceo ao laboratorio de Lisboa, por conta da fazenda real, 677 arbs. e 6 lbs. d'elle, exportando os particulares, no mesmo periodo, 736 arts. e 3 lbs.

Hoje acha-se inteiramente perdida essa industria de uma riqueza incalculavel.

MANTEIGA DE PEIXE BOI.

E' extrahida do tecido adiposo d'aquelle peixe.

E' fixa, de côr amarello-escura e de cheiro desagradavel. Serve para luz e para argamassas hydraulicas.

JAQUIRANA-BOIA OU JAKIRANA-BOIA.

Duas são as opiniões acerca d'este animal alado.

Affirmam uns que a *jaquirana-boia* é uma das cobras de mais activo veneno, e quando lhe ouvera o silvo agudo,

tratam de queimar pannos velhos, afim de que a fumaça a affugente. Sem isto, acreditam que virá ella atacar, despejando do longo ferrão, que traz sobre o peito, o puz venenoso e com elle a morte.

Zombam porém outros dos temores dos primeiros e affirmam que a *jaquirana-boia* é um animal inoffensivo, pertencente á familia dos *insectos homoptéros*, e que o que chamam *ferrão*, onde julgam estar depositado o veneno, não passa de um tubo, que applicado á certas arvores, como a marupaúba, o tapurú e outras, serve para sugar o leite de que se alimenta.

Quanto a mim, inclino-me á segunda opinião, visto como tenho visto muitos d'esses animaes, cuja cabeça, sem abertura alguma, tem notavel semelhança com a castanha de um cajú e não tenho noticia de que jamais offendessem a pessoa alguma.

O illustrado Sr F. da Silva Castro é da mesma opinião. Fallando a respeito do dito animal, exprime-se assim: «E' uma verdadeira borboleta em ponto grande, cuja cabeça se torna notavel pelo excessivo volume. representando uma protuberancia vesiculosa alongada, de estranha configuração. Os indios a tem comparado com a cigarra, e d'ahi veio chamarem-na *jákirana* (cigarra em lingua tupy); e como lhe attribuem qualidades maleficas e venenosas, acrescentam-lhe o epitheto *boia*, que na mesma lingua significa *cobra* e por isso muita gente lhe chama *cobra de azas*. No entanto este insecto é inoffensivo; e tudo quanto se conta de estragos e morticínios por elle causados em tripolações de canôas, em aldeias de indios, nas roças, etc., não passa de uma mera historia fabulosa e imaginaria,

adrede arranjada para amedrontar os espiritos ignorantes e credulos.»

Entretanto pessoa que me merece plena fé, assegurou-me que a verdadeira *jaquirana-boia* não é a inoffensiva lagarta ou cigarra, que assusta a tanta gente; mas uma outra, que apparece no rio Madeira, a qual tem azas e boca armada de finos e aguçados dentes, não possuindo porem ferrão. O seu comprimento é pouco mais ou menos de um palmo.

ARVORE COLOSSAL.

O naturalista Gustavo Wallis, que em 1863 percorreu o alto Rio Branco, entre muitas outras curiosidades, deu noticia da existencia de uma arvore colossal, pertencente á familia das *Bombacinéas* e que até certo tempo admittia-se como subdivisão das *malvaceas*.

As dimensões d'esse colosso, segundo o Sr. Wallis, são espantosas e ainda superiores, affirma elle, ás do celebre *Boabab* da Senegambia, ás *Araucarias* das provincias do sul e ás *Wellingtonias* da California e da Sierra Nevada.

A arvore do alto Rio Branco conta 260 palmos de diametro na copa, o que dá 780 de circumferencia, abrangendo assim 50,700 palmos quadrados de superficie. Sob esse immenso tecto de verdura, podem-se accomodar perfeitamente 10,000 homens e sem constrangimento poderia vi-

ver uma familia empregada na lavoura. O *túguyá*, passaro notavel pelo tamanho, escolhe os ramos da grande arvore para livrar-se das settas do indio e lá nos pincaros zomba até da polvora.

Essa arvore, tão notavel pelas suas dimensões, é a *Súmaumeira*, mui conhecida nas duas provincias do Pará e Amazonas, e que geralmente se encontra nas margens dos rios de agua branca.

O celebre *Boabab* da Senegambia pertence á mesma familia da *Sumaumeira*. Tem de diametro na copa 162 palmos e 576 de circumferencia, occupando uma superficie de 27, 300 palmos quadrados.

Suppõe os naturaes que essa arvore conta 500 annos de existencia; entretanto que com pouco mais de 50 annos toma a nossa *Súmaumeira* as proporções colossaes que lhe admiramos.

Ahi damos em seguida uma noticia curiosa das dimensões de algumas arvores mais conhecidas, e que extrahimos de uma Revista ingleza, que por acaso cahio-nos nas mãos.

«O professor Brewer, da academia das sciencias de Washington, medio na California uma arvore cahida que tinha 275 pés de comprimento. A maior arvore medida pelo Sr. Brewer tinha 20 pés de diametro a 4 ou 5 pés acima do solo. Na California vêm-se muitas arvores que sobem direitas até a altura de 200 pés, sem nenhum ramo, abrindo-se então alli e ostentando a mais espessa e luxuriante folhagem.

A Australia possui arvores que nas dimensões exce-

dem muito ás da California. Dizem que a sua grandeza colossal forma um notavel contraste com a pequenez dos animaes, que lhe povoam as mattas.

De uma excellente broxura, escripta pelo Dr. Ferdinand Mueller, de Melbourne, e que é talvez o homem que mais conhece a flora australiana, extrahimos as seguintes curiosas noticias :

«Desde que, diz elle, a chusma dos exploradores d'ouro abrio-nos o caminho das gargantas tão remotas de nossas montanhas, muito se tem occupado os homens da sciencia com tudo quanto tem relação com a maravilhosa grandeza de certas arvores da Australia e em particular de Victoriã. Temos á vista cifras fabulosas e que nem por isso deixam de ser verdadeiras, visto como se basêam em medidas tomadas com o maior cuidado.

A arvore, que até agora se julgava ser a mais alta d'entre todas era o *karri eucalyptus* (*Eucalyptus collossea*), medido pelo Sr. Pemberton Walcott em uma das gargantas do rio Warren: tinha de altura quasi 400 pés e na concavidade do tronco podiam estar muito á vontade tres cavalheiros. A' pedido meu, o Sr. Dr. Bayle medio, nos desfiladeiros de Dandenong, um *Eucalyptus amygdalina*, já cahido, e achou que tinha 420 pés de comprimento. A' 10 milhas inglezas de Healsville, o Sr. G. Klein achou um que media 480 pés. Em Dandenong, um *Eucalyptus amygdalina* forneceu ao Sr. B. Hayne as seguintes dimensões: comprimento do tronco, desde o chão até o primeiro ramo, 295 pés; diametro do tronco na altura do primeiro ramo, 4 pés; comprimento do tronco desde o primeiro ramo até o ponto em que a arvore havia quebrado, 90 pés; diametro

do tronco no ponto da fractura, isto é, á 385 pés do solo, 3 pés; circumferencia do tronco a 385 pés do solo, 41 pés.

Finalmente, na cadêa de montanhas que se ergue por traz de Berwick, perto das cabeceiras dos rios Yarra e Latrobe, ha um *Eucalyptus amygdalina*, cujo comprimento o Sr. G. Robinson calculou em 500 pés e a circumferencia em 81 pés, na distancia de 4 pés do chão. O mesmo Sr. Robinson vio um *Fagus cunninghami* com 200 pés de comprimento e 23 de largura.»

IDUME.

Rio de Guyana, onde em 1776 assentaram os hespanhoes um ponto militar, do qual foram expulsos pelos portuguezes, servindo a sua artilharia para o armamento do forte de S. Joaquim.

AMBROSIO AYRES BARAROÁ.

E' este o nome do famoso caudilho que prestou importantissimos serviços á causa da legalidade por occasião da revolução de 1835.

Habitando a freguezia de Thomar, então conhecida por *Bararoá*, tomou Ambrosio Ayres este apellido.

Conseguindo reunir grande numero de companheiros,

com elles praticou actos de subido valor, infelizmente porém alguns mesclados de notavel selvageria.

Commandando uma força no lago Autaz, em 1835, cahio prisioneiro, soffrendo morte barbara da parte dos *cabanos*, que antes de lhe fazerem exhalar o ultimo suspiro, suppliciaram-n'o do modo mais deshumano e cruel.

CAIÇARA

Em lingua geral quer dizer *curral*.

Foidado antigamente este nome a uma povoação no Solimões, por servir de *curral* aos indios escravizados no rio *Japurá* e outros.

SILVES.

E' uma das villas mais antigas da provincia do Amazonas. Foi aldêa, com o nome de *Saracá*, sob a direcção dos religiosos mercenarios, e em 1759 elevou-a á villa o governador Joaquim de Mello e Povoas, com a denominação que hoje tem.

Passando a ser simplesmente freguezia, foi de novo elevada á cathegoria de villa por lei provincial de 21 de Outubro de 1852.

Situada na mais formosa ilha do lago Saracá, na raiz de uma serra e olhando para o oriente, seu aspecto torna-se

por demais magestoso para aquelle que em distancia a contempla.

O lago Saracá fica nove legoas distante do Amazonas, no qual desagua por seis differentes bocas, ou canaes. No canal chamado *Arauató* desagua o famoso rio *Urubú*.

ARAGUARY.

E' um rio da Guyana Brasileira de cujas montanhas desce no rumo de N. a S., através de mattas e campinas até a sua cachoeira inferior, seguindo depois para E.—até o oceano. Suas margens são altas e aprasiáveis acima das cachoeiras e d'ahi para baixo são alagadiças em geral, tomando porém o rio n'esta secção uma largura consideravel e com fundo sufficiente para ser navegado por grandes vapores.

Na parte superior existem indios bravios chamados *Cu-garys* e *Tarimpins*, que passam por antropophagos.

IGAÇABAS.

Pouco acima da villa de Serpa, na mesma margem em que se acha collocada a villa, vêm-se os signaes de um vasto cemiterio indio.

Aqui e alli, a terra diluida pelas enxurradas, cõe e deixa vêr ao navegante, que por aquellas paragens transita, as

igacabas ou urnas funerarias em que guardavam os indigenas os restos dos seus maiores.

Muitas dessas urnas tem sido recolhidas pelos tranzeuntes, como objectos de curiosidade, sem comtudo lhes darem importancia alguma, e d'est'arte vão as reliquias venerandas de uma geração inteira tendo um fim para que nunca as destinaram.

O AMAZONAS.

Balisa natural ao Norte avulta
O das agoas gigante caudaloso,
Que pela terra alarga-se vastissimo;
Do oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abate;
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho.
No solio á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos rios ha grandes no mundo !
O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississipe,
Inda que as agoas suas reunissem,
Com elle competir não poderiam.
Ao lado seu direito e ao esquerdo lado
Mil feudatarios rios vem pagar-lhe
Tributo perennal de suas agoas.
Resupino gigante se afigura,
Qual outro Briaréo, mas verdadeiro,
Que estênde os braços p'ra abarcâr a terra !

Pujante assim no Atlantico se entranha,
Ante si repellindo o argenteo salso.
Como si elle na terra não coubera,
Ou como de inundal-a receioso
Si mais longo e mais lento a discorresse !
O Amazonas co'o Oceano furioso
Luta renhida trava interminavel
Para roubar-lhe o leite; e ronca e espuma,
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,
Feroz sucuriûba horrida ronca
Quando sente mover-se á flor das agoas
Lontra ligeira, ou anta descuidada,
E inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancára, a lingoa solta,
Para de uma só vez tragar o amphibio;
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas
Para sorvel-o a larga foz medonha
Legoas abre setenta ! A ingente lingoa
Estende de tres vezes trinta milhas,
Como uma longa espada, que se embebe,
Ao travez do Atlantico iracundo,
Que gemendo recua no arremesso,
E em montes alquebrado o dorso enruga.
Armas que joga ao mar são grossos troncos
Arrancados na furia, são pedaços
De esbroadas montanhas, que elle mina :
Seos gritos são trovões tão horrorosos,
Que alli parece submergir-se o mundo !
Quando se incha seu corpo desmedido,
Equorea, espessa nuvem se levanta

Como uma chuva contra o céu erguida,
Reflectindo do sol os sete raios !
Tal o conquistador, que co'os despojos
Dos reis destronisados se opulenta,
Ou co'os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro do combate,
Envolto n'uma nuvem de poeira,
Na frente vae levando debandada
Ingente alluvião de iníguas hostes,
E ante as portas de bronze do castello
Nova victoria alterea porfiosa.

(A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS).

Domingos José Gonçalves de Magalhães.

RUA DA CADEIA.

Em outubro de 1737 lançou a camara municipal da cidade de Belem os primeiros fundamentos para o edificio da cadeia publica, e que foi concluido em junho de 1750, na rua dos Mercadores, pelo que desde então lhe ficou o povo chamando— rua da Cadeia. —

Este pequeno edificio, acanhado e sem nenhum merecimento architectonico, nem qualidades exigidas para os estabelecimentos de tal ordem, já ha muitos annos tinha deixado de ser prisão, (que se mudara para o largo de S. José), passando a servir de quartel aos guardas nacionaes. Actualmente é propriedade particular, tendo sido vendido no tempo da administração do Sr. Dr. Couto de Magalhães.

A CIDADE DA VIGIA.

Está situada á margem direita do furo *Guajará-miry* que vae desembocar na bahia do Sol. Está sobre uma lingua de terra plana e dista da cidade de Belem 45 milhas.

Limita-se ao norte com a freguezia de *Collares* pelo rio *Tupinambá*; á leste com as freguezias de *S. Caetano* e *Curuçá*, pelos rios *Camapú*, *Mojuhym*, e *Mocajuba*; ao occidente com a freguezia de *Bemfica*, pelo rio *Tauá*.

Foram os *Tupinambás* os seus primeiros habitantes, que a denominaram aldeia—*Urugjá*, por causa de uma lage, que havia no porto, e que ao longe assemelhava-se á um *bahú*.

Depois, mandou o governo da capitania para ali uma forte guarnição, afim de proteger e dar o *Visto* ás embarcações costeiras, que iam e vinham do Maranhão; e para que não passassem sem darem o registro, havia no porto do *Pombal*, no ponto mais elevado, uma guarita, d'onde dia e noite uma sentinella vigiava. D'ahi pois lhe proveio o nome de *Vigia*.

A cidade é dividida em dous bairros ou districtos, que tem as denominações de *Simão* e *Igarapé*.

Tem duas igrejas; uma, a matriz, antiga igreja dos jesuitas, é um dos bellos templos da provincia; a sacristia é magnifica. Está edificada no extremo occidental da cidade, no bairro *Simão*. Foi construida em 1702 pelos jesuitas, para ali terem um grande estabelecimento de educação.

Por disposição da Carta Regia de 11 de Junho de 1761, passou esta igreja a servir de matriz.

A outra igreja da cidade, é a do Senhor Bom Jesus dos Passos, levantada pelos habitantes em meados do seculo passado. Está situada quasi no centro da cidade, na parte mais elevada, no bairro denominado *Igarapé*. Este templo ainda não está terminado.

Banham o districto d'esta cidade os rios seguintes: *Mucajuba, Mujuby, Camapi, Barreta, Assahy, Tauapara, Guariman, Perera, Cumity, Baiacú, Mamaiacú, Tupinambá, Bituba, Tauá, Curuçá e Pombal*.

Exporta farinha, grude de peixe e peixe salgado em abundancia, com que abastece o mercado da capital. As tainhas da Vigia passam por muito saborosas.

A população da cidade e do districto, é calculada em 12 a 14,000 almas.

O TUYUYU'.

É uma ave ribeirinha, diz Baena, de corpo branco e aza e olhos pretos: sustenta-se de peixe . . . Edifica o ninho no cocuruto das arvores mais proceras. Não põe mais de um ovo e dizem os curiosos que uma vez nasce femea e outra macho e que andam com as mães até formarem um casal.

Os *tuyuyús* andam em bandos e ha lugares, como navistas praias do Solimões, onde apparecem em alas concertadas.

Ha *tuyuyús* que tem de pezo para cima de 20 arrateis.

MIXIRA.

Dá-se este nome no Amazonas á conserva de carne ou eixe em azeite. Depois de cozida em pequenos pedaços a carne ou o peixe, vae a frigir. Estando frita, e depois de fria, é depositada em potes cheios de azeite de tartaruga ou de peixe-boi.

A melhor *mixira* é a do peixe-boi ou do *tambaqui*.

Tambem preparam a *mixira* com ovos de tartaruga, e com as tartaruguinhas, quando sahem das covas nas praias.

A palavra *mixira*, em lingua geral, quer dizer—assado ou assadura—.



BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA.

Nasceu na villa de Barcellos, antiga capital da capitania de S. José do Rio Negro, em Setembro de 1769 (4 de).

Era filho de Raymundo de Figueiredo Tenreiro Aranha, cujo pae Bento de Figueiredo Tenreiro havia sido capitão-mór de Gurupá e provedor da fazenda real no Pará.

Orphão de pae, logo na primeira infancia e de mãe aos 7 annos, deveu Tenreiro Aranha a sua educação e o desenvolvimento de sua intelligencia aos deveros de seu padrinho o vigario geral José Monteiro de Noronha, que o mandou estudar no convento de Santo Antonio, em Belem, e depois nas aulas maiores dos padres mercenarios.

Nomeado pelo governador Martinho de Souza e Albu-

querque director dos indios de Oeiras, passou d'ahi, em recompensa dos importantes serviços que prestara n'esse lugar, para o de escrivão da abertura da alfandega do Pará e depois para o de escrivão da meza grande.

Foi Tenreiro Aranha um dos mais inspirados, senão o mais inspirado poeta, que tem produzido o Amazonas.

Os seus sonetos são notaveis pela elegancia e correcção da phrase, e entre elles passa como um verdadeiro primor o que vae abaixo transcripto e que tão popular é no Pará.

Foi escripto por occasião de assassinato de uma mulher mameluca, chamada Maria Barbara, por um individuo que tentou violental-a. (1)

Tambem a ode, que escreveu em honra de Manoel da Gama Lobo de Almada, antigo governador do Rio Negro, é uma bella producção, capaz por si só de fazer a reputação de um bom poeta.

Como prosador, foi tambem Tenreiro Aranha um escriptor de muito merecimento. E' pena que sómente escapasse á voracidade do tempo e ao facho incendiario da revolução o pequeno volume, que tenho á vista, publicado em 1850 por seu filho João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, o primeiro presidente da provincia do Amazonas.

(1) O assassinato d'essa mulher, perpetrado no caminho da Fonte do Marco, nas immedições da cidade de Belem, foi attribuído á um soldado, que por isso foi condemnado á morte e soffreu a pena, protestando por sua innocencia. Annos depois, ralado, de remorsos, fazia o verdadeiro assassino, á hora do morte, publica confissão do seu crime.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha falleceu a 25 de Novembro de 1811, e não a 11 do mesmo mez, como consta de um artigo biographico publicado na Revista do Instituto Historico.

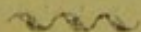
Eis o soneto de que acima fallamos :

«Si acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo, afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante.

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém: que alivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.»



CONTRAEBANDO.

E' em grande escala o que se faz na provincia do Amazonas com os generos que subtrahidos aos impostos e conduzidos para a cidade de Obidos, na provincia do Pará, são ali embarcados, livres de onus, nos vapores que escalam pelo porto d'aquella cidade.

Os municipios de Villa Bella da Imperatriz, da Conceição e de Silves, são os que primam n'esta especulação criminosa, sem que até hoje tenha havido a mais pequena repressão ou medida de modo a pôr um paradeiro a semelhantes abusos.

Com inqualificavel desembaraço carrega o contrabandista sua embarcação, muitas vezes nos portos mesmos dos povoados e fal-a viajar para a provincia visinha, sem que entretanto appareça no longo trajecto um fiscal ou qualquer agente da autoridade para embaraçal-o. E assim cresce a exportação da cidade de Obidos, em cuja lista figuram generos, que ella não possue. E' sabido, por exemplo, que não ha ali um só guaranaseiro e entretanto exporta centenas de arrobas de guaraná; não trabalha em borracha e comtudo exporta muitas arrobas.

Só no mez deJulho do corrente anno embarcaram no vapor *Belem*, da companhia de navegação á vapor (limitada) do Amazonas, os seguintes generos do districto da Conceição (*Maués*), subtrahidos aos direitos.

—Oleo de copahyba	268	canadas.
Peixe	418	arbs
Estopa	46	»
Cacáo	90	»
Cumarú	42	lbs.
Couros de veado	30	

E a embarcação que trouxe estes generos voltou carregada com vinte e tantos contos de réis de mercadorias.

OVOS DE TARTARUGA.

Com os ovos da tartaruga prepara-se a manteiga, que é um dos ramos de commercio das duas provincias do valle do Amasonas.

O processo que empregam é o seguinte e nenhum póde ser menos aperfeiçoado.

Cavam na praia os ovos que as tartarugas ali depositam durante a vasante dos rios. Enchem com elles uma montaria ou canôa pequena, esmagando-os com os pés, como fazem os amassadores de barro, e deitando-lhes um pouco d'agua, deixam á natureza o trabalho de separar das outras materias, que entram na composição do ovo, a parte gordurosa, a qual fica na superficie, de onde é tirada para se depurar em taxos ao fogo.

Depois, ou enchem com ella potes, si o lugar em que foi fabricada não fica longe de algum povoado ou porto de embarque, ou levam-n'a em grandes coxes para esses portos e d'ahi passam-n'a para potes, como apparecem no mercado.

Os côxes são tóros, de muitos palmos, de grandes cedros ou outras quaesquer arvores grossas e pouco rijas, nas quaes abrem um grande bojo, em que depositam a manteiga, fechando-os depois com uma tampa, tamtem de madeira, que calafetam.

Tem elles a vantagem, sobre qualquer outra vasilha, de virem boiando, amarrados á uma espia ou corda e puxados por uma montaria, si a viagem é em agua morta ou rio abaixo.

No tempo em que o celebre naturalista Alexandre Rodrigues visitou o Pará, era a manteiga dos ovos de tartaruga uma das industrias ahi mais usadas. O processo era então pouco mais ou menos o que ainda hoje se emprega. Eis como elle o descreve :

«Juntam-se aos montes nas praias os ovos que se descobrem n'ellas; si se quer que funda mais a manteiga, deixa-se fermentar, de 4 até 5 dias, mas então ella sãe rançosa e com máo cheiro. Si os ovos se preparam frescos, são logo mettidos em uma canôa, que de proposito está reservada para este uso, e aos pés os vão pisando, como em Portugal se faz ás uvas.

Sobre os ovos pisados lançam agua, a qual depois de mechida e encorporada com elles, deixa sobrenadar o oleo: com a mesma agua se dissolve parte da clara: as cuyas e com preferencia as valvulas das conchas *itans* são as colheires com que tiram de cima d'agua o oleo que sobrenada e o lançam dentro dos tachos. Segue-se irem ao fogo, esfriar depois a manteiga em panellões á parte e d'elles mudar-se para os potes. Esta manteiga serve para temperar o comer, frigir o peixe, entreter as luzes domesticas, e se encorporar com o breu, quando o fazem para calafetarem canôas.»

Tambem se faz manteiga das banhas da tartaruga, acrescenta elle. Consiste o methodo de as fazer em frigir simplesmente as banhas; se as fregem frescas, a manteiga sãe boa para com ella se temperar o comer, nem se lhes presente cheiro, nem sabor máo. Não usam d'ella para luzes, porque nem ella é tanta como a dos ovos, nem se conserva fluida como a d'elles.»

DISTANCIAS ENTRE DIFFERENTES FONTOS DO AMASONAS.

—Da cidade de Belém a Breves	146 milhas.	
De Breves a Gurupá	123	»
De Gurupá a Porto de Moz	48	»
De Porto de Moz a Prainha	96	»
Da Prainha a Monte-Alegre	44	»
De Monte Alegre a Santarém	60	»
De Santarém a Obidos	68	»
De Obidos a Villa-Bella	95	»
De Villa Bella a Serpa	137	»
De Serpa a Manáos	110	»
Total	927	»

QUEM É O TRIBUTARIO, O AMASONAS OU O TOCANTINS ?

Diz o illustrado Sr. Dr. Francisco da Silva Castro:

«Uma simples vista d'olhos sobre as posições hydrographicas do *Amasonas* e *Tocantins*, separados um do outro por uma zona de terra de mais de quarenta leguas de largura, faz reconhecer, que mui errados tem andado os geographos que suppõe ser o *Tocantins* um affluente do *Amasonas*; e não admira, porque todos elles não tendo visitado o paiz, e attrahidos pelo enthusiasmo, que lhes excita a magestosa corpulencia do *grande rio*, não hesitam em render-lhe cultos; emprestando-lhe uma boca de 60 leguas de largura, desde a ponta da Tyjoca até ao cabo do norte,

e sacrificando-lhe por vassallo o *Tocantins*, sómente por que este rio teve a audacia de arrojear suas aguas na mesma região assombrada pelo *Amasonas* ! . . .

Não . . . as aguas do *Tocantins* correm separadamente pela orla meridional da grande ilha de Joannes ou Marajó, e as do *Amasonas* banham a orla septentrional da mesma ilha, sem jamais se confundirem. E si por affluente de um rio se entende aquelle outro que com suas aguas vae engrossar as do primeiro, é antes o *Amasonas* que se deve considerar affluente do *Tocantins*, porque pelos dous canaes do Tajipurú e Breves, elle envia uma porção de suas aguas ás bahias de Melgaço e de Breves, prolongamento da de Marajó, por onde se deslisam as aguas do *Tocantins*.

Se mentalmente se faz abstracção da ilha de Marajó, ter-se-ha uma larga e profunda enseada, cuja bocca ou corda tirada pela ponta da Tyjoca e pelo cabo do norte terá proximamente 60 leguas de extensão. Pelo ramal septentrional da curva enseatica, isto é, pela costa de Macapá ao cabo do norte, despeja o *Amasonas* suas aguas em direcção a banhar esta mesma costa; e pelo ramal meridional, isto é, pela costa da capital até a Tyjoca, despede o *Tocantins* as suas em direcção quasi parallela á do *Amasonas*, pois que o *Tocantins* correndo sul ao norte inclina-se para o nordeste desde a cidade de Cametá até a sua foz, em uma extensão de quarenta milhas, ficando os leitos dos dous rios distantes um do outro mais de quarenta leguas na mais curta direcção.

A ilha de Marajó, collocando-se precisamente entre os dous rios n'este espaço de quarenta leguas, e prolongando-

se até a corda ou boca da enseada, completou a separação, vedando até a permixtão das duas aguas mesmo no oceano. As aguas do Tocantins, azuladas e mui crystallinas até por defronte da capital, se tornam aqui turvas e pardas pela mescla dos rios Anapù, Muaná, Mojù, Guamá, Guajará e outros, que banhando margens ledosas, trazem em suspensão mór quantidade de vasa revolvida pelas suas precipitadas correntes, e assim turvadas, porém sempre doces, chegam até a altura da Vigia, nas proximidades da ponta do Maguari, a mais oriental de Marajó. Esta ponta já é banhada por agua salgada, um pouco modificada em sua salugem, tanto pelas do Tocantins ao sul, como pelas do Amazonas ao norte, de sorte que se existe alguma mixtão nas aguas dos dous rios, ella só tem lugar por meio das do oceano, vehiculo natural, por onde se misturam todas as aguas doces dos rios mais ou menos conchegados do globo.

Decidam ppois os hydrographos, si o Tocantins será affluente do Amazonas.

OLEO DE BACABA. .

E' extrahido por deccoção do fructo que tem aquelle nome, produzido pela palmeira *œnocarpus bacaba*, que abunda em grande parte do valle do Amazonas.

E' fixo, de còr verde-clara e de gosto agradavel. E' empregado para luz, e nos usos culinarios, quando é bem fabricado e purificado, podendo substituir o oleo ou azeite de oliveira.

• TAMAQUARÉ.

Oleo da arvore do mesmo nome. Extrahe-se golpeando a arvore e collocando algodão nos golpes, o qual se embebe do liquido ; espremendo-se depois o algodão, passa-se o liquido para uma vasilha. E' um anti-dartroso muito energico. No Amasonas fazem d'elle grande uso, untando-se a parte affectada.

ESTATISTICA DE OBIDOS.

A população da cidade de Obidos é calculada em 1,000 a 1,200 habitantes, e a do municipio entre 8 e 10,000.

Na cidade ha talvez 160 a 180 predios.

TUCUMAN.

(*Astrocarium tucuman*). E' uma bella palmeira, muito vulgar no Amasonas, e que produz cachos de côcos amarellos e vermelhos.

São as fibras extrahidas dos foliolos e estes mesmos, ainda não completamente desenvolvidos, as substancias, que se empregam em diversos usos.

As fibras são inferiores ás que produz o tucum, e servem para o fabrico de cordas. Os foliolos são aproveitados na factura de esteiras, chapéos e outros objectos.

OS IPURINANS.

A tribo dos *Ipurinans* ou *Hypurinãs* habita as margens do medio e alto Purús. E' tribo muito numerosa. Bellicoso por indole e sempre preparando ou esperando o ataque, o Ipurinan deixa muito poucas vezes o arco e a flecha, desconfiando de quantos não conhece.

Affirma o Sr. Tenente-coronel Labre, que os Ipurinans são de indole perversa e máos instinctos e verdadeiros antropophagos, entregando-se exclusivamente aos negocios e praticas da guerra, pilhagem e assassinato.

Asseveram porém outros que os individuos d'essa tribo, apesar de serem completamente selvagens, são por natureza doces e delicados.

Colhem a salsa, a seringa e oleo de copahyba.



LIMITES DA FREGUESIA DE MANÁOS.

A freguesia que comprehende a cidade de Manáos, capital da provincia do Amazonas, tem os seguintes limites: Confina pela parte de leste com a freguesia de Serpa, na foz do lago Arumá inclusive, á esquerda do Amazonas, de onde corre a linha á margem opposta, entrando pelo rio Uautás até a boca do rio Japeim, inclusive o paraná-miry do Pantaleão até a foz de rio Mamory; d'esta linha para o Sul limita com a freguesia de Borba.



INHEIGUARAS.

Indios que habitavam o rio Tocantins e acerca dos quaes dizia o padre Antonio Vieira: «São os *Inheiguáras* gente de grande resolução e valor, e totalmente impacientes de sujeição, e tendo-se retirado com suas armas aos lugares occultos e defensaveis das suas brenhas, em distancia de mais de cincoenta leguas, lá foram buscados, achados e cercados, rendidos e tomados quasi todos, sem damno mais que de dous indios nossos, levemente feridos. Ficaram prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme as leis de Vossa Magestade, á titulo de haverem impedido a pregação do Evangelho, foram julgados por escravos e reparuados aos soldados.»



ESTATISTICA.

Em 1749 a população da cidade de Belém era de 6,500 habitantes ; em 1788 era de 10,600 ; em 1801 de 12,500 ; em 1825 de 13,200 ; em 1830 de 12,400.

Em 1892 de 90000.



TRANSFERENCIA DE FORO.

Por alvará de 13 de maio de 1812, com força de lei, são desmembradas da casa da supplicação de Lisbôa, e sujeitas á relação do Maranhão, cujo regimento lhe foi dado pelo mesmo alvará, as comarcas do Gram-Pará e do Rio Negro.

A CACHOEIRA DAS FURNAS.

E' a mais bella cachoeira do Rio Negro. Ha no lugar da cachoeira um rochedo de faces planas e perpendiculares, de duas a tres braças de largura e duas de altura, acima do nivel d'agua e que se estende da margem esquerda para o centro do rio em forma de muro. Na extensão de doze braças da praia, elle acaba verticalmente e existem mais adiante e na mesma direcção grandes pedras, algumas de tres braças de comprimento. E' entre o muro e estas pedras, que fica a cachoeira das *Furnas*; ahi, em consequencia da estreita passagem que lhe dá o muro, tem a agua grande velocidade.

PINDÁ-SIRIRICA E PINDÁ-UAUACA.

Com estes nomes designam os indigenas duas maneiras de pescar o *tucunaré*, que é um dos peixes mais estimados no Pará e Amazonas e que abunda no grande rio e em seus afluentes.

Consiste a primeira em ligar pequeninas pennas encarnadas ou outra qualquer materia de igual côr, como pedaços de baêta, chita e etc., ao estorvo de um anzol (*pindá*, em linguagem indigena), de modo que este fique occulto. Isto feito, o pescador segurando a vara do anzol, vae com elle frisando de leve e ligeiramente a face d'agua; então o *tucunaré*, que se alimenta de peixinhos, muitos dos quaes tem as barbatanas encarnadas, vendo esta côr passar á flôr d'agua e suppondo ser algum dos que ordinariamente fa-

zem o seu pasto, arremessa-se contra o anzol com a voracidade de que é dotado, ficando assim fígado.

A segunda differe da primeira em que, em vez de ser atada á uma vara a linha do anzol, atam-n'a á popa de uma montaria, que o pescador fazendo correr velozmente á força de remos, faz que o anzol vá tambem correndo á flôr d'agua, e dê em resultado o mesmo effeito, que a primeira. N'esta segunda maneira, é necessario que a linha seja muito comprida, para evitar que o barulho do remo affugente o peixe.

O RIO TAPAJÓZ.

Este rio, com o Juruéna que o constitue, desce das cordilheiras dos Parecis, no rumo de S. O. a N. E., quasi parallelamente ao rio Xingu, atravessando terras montanhosas, formando grandes cachoeiras e terminando seu curso com uma largura consideravel.

E' habitado na parte superior pelos indios Apiacás e outros; na media pela guerreira e industriosa tribu dos Mundurucús, e pelos Maués, na margem esquerda, n'uma extensão de quase 50 legoas.

As suas agoas são de cor escura, mas em fundo de duas braças descortinam-se as areias e os seixos da margem.

A denominação d'este rio lhe provém dos indios *Tapajós*, que desceram outr'ora das possessões castelhanas no Alto-Perù, e foram estabelecer-se na parte proxivamente superior ao sitio, que hoje occupa a villa de Alter do Chão.

«Estes sylvicolas, diz Baena, eram menos brancos e menos bravos infestadores que os outros indigenas, entre os quaes muito se abalisavam os Muturicûs na valentia. As ultimas hostilidades que elles praticaram nos povos do Tapajós, ajudados das suas mulheres, foram em 1773; em cujo tempo tambem combateram o commandante da Fortalesa da foz do rio, sem pavor do fogo que elle lhes fez por um largo espaço de tempo.»

Em 1622, acrescenta ainda Baena, entrou o capitão Pedro Teixeira n'este rio a faser resgates de escravos indigenas bravos, em companhia de um religioso capucho e á testa de 26 soldados e avultado numero de indios.

Começaram em 1668 os padres da Companhia a plantar aldeas n'este rio e chegaram a administrar cinco.

Em 1747 João de Souza de Azevedo descêo das terras septentrionaes de Matto-Grosso pelo Sumidouro ao Arinos, no qual havia embocado com Paschoal Arruda em cata de ouro, e voltando este seu companheiro para a capital da sua capitania intentou ver se deparava com o mesmo metal em outra paragem, e com este presuposto seguiu a undação do Arinos e entrou no Tapajós, do qual se dirigio á cidade do Pará em 1749 com o ouro achado.

O apparecimento d'este homem provocou a curiosidade do governrdor do Pará Francisco Pedro de Alencar Gurjão para exigir d'elle noticias topographicas de Matto-Grosso: e a esse fim foi chamado ao collegio jesuitico, onde disse tudo quânto sabia da materia, e referio que a descoberta das minas de Matto-Grosso fôra praticada pelo sargento-mór Antonio Fernandes de Abrêo, no que se não mostrou

cabalmente noticiado, porque o verdadeiro descobridor de Matto-Grosso foi em 1734 o sorocabano Fernando Paes de Barros com seu irmão Arthur Paes; e o dito sargento-mór só viu o descoberto paiz em companhia do mencionado Fernando Paes, em consequencia de ser mandado pelo brigadeiro Antonio de Almeida Lara, regente de Cuiabá á examinar o novo paiz.

Este mesmo Azevedo escreveu a 16 de Janeiro de 1752 uma memoria sobre o tratado de limites de 1750 entre as duas corôas do ultimo occidente da Europa e deo-a ao governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o qual a enviou para a Corte.»

As margens do rio Tapajós são povoadas por gente civilisada, encontrando-se n'ellas as seguintes povoações: Villa de Itaituba, Aveiros, Boim, Alter do Chão, Villa Franca, e cidade de Santarem, em cuja fôz se acha.

Este rio é um dos mais ricos quanto aos productos naturaes, abundando extraordinariamente em suas margens a borraçha, tabaco, guaraná, castanhas, breu, estopa, cumarú e muitos outros productos.

JURUPARI-PINDÁ.

E' este o nome porque é conhecida uma das mais fortes correntes do Solimões.

Em lingua geral, significa aquelle termo — «anzol do diabo.»

ENTERRAMENTOS.

Por carta regia de 14 de Janeiro de 1801 são prohibidos os enterramentos dentro das igrejas em todas as capitâneas da America portugueza, ordenando-se aos capitães-generaes, que, de accordo com os respectivos prelados diocesanos, fizessem construir cemiterios publicos em lugares apropriados, nos quaes fossem sepultados todos os cadaveres, sem excepção de nenhum, qualquer que fosse a sua condição.

Em observancia d'esta carta regia e de accordo com o bispo do Pará D. Manoel, fundou o governador D. Francisco de Souza Coutinho o *cemiterio velho*, do qual apenas resta o nome, na extremidade sul da praça de D. Pedro (largo da Polvora) entre a rua de S. Vicente de Fora e a da Cruz das Almas.

Este cemiterio foi profanado, segundo os preceitos da igreja catholica e o terreno passou ao dominio particular por aforamento que d'elle fez a camara municipal.

TEMPLOS DE OBIDOS.

A igreja matriz de Obidos foi inaugurada em 1827 e tem por orago Santa Anna.

A capella do Bom Jesus, no alto de uma pequena eminencia, foi feita á custa de uma subscripção dos moradores em 1855, em virtude da promessa que fizera o povo 20 annos antes, por occasião da guerra dos cabanos.

CONQUISTA DE CAYENNA.

O Sr. coronel Ignacio Accioli, na sua COROGRAPHIA PARAENSE, narra este acontecimento do seguinte modo :

«Achava-se infestada de corsarios a costa do Brazil e com especialidade a do Pará, no tempo da ultima guerra de Bonaparte, recolhendo-se os corsarios ao porto de Cayenna. Em consequencia d'isso ordenou o governo ao capitão-general do Pará José Narciso de Magalhães e Menezes, emprehendesse a conquista e occupação d'essa colonia, para a qual escolheu o Tenente coronel Manoel Marques d'Elvas Portugal, constando a expedição de 500 homens em uma corveta ingleza de 20 peças, uma chalupa, dous brigues e algumas embarcações menores, todas debaixo do commando do capitão de fragata Jayme Lucas Icó.

No dia 2 de Dezembro chegou essa expedição á foz do Oyapok e a 9 foi intimado o governador francez Victor Hu guès para entregar a colonia, a qual, alem de ser naturalmente defensavel, achava-se guarnecida com 511 soldados europeus, 200 homens livres do paiz e 500 escravos.

Tratou logo o governador de fortificar as posições do *Diamante*, *Degrès des cannes* e a do *Trio*, bem como a embocadura do canal de Forey, no rio *Marohy*, que forma a ilha de Cayenna pela parte oriental, depois de ter expedido o tenente Serdey com alguma tropa a impedir os passos dos oppugnadores, mas estes apoderaram-se dos rios *Approuague* e *Corronai*, obrigando a retirar-se d'estes pontos o mesmo Serdey, que havendo-se fortificado no *Collegio*, predio rustico do governador, abandonou-o, retirando-se com todos os escravos para Cayenna, depois que cin-

coenta soldado ; do Pará, vencendo denodadamente todos os riscos, incendiaram aquelle estabelecimento rural.

«A isto seguio-se o desembarque, já mais perto da villa, onde as posições fortificadas podiam com mais facilidade ser sorprendidas; mas a baixa-mar não permittio que desembarcassem mais que cem homens, os quaes foram bastantes para rapidamente tomarem os pontos principaes do *Diamante* e *Degrès des cannes*, e depois d'estes os outros, capitulando então o governador francez, dizendo haver sido obrigado á essa capitulação, por virem os invasores incendiando os lugares por onde passavam e rebellando os escravos contra seus senhores; evasiva calumniosa, pois que apenas foi incendiada a fazenda do *Collegio*, por mero arbitrio dos soldados.»

A tomada de Cayenna foi em 1809.

BRAGANÇA.

Pequena cidade na provincia do Pará, situada na margem esquerda do Cayté, á 27 kilometros pouco mais ou menos do mar. Occupa uma superficie de 75,000 braças quadradas n'um terreno plano; tem mais de 300 casas e 1,000 a 1,200 habitantes.

Foi o governador e capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado quem em 1753 creou-a sobre as ruinas da villa de Souza, que então apenas contava umas seis casas e para ali havia sido em 1664 trasladada do rio Gurupi, onde em 1628 tinha sido fundada.

BRZÃO D'ARMAS.

Lê-se na obra «*Historia da Companhia de Jesus pelo padre José de Moraes, na extincta Provincia do Maranhão e Pará*», o seguinte :

«Por agora quero acabar este capitulo com a breve noticia das armas com que se ennobreceu em seus principios esta illustre cidade (Bélem do Pará), que devendo estar gravadas em marmore, para eterno monumento da sua grandesa, apenas as encontramos, depois de muito estudo e diligencia, em um dos antigos escriptos do nosso cartorio do Pará, que tambem os papeis são bronzes em que se perpetuam as mais plausiveis e illustres memorias.

Foram pois as armas da cidade de Bethlém do Gram-Pará um escudo grande esquartelado, de uma parte do qual, em campo azul, se via um castello de prata, e n'elle um escudo de ouro com as Quinas de Portugal, pendente de um trancelim de pedraria. Em cima do castello, de ambos os lados, sahiam dous braços : um, offerecendo um cesto de flôres, com a inscripção por baixo—*Vereat æternum*—; em outro, um cesto de fructas com a inscripção—*Tutius latent*—; do outro lado, em campo de prata, um sol retrogrado, correndo do poente para o nascente e a inscripção—*Rectior cum retrogradus*—; e logo outra—*Nequaquam minima est*—, com um boi e uma mula por baixo olhando para o mesmo sol.»

Dr. Francisco da Silva Castro.

CARURU'.

[*Sal vegetal*]. É uma das maravilhas do Rio Negro, — uma especie de carurú, que cresce nas pedras das caxoeiras, quando com a secca vão ficando descobertas. Comem-n'o cosido com peixe ao qual fornece o sal commum.

D'este carurú sabem os indios extrahir o sal com processos mais grosseiros sem duvida, mas na essencia os mesmos que outros mais civilizados poderiam empregar. Colhem a planta, seccam-n'a ao sol, carbonisam-n'a depois de bem secca, dissolvem a cinza em agua, filtram em folhas seccas, evaporam ao fogo e assim obtem o sal, que não é muito puro, porque o filtro, que empregam, de folhas seccas, não póde reter em si todas as impurezas.

Outra utilidade d'esta planta, menos apreciada, porém não menos real, consiste em que crescendo ellas nas cachoeiras e justamente nos lugares por onde é preciso arrastar as canoas, que procuram as margens na subida do rio, serve esta herba de leito ou almofada, sobre a qual ellas resvalam mais facilmente e sem offensa do casco.

CURURU'-BOIA.

É uma cobra verde, diz o naturalista Ferreira, que, á proporção do tamanho, é mais grossa que as outras. Vem-lhe o nome de comerem sapos.

Diz Baena, que é uma cobra que se aninha nas raizes das arvores e se enrosca como um sapo.

A YARA. (1)

(Lenda amazonense.)

Era na taba de Manáos, hoje a altiva princeza do Rio Negro.

E um dia um moço tapuio, filho de *tuchaua*, dirigio-se em uma *ygara* ao pequeno regato que banha a ponta do Taruman.

Era um moço lindo, o mais lindo de todos os moços da sua tribu.

Valente e ousado como elle, nenhum outro havia apparecido.

Ninguem com mais destreza manejava a *zarabatana* temivel, cuja flecha certa e cortava em meio dos ares o vôo da *aracuan*.

Ninguem com mais coragem brandia o tacápe e entesava o arco.

Nos jogos com que celebravam as festas, sempre a palma da victoria cabia ao moço tapuio, ante quem os proprios anciãos respeitosos se curvavam.

Era o orgulho da tribu e o digno successor do velho *tucháua*, que tantas vezes fizera morder a poeira as ferozes *Mundurucús*.

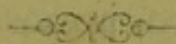
E um dia o moço tapuio dirigio-se em uma *ygara* ao pequeno regato que banha a ponta do Taruman.

(1) No Diccionario da lingua tupy de G. Dias, vem escripto *Yara*. Outros escrevem *Yuára* e ainda *Uyára*.

Era uma tarde lindíssima e o sol que descambava já por traz da collina sombreada por espessa matta, reflectia-se brilhante nas agoas da linda bahia formada pelo Rio Negro.

O ceo estava limpido e transparente e no horisonte formavam as nuvens uma orla de ouro e de rosa.

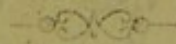
E a ygara em que ia o moço tapuio cortava ligeira as agoas bulicosas do rio.



E triste como o canto da *hiimara*, assim o semblante do moço tapuio.

Voltando do passeio bem tarde, havia atado a ygara ao tronco da *mamaurana* e a noute passava-a sentado á soleira da cabana, pensativo, taciturno e proferindo de quando em vez palavras entrecortadas e sem sentido.

E a velha tapuia que amava-o com esse estremecimento das filhas das selvas, chorava silenciosa ao ver a tristeza profunda que sombreava o semblante do filho.



«Ouve, mãe, disse o moço, ouve, porque só a ti me atrevo a contar as tristezas que me pungem a alma.

«Era uma moça tão linda . . . tão linda, como ainda não encontrei assim entre as filhas dos Manãos.

«A tarde era bella, e a ygara vogava ligeira em direcção á ponta do Taruman.

«De repente ouvi como um cantar longiuo, como uma voz harmoniosa, que se confundia com o susurrar da brisa por entre as folhas das palmeiras.

«E a ygara cortava ligeira as agoas do rio e máis distinctos me chegavão aos ouvidos os sons d'aquella voz que cantava.

«E depois eu vi . . . como era bella, mãe ! Como era bella a mulher que ali se achava !

«Estava sentada á margem do rio. Tinha os cabellos louros como se fossem de ouro, presos por flores de *mururé*, e cantava e cantava . . . como nunca ouvi cantar assim.

«Depois ergueo os olhos verdes para mim, sorrio se um momento, estendeu-me os braços, como si n'elles me quizesse enlaçar e desapareceo cantando por entre as agoas do igarapé, que se abriram para recebê-la.

«Mãe, como era linda a moça, que ali vi . . . Como eram melodiosos os sons d'aquella voz que cantava ! »

Dos olhos da velha tapuia cahiram pelas faces tostadas duas lagrimas silenciosas.

«Filho, murmurou, não voltes mais ao *igarapé* do Taruman. A mulher que ali viste é a *yara*, filho ! . . . Se o sorriso é a morte . . . não lhe ouças a voz para que não cêdas ao encanto.

E o moço tapuio sentado á soleira da cabana, deixou pender para o chão a fronte pensativa.

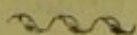
E no dia seguinte, ao pôr do sol, a ygara cortava de novo ligeira as agoas do Taruman.

N'ella ia o moço tapuio esquecido dos conselhos maternos.

O que lhe aconteceo depois, ninguém o sabe, porque também ninguém mais o vira.

Disiam, porém, alguns pescadores, que ao passarem pelo igarapé do Taruman em horas mortas da noite, viam ao longe um vulto de mulher que cantava e ao lado d'ella um vulto de homem.

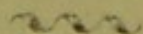
E quando alguém mais ousado se aproximava, abriam-se as agoas do rio e n'ellas os dous vultos se atiravam.



O DINHEIRO NO PARÁ.

Em virtude de um decreto datado de 12 de Junho de 1748, começou em maio de 1749 a correr na cidade de Belem dinheiro de prata, ouro e cobre, com as mesmas inscripções, peso e valor que se haviam estabelecido para a moedagem do Brazil.

Até então o dinheiro que havia em circulação era novellos de algodão e outros generos, que tinham valores determinados: e com elle se pagava aos funcionarios de todas as classes e também aos particulares.



LAGES.

Fica este sítio a 300 braças abaixo da foz inferior do Ramos, á margem direita do Amasonas. Foi ahi onde pela primeira vez, depois de muitos dias de penosa viagem desde Belem e á instancias de João Antonio Ferreira Pinto Rosa, dono d'aquelle sitio, obtiveram licença para irem á terra os exilados para o Crato, no Madeira, padre João Lourenço de Souza, padre Gaspar de Siqueira Queiroz, Marcello Borges Trovão, Antonio Marcello da Maya, Jeronymo Maximo de França e Francisco Firmino Pinto. E tal era o receio que tinha aquelle que os levava de que se evadissem, que fel-os escoltar, obrigando-os nos poucos momentos que ali se demoraram, a estarem reunidos e cercados de sentinellas.

Entretanto é geralmente sabido que nenhum crime haviam aquelles homens commettido e eram enviados para o desterro, sem ao menos terem sido condemnados.

Só a paixão politica, associada ao mais violento arbitrio, causou esses vexames, e, o que é ainda mais doloroso e lamentavel, a morte de um d'aquelles miseros exilações.



TABA.

Aldeia de indios, composta de differentes habitações a que dão o nome de *ocas*. Quando estas habitações se achavam isoladas, diz o Sr. G. Dias, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavam o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

COMMERCIO E PRODUÇÃO DA PROVINCIA DO PARÁ.

A' presidencia da provincia enviou o intelligente e zeloso Sr. inspector da alfandega o bem elaborado e consciencioso relatorio que em seguida transcrevermos, do exercicio de 1872—1873.

«A renda arrecadavel no exercicio prestes a findar é calculada em 4,525:837\$947 réis, e a realizada em 1871—1872 foi de 4,993:291\$458; resultando uma differença contra aquella de réis 467:903\$511.

Comparando-se, porém, a renda do primeiro com o termo medio do quinquenio, na importancia de 4,287:333\$709 réis, verifica-se uma differença a favor d'aquelle de 238:054\$238 réis.

Alem das razões que adiante emittirei, quando tratar da comparação dos valores da importação e exportação, tambem concorreu para o decrescimento da renda no exercicio cadente, a baixa de 6 % nos augmentos sobre os direitos de consummo, que tendo sido em 1871—1872 de 34 % passaram a 28 %.

A navegação de longo curso e a de grande cabotagem consta dos quadros ns. 1 e 2; apresentando a do quinquenio para V. Exc. apreciar o seu progresso.

Na de longo curso figura um terço á vapor e na de cabotagem tres quintos.

O valor da importação, calculado pela renda provavel, senão quasi realisada no cadente exercicio de 1872—1873, comparada com a do exercicio anterior, é inferior em

316:058\$000 rs., e superior ao do termo medio do quinquenio em 184:716\$000 réis.

A differença entre os dous exercicios que seria maior si o preço da gomma elastica não fosse favoravel ac cadente, provém : do abalo que soffreu a praça no anno anterior, e que só veio a fazer sentir-se no actual, pelas moratorias avultadas; das cheias, que não permittiram maior extracção da gomma elastica nas margensem que ella se fabrica, e que affectaram muito os fabricantes disiminados pelas febres; e finalmente, ao equilibrio, que foi necessario manter entre os importadores, que foram, no anno anterior, além das suas necessidades, na esperança de uma boa safra, vendo-se obrigados a redusir os seus pedidos.

O valor da exportação, sob o mesmo calculo do da importação, será de 12,471:696\$000 rs. menos 168:980\$000 que o anno pdsado; porém mais 636:658\$000, que o termo medio do quinquenio importante em 11,885:042\$000 rs.

A differença, que se nota entre os dous exercicios, provém das mesmas causas, que apontei na importação.

Si, porem, á primeira vista houve diminuição na importação e exportação, não prova isso que a provincia tenha retrogradado, porquanto o contrario se deduz da comparação feita com o termo medio do quinquenio.

O valor da ré-exportação é calculado em 585:672\$000, que comparado com o exercicio anterior dá-lhe um augmento de 305:663\$000; provando assim a tendencia que cada anno se nota para o augmento d'este commercio.

E o do transito será n'este anno de 11:567\$000 rs., — menos 2:804\$000 rs. que o do anno passado.

A diminuição, porém, d'este commercio provém da facilidade que ha para o de re-exportação, mais favorecido que o de transito, para o qual se exigem mais formalidades e condições.

.....

Comquanto o exercicio cadente apresente differenças para menos do anterior, tenho fé que ellas serão passageiras; por isso que com tão ricos meios de que dispõe esta provincia, o seu engrandecimento e progresso serão infalliveis; maxime desde que se realisarem as communicações com a Bolivia, Venezuela, Goyaz e Matto Grosso por meio de estradas de ferro (não tratando da união do Sul com o Norte, que será para mais tarde); não obstante os desejos e empenhos envidados pela provincia do Amasonas, que quer destutellar-se d'esta provincia a todo o transe.

N'esta occasião me permittirá V. Exc. que chame sua attenção para a colonisação, pela connexão que tem com a materia.

Convergindo todas as vistas para os rios Madeira, Purús, Negro, Javary e outros grandes rios da provincia do Amasonas, para elles emigram annualmente milhares de braços d'esta provincia, os quaes vir-lhe-hão a fazer grande falta, por ventura não se procurando substituil-os, pois não nos voltam os que escapam ás molestias, por irem acompanhados de suas familias.

E, certamente, tanto, que não forem levadas á effeito as communicações com a Bolivia, Matto Grosso e Goyaz, cujos habitantes emigram para nós, esta provincia sentirá muito, tanto em sua renda, como em sua população, já

bastante disimada pelas febres, que grassam pelo seu interior.

Apresentando a V. Exc. o quadro n. 6, da exportação dos principaes generos da provincia no quinquenio e n'este exercicio, tenho por fim chamar tambem sua attenção para a lavoura.

Os generos que n'ella mais avultam são aquelles que expontaneamente produz a natureza. Esses mesmos cangarão de produzir, porque não se cuida de augmental-os, plantando-os.

Prefere-se antes a morte nos insalubres e desconhecidos longinquos rios, tão abundantes de ouro, representado na gomma elastica, como de riscos e privações, ao cultivo da lavoura !

No entanto que o algodão, o cacáu, o assucar, a tapioca e o urucú, vão todos os annos diminuindo na exportação.

O arroz, o milho e o feijão são-nos importados do estrangeiro.

A aguardente, o assucar e a farinha das provincias do sul.

A lavoura pois vae-se aniquilando pouco a pouco até desaparecer completamente.

Tarde então se arrependerão os agricultores de se entregarem á extracção da gomma elastica, com vantagens enganadoras, de preferencia á cultura da terra, com seus lucros certos e seguros; concorrendo para que as classes menos favorecidas da fortuna se vejam á braços com a mi-

seria e com a fome, pela falta dos principaes generos alimenticios, entregues á monopolistas.

Só uma vontade de ferro poderá amparar esta provincia na quêda que lhe prepara a gomma elastica, que vae deixando mostrar não ser sómente oriunda do seu sólo; tendo, talvez bem cedo, competidora nos mercados estrangeiros, tanto que seja descoberto o meio que empregamos e os materiaes que applicamos em sua preparação.

A Africa já a colhe e exporta; e o Ceará, que nos envia todos os dias emigrantes, já a fabrica.»

TERRENOS DA COMPANHIA DO AMA- SONAS.

A companhia de navegação á vapor (Limitada) do Amazonas, possui no importante rio Trombetas, quatro leguas quadradas de terreno. Começa na foz do lago *Iripixy* até a do *Caipurú*, cortando a linha no rumo magnetico de 62.º N. E.

Este terreno é bastante rico em madeiras de construção, e já n'elle, em eras passadas, houve, por conta do Estado, uma grande fabrica que muitas remessas fez para o arsenal de marinha do Pará; e uma outra, onde, por conta de particulares, construíram-se muitas embarcações.

E' tambem proprio este terreno para a cultura do café e da cana.

O NAUFRAGIO DO VAPOR PURU'S.

Pouco antes da foz do Madeira, em frente á boca do *Puraquê-cuara*, vê-se o lugar em que em 1870 naufragou o vapor *Purús*.

Eis como teve lugar este triste acontecimento :

Do porto de Manáos com destino ao Madeira, sahio ás 11 horas da noite de 7 de Julho o vapor *Purús*.

Eram 2 horas da manhã do dia 8.

O vapor *Arary*, que havia sahido de Belem com destino á Manáos, navegava então ao longo da costa do lago do Rei, em frente ao *Puraquê-cuara* e na distancia de 8 a 10 braças de terra.

N'este lugar forma o rio uma especie de cotovello ou ponta.

Ambos os vapores navegavam com marcha regular e dirigiam-se um para o outro. O grande cotovello formado pelo rio, impedia-os de se poderem descobrir.

A noite estava escura e descuidados dormiam os passageiros do *Purús* sem se lembrarem da morte, que rapida para elles se approximava.

Pouco depois das 2 horas da manhã, o official de quarto do *Arary*, distinguindo as luzes de um vapor, que caminhava aguas abaixo, mandou despertar o commandante, que immediatamente dirigio-se ao passadiço da caixa de rodas, ordenando em voz alta ao machinista de quarto, que diminuísse á meia força d'aquella com que seguia.

Caminhava o *Purús* aguas abaixo, na distancia pouco

mais ou menos de 5 milhas, demorando quarta e meia de rumo por E. B. da pròa do *Arary*.

O commandante Leal, á bordo do *Arary*, fez tudo quanto d'elle podia depender para evitar o sinistro. As duas massas se iam cada vez mais approximando, impellida uma pela força da corrente e do vapor e a outra pela do vapor sómente.

A's 2 horas e 15 minutos teve lugar o abalroamento.

Foi horrivel o choque e mais horrivel ainda a scena de confusão que teve então lugar. O *Arary* galgou por sobre o *Purús*, entrando-lhe por um dos lados e fazendo-o afundar-se e quasi unir a popa com a pròa.

Lançados violentamente fóra das rêdes e dos beliches, corriam atordoados os passageiros do *Arary*, augmentando a confusão e a desordem. Os gritos e o soluçar das mulheres e das crianças, as imprecações dos homens, a voz vibrante e energica do commandante mandando a manobra e dando providencias para salvar os naufragos do *Purús* e impedir que tambem por elle fosse arrastado o *Arary* na voragem das aguas; o ranger das taboas que se desconjunctavam, que se partiam, a escuridão sinistra da noite, o ruido das aguas, tudo dava á essa scena um character horrivel e como um arremedo do inferno.

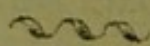
As scenas que se davam á bordo do *Purús* eram ainda mais lamentaveis. Os gritos de terror dos que se achavam no *Arary*, confundiam-se com o gemer dos moribundos, com o estertor dos que se debatiam esmagados, com os gritos pungentes de soccorro que soltavam os do *Purús*.

E o vapor se ia pouco e pouco afundando. De repente

—se um estampido horrível, e as aguas fervendo e es-
nando espuma, ergueram-se furiosas, ameaçadoras,
no uma immensa montanha, e depois cahiram com me-
nho fragor, abrindo enorme voragem em que submer-
gio-se o navio.

A caldeira do *Purús* havia arrebentado. O comman-
dante Leal deu ordens promptas e tomou as medidas ne-
cessarias não só para salvar os naufragos do *Purús*, como
para restabelecer a ordem e a calma á bordo do *Arary*.
Os escaleres foram lançados ao rio e a tripolação e os pas-
sageiros começaram a recolher das aguas os miseros que
ali se debatiam. Levaram o resto da noite n'essa piedosa
occupação; porem de mais de 200 passageiros, que levava
o *Purus*, apenas conseguiram salvar 73 !

A's 12 horas e meia do dia 8, chegou o *Arary* á Ma-
náos, levando a noticia da horrivel catastrophe.



LARGURA DO AMASONAS.

A largura media do Amasonas é de 2,000 braças, e a
corrente ordinaria de 2 1/2 a 3 milhas. Em alguns lugares
entretanto, em consequencia da interposição das ilhas, as
margens se affastam guardando a distancia de 4 a 6 milhas.

O ponto mais estreito do Amasonas e que até tem a de-
nominação de *garganta*, é em frente á cidade, ou antes,
em frente ao forte de Obidos. A largura do rio ahí é, se-
gundo Montravel, de 1 milha apenas, e segundo o Sr. en-

genheiro Aguiar Lima, de 860 braças ou 1892 metros. A sua profundidade ali é calculada em 70 a 80 metros.

O Sr. Aguiar Lima, para achar a largura do rio n'esse ponto, mediu uma base e achou o resultado mencionado, que é o mais approximado possível do de 869 braças, medidas ha mais de um seculo, segundo o testemunho do padre Dr. Noronha. A differença de 9 braças póde provir do periodo da estação em que foram operadas as duas medições.

Eis os resultados obtidos por aquelle distincto engenheiro brasileiro :

Do reducto ou fortim, no lúme d'agua, á margem opposta, em rumo 25° SO, 860 braças.

Do forte á outro ponto acima, no rumo de 84°, SO, 1120 braças.

Do porto de cima ao mesmo ponto anterior, no rumo 74°, SO, 1146 braças.

SERPA.

É uma villa situada em uma pequena collina á margem esquerda do Amazonas, á 270 legoas acima da sua fôz, e quasi defronte da fôz do Madeira. Tem um excellente porto, onde podem carregar encostados á terra os navios de maior calado.

O seu nome primitivo era *Itacoatiara* (pedra pintada),

de umas pedras que em seo porto são visiveis na vasante, e nas quaes estão traçados diversos hieroglyphos.

Tambem já teve o de Abacaxis.

Em 1759 o governador da capitania do Rio Negro Joaquim de Mello e Povoas deo-lhe o predicamento de villa, com a denominação que hoje tem.

Passando em 1833 a ser simplesmente freguezia, foi de novo elevada á cathegoria de villa, por lei provincial de 10 de Dezembro de 1857.

Actualmente é a villa de Serpa um importante porto da provincia do Amazonas, por servir de entreposto ao avultado commercio do rio Madeira. Os bolivianos, descendo pelo Madeira, costumam deixar em Serpa as suas canôas ou *ubás* e descem nos vapores até o Pará, onde vendem as suas mercadorias e se fornecem dos objectos de que carecem. A viagem de retorno, nas canôas, é penosa, exigindo tres e mais mezes.

Ao norte de Serpa vêm-se as ruinas da colonia *Itacoatiara*, pertencente á Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas e que tantos prejuizes lhe causou.

CUATA'.

É um macaco de pelle preta, muito lizada, de movimentos demorados e que para caminhar, vae lançando a cauda á maneira de arpéo.

Sobre a origem d'esta palavra, escreveo o celebre naturalista A. R. Ferreira o seguinte: «Não deixarei de escre-

ver o que os indios fabulizam a respeito d'este macaco. Dizem elles que tendo um desafio com o gavião real, este lhe disse: Com que me pretendes matar? Por ventura parece-te que com o teu rabo me vencerás? Então o cuatá, mostrando-lhe as mãos, lhe disse: *Qua tahá!* e que, vendo o gavião o seu desembaraço, lhe protestou, que d'ali em diante seriam muito amigos.»

FARINHA D'AGUA.

E' a de que mais geralmente se servem em todo o valle do Amasonas. Fabricam-n'a do modo seguinte:

Põe-se a mandioca de molho por espaço de quatro ou cinco dias, depois amassa-se com agua e aperta-se no tipiti para extrahir-lhe o caldo. Feito isto, peneira-se a massa na *gurúpema* ou *urúpema*, e cose-se em fornos de barro. Quasi sempre junta-se um pouco de massa fresca á mandioca pura.

Há talvez no valle do Amasonas mais de quarenta qualidades de mandioca, umas amarellas e outras brancas; umas que chegam ao completo desenvolvimento em seis mezes e outras em dez ou doze.

Os naturaes aproveitam as vasantes para pelas margens dos rios e igarapés, que ficam á descoberto no verão, plantarem a mandioca de seis mezes.

O GALLO DA SERRA.

E' sobretudo nas margens do Alto Rio Branco que se encontram os lindos e tão afamados gallos da serra (*pipra rupricola*, de Buffon). Tem bico e esporões como o verdadeiro gallo e um pennacho quasi da formatura de um leque aberto, que lhe principia do pescoço até a ponta do bico, bordado todo o pennacho de uma orla encarnada. São em geral amarellos, menos a gallinha. No Ceará, em casa do Sr. de Vasconcellos, vi eu um de lindissima côr de rosa.

Eis aqui o que na sua *Corographia* e n'aquella linguagem que lhe é tão peculiar, escreve Baena acerca d'esse passaro notavel.

«E' bellissimo entre todos os passaros do sertão do Pará o denominado gallo da serra. O seu vulto maior que o de um pombo, é emplumado de branda côr de ouro brilhante e a crista levantada da mesma côr, enfeitada de uma orla de vermelho. No vôo transcende o maçarico real e o seu canto assemelha-se ao clangor agudo do clarim mavorcio.

Este passaro lavra o ninho de terra no intimo reconca-vo dos penhascos ou sobre a superficie das serras, esteja ou não essa superficie vertical ao horisonte; e ficam tão duros, que com sobeja difficuldade se pôde desmantelal-os; a sua figura tem parecença de um pião de guarita de muralha.

Estes garbosos passaros, continúa elle, tem o uso de sahirem uma vez no anno do seu habitual recesso e apparecerem no contorno das paragens habitadas. Os caçadores referem que elles costumam pousar nas franças de qualquer arvore de empinado tope, e d'ellas descer alguns para for-

mar ao pé da mesma arvore um terreirinho bem limpo em torno do qual deixam remanecer certos pequenos arbustos em cujas hastes empoleiram-se, e alternos passam de um para outro arbusto, e descem ao terreirinho onde trêvam ligeira dança até cançar: depois remontam á grenha da arvore, da qual se arremessam outros para exercitarem a mesma corêa genial. Tendo todos acabado de brincar, arrancam d'ali deixando um companheiro de atalaia, o qual raras vezes abandona o lugar antes de ser substituido: e se acontece que o caçador o mata, ou si elle proprio se ausenta, os gallos elegem logo uma outra arvore.

Estes passaros são mui variaveis no alimento: diariamente buscam cibato em todas as arvores fecundas.

O destro caçador para os prear tece laços mui subtis no mesmo lugar que elles preparam para os seus brincos, ou espreita a occasião em que elles gozam as delicias do banho nas correntes junto aos penhascos, á sombra dos quaes lhes faz pontaria para que lhes chegue o tiro. E quando por qualquer d'estes modos nada consegue, mette um pedacinho de folha de ubim (1) entre duas palhetas de uarumá (2), e as applica á boca e assopra de tal sorte que arremeda o canto do gallo da serra, e por este reclamo obtém que esta ave se approxime e venha a ser victima do som da morte.

(1) *Ubim* é uma arvoreta uliginaria, que nasce em maior copia nos terrenos ensopados. Tem um pequeno tronco parecido com a capa da india. As folhas são largas, curtas e bifurcadas e o talo comprido.

(2) *Uarumã*—ha de duas especies: *Uarumã-miry*, que é uma planta que cresce direita com folhas largas; e *Uarumã as-su'*, que tem o tronco grosso e poucos galhos.

A fêmea d'estes passaros é totalmente differente na cor das pennas: ella equivoca-se muito com uma gallinha preta.

A FORTALEZA DE MACAPÁ.

O governador Fernando da Costa de Athayde Teive dirigio-se a 25 de Janeiro de 1764 á villa de Macapá (hoje cidade) a observar a localidade e approvando os planos para uma grande fortaleza ali, mandou dar principio ás obras, cuja administração confiou ao sargento-mór d'engenheiros Henrique Antonio Galussi.

Esta grande praça, talvez a maior de todo o imperio, pela segurança de sua construcção e pela sua vastidão, já montou 86 peças, desde o calibre 1 até 36.

Hoje apenas serve de presidio aos sentenciados do Pará e Amasonas, sendo entretanto commandada por um official superior.

Foi seu primeiro commandante o sargento-mór Manoel da Gama Lobo de Almada, varão preclaro, que morreu governador da capitania de S. José do Rio Negro.

«No dia em que o governo imperial abandonar aquella fortaleza, diz um escriptor paraense, ou por sua inutilidade, visto que não póde defender a immensa foz do Amasonas, ou pela insalubridade do lugar em que ella está assente, terá dado um bom passo economico e humanitario, por isso que Macapá é um reinado activissimo e permanente de fe-

bres intermitentes de que poucos escapam. Aquelles que logram a fortuna de escapar da morte, correm sempre o risco de adquirir qualquer enfermidade chronica para o resto da vida.

A' existencia ingloria d'aquelle colosso de pedra, sem tradições historicas, que o façam apreciar, preferimos a prosperidade da cidade e a boa saude de seus habitantes. Si para extinguir os pantanos mephyticos que circumdam aquella cidade, fôr preciso o entulho das ruinas da colossal fortaleza, não hesite o governo, arrase-se a fortaleza e salve-se a cidade.»

MUIRAPINIMA.

E' uma das mais lindas madeiras do Amasonas. A *muirapinima*, diz Baena, é uma arvore, cuja madeira é beta-da de feição, que se equivoca com o variegado casco da tartaruga, em quanto se lhe não confundem as ondas com que realça muito a sua qualidade.

O nome tecnico botanico da muirápinima é: *brosimum aubletii*.

YGARAS.

São canoas ou montarias feitas de ordinario de um só tóro de madeira.

POPULAÇÃO DA CIDADE DE BELEM.

De um jornal que em 1839 se publicava na capital do Pará, consta qual era a população approximada d'essa capital em 1868.

Eis as proprias palavras do jornal :

«POPULAÇÃO DA CAPITAL : — Segundo se lê em um dos documentos que acompanham o ultimo relatorio do thesouro provincial, possuímos hoje uma estatística pessoal da nossa capital, organisa-la em o anno p. p. pelo collecter da decima urbana, em execução dos §§ 1.º e 2.º e art. 1.º da lei n. 550 de 1867.

D'esse documento consta que a população da capital e de todo o perimetro da sua legua patrimonial, é de 21,916 pessoas.

Eis aqui como se acha classificada :

Nacionalidades	{ Brasileiros	18:942
	{ Estrangeiros	3:174

(Dos estrangeiros, 2,558 são portuguezes).

«O collecter, com os fundamentos e factos que aponta, entende que o numero de 21,916 habitantes, é inferior ao real, não excedendo porém este de 30,000.»

Dos dados que me foi possível obter e das informações de pessoas habilitadas, creio que a população de Belém não é actualmente inferior a 35,000 habitantes.

CAMAMURY.

E' uma fructa silvestre das matas do Amasonas, muito apreciada por seu delicado sabor. Abunda nos mezes de março e abril e só dá de quatro em quatro annos. E' muito raro dar em dous annos seguidos.

E' crença entre os indios da tribu *Maués*, que o apparecimento da fructa, presagia a morte de algum *tuchaua*.

E' barbaro o systema da colheita; para fazerem-n'a, tanto os indios como o homem civilisado, derrubam a arvore.

PEDRA CURIOSA.

Em 1837 rolou do cimo da serra de Parintins uma pedra de um metro de comprimento, pouco mais ou menos, na qual mui distinctamente estão esculpidas as letras **AFP**.

Quem teria ido ali abril-as?

Ainda nas fraldas da serra se acha a pedra, como a esperar que lhe vão decifrar a significação d'aquelles mysteriosos caracteres.

PIUM.

E' um mosquito menor que o *carapanã*; morde somente durante o dia e alimenta-se de *assacú*, pelo que é venenosa e produz chaga a sua picada.

A SALGA DO PIRARUCU'.

E' uma das cousas mais curiosas do Amasonas a *salga do pirarucu*.

E' feita annualmente nos lagos e dura pouco mais ou menos tres mezes.

Começa quasi sempre em setembro, quando já tem baixado os lagos, deixando á descoberto as margens.

Principia então a emigração. Os filhos do Amasonas, que habitam o povoado, retiram-se para os sitios em que é costume fazer-se a salga e levam comsigo não só os petrechos de pesca, como tudo quanto em casa possuem.

As montarias cortam as aguas dos rios; é uma verdadeira emigração de familias inteiras, que deixam á casa completamente abandonada. Depois de haverem escolhido um sitio asado, levantam uma pequena barraca de palha e ali passam os tres mezes de salga, a que chamam de *far-tura*, pescando pirarucu, salgando-o e secando-o, para venderem-n'o aos negociantes, que lá mesmo o vão buscar.

E' assim pois que despovôam-se por esse tempo as villas e sitios á margem do Amasonas, ficando semeados de barracas, á que dão o nome de feitorias, os lagos de salga, como o *Parú* e o *Lago Grande* no districto de Obidos e o *Muriacá* e *Mucuricanan*, no de Faro.

Ali, fumando o seu cigarro de *tauary*, que dura o dia inteiro e ás vezes mais de um dia, vê-se o pescador correndo o lago, sentado á prôa de uma canôa, que leva na pôpa um remo amarrado para aguentar-a, e remando de quando em vez, mas muito de manso, á espera que o peixe boie.

Fal-o este ás vezes com tal rapidez, que só a vista fina do pescador adestrado é capaz de dizer, de improviso, a direcção que tomou, o que elle conhece pela impressão da cauda do peixe, que fica á superficie das aguas.

Então, rapido atira a hastea, feito o necessario desconto e vae pegal-o lá no fundo, cnde mais seguro parecia estar.

Outras vezes reúnem-se muitos pescadores, postos em linha, percorrem o lago em uma mesma direcção e todos n'uma mesma posição obrigada á pròa das canôas, com as hasteas mettidas n'agua, mas de modo que a fiska não toque no fundo, o que evitam, tomando primeiro a altura das aguas.

Assim fazem seguir as canôas á espera que a fiska esbarre no peixe, e logo que o sentem, recuam a hastea e impellem-n'a com força na direcção que suspeitam ter seguido o peixe.

Chamam a isto pescar de fiska; o que não só é mais difficil, por não se poder conhecer facilmente o movimento do peixe pelo simples esbarrar na fiska, como tambem muito mais perigoso, por isso que, sendo o peixe encontrado muito proximo e sendo para diante o impulso dado á hastea, acontece muitas vezes que na occasião em que a fiska entra no peixe, recua de salto a hastea e póde n'esse movimento encontrar o pescador e atravessal-o.

Sem reflectirem porém muito nos riscos da pesca e da moradia dos lagos, consideram a salga quasi como um divertimento e uma distracção, que em todo o caso é muito util, por ser um dos poucos meios de que lançam mão para accudirem ás suas necessidades.

A salga do pirarucú dá-se em todo o Amasonas, sendo o districto de Villa-Bella o que fornece a maior quantidade do peixe secco (*pirahém*), que abastece as duas provincias do Pará e Amasonas.

JACAMIM.

Ave gallinacea. Suas pennas são pretas e verde-negras no dorso ou côr de cinza. As do Solimões tem o peito e bico verdes. E' o symbolo da mansidão. Domestica-se facilmente e então demonstra genio mesureiro, como diz Baena. Chega-se a qualquer pessoa, abre as azas e agacha-se até coser o peito com o chão. E' ainda notavel pelo seu canto nocturno. Tambem gosta de tomar os pintos das gallinhas para os criar.

IPADU'. (E' a coisa)

E' o pó de um arbusto, que tem o mesmo nome.

Prepara-se, torrando as folhas, reduzindo-as á pó em um pilão proprio e juntando-lhes um pouco de tapioca ou de cinza das folhas de ambaúba.

Os indigenas fazem grande uso d'esta preparação, conservando, como os mascadores de fumo, no canto da boca, um pouco d'ella.

Crêem que os alimenta, porque lhes tira o appetite, reduzindo o estomago ao estado de inercia.

LINGUA TUPI OU GERAL.

O Sr. Dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá, residente na cidade de Belém (Pará), escreveu e pretende publicar um volumoso e importante trabalho, com o titulo de «Analyse philologica das vozes radicaes da lingua ario-tupi ou idioma tupinambá.»

E' como uma especie de dictionario. Transcrevo aqui, para dar, de alguma sorte, idéa do livro, o seguinte trecho do prologo :

«Para patentear aos philologos as excellencias da lingua aborigine da minha patria, lingua inconvenientemente classificada pelos sabios entre as barbaras, porém que eu provarei pertencer á familia aryana e ser affin do sanskríto, zend e grego, e como um protesto vivo contra a opinião dos que lamentam que o portuguez se vá degenerando e transformando entre nós, publico o presente trabalho, excerpto de meus ineditos sobre a ethnographia brasilica, estudos em que de ha muito me occupo e que publicarei successivamente quando as circumstancias m'o permittirem.»

HIUMARA.

Ave nocturna; solta gritos que semelham ao som da chiata quando a rasgam. Acreditam os indios que quando esta ave passa gritando por ao pé da pousada de alguém, annuncia-lhe grandes calamidades ou a morte proxima.

OBIDOS.

A cidade de Obidos, situada em uma pequena collina á margem esquerda do Amasonas, é a antiga *Pauxis*, aldeia-sinha e aldeia de *Curuá*.

Achando o capitão-general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, ao passar pelo ponto em que hoje está situada a cidade de Obidos e que é o lugar em que mais estreita o Amasonas, — que a situação era muito vantajosa para uma fortificação, mandou que Manoel da Motta e Sequeira ali fosse levantar um forte.

Obedecendo a ordem do capitão-general, chamou Sequeira os indios *Pauxis*, que ali perto demoravam, a fim de o auxiliarem na empresa, fazendo com que para ali mudassem a sua aldeia.

O forte subsistio por muitos annos; entretanto já se achava completamente desmoronado, quando em 1854 construiu-se o actual.

Em 1758 foi a aldeia de *Pauxis* elevada á cathegoria de villa com o nome de *Obidos* pelo capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que assistio pessoalmente á inauguração. Era então corregedor da comarca Paschoal de Abranches Madeira Fernandes que ali mandou fixar o pelourinho.

Em 1854 foi elevada á cathegoria de cidade.



É MAIS UMA INJUSTIÇA.

«Lembro-me, diz o Sr. Bates, que tão obzequiado foi no Amasonas e que mais grato devia ser, de ter visto em Santarem uma carta geographica. Um dia certo funcionario dos mais elevados, trahio-se perguntando-me de que lado do rio ficava Paris. Excuso dizer que esta pergunta não tinha por fim obter algumas informações topographicas acerca da exacta posição do Sena em relação á cidade de Paris; provinha da idéa de que o universo todo é um grande rio e que as grandes cidades levantam-se invariavelmente em uma ou outra margem. O facto simples de que o Amasonas é um rio limitado, originado de estreitos ribeiros, tendo principio e fim, nunca entrou na cabeça da maior parte da gente, que passa a vida inteira n'aquellas margens.»

O Sr. Bates quiz sem duvida fazer espirito. Felizmente nunca será capaz de declinar o nome do funcionario, que lhe fez aquella pergunta.



OS OBIDENSES E OS SERINGAES.

Os Obidenses agricultores, diz o Sr. Ferreira Penna, reputam como uma boa fortuna o facto de se não haver até hoje descoberto bons *seringaes* no municipio, porque, dizem elles com razão, uma tal descoberta importaria o mesmo que um golpe mortal' dado á industria agricola, que ficaria desde logo privada dos poucos braços que ainda lhe restam.

O PRIMEIRO PORTUGUEZ QUE PISOU TERRAS DO PARÁ.

Chamava-se Antonio de Deus o primeiro portuguez que pisou a terra do Pará, por occasião da expedição de Francisco Caldeira Castello Branco.

Foi no dia em que commemora a Igreja a festa de S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, a quem tomaram por principal patrono da conquista e feliz prenuncio da expedição, motivo porque na casa da alfandega do Pará conservou-se por muitos annos a sua imagem em um magnifico quadro.



' CUMBARU' OU CUMARU'.

(*Dipterix odorata*). E' uma arvore colossal, de folhas pennadas e foliolos alternos, as flores são papilionaceas terminaes, dispostas em racimos; o fructo é legume ovoide, formado de um tecido esponjoso, contendo uma unica semente branca por dentro e coberta por uma pellica escura. Esta semente é de sabor amargo, de cheiro aromatico particular e comparavel ao do meliloto, porém mais activo.

Com as sementes ou favas costumam aromatizar as roupas e preserval-as assim dos insectos. Tambem deitam no rapé para dar-lhe assim cheiro agradável.

O Dr. Martius é de opinião que as favas do cumarú podem ser empregadas como nervino, analeptico, cordial, diaphoretico e emmenagogo.

Extr. cumarú
Pará

Guiburt demonstrou que a materia gordurosa contida na fava era um principio immediato particular, que denominou *cumarina*; esta é aromatica, branca, cristallina e aproxima-se muito aos oleos essenciaes.

A amendoa é empregada em tintura alcoolica, na dóse de um a dous escropulos; a casca, de uma a duas onças em decocção, internamente. A tintura aproveita na amenorrhéa e o cosimento da casca na siphilis, podendo com vantagem substituir o *guaiaco*.



CUPACA'.

Lago á margem direita do Solimões, onde por ordem do governador Berredo foi destruida a aldeia dos indias *Achouaris*.

Nas margens d'este lago, com o occulto fim de dar direito futuro aos hespanhóes, tentou o commissario hespanhol Requena crear diversos estabelecimentos; não podendo entretanto levar avante o seu intento, porque, penetrando aquelle designio o governador da capitania Manoel da Gama Lobo d'Almada, obrigou-o a abandonal-os.



MARUPÁ-MIRY.

Dizem que a raiz d'este arbusto, em infusão, é poderoso remedio contra as diarrhéas.

GOVERNO DO PARÁ.

A provincia do Pará tem sido governada :

—Por 6 capitães-móres, dos quaes o primeiro foi o seu illustre fundador Francisco Caldeira Castello Branco e o ultimo Bento Maciel Parente, o que entregou covardemente aos inimigos a fortaleza e ilha de S. Luiz do Maranhão.

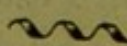
—Por 38 capitães-generaes, sendo o primeiro Francisco Coelho de Carvalho, que morrêo em Cametá e o ultimo Antonio José de Souza Manoel de Menezes, conde de Villa-Flor e depois duque da Terceira.

—Por 35 presidentes, sendo o primeiro José de Araujo Roso, coronel de milicias e por 32 vice-presidentes.

O governo dos 6 capitães-móres, durou 11 annos, de 1615 a 1626.

O dos 38 capitães-generaes durou 194 annos.

O dos 67 presidentes e vice-presidentes tem durado 49 annos.



CICANTÁA IHU'A.

E' o nome indigena da arvore conhecida por—pão de breu. Dizem que o leite é bom para feridas. Purifica-se e reduz-se á forma de pães para se guardar.

Quando depois tem de ser empregado, mistura-se com qualquer oleo ou azeite, e derretido ao fogo, fica sendo o breu ordinario, empregado no calafeto das canoas.

HABITAÇÃO DOS INDIOS.

Moravam os indios, diz Cardim, em aldêas, em umas *ocas* ou casas muito compridas, de 200, 300 ou 400 palmos, e 50 em largo pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão cobertas de pindoba e duram 3 ou 4 annos; cada casa d'estas tem dous ou tres buracos sem portas nem fecho. Dentro n'ellas vivem logo 100 ou 200 pessoas, cada qual em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram de uma parte e outra, ficando'grande largura pelo meio, e todos ficam como em communidade e entrando na casa se vê quanto n'ella está, porque estão todos á vista uns dos outros sem repartimento nem divisão porém é tanta a conformidade entre elles que em todo o anno não ha uma peleja; e com não terem nada fechado não ha furtos; se fôra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre elles. »

*Manoel
Mendonça
fig. a
em*

MATRIZ DE N. S. DA GRAÇA.

A igreja de Nossa Senhora da Graça, mandada levantar por Francisco Caldeira Castello Branco, foi a primeira matriz da nascente colonia do Pará. Foi o seu primeiro vigario, o padre Manoel Figueira de Mendonça, sendo por isso o primeiro na linha dos parochos da capitania do Gram-Pará

FREI JOSÉ DAS CHAGAS.

Foram muitos e importantes os serviços que prestou este virtuoso carmelita á catechese dos indios da provincia do Amazonas.

Villa Bella da Imperatriz talvez só a elle dêva a sua existencia e a sua tal ou qual prosperidade; *Canuman* mereceu-lhe particular sollicitude; a aldêa de *S. José de Matary* foi por assim diser creada por elle; Borba sentio os effeitos de sua mão beneficente; em uma palavra toda a região da Mundurucania conserva ainda bem viva a lembrança do seu nome, das suas virtudes e dos seus beneficios.

Era o verdadeiro typo do missionario catholico, o amigo dedicado dos indios que tambem lhe votavam essa affeição sincera, profunda e dedicada dos filhos das selvas.

Foi Frei José das Chagas o primeiro que devassando as mattas do rio *Mauê-assú*, conseguiu chamar a si grande numero de indios da tribu *Mauês*, com os quaes augmentou a população de *Villa Bella*.

Tratava os seus cathecumenos com a maior doçura; apostolo da caridade, repartia com elles do que possuia, consolava-os em suas contrariedades, tratava-os com disvelo em suas enfermidades, fornecendo-lhes não só os medicamentos necessarios como a dieta.

E não era somente aos indios que estendia a sua generosidade. Possuindo alguma fortuna, della dispunha em beneficio publico principalmente na sustentação e brilhantismo do culto. Em testemunho d'esta asserção, ainda estão em *Villa Bella* os ricos paramentos que servem nas gran-

des solemnidades, o frontal, o missal e outros objectos que por elle foram comprados e doados á matriz.

Tambem, segundo nos consta, foi por elle doado ao seu convento em Belem, no tempo em que ali servio de prior, o orgão que ainda hoje la funciona.

Depois de uma vida affanosa, toda dedicada ao serviço do proximo e á catechese dos indios, já adiantado em annos e em estado de caducidade, falleceu na villa de Borba, deixando n'essa parte do Amazonas um nome, que por largos annos ali será repetido com a mais profunda veneração e respeito.

Fallava Frei José das Chagas com muita graça e propriedade a lingoa geral, e no pulpito somente d'ella fazia uso quando se dirigia aos indios.

Foi o verdadeiro Las Casas e Anchietta da Mundurucania.

TAUARY.

(*Lecythis Bignonia*) «Arvore notavel, diz Baena, por suas grandes sapopemas ou largas pranchas, que as raizes formam, alteando-se sobre o lenho em feição triangular com a base do lado das mesmas raizes.»

E' aproveitavel o *alburno* ou segunda casca. Faz as vezes de papel no uzo do cigarro e tambem presta-se ao fabrico de cordas.



O CARACTER DO INDIO.

Eis o que a respeito pensa o Sr. conselheiro Brusque:

O caracter do indio é o mesmo em todas as tribus, com as raras excepções que a civilisação tem já estabelecido.

Inaccessivel a todo o sentimento generoso, indifferente a todos os motivos de gloria, de honra e de reconhecimento.

Vingativo, porque a idéa de perdão não cabe em sua intelligencia de indio.

Para elle o sangue pede sangue, quer seja em aguerri-do combate, quer por effeito da mais execranda traição.

Faminto e insaciavel quando encontra a abundancia de meios de lenir a lei da fome, sobrio e soffredor em extremo quando lhe fenecem os recursos.

Indolente, inimigo do trabalho, sem inquietação pelo futuro, incapaz de previdencia e reflexão.

Entretanto é em geral docil ao aceno do homem civilisado, á cujo trato se sujeita, até que a impassibilidade de seu caracter se esgote, sempre porque o trabalho lhe repugna.»

Apreciando o indio por outra face, assim se exprime o Sr. G. Dias:

«Sendo muito vigorosa a sua compleição, resistem os indios tanto aos mais duros trabalhos, que Ulloa os chama *insensiveis* pela coragem com que supportam os soffrimentos; em outra parte os denomina *animaes*, porque são robustos e não os encommoam muito as fadigas e as intemperies. Soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem, a

sede e a fome, e raras vezes adoecem; bem que affrontem a humidade, o calor e o frio, sem tomarem precauções contra molestias. A prova mais concludente da sua optima constituição é o costume que tem as mulheres indigenas, de paridas lavarem-se logo em agoa corrente, continuando no mesmodia no seu trabalho, como si nada lhes houvesse acontecido.

Os velhos ignoram os males da decrepitude, possuem o goso dos sentidos, como na mocidade, conservam os dentes intactos e os cabellos que não cahem nem alvejam nunca, tem a vista, o ouvido, o olfato finissimos. os movimentos desembaraçados e o rosto pouco enrugado.

Quanto á longevidade, d'Orbigny conhecendo a difficuldade de a determinar, dá-lhes o maximo de 100 annos, observando porém que poucos passam além de 80. Dizem Lery e outros que chegam aos 120 e mais annos. »

Em outra parte .

«Educados nas florestas com um tacto de observação extremamente delicado, adqueriam invejavel perfeição de sentidos. No borborinho confuso das florestas, distinguem sons quasi imperceptiveis, que lhes revelam a passagem de um animal, quebrando os ramos, ou a marcha cautelosa do guerreiro que os evita. Pelas pégadas que viam impressas no chão distinguiam a tribu que ali passara e pelo olfato a direcção que levava. Olhos de lince, descobriam nas sombras das florestas o inimigo ou a presa, e com o arco despediam por entre as folhas a morte rapida e silenciosamente.»

CURUPIRA.

Diz o Sr. Gonçalves de Magalhães : São os espiritos dos pensamentos, segundo Simão de Vasconcellos. Mas no *Diccionario portuguez e brasileiro*, publicado em Lisboa, vejo *jurupary* corresponder á palavra diabo, e *curupira* á demonio, que apparece no matto.

Sendo pois certo que os indios acreditam na existencia de uns espiritos, que apparecem nos bosques, inclino-me a crer serem estes os denominados *juruparys* e não *curupiras*, sendo estes ultimos os espiritos que presidem aos pensamentos, como diz o citado chronista Vasconcellos.



AMATARI.

E' um lago da Guyanna, na margem esquerda do Amazonas, entre Arauató e Puraquê-cuara.

Pertod'ahi fica a aldêa ou povoação de S. José de Matari ou Amatari, na margem septentrional do Amazonas, entre os desaguadouros do lago de que toma o nome, 63 legoas acima da foz do rio Jamundá ou Nhamundá.

Ha ainda um outro lago Amatari, na margem direita do rio Madeira, acima da freguezia de Borba, na Mundurucania.



POESIA.

À menina M. M. natural de Villa Bella da Imperatriz.

—Dizem que as flores vivem só um dia,
Creio; e nem digo haja n'isto enganos;
Porém affirmo n'um jardim ter visto
Mimoso lyrio completar dez annos.

E esse mysterio, apesar do tempo,
Inda não tinha desbrochado em flor;
Estranho, occulto, no tugurio ameno
Só se entretinha do materno amor.

Ai ! casto lyrio ! Si algum anjo amigo
Te recolhesse em virginal botão,
Livre tu fòras dos favoneos tredos,
Que laços armam de infernal traição !

N. A.

Obidos.

CHRISPIM DE LEAO.

O lugar onde actualmente se acha estabelecida a freguezia de Nossa Senhora do Bom Soccorro do Andirá, foi em seu principio uma pequena fazenda de criação de gado pertencente a Manoel da Silva Lisboa, que não podendo supportar as tropelias do indio Chrispim de Leão, abandonou o estabelecimento, afim de fugir aos sanguinarios instinctos d'aquelle façanhudo indio, que tão celebre ali se tornou pelos crimes e atrocidades que perpetrava.

A ultima façanha d'esse mão homem, foi o incendio por sua propria mão lançado á nascente povoação. Antes porém que a immensa fogueira ateada por elle houvesse desapparecido, morria Chrispim de Leão atravessado por uma bala, lançando um ultimo e satanico olhar para a sua obra de destruição.

Ainda hoje no Andirá fallam d'esse homem com horror e repugnancia.

CATITU'

E' um porco bravo. Tambem dão-lhe o nome de *Caititú* e ainda *Taititú*. O denominado *queixada* é o maior e muito bravo, mormente quando sente cães e sobretudo si no bando ha filhos pequenos.

O *tiririca* é muito pequeno e o mais bravo de todos.

Respeitam-n'os tanto as onças, que quando querem matar algum, trepam a uma arvore, por cujo sitio sabem que elles hão de passar, e atiram-se então sobre o ultimo, depois de haver passado o bando.

COMARCA DE PARINTINS.

Foi creada por lei provincial de 24 de setembro de 1858. Compõe-se dos municipios de Villa Bella da Imperatriz e Villa da Conceição. (Maués)

OS JACARÉS DO AMAZONAS.

(Reptis da ordem dos *Saurios* e do genero *Alligator*).

E' extraordinaria a quantidade de jacarés, que infestam os rios e lagos das duas provincias do Pará e Amazonas.

Affirmaram-me que são muitas vezes as montarias obrigadas a passar por entre alas extensas d'esses temiveis amphibios.

Ha muitos de um tamanho déscommunal e que são verdadeiros monstros d'estas paragens perigosas. Nas montarias algumas veses atacam o homem, mormente quando se vem perseguidos e harpoados, e vibram com a enorme cauda taes pancadas contra ellas, que fazem-n'as virar. Em Obidos referio-me um dos mais destros pescadores d'aquellas circumvisinhanças e homem sizudo, que harpoando uma vez por engano um jacaré, investira este furiosamente contra a montaria em que se achava e com tal força lhe agarrrara as bordas, que despedaçou-as, e victimas seriam os que nella estavam, si a mão possante de um remador não vibrasse contra a cabeça do monstro um golpe certo, que atordoando-o, obrigou-o a largar a presa.

São em geral mui grandes os jacarés do Amazonas, medindo alguns até 20 palmos, e mais. A cabeça é immensa, allongada e pezada, constituindo só ella quasi a terça parte do seu comprimento. Os olhos, superiores á superficie do casco, parecem indicar a malicia de que é dotado. A goela é enorme e tem armadas as queixadas de uma ordem de dentes muito fortes e agudos, o corpo é sustentado por quatro patas, cobertas de uma casca durissima, assim a modo de pequenas conchas; o dorso é de cor escura e coberto de

uma pelle rugosa e tão dura, que offerece resistencia ás balas d'espingarda, que n'ella se achatam. Para matal-os, é mistér que a pontaria seja feita nos olhos, nos ouvidos, na parte inferior da garganta ou no ventre. Em terra são muito mais perigosos do que n'agoa, e dizem que depois de terem provado a carne humana, são perigozissimos, porque assaltam com a maior temeridade.

Para atacarem mais á salvo, costumam os jacarés occultar o corpo debaixo d'agua, ficando-lhes somente os olhos de fora d'ella, de modo a poderem espreitar a presa sem serem vistos, e assim muitas vezes assaltam as pessoas que descuidadas se vão banhar á margem dos igarapés e dos lagos.

Durante a vasante, e quando as praias ficam á descoberto, costumam sahir dos lagos e rios as femeas dos jacarés, para irem depositar os ovos nas praias e igapós. O jacaré quasi nunca se affasta do lugar em que tem depositado os ovos e quando por qualquer motivo tem a fema necessidade de ausentar-se, ahi fica o macho de guarda para defendel-os de qualquer perigo e preserval-os de qualquer aggressão.

D'entre todos os animaes, são talvez os jacarés os que mais variam de tamanho no estado adulto. Um jacaré talhado para 18 ou 20 palmos, começa a multiplicar a sua especie, antes de haver attingido 8 ou 10 palmos.

Asseveraram-me diversas pessoas que o jacaré nunca ataca no fundo dos rios e lagos e que ali pode-se passar impunemente por ellés e até abalroal-os. Disse-me o meu amigo Sr. tenente-coronel Meirelles que conheceu em Villa

Bella um indio, que muitas vezes, armado de uma faca affada, atirava-se ao rio, mergulhava e começava no fundo a matar jacarés, enterrando-lhes a faca na parte molle do ventre.

Ha duas especies de jacarés : o jacaré-assu e o jacaré-tinga. No Amazonas ha muita gente que aprecia a carne do *jacaré-tinga*, que dizem ser muito saborosa.

Ha ainda outro especie de jacaré, que é antes um grande lagarto, a que dão o nome de *jacaré-rana* (jacaré falso). *(amado)*

O jacaré exhala um cheiro fortissimo de almiscar, que é realmente insupportavel.

PARU'.

E' um dos rios mais notaveis da Guyanna brasileira, de onde desce, lançando-se no Amazonas.

E' navegavel por espaço de 30 legoas, além das quaes encontram-se numerosas cachoeiras. Pouco acima da primeira alarga-se muito, enchendo-se de numerosas ilhas quase todas de terra firme.

Habitam na parte superior diversas tribus de indios, cujas principaes são a—*Aparahy*, que habita no lugar chado *Arimatapurú*, e a *Urucúiana*, que habita na parte superior.

Na barra d'este rio está situada a povoação de *Almeirim*.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO E COM- MERCIO DO AMAZONAS.

O estado actual d'esta Companhia, sob a intelligente e activa direcção do Sr. commendador Pimenta Bueno é assáz florescente.

Além de um optimo trapiche e das officinas bem apparelhadas para concerto e fabrico d'embarcações, possui diversos vapores, bem construidos, com excellentes commodos para passageiros e cargas.

Em 1869, segundo o relatorio da presidencia da provincia, transportou a Companhia 13,386 passageiros, obtendo a receita de rs. 151:918\$513. A dos fretes foi de rs. 425:266\$547, elevando-se a receita total a rs. 517:185\$060, menos rs. 507\$079 que em 1868, não comprehendendo porém na diminuição os fretes, cuja renda excedêo á d'aquelle anno, de rs. 8:209\$693.

O valor da importação subio a rs. 6,902:422\$535, mais rs. 619:293\$462 que em 1868; e o da exportação, a rs. 8,531:384\$450, mais rs. 1,976:470\$469, que n'aquelle anno.

Estes algarismos fallam bem alto e eloquentemente.

O VICE-ALMIRANTE TRISTAO PIO DOS SANTOS.

Falleceu a 26 de Fevereiro de 1841, na cidade de Bellem. Sua morte foi profundamente sentida por toda a população. Jaz sepultado na igreja das Mercês.

CAVALLO MARINHO.

E' esta a denominação de uma ilha, situada no rio *Uay-curupá*, á uma legoa de distancia da sua foz, e no municipio de Villa Bella da Imperatriz.

Forma ella uma bella collina, que domina aquellas circumvisinhanças.

E' crença geral entre os indios e que se foi transmittindo tambem á gente civilisada, que por ali habita, que no cimo da collina existe um lago, que é habitado por um grande peixe, que tem as formas de um cavallo. D'ahi pois o nome de ilha do cavallo marinho.

Sendo ella toda de terra firme, isto é, não sujeita ás inundações, de bello aspecto e de terreno proprio para a lavoura, é entretanto tal o terror que incute o phantastico monstro, que ninguem ousou ainda explorar a ilha, achando-se ella completamente deserta.

No verão e quando as praias mostram-se descobertas, encontram-se em differentes pontos uns como residuos, nos quaes notam-se ossos, cabellos, escamas, pennas e etc.

Dizem os indios que são as fêzes lançadas pelo peixe mysterioso.

MATRIZ DE MONTE ALEGRE

Passa por ser uma das melhores do Baixo-Amazonas. Foi concluida em 1872

A DIOCESE DO GRAM-PARA.

Pela bulla apostolica «*Copiosus in misericordia*» do Santo Padre Clemente XI, de 13 de novembro de 1720, e pela Carta Regia de 24 de maio de 1724 e Decreto de 26 do mesmo mez e anno, foi instituida a Diocese do Gram-Pará; suffraganea ao patriarchado de Lisboa, e a matriz de N. S. da Graça erecta em cathedral.

Segundo as disposições d'esta bulla, compunha-se o corpo capitular de quarenta ministros, divididos em tres jerarchias: a primeira de quatro conegos graduados em arce-diago, arcipreste, chantre e mestre escola; a segunda de conegos simples, dez presbiteros, seis diaconos e quatro subdiaconos; a terceira de deseseis beneficiados.

Mas pela bulla «*Ingeniosa Reginarum Illustrum*», de 13 de novembro de 1787, do Papa Pio VI, por sollicitação do bispo D. Fr. Caetano Brandão, foram abrogados seis canonicatos, quatro presbyteros, dous diaconos e oito beneficios. As congruas respectivas a esses lugares supprimidos, foram pedidas pelo bispopara constituirem renda do hospital da caridade, o que lhe não foi concedido. Entendeu o governo d'então que seriam mais bem applicadas, aggregando-se á receita da fazenda real, a qual d'est'arte augmentou a quantia annual de rs. 1,260\$000, que em tanto importavam as congruas supprimidas.

MAGUARY.

E' uma ave ribeirinha, semelhante ao jaburú: tem ollos verdes.

MAR AMASONICO.

De uma carta do Sr. Dr. Souza Coutinho datada do 1.º de Janeiro de 1866 transcrevemos o seguinte :

»Temos recebido alguns fosseis do alto Purús, todos característicos da formação cretacea. Em 1861 eu suppuz, á vista de alguns dentes, que um dos fosseis fosse o *mosasaurus Camperi*, o grande reptil marinho. O professor Agassiz agora confirmou o meo juizo quanto ao genero,

Temos pois tambem confirmado a idéa do antigo mar amazonico até ao pé dos Andes, contemporaneo do mar cretaceo, que cobrio tão grande parte da Europa. Que o oceano chegava ou banhava as terras que ficam proximas da primeira cachoeira do Tapajós, ja eu sabia desde o anno de 1863, em que achei conchas marinhas no calcareo de Itaituba. Agora acabo de descobrir nas cabeceiras do Maué-assu a mesma formação calcarea e julgo que ella se estenderá para leste do rio Canuman, abrangendo todas as correntes, que entram no paraná-mirim Tupinambaranas. A formação desaparece no Madeira. Para o oriente é provavel que o calcareo tambem se prolongue. Sabe por ventura que se tenha encontrado esta rocha no Tocantins ? »

PACARA'S.

São cestas redondas ou arredondadas, tecidas com palhas fornecidas pelos grêlos das palmeiras tucum, tucuman, muruty e mucajá, tingidas de varias côres, antes de serem empregadas.

QUILOMBOS OU MOCAMBOS.

Constam, segundo os melhores calculos, de mais de 2,000 escravos fugidos os *mocambos* do Trombetas em Obidos e de Curuá em Alemquer.

«Os negros industriados talvez pelos outros companheiros de desterro, diz o Sr. Dr. Tavares Bastos, vivem ali debaixo de um governo despótico electivo; com effeito elles nomeam o seu governador, e diz se que os delegados e subdelegados são tambem electivos. Imitam nas designações de suas autoridades os nomes que conheceram nas nossas povoações. Os mocambos attrahem os escravos; nomearam-me uma senhora que vio em pouco fugirem para ali 100 dos que possuia; outros proprietarios ha que contam 20 e 30 perdidos d'esse modo. Os negros cultivam a mandioca e o tabaco (o que elles vendem passa pelo melhor); colhem a castanha, a salsaparrilha, etc. A's vezes descem em canoas e vem ao proprio porto de Obidos, á noite, commerciar ás escondidas; com os regatões que sobem o Trombetas, elles o fazem habitualmente.»

E pois, além da grande falta de braços com que lutam os agricultores do Amazonas, em consequencia da avultada emigração que afflue para os seringaes, tem ainda de lutar com a praga dos *mocambos*. que são com uma viva e permanente ameaça!

MUERAQUITAN.

E' o nome da celebre pedra que dizem ser fabricada pelas Amazonas. Em geral é de côr verde-clara.

PAGÊS

São os sacerdotes e ao mesmo tempo os medicos dos indigenas do Brazil.

«*Piagé, piache, piaye* ou *piaga*, diz o Sr. G. Dias, era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e de outras partes da America.»

Hans Staden escreve *paygi*; o padre Vasconcellos *payé*; e Damião de Góes *pagé*.

Fugindo d'essa tal qual sociedade que tinham, diz ainda o Sr. G. Dias, retiravam-se á cabanas affastadas e obscuras, ao pé das arvores, á lapa dos rochedos, ou ás cavernas tenebrosas, onde nenhum guerreiro entrava e de cuja visita se abstinham: ali impondo-se privações, padecendo tormentos da necessidade, em um viver austero e mysterioso, e durante longas noites passadas no silencio apenas interrompido pelo borborinho confuso das mattas, dados á meditação, á maceração, ao jejum, tornavam-se os *pagês* excessivamente nervosos e de uma sensibilidade exquisita.

O respeito que inspiravam aos demais fazia com que ainda mais se respeitassem e a consideração em que eram tidos, redobrava aquella em que se tinham a si proprios. Os segredos que possuíam obtidos pela observação e experiencia, ou herdados de seus antecessores, eram como o sello da sua austeridade e o caracteristico do seu valimento para com Deus. Estranhava-se a sua vida, o seu isolamento, a austeridade de seus costumes, e quanto empregavam para grangear prestigio. Suppunha-se d'elles como na idade media dos que se clausuravam, que um guerreiro não

deixava as suas tabas, o seu modo de vida, as suas festas, os seus jogos, as suas guerras, senão por uma vocação forte, por um chamado providencial.

Eram por tanto reputados entes superiores, e em falta de amor, inspiravam um respeito cego e um temor incrível. Conhecendo particularmente a toxicologia americana, o menos incompleto dos seus conhecimentos, e a virtude de certas folhas, plantas e raizes, facil lhes era produzir a morte, a loucura ou provocar uma enfermidade artificial.

Com a reputação que tinham não lhes era também muito difficil attribuirem-se todos os acontecimentos favoraveis ou desfavoraveis, sobrevindo a um guerreiro ou a uma tribo, conforme lhes fosse amiga ou inimiga. Tal era o seu prestigio, que julgava-se serem elles os que inspiravam aos guerreiros o espirito de força e que d'elles dependia o bom exito das empresas—pelo que eram seguidos os seus conselhos, respeitadas as suas ordens e infalliveis os seus anathemas. Si vaticinavam a morte a alguém, nenhuma salvação havia para este, que, levado pela imaginação e prejuizos, se deixava vencer do desanimo, de modo que o terror e a convicção da fatalidade imminente, paralisava-lhe o giro do sangue e o curso da vida. Pelo contrario também, conhecendo elles quão grande era a influencia do moral sobre o phisico, bastava que com algumas ceremonias grotescas assegurassem a vida a qualquer enfermo para que este em certos casos se restabelecesse.»

A LENDA DA MUERAQUITAN.

Referem os índios que perto das cabeceiras do famoso Nhamundá ou Jamundá existe um formozissimo lago, a que dão o nome de *Yaci-uaruá*, que quer dizer—espelho da lua,—a quem é consagrado.

Dizem que em certa quadra do anno e em determinada lunação, faziam as *icamiabas* ou mulheres sem marido (amazonas) á margem d'esse lago uma festa dedicada á lua e á mãe da mueraquitan, que alli morava.

Depois de assim se purificarem por alguns dias, porque a festa era expiatoria, mergulhavam no lago, em horas adi-antadas e quando nas agoas lisas e tranquillias do *yaci-uaruá* reflectia-se a luz pallida do astro da noite.

Da mãe da mueraquitan recebiam então a pedra com as configurações que desejavam, porque era certo que trazida á luz do sol, tomava a consistencia que se lhe observa, sendo impossivel dar-lhe qualquer outra forma.

Aos homens da tribu favorecida distribuiam as *icamiabas* ou amazonas a dita pedra quando por elles eram visitadas em certas epochas do anno.

A' essa pedra attribuiam grandes virtudes contra os males e ainda hoje os índios a consideram como um precioso talisman.

Actualmente muito difficeis de encontrar se têm tornado as mueraquitans ou pedras das amasonas, tornando-se d'est'arte ainda mais preciosas pela raridade.



VILLA DE BARCELLOS.

O indio Camandri, principal ou chefe dos Manãos, foi o seu fundador e deo-lhe o nome de *Mariuá*. Está situada na margem direita do Rio Negro,

Logo acima da villa, e servindo-lhe de limite, corre um grande igarapé de agoa branca, denominado *Pae grande*. No tempo da cheia do Rio Negro, nos mezes de Fevereiro e Março, as agoas d'este rio represam as do *Pae grande* e vê-se perfeitamente a separação das duas agoas de cores differentes. No meio da villa e cortando-a, corre um outro igarapé, porém muito menor, a que dão o nome de igarapé da Ponte.

Por ordem do governador do Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi a antiga aldêa de *Mariuá* indicada para a residencia da commissão mixta de demarcações, portugueza e hespanhola.

O mesmo governador em 1758 elevou-a á villa com o nome de Barcellos e no anno seguinte teve lugar a reunião da commissão, da qual, por parte de Portugal, era chefe o mesmo governador e por parte da Hespanha D. José Iturriaga.

Foi por algum tempo sede da capitania do Rio Negro, até que em 1804 o governador conde dos Arcos a fez trasladar para o lugar da Barra, onde é hoje Manãos.

Em Barcellos nascêo o poeta Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Esta villa, que já possuiu um palacio, residencia dos governadores, uma casa de polvora, um quartel, uma ribeira

de canoas, uma olaria, uma fabrica de pannos de algodão, um armazem real e um convento carmelitano, acha-se hoje na maior decadencia.

O matto invadio o palacio dos governadores, cujos alicerces ainda existem, e na margem do rio ainda vêm-se grandes peças de marmore, que deviam ser transportadas para a fronteira afim de servirem de marcos na linha divisoria.

E' Barcellos a villa do Amazonas, onde, segundo a opinião do capitão tenente Amazonas, concorreram em maior numero illustres personagens e onde, não obstante o deserto em que está encravada, si poudes observar a diplomacia européa em todo o apuro de sua duplicidade e cavillação, officiosidade e cortezia.

CAUIXI.

E' a materia que no Rio Negro e em outros, mas somente nos d'agua preta, se agglomera nas raizes das arvores das margens d'estes rios. O *cauxi* apresenta a forma da esponja e tem propriedades causticas.

Os naturaes utilisam-se da cinza do *cauxi* para fabricarem louça, misturando-a com argila.

MACROBIOS.

A' 26 de fevereiro do corrente anno (1873) falleceu na villa de Alemquer, municipio de Santarem, o preto liberto Domingos Ramos Vieira com 102 annos de idade, e no dia 10 de março do mesmo anno falleceu uma irmã do mesmo com 110 annos. Ainda existe um a irmã dos dous, que conta 92 annos.

Não são raros os casos de longevidade n'essa comarca, onde ha individuos de 90 e 100 annos que trabalham regularmente e acham-se no goso pleno de suas faculdades intellectuaes.

Fallando da Villa de Portel, em um interessante relatório apresentado à presidencia da provincia, diz o Sr. F. Penna, que o vigario da freguesia, mostrando-lhe a igreja, apresentou-lhe um assentamento, lançado no livro dos obitos, de uma mulher tapuia, fallecida com 55 annos, em 1863.

«Este parocho, que é um dos sacerdotes mais intelligentes do bispado, diz o Sr. F. Penna, calculou a idade da fallecida, tomando por base a declaração, que ella havia feito a muitas pessoas e ao mesmo vigario, pouco antes de fallecer, de que, quando era moça, estava-se fazendo a igreja actual da Villa, e que, conjunctamente com outras pessoas, havia carregado terra para se fazer as paredes da mesma igreja.

«Já disse, continúa o Sr. F. Penna, que a data da collocação das portas da matriz era de 16 de Julho e 5 de Agosto de 1723; Barbara Rosa (era o nome da tapuia fallecida) que n'essa época já era moça, não podia ter então

menos de 15 annos; do que se deve concluir que seu nascimento teve lugar em qualquer dos annos de 1706 a 1708».

E pois contava a avançada idade de 155 annos.

Diz Baena, em sua *Corographia*, que consta do livro de obitos da igreja de Cajary, que havia ali fallecido uma mulher india com 200 annos de idade.

O illustrado e virtuoso bispo do Pará D. Fr. Caetano Brandão assevera no seu Roteiro ou viagem pelo Amasonas ter lido o assentamento do obito d'essa mulher india, no livro da igreja de Cajary.

Em 1756 morreu em Obidos, com 136 annos, o velho Francisco Antonio Figueira.

Era ainda muito forte e robusto. Com mais de 100 annos, disse-me o seu neto, ainda o velho Figueira subia na palmeira *assahy* para colher-lhe os fructos.

Asseverou-me o Rvdm. vigario de Obidos ter fallecido ali, havia pouco tempo, uma mulher tapuia, com quasi 150 annos.



EXECUÇÃO.

A dos *tuchauas* ou chefes manãos, Ambrosio e João Damasceno e do indio Domingos, teve lugar em Caboquena em 1757. Foram chefes da rebellião que reduzio á cinzas alguns povoados do Rio Negro.

Foi occasionada pelo despeito que concebeu um indigena, por pretender um missionario separal-o da sua amante.

ACAUA'N E TAMBEM MACAUA'N.

E' uma ave grande e de rapina. Canta, parecendo que repete o nome pelo qual é conhecida e isto em tom muito alto e prolongado.

Tem a cabeça grande e cinzenta, a barriga, o peito e o pescoço vermelhos, as costas pardas, as azas e a cauda pretas, malhadas de branco.

Os supersticiosos julgam-n'a agoureira de grandes males e calamidades. Os indigenas quando esperam algum hospede, affectam conhecer pelo canto d'esta ave o tempo em que aquelle deve chegar.

A *acauán* é inimiga das cobras: quando succede vêr alguma, tem como que certa senha, que usando d'ella, apparece logo uma outra *acauán*: repentinamente investem ambas á cobra, por maior que seja esta, por diversos lados, escudando-se com uma das azas: emquanto a cobra está occupada com a que tem em frente, a outra fere-a pelo lado opposto e dest'arte cançam-n'a e matam-n'a para comerem-n'a.

Diz o Sr. Gonçalves Dias que a *acauán* sustenta os filhos com cobras e pendura-lhes as pelles, como trophéus: na arvore em que habita. Tambem assevera que os ovos de *acauán* seccos e reduzidos á pó são contraveneno do veneno das cobras.

OLEO DE CRAVO.

E' extrahido da semente e da casca da arvore *dicypellium caryophyllatum*, pertencente á familia das laurinéas.

Usa-se d'elle na perfumaria e é tambem empregado nas affecções odontalgicas. Empregam tambem a propria casca da arvore, ligeiramente preparada ao calor do fogo, no mesmo lugar em que a mão des truidora do homem derubava a arvore para extrahil-a.

Do cêpo, que lhe deixaram, renascem novos brctos, mas sómente depois de 30 annos é que fica em estado de prestar-se á nova operação.

A descoberta, no Pará, do páo cravo, é quasi contemporanea dos primeiros estabelecimentos coloniaes d'esta região. Desde que se fez conhecido na Europa, tomou taes proporções a sua procura, que de 1660 a 1670 não se exportava menos de 10,000 arbs. por anno, segundo se infere de documentos d'aquelle tempo (1).

Esta consideravel exportação e o preço exorbitante a que subio, excitaram de um modo extraordinario a cubiça dos negociantes ou fornecedores e a sua extracção se fazia com um frenesi que não deferia muito da loucura.

Representava então o cravo o papel que hoje está representando a borracha no Pará e no Amasonas: do minava todos os espiritos, distrahia o maior numero de braços e alimentava a cubiça de todos os colonos.

(1) Esta noticia devo-a ao estudo e trabalho do infatigavel Sr. D. S. F. Penha.

O processo que empregavam na colheita do cravo denunciava instinctos selvagens; ninguém já se satisfazia com o despojar sómente a árvore da sua preciosa casca; mas para mais depressa chegarem a seu fim, a deitavam abaixo e esfolhavam até a raiz o resto do tronco decepado.

Ainda mais; para fazerem render melhor a industria, lançavam mão da falsificação por methodos engenhosos, que a cubiça lhes ensinava.

O governo da metropole e os governadores procuraram os meios de obstar a devastação de tão uteis arvores, de conservar-as, cultivar-as e proteger e ennobrecer o seu commercio.

Antonio de Albuquerque, com o fim de dar um golpe no monopolio que se tinha estabelecido, fez baixar o preço do cravo a 6\$000.

Gomes Freire pediu e expedia providencias energicas contra a devastação geral das arvores; e Cezar de Menezes representou contra as falsificações.

A còrte não approvou as medidas tomadas por Antonio de Albuquerque, extranhou-lhe taxar preços nos generos e ordenou-lhe que deixasse o povo vender seu cravo como bem lhe parecesse; mas providenciou successivamente em medidas convenientes: assim sujeitou á penas de cadêa e multa os que falsificassem o cravo ou cacáo; prohibiu o còrte das arvores, dando certos preceitos sobre o modo e o tempo em que esse còrte podia ter lugar; prohibio que em cada anno se exportasse mais de 4,000 arbs.; ordenou a plantação de 100 pés novos junto ás povoações, para se reproduzir e augmentar os seus productos e commercio.

Não sei, diz o Sr. F. Penna, si taes preceitos e ordens foram fielmente observada ; mas a devastação continuou, posto que em menor escala e provavelmente não parou senão onde já não havia arvores a derribar e troncos a esfolar.

Em princípios e meados do seculo passado, ainda o cravo apparecia em quantidade não pequena; assim os jesuitas do Pará em 1728 receberam das diversas missões nos armazens do seu Collégio 774 arbs. e 23 lbs, como consta de uma certidão do respectivo procurador.

Em 1753 só um navio exportou para Lisboa 4,344 arbs. e 27 lbs.

Comparando-se esta exportação, aliás parcial, com a que têm havido nos nossos dias, nota-se uma baixa extraordinaria na producção, devendo-se ainda observar que a maior parte da quantidade exportada n'estes ultimos 30 annos é procedente da provincia do Amasonas,

De 1836 a 1852, na provincia do Pará, a media da exportação foi de 910 arbs. e 25 lbs, e no decenio de 1852 a 1862 foi apenas de 320 arbs. e 9 lbs.

Assim a exportação total n'este ultimo periodo (de 1852 a 1862) que apenas chegou a 3,203 arbs. e 2 lbs, foi menor que a parcial de 1753, que chegou a 4,344 arbs. e 27 lbs.

TUCUPI.

É o caldo da mandioca fervido e com pimenta.

TROCANO.

Era o instrumento de guerra de q uasi todos os gentios do Pará, diz o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, —como o havia na aldeia antigamente chamada do Trocano, hoje Villa de Borba. Serve ao gentio de caixa de guerra para as suas chamadas, e tambem para os avisos, que de parte á parte fazem umas a outras aldeias, quando ha novidade que participar aos alliados, que estão mais distantes. De sorte que a primeira aldeia, que ouve o signal do Trocano, o participa a outra sua immediata, fazendo o mesmo signal, e assim em breve tempo se avisam ainda as que estão mais remotas. Tambem serve para chamada de baile e se distingue pelo differente toque.

«Fazem-n'o de algum tronco de arvore, cuja madeira seja dura e compacta, que não suffoque o som, que procede das pancadas das vaquetas. A *Cupi-ihua* é uma das mais empregadas. Escavam o tronco ao fogo, e dão polimento á obra com os dentes de cutia, caititú e conxa uruá, com que lhe abrem seus lavoies. Nem todos tem o mesmo numero de aberturas, mas duas, tres e mais. A forma tambem varia, pois o que descreve Gumilla no seu *Orinoco illustrado* tem a figura de um rabecão.

«As vaquetas são duas maças á maneira de embolos de seringa, com estopadas feitas de nervo de borracha, ou com os engaços do cacho da palmeira *putauá*. Para o tocar, suspendem-n'o do chão com o cipó *timbó-titica*, sobre duas forquilhas.»

INAJA'.

(*Maximiliana Regia*). E' uma palmeira que dá fructo da feição de um côco pequeno e em cachos. Come-se crû, cosido ou assado. O caroço d'este fructo serve aos seringueiros na falta do *uricury* para dar consistencia á borraça.

Cs foliolos d'esta planta ainda não abertos, e a epiderme dura e lisa do peciolo das suas folhas, são também aproveitaveis.

Servem os foliolos para o fabrico de esteiras e chapéos grossos e as laminas delgadas da epiderme para paneiros, cestias e muitos outros objectos semelhantes.

OLEO DA SERINGUEIRA.

E' obtido do fructo da arvore da gomma elastica ou seringueira.

E' fixo e de cor roxo-clara. Póde ser vantajosamente empregado no fabrico de sabão duro e de tinta typographica. Não tem desecativo como a linhaça, mas sendo misturado com a gomma copal e therebentina, dá um verniz analogo áquelle que se prepara nas mesmas condições com o oleo de linhaça, e póde ser empregado nas mesmas circumstancias. Também póde substituir o oleo de linhaça nas preparações que empregam cs vidraceiros.

RESTITUIÇÃO DE CAYENNA.

Em virtude do artigo 107 do tratado de Vienna de 1815, evacua as tropas do Pará a colonia franceza de Cayenna; mas sómente em 1819, no governo do conde de Villà Flôr, é que a restituem aos francezes.

Eis a integra do art. 107 do tratado de Vienna :

«S. A. R. o principé regente de Portugal e do Brasil, para manifestar de maneira incontestavel a sua consideração particular para com S. M. Christianissima, convém em restituir a sua dita Magestade a Guyana franceza até o rio Oyapock, cuja embocadura está situada entre o 4.º e 5.º grãos de latitude septentrional: limite que Portugal sempre considerou como o que fôra fixado pelo tratado de Utrecht.

«O tempo em que haja de ser entregue esta colonia, será determinado, tão depressa as circumstancias o permittem, por uma convenção particular entre as duas côrtes, e se procederá amigavelmente á fixação definitiva dos limites das Guyannas Portugueza e Franceza, segundo o preciso sentido do art. 8.º, do tratado de Utrecht.»

Ainda se concertou uma convenção em Paris entre Francisco José Maria de Brito, por parte do reino unido de Portugal e do Brazil e o duque de Richelieu pela da França, assignada em 28 de Agosto de 1871.

O art. 1.º d'esta convenção diz assim :

«S. M. Fidelissima, animado do desejo de dar execução ao art. 107 do acto do Congresso de Vienna, se obriga a entregar á S. M. Christianissima, dentro de tres mezes ou

antes, si fôr possível, a' Guyanna franceza até o rio Oyapock, cuja embocadura está situada entre o 4.º e 5.º grãos de latitude septentrional, e até resentos e vinte dous grãos de longitude a E. da ilha de Ferro, pelo parallelo de dous grãos, vinte quatro minutos de latitude septentrional.»

A conservação da colonia, por espaço de dez annos, pouco mais ou menos, foi assás onerosa ao governo do Pará, em consequencia das grandes despesas, que era obrigado a fazer e dos continuados recrutamentos, que atormentavam a população e entorpeciam a lavoura. Confessam os francezes a moderação com que foi a colonia regida tendo á testa da administração um magistrado brasileiro, com o nome de intendente e conservadas as suas instituições, de modo que parecia antes um deposito do que uma conquista.

URU.

É uma pequena cesta de palha de *guarumã* ou outro qualquer ou cipó fino, de tampa corredia e formas caprichosas, e muito conhecida e usada nas duas provincias do Valle do Amasonas.

Bem que não seja usado a tira-cólo, póde-se dar a esse samburasinho a denominação de «indispensavel».

Em casa, assim como na pesca ou na caça, serve-se invariavelmente o indio do *urú*, para acautelar pequenos objectos do uso diario e com especialidade para guardar o *isqueiro* e seus pertences, o *taiary* e o tabaco.

«Urü, diz Ferreira, são cestinhos que fazem os gentios do Rio Branco, e trazem como os soldados as patronas, servindo-lhes de handoleiras cordões de algodão tingidos de *urucú*. São tecidos das cascas dos talos da planta *guarumã*, e servem-lhes para guardar o urucú, collares, braceletes e suas curiosidades».

OLEO DE JUPATI.

E' extrahido por decocção ou pela expressão da polpa do fructo d'aquelle nome, produzido pela palmeira *Sagus toedigera*, da familia das palmaceas.

E' fixo, de côr vermelha e muito amargo.

Deve servir para o fabrico do sabão.

COLONIA DE OBIDOS.

Achava-se situada á margem esquerda do Amazonas, mui proxima á foz do rio Trombetas. Era limitada ao sul pela margem esquerda do Amazonas; á leste pela linha que passa pelo igarapé *Sucurijú*; ao poente pelo igarapé e lago Kiri-Kiri, tendo uma frente de cerca de duas legoas d'estensão; e ao norte era cortada pelo rio *Curussambá*.

RECORDAÇÕES DE OBIDOS.

Na pequena collina em que está assentada a cidade de Obidos, ainda vêm-se os restos de uma capellinha dedicada ao Senhor Bom Jesus.

Fica-se triste ao contemplar aquellas ruínas, que o matto espesso e cerrado tem já invadido e que attestam a fé e a piedade d'essa geração, que já se foi.

Ao lado da capellinha havia um cemiterio, onde iam descansar aquelles que cahiam vencidos n'esse longo combate travado com o mundo. Hoje não existe mais o cemiterio. O rio, alluindo pouco a pouco a terra, ia desmoronando a collina e os ossos, d'aquelles que ali dormiã, julgando-se á coberto dos contratempos e vaivens do mundo, eram arrebatados pelas aguas e sepultados na voragem do rio.

Ainda ali dormem alguns craneos, ainda ali existem alguns ossos, que serão arrebatados como os outros no torvelinho das aguas, si de lá não forem arrancados pela piedade dos vivos.

Eis o que acerca da antiga capella do Senhor Bom Jesus referio-me uma velha e respeitavel senhora, que é uma das mais vivas tradições de Obidos :

«—Fazem mais de 60 annos, me disse, muito mais; eu era ainda muito creança; nem se fallava na *cabanagem*, que é quasi negocio de hontem.

Que cousa terrivel que era a *cabanagem* ! . . .

Quanto soffremos todos nós, por causa desses homens, que queriam o que ninguem sabia e nem elles sabiam !

A *cabanagem* foi o flagello lançado por Deos para punir-nos; foi como a peste que assolou esta terra onde nasci; tudo soffria; parecia que o proprio tempo andava triste

«Fico triste sempre que fallo na *cabanagem* . . . Fazem mais de 60 annos; eu era ainda muito creança. Era vigario de Obidos o reverendo padre Raymundo Antonio Martins, a quem Deus lhe falle n'alma.

«Si era bom ou máo, não sei, que me não compete a mim tomar-lhe contas que só a Deus devia prestar; mas o que é certo é que tinha inimigos.

«Um dia,—lembro-me como si fôra hoje, estava eu no *sítio* com meu pae. Veio ver-nos meu tio. Estava triste, como si grande magua lhe pezasse no coração. Perguntou-lhe meu pae o que havia, e referio-nos elle, que na noite anterior diversos individuos haviam commettido em Obidos um crime horrivel.

Haviam ido á igreja á horas mortas e roubado a ambula e as sagradas particulas, que ali se achavam . . .

«Na manhã seguinte dêra o sacristão pelo sacrilego roubo. A noticia espalhou-se pela Villa, o povo alvoroçou-se e sobre a collina, que fica á margem do Amasonas, foram encontradas intactas as particulas sagradas.

«Então, ahi n'esse mesmo lugar em que os sacrilegos as deixaram cahir, levantou-se a capellinha sob a invocação do Senhor Bom Jesus. O povo prestou-se de bom grado e em pouco tempo offerecia-se sacrificio santo da missa no mesmo lugar em que fôra ultrajado o corpo do cordeiro divino.

«E os sacrilegos foram punidos . . . O povo apontava-os e Deus quiz dal-os perfeitamente a conhecer.

«Nenhum d'elles morreu em sua cama morte tranquilla em meio das benções da familia reunida nenhum

«Um d'elles morreu coberto de lepra; todo o corpo lhe era como uma chaga viva; o outro morreu soltando uivos terriveis e o terceiro acabou affogado no Amasonas, de modo que o seu corpo não repousa em lugar santo á sombra da cruz . . .

«Hoje da capellinha apenas restam os alicerces, que mais dia menos dia a terra alluidã arremessará no turbilhão das aguas.»

CACOAL IMPERIAL.

A' margem direita do Amasonas, algumas milhas abaixo da cidade de Obidos, encontra-se o cacoal imperial.

Esta propriedade constante de um extenso terreno com grandes plantações de cacáo e com uma pequena casa coberta de palha, tem passado por diversas phases.

Tendo primeiramente pertencido a um particular, passou depois a fazer parte dos bens de uma aldeia de indios, administrada pelos jesuitas, os quaes, com os braços indigenas, auferiam importantes lucros em avultadas colheitas.

Depois do alvará de 7 de Junho de 1755 que tirou aos mesmos jesuitas a administração temporal dos indios das

aldeias regias, e do alvará de 17 de Agosto de 1758 que creou o directorio para as mesmas aldeias, passou o cacoal real a fazer parte dos bens do *commum* e como tal administrado pelo respectivo directorio.

Tendo porem a carta regia de 12 de Maio de 1798 abolido os directores das aldeias, foi o cacoal incorporado aos bens da fazenda real.

D'essa época até o anno de 1830, deu-se ao cacoal um administrador pago pelo thesouro nacional, devendo o dito administrador residir em Villa Franca para melhor poder inspecionar o estabelecimento, cujo producto era vendido em hasta publica.

Em 1831 extinguiu-se o lugar de administrador e desde o anno seguinte começou-se a pôr em pratica o systema de arrematação dos productos do cacoal.

Depois de tantas vicissitudes porque tem passado o cacoal, diz o Sr. F. Penna que julga mais acertado vender o Estado aquella sua propriedade.

«O cacoal que dura ha mais de um seculo, nunca foi replantado nem melhorado; pelo contrario tem perdido dez vezes o que era: chegou a ter mais de 40,000 pés de cacoeiros e hoje não excede talvez de 4,000.»

OLEO DE ANDIROBA.

E' conhecido vulgarmente por azeite de andiroba. E' extrahido de amendoas triangulares, encerradas dentro de

um ouriço, produzido pela arvore yandiroba (*carapa guyanensis*, d'Aublet), que se encontra em grande abundancia nas ilhas e varzeas do Pará e Amasonas, e principalmente nas do baixo Tocantins e nas do grande estuario, entre os rios Amasonas e Pará.

O oleo de andiroba é fixo, extraordinariamente amargo e de côr amarella, quando é bem purificado. E' empregado pela medicina, dá excellente luz, no que não será excedido talvez por nenhum outro.

E' fabricado pela expressão ou pelo calor a que se submete o fructo, depois de fazel-o soffrer a maceração. Este ultimo processo é o que geralmente empregam para o seu fabrico e quasi sempre é ao calor do sol, que elle se obtem.

Semelhante processo muito deixa a desejar para chegar ao estado de perfeição. D'elle resulta a perda de grande quantidade de oleo e a imperfeição do producto, a qual lhe não permite obter preço mais vantajoso no mercado.

Entretanto, nem por isso deixa de ser o fabrico do azeite de andiroba uma industria importante. Ha 10 annos, só o Tocantins exportou para Belém 9,865 potes de azeite no valor de Rs. 49,325\$000.

A andirobeira abunda tanto no valle do Amasonas, que seria incalculavel a porção de oleo que se poderia obter, uma vez que fossem empregados processos aperfeiçoados.

OS INDIOS DO APAPORIS E DO JAPURA'.

As margens do rio *Apaporis* são habitadas pelas seguintes tribus: Jaúnas — Jupúas — Detuanás — Tanimbuca-tapuias — Jahahanas — Macúnas — Tocandiras — Uerimás — Barabatanas — Macús — Jacunas — Cumacumans e — Juris.

Todas estas tribus, á excepção da dos Macús, são muito pacíficas.

Os indios que habitam o *Japurá* são: Pureus — Passés — Juris — Xomanas — Maparis — Juamis — Miranhas e — Curetús.



O RIO JACUNDÁ.

Corre parallelo ao Tocantins; é pouco estenso, mas um dos mais notaveis entre o Tocantins e o Pacajá.

Nas primeiras doze legoas contadas de sua fôz, varia a largura d'este rio entre 100 até 300 braças, com fundo sufficiente para navegação á vapor.

As terras das margens são altas para o centro e baixas na sua barra e em alguns outros lugares. Encontram-se n'ellas excellentes madeiras de construcção, como itaúba, páo-rosa, acapú, cedro e maçaranduba; ha tambem grande abundancia de castanhas e jutahi-sica, oleo de copahiba, cravo, borracha e cumarú.

« Passada a boca dos Bócas, á mão esquerda, escreveo

o padre José de Moraes, costeando a terra firme, vamos topar com a boca do rio Jacundá, que corre da mesma forma que os rios Araticû e Bócas, julga-se por maior que os dous, e terá pouco mais de um quarto de legoa de largura. . . . Defronte da boca do rio Jacundá fica uma grande ilha, distante oito legoas da dita boca, aonde está situada a aldeia de Guaricurû (*ou Aricurû, hoje Melgaço*), dos Religiosos da Companhia, e consta dos indios Nheengaibas, que ainda hoje se gloriam de serem redusidos pelo grande padre Antonio Vieira. »

N'este rio não ha actualmente estabelecimento algum de cultura, nem ha povoações, encontrando-se apenas tres ou quatro sitios permanentes.

OS BANCOS DO AMASONAS.

Como acontece em quasi todos os rios, são também os bancos do Amasonas mui variaveis; mas o volume d'agoa é tal que os conserva profundamente submergidos grande parte do anno, permittindo livre direcção mesmo aos navios de maior calado.

Os bancos movediços, em geral formados por uma enchente e que outra faz desaparecer, são raros na entrada do Amasonas.

Os fixos, isto é, os que existem ha muitos annos, também modificam-se com o andar dos tempos, crescendo ou diminuindo, levantando-se ou abaixando-se e deslocando-se em algumas partes, segundo a maior ou menor violencia

das correntes, mas conservando sempre certo aspecto, que os faz reconhecer.

O trecho do Amasonas em que se encontra maior numero de bancos é entre Telfé e o rio Jutahy. E' produzido este phenomeno, na opinião dos professionaes, pela circumstancia de confluirem quasi fronteiros, n'essa região, os dous grandes affluentes Juruá e Japurá.

MUJANGUÊ.

E' uma especie de massa, preparada com ovos de tartaruga ou tracajá e farinha d'agoa e depois desfeita n'agoa para ser bebida.

ANAJA'S.

E' o mais extenso e volumoso dos rios da ilha de Marajó. Tem sua origem nas campinas centraes a O do lago Arary e das fontes do rio d'este nome, e engrossa-se successivamente com o rio Mocoões, que vem dos Mondongos; com o Coruriú, que sahe quase das immediações da contra costa, fronteira á ilha de Mexiana; com o Mapuá e outros rios menores. Entra na bahia dos Vieiras, no Amasonas, depois de communicar-se com o Cajú-una e com o Aramã, que pode ser considerado como um grande braço, que elle lança para Oeste.

Largo e com fundo de 15 a 30 braças em uma metade do seu curso, o *Anajás* offerece uma navegação estensa e livre de perigos, havendo somente um grande baixo fora já da sua barra.

As margens são em geral de terra firme, muito ferteis e arvorejadas, excepto nas cabeceiras do rio, onde só ha campos occupados por muitas fazendas de gado.

Os productos naturaes consistem quase exclusivamente em borracha.

Ha tambem algum caçao silvestre e andiroba.

FR. PEDRO DE CERIANA.

Dominado das melhores intenções á favor da catechese dos indios da provincia do Pará, confiada á sua administração, tratou o finado conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, de saudosa memoria, d'esse importante ramo do serviço publico com interesse de zeloso administrador.

No empenho que tinha de ver realisados os seus desejos, entre outras providencias que tomou, julgou dever nomear o capuchinho italiano Fr. Pedro de Ceriana para missionar a povoação do rio Andirá, que não havia muitos annos tinha sido victima das depredações e violencias do feroz indio Chrispim de Leão.

Aquelle religioso porém, longe de procurar corresponder á confiança que n'elle depositara o benemerito administrador, tratou de fazer, por assim dizer, do Andirá um

Paraguay em miniatura, tendo apenas como unico incentivo os seus interesses particulares.

Não nos sendo possível no pequeno espaço de que dispomos historiar minuciosamente todos os actos praticados pelo missionario Fr. Pedro de Ceriana no rio Andirá, daremos um pequeno resumo dos mais salientes.

Sem respeitar os limites, que se achavam traçados á missão que lhe fôra confiada, tratou pelo contrario de amplial-os, levando-os até as portas de Villa Bella pelo lado do Amasonas, e até o lago do Castanhal pelo do rio Ramos. Em todo o espaço comprehendido n'estes limites por elle traçados, dizem que não consentia sequer um inspector de quarteirão, e nem n'elles podiam cumprir ordens, ainda de autoridades superiores.

Affastando para longe os negociantes que gyravam por aquellas paragens, não consentia que os indios, ainda os mais civilisados, vendessem seus generos a outro, que não a elle, e pondo-se a negociar em larga escala, entabou relações commerciaes com a extincta firma de Crespo & Ferreira, em Obidos, e com a de José Pereira Pinto, em Villa Bella.

De um caracter irascivel e violento, tratava os indios confiados á sua direcção, não com a brandura de um pastor mas com o despotismo de um regulo.

As autoridades de Villa Bella tentaram oppor um paradeiro a taes excessos; a reacção appareceu, mas Fr. Pedro conseguiu manter-se na posição que havia assumido, até que, elevada á provincia a comarca do Alto Amasonas, ele-

vou a assembléa provincial á curato, e logo depois á freguezia, a missão do Andirá.

Fr. Pedro de Ceriana foi então obrigado a retirar-se e partio para a Italia, carregado, não das benções do povo agradecido, mas do avultado peculio, que conseguira reunir.

Que differença entre elle e o missionario carmelita Fr. José das Chagas, cujo nome é ainda hoje pronunciado com veneração e respeito em toda a comarca de Parintins !

FORÇA

Na margem direita do rio *Mamurá*, já muito acima da sua foz, e no districto de Villa Bella da Imperatriz, ha um lugar denominado *Força*. Semelhante denominação lhe proveio do seguinte facto.

Tendo por ali apparecido alguns escravos fugidos, occultaram-se nas mattas, que n'aquellas paragens julgaram proprias para um *mocambo*.

Receiosos da visinhança d'estes hospedes, reuniram-se os indios habitantes do rio e dando um assalto ao lugar, aprisionaram os escravos em numero de 6. Para evitarem as delongas da justiça, collocaram em acto continuo uma travessa entre duas arvores e ali foram enforcados os seis intelizes, que bem caro pagaram o *arrojo* de quererem gozar da liberdade, que receberam das mãos do Creador.

Os moradores das circumvisinhanças ainda olham com horror para o sitio e as arvores, testemunhas d'aquella scena de sangue e de barbaria.

UM EPISODIO DO NAUFRAGIO DO PURU'S.

Ali, dizia-me o velho Paixão, pratico do *Arary* e o decano dos praticos do Amasonas, ali na boca do *Puraquêcuara* dormem no fundo do rio os infelizes naufragos do *Purús*. Quanta desgraça em uma só noite ! Quanta gente morreu ! Pobre immediato do *Purús* ! Era tão moço . . . parece que o coração lhe adivinhava; recusou partir, queria despedir-se do serviço do vapor; mas teve por fim de ceder aos desejos do pae . . . morreu fechado no beliche, passou do somno á eternidade.

Vê aquella arvore, que ali está pendida para o rio, cujas aguas lhe lambem o tronco ? Pois bem, um dos naufragos nadou, nadou e conseguiu chegar a ella. Agarrando-se aos ramos subiu e sentou-se em um galho, esperando ali que amanhecesse o dia. Os que andavam procurando naufragos não o viram, não o ouviram, posto que bem alto os chamasse. E' tão largo este Amasonas ! Pela manhã seguiu o *Arary* aguas acima e affastou-se do lugar do sinistro.

E o pobre homem ali ficou, com o olhar perdido no espaço, e vendo affastar-se a esperança e a vida. O que poderia fazer ali perdido em meio das aguas ! De um lado o rio e do outro o terreno alagado e movel e quasi tão perigoso como elle.

Quíz descer: a posição em que estava torturava-o; mas quando se dispunha a fazel-o, lançando os olhos para baixo, vio horrorisado cercando-lhe a arvore e promptos a devoral-o, um bando de jacarés, monstruosos, famintos, com

as fauces escancaradas, mostrando os dentes aguçados e os olhos fitos na presa, que já consideravam segura . . .

—Pobre homem ! continuou o velho Paixão; Deos porém compadeceu-se d'elle; havia-o livrado das aguas, livrou-o tambem dos jacarés. Pouco depois passou por ahi uma canôa e os que a tripolavam, accudiram aos gritos de soccorro, que o infeliz soltava.

Os jacarés fugiram, abandonando a presa e o pobre naufrago desceu então, escapando milagrosamente de tão grande perigo (1).

PORQUE CHAMA-SE SOLIMÕES O RIO AMASONAS ?

E' sabido que o Amasonas ao entrar no territorio brasileiro em Tabatinga e d'ahi até receber o caudaloso Rio Negro, tem o nome de *Solimões*.

De onde lhe vem semelhante denominação ? Provavelmente por causa dos indios *Sorimões*, que o habitaram, desde a confluencia do Rio Negro até as fronteiras de Tabatinga.

La Condamine pensa que o nome do rio *Solimões* (rio dos venenos) foi-lhe dado talvez por causa das flechas envenenadas de que usavam os habitantes de suas margens.

Quanto a mim, inclino-me á primeira opinião.

(1) Este episodio dos jacarés é verdadeiro e foi-me referido por diversas pessoas.

A POROROCA DOS RIOS GUAMA' E CÁPIM.

Do meu trabalho sobre o VALLE DO AMASONAS extraio as seguintes linhas :

«Vi a *pororoca*. Eram quasi 11 horas da manhã quando pareceo-me ouvir um ruido surdo como o do trovão que echôa muito ao longe.

As aguas do *Guajará* corriam tranquillias, como se não esperassem a invasão do inimigo, que se approximava.

A vasante era completa, deixando á descoberto, como corôas, os baixos e espraiaados. O dia estava claro. Na extremidade do horisonte vi como formar-se uma ligeira linha d'espuma, que ia rapidamente crescendo e engrossando. O ruido tornara-se perfeitamente distincto. Houve como que uma suspensão nas aguas do rio. Dir-se-hia que tinham presentido o inimigo e comprehendido o perigo.

A linha d'espuma ia crescendo espantosamente e descrevendo como um semicirculo em que prendia o rio. Era uma muralha d'espuma, uma vaga gigantesca, que enovelava-se e estoirava com fragor medonho.

Depois, aquelle semicirculo, por uma subita e admiravel evolução, formou uma immensa linha recta, de uma perfeição completa, e avançou rapida, ameaçadora, fremente, rugindo, levantando espuma e levando diante de si tudo quanto encontrava no caminho, troncos de grandes arvores, galhos e etc. Em certo ponto do rio desappareceu de subito, parecendo como *merguthar*, indo surgir mais violenta, mais ruidosa, algumas braças adiante.

Não pude mais vê-la; formava ahi o rio uma curva,

que me tirava á vista. Disseram-me que assim continuava ella até a junção dos rios *Guamá* e *Capim*, em uma distancia de 9 milhas pouco mais ou menos, dividindo-se em duas partes, internando-se cada uma d'ellas pelos dous rios.

Calculam em 18 a 20 milhas por hora a marcha da pororoca.

Immediatamente depois da passagem do assombroso phenomeno, tornaram-se extremamente agitadas as aguas, levantando ondas, á que dão o nome de *banzeiros*, e que se iam quebrar violentas na praia. O rio encheu subitamente, de modo que em 3 ou 4 minutos a agua havia crescido de 4 a 5 pés.

Muito se tem escripto acerca da pororoca, mas ainda ninguem conseguiu explicar esse assombroso phenomeno.

Diz-se geralmente que o impulso das aguas do rio e a repulsão que soffrem das do mar, motiva a pororoca. Entretanto manifesta-se tambem ella em alguns rios e em alguns lugares, onde é absolutamente nulla a influencia do mar, como no rio *Purús*, na distancia de 690 milhas da foz.

A que eu vi, surge de uma pequena ilha, formada pelo Guajará, a 80 milhas da sua foz. Levanta-se, no momento em que começa a enchente, uma onda que cresce e corre, caminhando para a nascente do rio. No momento da vassante as praias, que circumdam a ilhota, acham-se completamente descobertas e de repente, do lado que olha para a nascente do rio, levanta-se a onda, que se transforma em pororoca.»

♦ **MACUCU-MIRIM.**

grande
E' uma *grande* arvore do Valle do Amasonas. Com a infusão da entrecasca d'esta arvore, é que dão uma especie de mordente nas cuyas, sobre o qual assentam depois as tintas. Usam d'este mordente na falta de outro, que extrahem da arvore *cumaty*, que é melhor. Os pescadores mettem as linhas, com que hão de pescar, no succo resinoso, que extrahem da entrecasca d'esta arvore, afim de se lhes não desgastar tão depressa, como lhes succede quando lhes não fazem isto.

O *macucú-mirim* nasce pelas margens dos rios com a raiz debaixo d'agua. *(E' verde)*

TAPUIA-ERETÊ.

E' o nome de uma tribu, que habita na parte oriental do rio Xingú. Os individuos, que a compõe, são altos musculosos e de côr trigueira e trazem o rosto pintado de preto até meio. São antropophagos.

Em vez de rêdes ou de pelles de animaes, que servem de leito á maior parte dos indios das tribus conhecidas, repousam estes dentro de uma especie de *balaio* comprido.

O armamento de que usam é em geral o mesmo de que se servem as outras tribus selvagens, havendo apenas a differença de ser mais grosseiro, pezado e forte.

O ARSENAL DE MARINHA DO PARÁ.

Em junho de 1761 escolheu o governador do Pará o general Manoel Bernardo de Mello e Castro a ribeira e praia do Hospício de S. Boaventura para estaleiros da primeira náu, que se devia denominar « BELÉM » e que projectava construir.

Para isto pois, mandou levantar telheiros e officinas proprias de construcção naval, para o que requisitou e lhe foram enviados da ribeira de Lisboa os necessarios operarios.

Em virtude da Carta Regia de 6 de julho de 1761, regularizou o governador o serviço das officinas, que se compunham das de calafate, poleeiro, ferreiro, carpinteiro, serrador e tanoeiro, havendo mais 50 serventes, um patrão da galeota e 20 remadores.

Em 1790 foi collocado um guindaste, semelhante aos de Lisboa sobre um cáes de pedra. De ha muito que não existe esse guindaste, que foi substituido por um outro vindo da Inglaterra em 1858, e que suspende e peza em balança propria até 10 toneladas de carga.

Fôram até o anno de 1800 construidas no arsenal de marinha do Pará 4 fragatas de 44 peças, 2 charruas, 3 bergantins, 15 chalanas canhoneiras, além de uma infinidade de embarcações miudas para transporte, segundo attestou-o o capitão general do Estado do Gram-Pará D. Francisco de Souza Coutinho em seu relatorio dirigido ao governo da metropole.

Em 1803 foi confirmada a nomeação de Patrão-mór e em 1841 foi creado o lugar de capellão.

Em 1817 foi lançada no estaleiro a quilha de uma fragata de 46 peças com o nome de *Leopoldina*, a qual cahio ao mar na primeira oitava da paschoa, com grande pompa, sendo então intendente o chefe de divisão Joaquim Epiphânio da Cunha.

Creio que foi n'essa fragata, então denominada *Imperatriz*, que retirou-se da provincia, depois da proclamação da independencia, o então capitão tenente John Paschoe Greenfell.

Desde essa epoca, que lhe foi de tanta gloria, parecia ir definhando o arsenal de marinha do Pará, limitando-se apenas a concertar embarcações e a construir lanchas e escaleres. Actualmente porém existe ali mais actividade, em consequencia dos esforços do intelligente e infatigavel inspector, que nada poupa á ver se consegue arrancar-o do marasmo em que havia cahido.

E de facto muito já tem feito, conseguindo pouco a pouco alguns melhoramentos para esse estabelecimento, como a criação da companhia de aprendizes artifices, o augmento de salario para os operarios etc.; encontrando ultimamente no actual ministro da marinha todo o auxilio necessario para a grande reforma que projecta.

Em virtude d'ella, vae ser o arsenal de marinha do Pará quase transformado; vão ser ali executadas diversas obras, orçadas na quantia de 800.000\$000 réis,

Por aviso de 13 de Junho do corrente anno mandou o governo tratar desde logo das obras necessarias e que não dependiam de plano.

O *Jornal do Pará*, tratando das reformas projectadas

no arsenal de marinha do Pará e do plano para ellas apresentado, exprime-se assim:

« N'esse plano que acaba de ser approvedo pelo governo imperial estão comprehendidos: os edificios para officina de machinas, uma casa de morada para o inspector, outra para o ajudante e patrão-mór, um quartel para os aprendizes artifices, uma carreira com cobertura e dous telheiros para construcções navaes.

Sobre o rio tem de ser levantadas tres pontes de ferro com trilho de modo a tornar facil o embarque e desembarque do material necessario ás officinas e ao almoxarifado.

Com o citado plano, vae ser occupada parte da praça de Bagé, ficando uma rua de 100 palmos de largura entre o prédio de Pedro Chermont de Miranda e a frente do arsenal para tranzito publico e communicacão por traz do muro que fecha o arsenal na direcção norte-sul.

Para a Europa vão ser encommendadas as peças de machinas e ferramentas necessarias ás officinas de ferreiro e fundição, modelador, moldador, torneiro, calderereiro, etc.»

Tambem já foi levantada a planta de uma carreira com telheiro de ferro, a qual deve ser edificada na praça de Bagé e pode construir navios até 80 metros de comprimento.

Occupa actualmente o arsenal de marinha do Pará uma superficie de 89 braças de comprimento á contar da entrada do portão, na praça de Bagé, ao portão que dá para o igarapé de S. José; tendo de fundo 71 $\frac{1}{2}$ braças da preamar media ao muro que separa o arsenal da entrada.

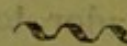
Lançando-se a vista para o lado do sul, depara-se com o riacho ou igarapé de S. José, antigamente denominado «*Comedia dos peixes boi*» e que borda uma ilha.

No centro da casa do inspector acha-se collocada a capella do arsenal, a qual já existia antes da edificação d'aquella casa, que encerrou-a em seu ambito. O seu orago é S. Boaventura. Foi ella antigamente convento de S. Boaventura, levantado á beira-mar pelos religiosos da Beira e Minho no anno de 1706, no sitio então denominado «*Porto do Tição*», em 66 braças de terreno doadas para essa fundação.



QUADROS NOTAVEIS.

X Ha na sacristia da matriz de Obidos sete quadros magnificos, representando os passos do Salvador. São de mão de mestre. E' pena que alli se estejam estragando.



O CANAL DE TAGIPURU'.

Entra na bahia de Melgaço, poucas milhas acima de sua foz; segue parallelamente aos rios dos Breves e Macacos e vaé sahir no Amasonas umas 40 milhas acima da desembocadura dos Macacos, communicando-se com o rio dos Breves pelo estreito furo ou canal do Aturiá, que vem surgir quasi no mesmo ponto de bipartição d'este rio.



MONTE ALEGRE.

E' uma villa formosissima, diz o sr. Gome de Amorim, pela sua posição na margem septentrional do Amasonas, sobre um monte bastante elevado, d'onde se avistam estensas campinas e numerosos lagos, formados pelo grande rio. Os seus habitantes, em numero de uns dous mil, brancos e indigenas, são mui lhanos e dos mais industriosos da provincia. Os principaes dedicam-se á cultura do cacáo e criação de gado vacum; mas, nos campos circumvisinhos da villa, ha tantos milhares de morcegos, que estes devastam aquelles e impedem que se aproveite com vantagem uma das mais faceis riquezas da terra—os prados naturaes.

As indias occupam-se em objectos de costura, fiar algodão, fazer redes, cuias, taquaris, bacias e jarros de argila, que pintam simples e graciosamente. Os tapuios empregam-se na extração do cravo, salsa, na pesca do peixe boi, que abunda nas immedições e no serviço dos grandes proprietarios.

E' admiravel o espectaculo que se avista para todos os lados do cimo da villa. O Amasonas, desafrontado das muitas ilhas, que o assoberbam de Monte Alegre para baixo, parece mais um mar interior do que um rio; porém as suas margens offerecem alli signaes de maior devastação; as correntes furiosas arrancam-lhe pedaços de barreiras enormes e arvores agigantadas em torno das quaes se enrosca a canarana ou capim d'agua, que forma as ilhas fluctuantes. As agoas barrentas passam fervendo, no sobpé do monte, em que está assentada a villa e deixam-lhe vestigios constantes dos seus ataques; pelo lado detraz de

Monte Alegre vão-se formando novos lagos, que pouco a pouco se communicam uns com os outros, e todos com o grande rio; este parece correr animado por uma intelligencia destruidora contra a formosa terra !



O PADRE ANTONIO VIEIRA.

Em novembro de 1853 chegou pela primeira vez á cidade de Belém o padre Antonio Vieira, revestido da autoridade de superior das missões, apresentando immediatamente ao senado municipal a carta regia, que lhe dava faculdade de evangelisar, construir igrejas e fundar missões onde julgasse conveniente, levar indios comsigo, desentranhando-os das florestas ou deixal-os em suas aldeas.

Os habitantes de Belém, desadorando as faculdades concedidas ao padre Vieira, foram intimar ao procurador da municipalidade, que fizesse expellir os jesuitas por prejudiciaes ao bem geral; prometteo a camara que combinaria com o padre Vieira no melhor meio de satisfazer a sua representação, o que entretanto nunca fez.



PEOPAIAS.

E' o nome de uma tribu que habita no lado occidental do rio Xingù, em cujas margens de vez em quando apparece.

OLEO DE PATAUA'.

E' extrahido por decocção do fructo da palmeira *æno-carpus distichus*, da familia das *palmaceas*. O fructo é um coquinho do tamanho de um cajá; maduro, é de côr roxo-escura ou quasi preta; despulpado, dá um leite agradável ao paladar, e é muito nutriente. Mistura-se com assucar.

Da polpa é que se extrahe o oleo, que é fixo, amarello-claro e transparente, quando bem purificado, e quasi inodôro.

E' empregado na arte culinaria, onde perfeitamente substitue o oleo da oliveira em todos os seus usos.

No mercado do Pará é muitas vezes vendido em lugar do outro.]

VILLA DE CHAVES.

Esta villa, creada em 1758, acha-se situada na costa septentrional da ilha de Marajó, á 42 leguas da ponta de *Maguary*.

Limita-se ao norte com a ilha Juncal; ao sul com a freguesia da Cachoeira pelo igarapé Cacualinho no alto Anajás; á leste com o rio das Tartarugas e as freguesias de Soure e Cachoeira e ao occidente com o rio Anajás e a freguesia de Breves.

Tem pouco mais ou menos 50 leguas de leste a oeste e 80 de norte a sul.

Foi primitivamente aldeia dos Aruans, missionada pelos religiosos de Santo Antonio.

Muito presperou esta villa, quando ali aquartellou, por espaço de 15 annos, o regimento denominado *Macapá*, mas retirando-se em 1818, começou a tornar-se decadente. Dizem que no lugar em que estava assentado o quartel do regimento, fundêam hoje as embarcações.

A freguesia d'esta villa, comprehende tambem toda a ilha *Caviana* e as demais circumvisinhas, que são: *Mexiana*, *Jurupary*, *Janaucú*, *Viçosa*, *Porços*, *Cotias*, *Mary*, *Camaleão*, *Caputuba*, *Paccas*, *Paquinhos*, *Juncal*, *Flechas* e *Machados*.

O districto da Villa exporta borracha e gado vacum.

A IGREJA DE SANTO ALEXANDRE.

Foi sagrada a 21 de Março de 1719 pelo bispo do Maranhão e Gram-Pará D. Fr. José Delgarte a igreja de Santo Alexandre, dedicando o altar-mór em honra de S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, e concedendo um anno de indulgencias aos fieis que visitassem aquelle templo durante o primeiro anno e quarenta dias nos annos seguintes aos que o visitassem no dia anniversario da sagração.

Este bellissimo templo passa por ser o mais soberbo e magestoso templo de quantos fundaram no Brasil os jesuitas portuguezes.

Depois da extinção dos jesuitas, foi entregue á irmandade da Misericordia do Pará no anno de 1798, por aviso

regio de 8 de Novembro de 1797, afim de ali se celebrarem todos os officios divinos recommendados no compromisso da dita irmandade.

Estava á cahir em ruinas quando em 1863, no tempo da administração do provedor Dr. Francisco da Silva Castro, a quem tanto deve a provincia do Pará, foi completamente restaurado, tendo entretanto começado a obra durante a igualmente benefica administração de 1861 a 1862.

«Na sua restauração, diz o benemerito provedor, guardou-se tudo quanto era digno da memoria do passado ou se achava em bom estado de conservação. O telhado, os tectos, as naves, as paredes, os altares, as imagens, tudo foi reparado, retocado ou reformado. O tecto da igreja é todo novo de cedro e marupaúba; o pavimento, desde as portas da rua até ao altar-mór, tambem é todo assoalhado de novo á moderna, de madeira *uacapú*. Os retabulos das capellas lateraes, o tecto da capella-mór, as partes lateraes d'esta mesma capella, tudo obra primorosa de talha em madeira de cedro, foram pintados de branco á zinco, desaparecendo por esta forma os antigos dourados, que estavam completamente estragados e que muito faziam escurecer a igreja. Ainda ficaram revestidos de seus primitivos dourados os retabulos da capella-mór e dos dous altares do cruseiro, os pulpitos e o throno

«Toda esta obra de reparação importou em 7:116\$824 rs, havendo sido auxiliada a Santa Casa pelos cofres do thesouiro provincial com a quantia de Rs. 3:000\$000.»



O RIO NHAMUNDA' OU JAMUNDA.

Suppõe-se geralmente que nasce este rio nas montanhas da Guyanna, correndo na direcção de N. a S., banhando as abas da serra Itacamiaba e atravessando os lagos de Faro, onde banha a outr'ora aldeia de Jamundá, hoje a decadente villa de Faro, indo lançar-se no Amazonas por differentes braços ou bocas, das quaes a mais occidental é o limite da provincia do Pará com a do Amazonas.

O Sr. Ferreira Penna porém suppõe que este rio deve vir da região central comprehendida no espaço entre o alto Trombetas ao N. e o Uatuman ao S.

Descendo d'ahi o Jamundá, diz elle, ao principio corre provavelmente a E. S. E., por entre montes; recebe pequenos affluentes, dirige-se depois a S. E., atravessando pequenas cachoeiras e entra n'uma planicie ou valle espacoso, densamente arvorejado, mas as vezes alagadiço.

Acompanhando a essa planicie emite de sua margem esquerda um braço que, com seu nome, a atravessa para lançar-se no Trombetas exactamente no ponto em que este rio, saltando a ultima cachocira, entra tambem na planicie.

Em quanto atravessa esta região plana, continúa o Sr. Ferreira Penna, o Jamundá é quasi obstruido por uma infinidade de ilhas que o acompanham em suas sinuosidades até perto da confluencia do *Pratucú*, não excedendo a sua largura de 250 metros que, no verão, reduzem-se ainda a 150 e mesmo a 100, conforme a maior ou menor duração da estação seca.

Antes de encontrar o Praticù, deixa a planície, e então as suas margens tornam-se altas e ás vezes montuosas.

O Praticù, que é um ramo menor, corre mais ou menos parallelo por algum tempo ao Jatapù (tributario do Uatuman), segue a E., e reúne-se ao Jamundá, cerca de 36 milhas acima de Faro. Seu curso é bastante sinuoso e por entre montes ou serras pouco altas, como quasi todas as d'esta região, e em sua barra no Jamundá divide-se em tres braços desiguaes por ter ahí de permeio duas ilhas.

No ponto de junção dos dous rios, as agoas se dilatam consideravelmente formando uma vasta bahia quasi toda rodeada de terras altas e montes; um pouco abaixo está a extensa ilha *Capixauramonha*, toda composta de terrenos pedregosos, mas cobertos de arvores.

.....

Desde a confluencia do Praticù, o Jamundá é um rio vasto e magnifico, de um azul profundo, correndo quasi sempre por entre montes, revestidos de uma vegetação vigorosa, recortado de pontas e enseadas e bordado de praias de areia alvissima, accidentes constantes que o acompanham até o lago de Faro.

Aqui terminam as serras ou collinas, que o acompanham; aqui desaparecem as praias de areia e a vegetação brilhante; aqui acabam os terrenos accidentados e começa a planície quasi nivellada do Amazonas; aqui está emfim a verdadeira foz do Jamundá. »

Segundo o Sr. Ferreira Penna, entra o Jamundá no Trombetas, defronte da ponta *Uruá-tupera*, com 100 me-

tros de largura, ficando ao N. de sua foz a ilha Jacitara.

E pois, acredita elle que ao contrario do que se tem pretendido, é o Jamundá não tributario do Amasonas e sim do Trombetas.

«Este facto, acrescenta o Sr. F. Penna, não é um simples assumpto de interesse geographico; elle affecta tambem aos interesses das duas provincias—Pará e Amazonas—de que esse rio é limite official.»

E' o Jamundá ou Nhamundá o celebre rio em cuja foz pretendeu Orellana haver combatido com mulheres guerreiras, a que denominou Amazonas. Os indigenas davam-lhes o nome de *Icamiabas*. Suppunha-as Orellana habitadoras das cabeceiras do Nhamundá, na serra *Itacamiaba* e guardadas por varias tribus ferozes, como os *Pariquis*, *Tagaris*, *Guacaris* e outros, que habitavam as margens do Jamundá.

«Tambem se diz que nas cabeceiras d'este rio, escrevêo em suas MEMORIAS DO MARANHÃO o padre José de Moraes, ha um lago de onde se tiram umas pedras verdes com muitos e varios feitios, de que se infere com grande evidencia ser algum barro, que dentro n'agoa (como coral) se conserva molle, e em quanto assim está, se formam d'elle as figuras que querem, mas depois de tirado d'agoa, se faz tão duro como um diamante, e não cede ao ferro e aço mais duro, e de tempera mais forte, que pôde haver.

X «Mostrando-se uma d'estas pedras a um lapidario em Lisboa, disse que pelo toque mostravam ser pedras finas. Dizem que estas pedras são as verdadeiras pedras neofriticas, e que tem a mesma virtude. E' certo que Mr. de la Condamine fez um grande apreço d'ellas, e pôde ser que

os lapidarios de França lhes descubram algumas virtudes. Chamam-se estas pedras, pela lingua dos indios, *muçraquitan*, (1) e dizem alguns (*relata refero*) não acredito, que as mulheres amazonas as dão aos homens, que uma vez no anno vão communicar com ellas. O certo é que ha estas pedras entre os indios, e eu tive uma grande, e ainda se não sabe o lugar onde se acham e donde se tiram. D'estas tive algumas, e uma de maior grandesa, que representava o pescoço e a cabeça de um cavallo, que foi para Bollenha, para o celebre muséo do Summo Pontifice Benedicto XIV.»

A parte superior do rio Jamundá é habitada por indios de diversas tribus, e a inferior por população civilisada.

As suas produccções naturaes são : cacão, breu, castanhas, eravo, cumarú, estopa, jutahy-sica, oleo de copahyba, tabáco e horracha.



PARACUTÁCA.

E' uma arvore do Alto Amasonas de que se sustentam as tartarugas.

Da madeira fazem os indios remos e pequenas canoas, que duram pouco tempo. Nasce pelas margens dos rios com as raizes debaixo d'agua.

(1) Geralmente dão-lhes o nome de *muçraquitan*.

LEITE DE ASSACU' OU UASSACU.

E' de cor branca, extrahido por incisões da arvore colossal *hura brasiliensis*, a qual cresce espontaneamente em todo o valle do Amasonas. Pertence á familia das *euphorbiaceas*.

E' muito irritante o leite ou veneno vegetal do *assacú*, produzindo até ulcerações na pelle, quando sobre ella cahe. Mata immediatamente quando tomado internamente em dóse elevada. Em pequenas dóses porém (ás gottas) é vomitivo, purgativo e tambem anthelmintico. E' pouco usado.

Os pescadores costumam empregar a casca da arvore e ás vezes o mesmo leite para embriagar os peixes, posto que semelhante pratica seja prohibida pelos regulamentos municipaes.

Por algum tempo acreditou-se no Pará que o leite do *assacú* era um antidoto contra a elephantiasis; mas depois de diversas experiencias sem resultado que satisfizesse, desvanecêo-se esse raio de esperanza, essa scentelha de salvação para tantos infelizes, que ahigemem sôb a pressão cruel de tão terrivel enfermidade, condemnados á lenta dilaceração das carnes e á uma morte afflictiva. . . .

Um facto mal averiguado, não quanto ao curativo de um enfermo supposto elephantico, mas quanto ao verdadeiro conhecimento da molestia curada, dêo lagar a essa tão animadora esperanza. Attribuindo-se ao indio Antonio Vieira Passos o curativo, na cidade de Santarém, de um fuão Gomes, que se disia elephantico, foi mandado o dito indio para o hospital dos Lasaros, afim de incumbir-se do

Presente
se depois
um jornal
que se seguiu
tão se
leite assacú

tratamento dos doentes com o emprego do leite de assacú, com que pretendia ter curado a Gomes.

Mas ainda d'esta vez falhou infelizmente o ensaio e foi completo o desengano.

Também o emprego contra as febres.

VIGARARIA GERAL DO BAIXO AMASO- NAS.

Foi creada pelo bispo do Pará D. Romualdo de Souza Coelho, por provisão de 17 de agosto de 1821.

Comprehendia n'essa epoca 18 parochias todas com o titulo de villas, tres missões e sete lugares. A jurisdicção ecclesiastica hoje não comprehende mais as missões e lugares.

Actualmente a comarca ecclesiastica do Baixo-Amas-nas comprehende 18 freguezias.

A maior regularidade, diz o sr. Ferreira Penna, que ha hoje de communicações entre a séde do bispado e as comarcas de Macapá e Gurupá, e a difficuldade de relações d'estas com Santarém, aconselham uma alteração na actual divisão ecclesiastica.



REDUCTO DE S. JOSÉ.

Mandou a 29 de Janeiro de 1771, o governador Fernando da Costa de Athayde Teive construir, em Belem, o reducto de S. José, proximo da cerca do convento de Santo Antonio do lado oriental, do qual reducto hoje apenas resta o nome.

CONSPIRADORES.

A' poucas braças abaixo de Villa-Bella, fica o lugar denominado *correnteza*, que se tornou celebre pela reunião que n'esse sitio fizeram os tres religiosos Fr. Ignacio Guilherme da Costa (maranhense), Fr. Joaquim de Santa Luzia e Fr. José dos Innocentes (paraenses), o primeiro da ordem dos mercenarios e os dous ultimos carmelitas, e em cuja reunião planejou-se a revolução, que tinha por fim separar a comarca do Rio Negro da provincia do Pará.

Essa revolução foi levada a effeito, começando pela morte do coronel Joaquim Felipe dos Reis, na antiga villa da Barra, hoje cidade de Manáos, mas teve um fim desastroso, como é sabido.

No lugar denominado *Lages*, na foz do Rio Negro, foi n'essa occasião estabelecida uma especie de fortificação, que foi confiada á direcção de Fr. Joaquim de Santa Luzia. Quando por aquelle simulacro de fortificação passou a barca de guerra « *Independencia* » que de Belém conduzia força ao mando do Tenente coronel Domingos Simões da Cunha para suffocar a revolução, como effectivamente o fez, foi saudada com alguns tiros de bala, cujas pontarias eram dirigidas pelo dito carmelita Fr. Joaquim, que não obstante alardear conhecimentos de balistica e de artilharia, provou n'essa occasião o contrario do que apparentava.

A barca *Independencia* passou incolume.

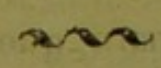
CUMATY.

É uma tinta arroxada escura, preparada com a casca da arvore do mesmo nome, e que se torna preta pela acção do ammoniaco em evaporação.

Serve para pintar cuyas e outros objectos de uso commum.

Fallando das cuyas, diz o seguinte Sr. G. Dias: «As indias do Pará pintam-n'as de *urucú*, *carajurú*, *cury*, *tauá*, *tabatinga*; servindo-lhes de oleo a infusão da casca da arvore *cumaty*, a qual tambem serve de mordente, porque antes de pintadas as cuyas as mettem na dita infusão, e sem isto, dizem ellas que lhes não pegam bem as tintas e não ficam bem lustrosas.

O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira escreveu a este respeito: «As que se distinguem n'este genero de trabalho, são as indias da villa de Monte Alegre, e as das barreiras circumvisinhas chamadas de *Curupá-tuba* (no Pará) e no Rio Negro as do lugar do Carvoeiro. Os curandeiros applicam o dito fructo para hernias, assando-o e dividindo-o em duas metades e mettendo entre ellas os testiculos, o que os faz desinchar promptamente.



MURUCU.

O *murucú* é uma arma de guerra, ordinariamente feita de páo vermelho, e muito empregada pelos indios *muras*.

O PHENOMENO DA POROROCA.

A respeito da pororoca, escrevia o Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, no *Diario do Gram-Pará*, de 8 de Março de 1860 :

«Agora occupar-me-hei de outro assumpto inteiramente alheio á Historia e que toda a relação tem com as sciencias naturaes. Vou fallar do phenomeno chamado pelos naturaes do Brazil *pororoca* e pelos portuguezes da Asia, *maccaréo*, como se póde ver em João de Barros, Decada 3.^a, livro 5.^o, cap. 1.^o, e em Diogo do Couto, Decada 6.^a, livro 4.^o, cap. 3.^o

A *pororoca* não se passa somente em alguns rios perto do mar; como julga o Sr. Varnhagen. Este estupendo phenomeno observa-se tambem longe da costa á trinta e quarenta e talvez á cincoenta legoas do mar; taes são o Guamá, o Mojú, o Capim, o Arary e outros.

Tambem é certo que se manifesta com toda a regularidade nas marés vivas perto da costa, em quasi todos os rios da Guyana Brasileira ou Terras do Cabo do Norte, especialmente no Araguay e no Amapá. E não é menos certo, que nunca foi visto esse phenomeno no rio Amazonas, o que é explicavel pelo que se segue.

A primeira condição para que se dê a *pororoca* é a presença das marés vivas e da sua enchente, em cuja occasião *rebetam as pororocas*, como se explicam os naturaes da terra.

A segunda é a de um rio, cujo leito tenha pouco declive, seja bastante raso e sem embarços e cachoeiras na sua

corrente, desde a foz até ao lugar assignalado para a pororoca.

Succede então, que as agoas do rio represadas pela maré que vae enchendo e ganhando força de momento para momento, são vencidas por ultimo na sua marcha, saltando-lhes por cima a maré com grande estampido, que se ouve a tres e quatro legoas de distancia, e formando ondas tão altas e encapelladas, e um rebojo d'agoas ta manho, que alaga em poucos minutos espaços enor mes e tudo destroe quanto diante de si encontra, enchendo de prompto o que havia vasado em horas !

Já se vê, que para se dar o facto da *pororoca* não é precisa a concorrência da *agua salgada* ou do *poderoso mar*, como pensa o Sr. Varnhagen, para se estabelecer o triumpho n'essa luta entre as agoas do monte e as da maré, que nem sempre são salgadas.»



OLEO DE UMIRY.

E' obtido por meio da incisão da casca da arvore *umirium balsamiferum*, da familia das *umiriaceas*.

Quando impuro é quasi branco, mas purificado, é perfeitamente branco, claro, transparente e muito aromatico.

E' empregado na perfumaria e tambem na medicina.

Em certa época do anno, a arvore que o produz está tão carregada de oleo, que por si mesma o expelle, aromatizando o ar na sua circumvisinhança.

ABACAXIS.

Na margem direita do rio *Abacaxis*, está situada a aldeia d'este nome.

Foi seo fundador o *tuchaua* Abacaxis, de onde lhe veio a denominação, que hoje tem.

Em vida d'esse *tuchua*, ahi chegou o Dr. José Eugenio, que fugia ás perseguições que em nome do governador e capitão-general D. Francisco de Souza Coutinho lhe faziam em Belém; e vivendo cerca de quatro annos entre os Mundurucús, promoveu-lhes o augmento da aldeia, então ainda muito resumida. Livre depois o Dr. José Eugenio das perseguições que o fizeram viver no Abacaxis, retirou-se para Belém. Desgostoso o *tuchaua* Abacaxis com este acontecimento, abandonou a aldeia, então já muito populosa, permanecendo ali apenas dous indios de nomes Mancel Vicente e Alberto Magno. Este apossou-se da casa em que habitara o Dr. José Eugenio.

Depois de alguns annos, um José Machado foi unir-se aos dous moradores da aldeia abandonada e ahi viveram os tres até o anno de 1835, em que, em consequencia da rebelião, que assolou a provincia do Pará, retiraram-se Vicente e Machado para a villa de Maués, onde se envolveram entre os rebelões. Alberto porém continuou a viver em Abacaxis.

Ambrosio Ayres Bararoá, que n'esses tempos de luctuosas recordações dictava a lei no Amasonas, mandou fundar um posto milhar em Abacaxis. No anno de 1840 o conego Antonio Manoel Sanches de Brito, convocou o *tuchaua* Joa-

quim José Pereira e o animou a levantar uma capella, visto que nenhuma ali havia. Auxiliado o dito *tuchaua* pelo negociante Antonio Gonçalves Marques, que negociava com os indios do rio Abacaxis, deu começo á construcção da primeira capella sob a invocação de N. Senhora da Conceição da Rocha, cuja imagem, que ainda existe e é muito perfeita, mandou-a o dito Marques vir á sua custa de Lisboa.

O *tuchaua* Pereira e seus parentes prestarão valiosissimos serviços contra a revolução.

O districto da aldeia de *Abacaxis* é vastissimo, comprehendendo os rios Abacaxis e Pracony e os lagos Curupira, Jurupary e outros de menor importancia.



O PRIMEIRO BISPO DO PARÁ.

D. Fr. Bartholomeu do Pilar, religioso da ordem do Carmo, e primeiro bispo da diocese do Gram-Pará, desmembrada pelo papa Clemente XI da diocese do Maranhão, foi sagrado a 22 de Dezembro de 1721 na igreja patriarchal de Lisboa pelo cardeal patriarcha D. Thomaz de Almeida, sendo assistentes D. João Castello Branco, arcebispo de Lacedemonia e D. Manoel-Alves da Costa, bispo da ilha Terceira.

Sendo-lhe necessario demorar-se ainda por algum tempo em Lisboa, confiou o governo do bispado durante a sua ausencia, a Fr. Victoriano Pimentel, religioso carmelita e commissario do Santo Officio.

Chegou a Belém no dia 29 de Agosto de 1724.

VERBA TESTAMENTARIA.

Ha mais de 12 annos falleceu em Portugal Joaquim Antonio da Silva, que aqui no Pará conseguira ajuntar uma bem avultada fortuna. Como signal de sua gratidão pela terra em que adqueirira os meios de passar folgadoamente a vida, deixou em seu testamento a seguinte disposição que textualmente aqui damos :

«Determino que da minha propriedade, que faz parte dos bens da minha casa do Pará e se denomina o «*cacoal Maracá-assú*» do rio do Amasonas, e que d'ora em diante se denominará «*Bom intento terceiro*» se faça uma plantação de seringueiras de vinte mil pés pelo menos; e em uma ilha de frente de Mocajuba, e que d'ora em diante se denominará «*Bom intento segundo*», se faça outra plantação tambem de vinte mil pés, pelo menos, das ditas seringueiras; e que d'estas disposições se dê conhecimento ao publico pela imprensa, para que se fique sabendo esta minha disposição patriotica, sendo todas estas despezas feitas pela minha casa em geral.»

E entretanto apesar de ser intuitiva a utilidade de semelhante disposição, ainda até agora não foi ella cumprida.



SANTARÉM

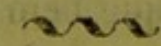
Era a antiga aldêa dos Tapajôs. Foi elevada em 1754 á cathegoria de villa, com o nome de Santarém, pelo capitão-general Mendonça Furtado e em 1848 foi elevada á cathegoria de cidade.

S. JOSÉ DE MATARY.

Quatorze leguas acima da villa de Serpa, na margem septentrional do Amasonas, está situada a aldeia de S. José de Matary. Foi uma das missões em que o incansavel Fr. José das Chagas mostrou o seu nunca desmentido zelo pela catechese dos indios. A' elle deve-se a construcção da capella, que hoje se acha arruinadissima.

Manoel João, indio da tribu Juma, sendo apprehendido ainda em tenra idade no rio Maturá pelos Muras, que o crearam, veio depois a ser, em consequencia da sua pouco vulgar intelligencia e vivacidade, o principal ou *tuchaua* da tribu, fundando a maloca, que depois, no meiado do seculo passado, foi missão de Matary, nome que tomou do rio, em cuja proximidade se acha.

O assento da primeira maloca, que depois passou para o local onde se acha Matary, foi na mesma margem, um pouco abaixo.



NOGUEIRA.

Em 1709, o jesuita hespanhol João Baptista Sana, com alguns companheiros da mesma ordem, assaltou a pequena povoação existente na ponta do *Parauary*, na bahia de Teffé e aprisionando todos os habitantes, que ali encontrou, inclusive o missionario portuguez, fel-os conduzir para o Marañon, no intuito de formar com elles uma povoação sujeita á corôa d'Hespanha.

Informado d'este acontecimento o governador do Pará Christovão da Rocha Freire, expedio no mesmo anno uma escolta, sob o commando do sargento-mór José Antunes da Fonseca, o qual conseguiu aprisionar o jesuita Sana e seus companheiros, restituindo á liberdade os que elles haviam feito prisioneiros em *Parauary*.

Foi ahi onde definitivamente o carmelita Fr. José de Santa Thereza situou a freguesia de N. Senhora do Rosario de Nogueira.



A FÓZ DO TOCANTINS,

Pouco abaixo da bahia de Paquetá, na altura da ilha do Goiabal, onde a bahia de Marajó, depois de um curso pelo rumo de sudoeste, volve a tomar o rumo de oeste—4.^a—a sudoeste, desagua n'esta bahia o caudaloso Tocantins por uma bocca de 8,998 braças ou 10 milhas de largura, produzindo tal copia d'agoa, que bem se pode dizer, que a bahia d'este ponto para baixo até cahir no oceano, é o prolongamento do mesmo Tocantins, pois que toda ella conserva proximamente aquella largura de dez milhas até defronte da cidade de Belem, onde mais se espaça, crivada por uma plebe de ilhas com a agglomeração dos rios Muaná, Atua, Anapú, Tucumanduba, Mojú, Guamá e Guajará, defluentes proximos da mesma capital.

Dr Francisco da Silva Castro.



O RIO MADEIRA.

Este grande affluente do Amasonas é talvez o mais importante pelos valiosos productos que encerram suas margens e por ser o caminho mais facil para a provincia do Matto Grosso e para a fronteira da Bolivia, é formado pela reunião de dous grandes rios, o *Guaporé* e o *Mamoré*, este vindo da Bolivia e aquelle de Matto Grosso.

O ponto d'essa junção é, segundo Almeida Serra, a $11^{\circ} 55'$ e $46''$ de latitude sul e a $22^{\circ} 34'$ e $14''$ de longitude a oeste do meridiano do Rio de Janeiro.

O Madeira corre no rumo de N. N. O. da sua nascente á foz do rio Beni; d'ahi no rumo de N. até a do Akuná e finalmente no de N. E., d'este ponto até a sua embocadura no Amasonas.

Lança-se na margem direita do grande rio, na latitude $3^{\circ} 23' 43''$ S. e longitude $358^{\circ} 52'$ E. da ilha de Ferro, segundo ainda as observações do sargento-mór d'engenheiros Almeida Serra. Pelas voltas do Amasonas, acha-se a foz do Madeira distante de Belém 275 leguas, 5 acima da villa de Serpa e 25 abaixo do Solimões e da confluencia do Rio Negro.

Nos Baetas, 95 leguas acima da sua foz, é a sua largura de 400 metros pouco mais ou menos, e em Santo Antonio a 90 leguas acima de Baetas, esta largura não excede de 200 metros.

A sua profundidade até Santo Antonio regula de 10 a 12 metros.

A velocidade de suas aguas, na foz, é de $0^m 36$ por se-

gundo; em Borba, a 25 leguas acima, de 0^m, 61, e finalmente nos Baetas, a 70 leguas acima de Borba, de 1^m, 8.

O seu declive é avaliado em 0,44 por legua.

O volume de agua que fornece por hora o Amasonas, é representado pelo enorme algarismo de 6870 metros cubicos.

A área comprehendida pelo seu valle é calculada em 16,000 leguas quadradas.

A respeito da navegação dos rios Madeira e Guaporé escreveu o seguinte o Sr. senador Pompêo no seu importante tratado da geographia :

« Em 1760 o capitão general (governador de Matto Grosso), que já em 1752 visitara o Baixo-Guaporé, foi fundar no lugar onde pouco antes existia a missão hespanhola de Santa Rosa, uma fortaleza denominada de Nossa Senhora da Conceição, que em 1776 foi substituida, por achar-se inteiramente arruinada, pelo forte do Principe da Beira.

Emquanto ali estava, chegou uma expedição vinda do Pará com petrechos de guerra.

Desde então foi tomando incremento a navegação do Madeira e Guaporé.

Foi por ella que o districto de Matto Grosso se aprovisionou, não só da artilharia, petrechos e munições de guerra, mas tambem de outros artigos do seu mercado, como sal, ferro, aço, cobre, louça, liquidos e ainda fazendas seccas.

Foi por ella que se retirou o governador D. Antonio Rolim, e que tranzitaram na ida e na volta seus successores immediatos, bem como diversos magistrados e officiaes mi-

litares, e finalmente foi por ella que por muito tempo se transmittio a correspondencia com a côrte de Lisboa, fundando-se entretanto nas margens dos rios alguns povoados de ephemera duração.»

Em 1867 dizia á presidencia do Amasonas o Sr. Dr. Coutinho :

« O Madeira é o caminho natural da provincia de Matto Grosso e devia ser preferido ao Paraguay, pela razão altamente politica de pertencer-nos exclusivamente

. A' grande vantagem politica d'este caminho liga-se o interesse commercial e desenvolvimento da industria e população, que é patente. Uma grande região, hoje deserta, rica em productos naturaes, seria animada pelos transportes e daria importancia ao paiz. A Bolivia só pôde desenvolver-se com a navegação do Madeira.

O Brazil concedendo-lhe este grande favor em troca de outros, ainda lucrava muito, porque o commercio d'esta republica vinha a ser nosso. »



CANNA DE ASSUCAR.

Em 1666 foi esta preciosa planta, por ordem do ministro d'Estado conde de Castello Melhor, trasida da ilha da Madeira para o Pará, onde não tem sido devidamente apreciada, principalmente depois que a sêde da riqueza por meio da extracção da borracha veio matar a agricultura.



JARY.

E' um rio que nasce na Guyana Brasileira, e corre do N. a S. a lançar-se no Amasonas. E' navegavel durante mais de 30 leguas, seguindo-se depois as cachoeiras. As margens são baixas e alagadiças, em geral, na parte navegavel e montanhosas na parte media e superior. N'estas ha as tribus seguintes : *Cuceaxim*, *Uacupi*, *Oyapi* (com a qual foi fundada em 1839 a povoação, hoje em ruinas, chamada *Tujijú-maiti*), *Japuruhi*, *Atamancum* e *Arenai-bú*.

Estas duas tribus vivem concentradas nas mattas.

Os productos naturaes das margens e mattas d'este rio são : borracha, salsa em abundancia, cacáo, castanhas, cumarú, cravo, breu e baunilha.

INSTRUÇÃO PUBLICA EM OBIDOS.

Tem duas escclas de instrucção primaria, uma do sexo masculino, frequentada por 46 alumnos e outra do sexo feminino, onde se acham matriculadas 37 meninas. Ha mais uma escola nocturna frequentada por 15 alumnos.

Em 1857 publicava-se ali um jornal semanal, com o titulo de «SENTINELLA OBIDENSE.» Durou pouco mais de um anno. Em 1867 appareceu um outro, tambem semanal, de pequeno formato, denominado «A INDUSTRIA.» Durou muito pouco tempo.

TARUBÁ.

E' uma bebida muito usada entre os indios, que a preparam do modo seguinte: Ralam a mandioca, espremem-lhe o succo, còam a massa e com ella fazem uma especie de beijù, que por ser de ordinario bastante grande, dão-lhe o nome de *beijù-assú*. Depois tomam as folhas de uma arvore a que chamam *curumim*, reduzem-n'a a pó e com elle polvilham o beijù-assú, que em seguida abafam com folhas e guardam por espaço de oito dias, no fim dos quaes dissolvem-n'o n'agua e bebem-n'o depois de côado.

O VAPOR GUAPIASSU'.

Foi o primeiro que sulcou as aguas da provincia do Amasonas, quando ainda comarca do Rio Negro.

Conduzia este vapor uma commissão enviada pelo governo imperial para explorar o Rio Branco, composta do coronel Frederico Carneiro de Campos, do capitão d'engenheiros Innocencio Velloso Pederneiras e do engenheiro Toulouis.

Foi ainda o mesmo vapor o que sulcou as aguas do grande rio a segunda e a terceira vez; aquella, conduzindo o conselheiro Joaquim Manoel d'Oliveira Figueiredo, então capitão de fragata, para uma commissão de recrutamento, e esta levando o primeiro presidente e inaugurador da provincia do Amasonas João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha e as autoridades nomeadas para a nova provincia.

A CAPITANIA DE S. JOSÉ DO RIO NEGRO.

O territorio, que hoje constitue a provincia do Amaszonas, foi por carta regia de 3 de março de 1755 dirigida ao governador e capitão-general do Gram-Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, pelos fundamentos n'ella declarados, de se poder administrar justiça com maior brevidade e para evitar delongas aos moradores do Rio Negro, elevado á cathegoria de capitania, subalterna da do Pará, com a denominação de capitania de S. José do Rio Negro.

Em 1758 tomou posse o primeiro governador o coronel Joaquim de Mello Povoas, sendo a capital o lugar da antiga aldeia de Mariuá, que passou a ser villa, com a denominação de Barcellos. Em 1791 foi transferida a capital para a villa da Barra, hoje cidade de Manáos; em 1798 voltou de novo para Barcellos, e finalmente em 1804 tornou para a Barra.

Teve a capitania do Rio Negro sete governadores de nomeação regia, além de quatro governadores e um governo interinos, até que a nova ordem constitucional estabelecida em Portugal, fez baixar o decreto de 29 de setembro de 1821, pelo qual se installou ali, como nas outras provincias, uma Junta provisoria, que entrou no governo em lugar do governador nomeado o coronel Antonio Luiz Pires Borralho, que ainda não havia tomado posse do cargo.

Enviou o Rio Negro dous deputados ás ditas côrtes, que foram João Lopes da Cunha e José Cavalcanti de Albuquerque.

Proclamada a independencia do Brasil, o decreto de 20 de outubro de 1823 aboliu as Juntas provisórias, nomeando para as provincias presidentes com conselhos electivos. N'estas nomeações não se contemplou o Rio Negro, que continuou a ser administrado até 1825 pela sua Junta provisoria. N'essa época, sendo presidente do Pará José Felix Pereira de Burgos, depois barão de Itapicurú-mirim, e constando-lhe a agitação em que se achava o Rio Negro, pelos conflictos suscitados entre o ouvidor e a Junta provisoria, tomou a deliberação de mandar dissolver a mesma Junta, e de ordenar que a camara de Barcellos passasse a exercer as suas funcções no lugar da Barra, nomeando para ali commandar as armas o capitão Hilario Pedro Gurjão; do que tudo deu parte ao governo geral, que approvou, por aviso de 8 de outubro de 1825, todas estas medidas. As instrucções que haviam baixado do governo geral a 26 de março de 1824, designando nominalmente todas as provincias e o numero de deputados, que ellas deveriam dar á Assembléa Geral, nenhuma menção fizeram do Rio Negro. Sómente em 8 de novembro de 1825, por occasião da extincção da Junta provisoria, officinando o governo á presidencia do Pará, pediu informações sobre o estado e causas da decadencia da provincia do Rio Negro.

Portanto, depois da proclamação da independencia o governo do Brasil não contemplou o Rio Negro como provincia, não obstante o artigo 2.º da Constituição, que determinou que o Imperio ficasse dividido nas provincias que então existiam.

Depois d'essa época occorreu no mez de junho de 1832 uma sublevação do povo e tropa, que proclamaram o Rio

Negro provincia, nomearam presidente por aclamação o ouvidor da comarca Manoel Bernardino de Souza Figueiredo, o qual, bem que protestasse, percorreu as ruas mais publicas da villa da Barra debaixo do pallio. Foi igualmente acclamado commandante das armas o tenente Boaventura Bentes. Em seguida lavraram os insurgentes uma acta de desmembração do Pará, deputando ao governo imperial o carmelita Fr. José dos Innocentes, o qual dirigindo-se ao Rio de Janeiro pelo Madeira, foi impedido pelo presidente de Matto Grosso e obrigado a regressar.

O presidente do Pará José Joaquim Machado de Oliveira fez marchar uma força expedicionaria; es insurgentes prepararam-se para a defeza, fortificando com trincheiras os pontos das Lages e do Bomfim, onde assestaram 30 peças de artilharia e acamparam para cima de 1,000 homens. Foram porém batidos os sublevados e no dia 10 de agosto foi dissolvida a provincia, que, voltando a ser comarca, foi administrada pelo commandante da força expedicionaria.

Por varias vezes pretendeu-se restabelecer o Rio Negro na sua antiga cathegoria como provincia. Em 1843 foi discutido e passou na camara dos deputados um projecto para se elevar á provincia a comarca do Rio Negro com a denominação de provincia do Amasonas, com uma assembléa provincial de 20 membros e dando um deputado e um senador á assembléa geral.

Finalmente pela lei de 5 de setembro de 1850 foi de novo a comarca do Rio Negro elevada á provincia, tendo lugar a sua installação no 1.º de janeiro de 1852.



VILLA DE CUDAJAZ.

Fica á margem do Selimões. Foi o lugar onde em 1864 apportaram pela primeira vez os irmãos Rocha Tury, quando se propozeram a explorar o lago Cudajaz e o rio Purús.

Em 1871 foi elevada á cathegoria de freguezia e em 1873 á de villa.

A lavoura é alli completamente nulla. Não ha campinas proprias tambem para a creação de gado, mas os Srs. Rocha Tury acabam de abrir um campo artificial, aproveitando a margem de um lago proximo á villa e alli montaram uma fazenda, que já conta para mais de tresentas cabeças de gado vacum e algum cavallar.

O principal ramo de commercio, que alli se faz em grande escala, é da extracção da borracha (*seringa*), que é preparada no lago Cudajaz. A pesca do pirarucú é igualmente feita em grande escala. Tambem exporta salsa-parrilha

A população da villa é quasi toda emigrada do Pará e Baixo-Amasonas. Tem 6 casas de commercio e um armazem de grosso trato.



COMARCA DE OBIDOS.

Foi creada em 1867. A cidade de Obidos é a cabeça da comarca.

RECENCEAMENTO DA PROVINCIA DO PARÁ NO ANNO DE 1872.

Comarca da capital	88,377 habitantes.
« de Santarém (1)	25,409 «
« de Bragança	14,921 «
« de Cametá	26,690 «
« de Macapá	16,270 «
« de Gurupá	8,160 «
« de Marajó	2,792 «
« de Breves	30,390 «
« de Obidos	5,113 «
« de Cachoeira	13,887 «
« da Vigia	27,065 «
	249.074 «

Sem duvida nenhuma que a cifra acima mencionada acha-se muito aquém da realidade.

Os melhores calculos orçam a população do Pará ou por cerca de 350,000 habitantes, como os do Exm. Sr. senador Candido Mendes, no seu *Atlas do Brazil*, ou em 380,000 habitantes, conforme os do Exm. Sr. senador Pompêo, no seu *Compendio geographico*.



UAMIRI.

E' o nome da pequena flecha das zarabatanas.

(1) Foi ultimamente creada a comarca de Monte-Alegre, desmembrada da de Santarém.

AS AMASONAS.

A existencia das *Amasonas* é ainda um d'esses problemas complexos que a história não tem podido resolver.

Seria possível a existencia de um paiz, de uma república exclusivamente composta de mulheres, que tivessem achado meios de se conservarem e progredirem, sem que as fatigasse o exercicio das armas e o estado violento em que se achariam collocadas? Si fôr isto admittido, diz um escriptor brasileiro, mais resolvido estará o problema.

Por mais desparatada que pareça a crença nas amasonas, achou e ainda acha sectarios, mesmo entre aquelles que menos apaixonados se mostram do romantico e do maravilhoso. Colombo acreditava na existencia d'essas mulheres guerreiras; Raleigh espalhou essa crença na Inglaterra, Hernando Herrera assevera que a ouvira no Paraguay; porém foi La Condamine quem mais generalizou-a.

Eis o que escrevia acerca d'este assumpto no *Diario de sua viagem ao Amasonas* :

«No decurso da nossa viagem questionamos por toda a parte aos indios das diversas nações, d'elles nos informamos com grande cuidado se tinham algum conhecimento d'aquellas mulheres bellicosas, que Orellana pretendia ter encontrado e combatido; e se era verdade que ellas vivessem fóra do commercio dos homens, não os recebendo entre si senão uma só vez por anno

«Todos nos disseram tel-o assim ouvido a seus paes, ajuntando mil particularidades, muito longas de se repetirem, todas tendentes a confirmar que houve n'este conti-

nente uma republica de mulheres que viviam sós, sem homens e que se retiraram para o interior das terras do lado do norte, pelo rio Negro ou por um dos que pelo mesmo lado correm para o rio Maranhão.

«Um indio de *S. Joaquim de Omaguas* nos disse que por ventura ainda encontraríamos em Coari um velho, cujo pae vira as amasonas. Soubemos em Coari que o indio que nos tinha sido indicado havia fallecido; mas fallamos a seu filho, homem de 70 annos e commandante de outros da mesma tribu. Este nos assegurou que seu pae tinha-as visto passar na entrada do Cuchiuara, vindas do Cayamé, que desagua no Amasonas do lado do sul entre Tefé e Coari:—que tinha fallado a quatro d'entre ellas, que uma trasia um filho ao peito . . . —que, deixando o Cuchiuara, atravessaram o *Grande Rio*, e tomaram o caminho do Rio Negro. Omitto certas minudencias (diz La Condamine) pouco verosimeis; mas que nada importam ao essencial do assumpto.

«Abaixo do Coari nos disseram os indios a mesma coisa, variando só em algumas circumstancias; porém quanto ao ponto principal estavam todos de accordo.

«Um indio de Mortigura, missão visinha do Pará (continua o mesmo author) offereceu-se para mostrar-me um rio, pelo qual, segundo entendia, se podia subir até á pequena distancia do paiz em que n'aquella actualidade se encontrariam amasonas. Era este rio o Irijó; e dizia o mesmo indio, que quando tal rio deixava de ser navegavel por causa das cachoeiras, era preciso, para se penetrar no paiz das amasonas, caminhar muitos dias pelos mattos para a banda do oeste e atravessar um paiz montanhoso.»

Um veterano da guarnição de Cayena assegurou a La Condamine, que sendo enviado em um destacamento para reconhecer o paiz em 1726, havia penetrado entre os *amicuanes*, nação de orelhas compridas, que habita além das cabeceiras do Oyapock, e junto ás de um outro rio, que desagua no Amasonas, —e que ali vira ao pescoço das mulheres umas pedras verdes; e que perguntando aos indios de onde as tiravam, responderam estes que lhes vinham do paiz das *mulheres que não tinham marido*, paiz que ficava a sete ou oito leguas de distancia para o lado do occidente.

Observa La Condamine que a nação dos *amicuanes* habitava longe do mar, em um paiz elevado, onde os rios não eram ainda navegaveis; e que assim não era verosimil que elles tivessem recebido esta tradição dos indios do Amasonas, com os quaes não tinham relações de commercio.

«O que mais que tudo me parece verosimil, diz ainda La Condamine, é que as amasonas tenham com o tempo perdido os seus antigos costumes, quer fossem subjugadas por outra nação, quer aborrecidas da sua soledade, esquecessem as filhas a aversão das mães para os homens.

«Assim, conclue elle, ~~quando se~~ ^{se} reparassemo com vestigios d'essa republica feminil, não seria isto bastante para affirmar ~~que~~ ^{que} ellas não tenham existido nunca.»

La Condamine escreveu uma memoria acerca das amasonas, que foi lida na Academia Real das Sciencias de Paris.

TAUA'-TAPUERA'.

E' uma tribu do rio *Xingú*. Deriva-se o seu nome da còr dos individuos que a compõe, semelhante ao *tauá*, amarello escuro. Não são muitos em numero; mas ferozes em seus instinctos. Habitam as terras centraes do lado occidental do rio.

Os individuos que a compõe são baixos, de aspecto horrendo, feições irregulares e tez da còr do cobre.

Não entretém relações com alguma das tribus pacificas, e só para o combate é que se encontram com ellas.

São antropophagos, segundo referem os outros indigenas d'aquellas paragens.



COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO DO AMASONAS.

Por decreto de 7 de Junho de 1874 é concedida á Companhia de Navegação e Commercio do Amasonas a authorisação que sollicitara para transferir os direitos e obrigações do contracto approvado pelo decreto de 10 de Outubro de 1857 a uma companhia estrangeira, sob diversas clausulas annexas ao decreto de autorisação.



CARABOBOCAS.

Era o nome primitivo da bahia de *Marajó*.

ANHANGA.

E' assim que denominam os indios o genio do mal; e para elles a divindade terrivel e malefica a quem attribuem todas as desgraças que lhes acontecem. Além d'este, acreditam ainda em outros espiritos, tambem maleficos, a que dão os nomes de *jurupari*, *curupira* e etc.

Anhangá, diz um notavel escriptor brasileiro, entidade inteiramente espirital, sem idolos que o representassem e que o tornassem visivel, affligia os guerreiros com males inauditos, atacava-os com alienações mentaes, com terrores e sonhos amedrontadores, e descendo muitas vezes ao emprego de meios physicos, flagellava-os de modo lastimavel, quando os encontrava á sós e fôra de horas. As desgraças individuaes, as derrotas nas batalhas, os males que ás suas tabas sobrevinham lhe eram attribuidos.

O homem accommettido de uma enfermidade, o menino que era encontrado agonisante junto á fonte ou á beira do caminho; a mulher que abortava de susto; o caçador mordido por uma serpente ou devorado pelas feras, eram as victimas de suas malvadesas. E tão forte era a sua credulidade, tanto se lhes exaltava a imaginação n'este ponto, que esses homens fortes, acostumados a uma vida toda de privações, ás rudes iniciações da vida guerreira, aos soffrimentos de todos os generos, sentiam-se como que accommettidos de uma sasão de terror, recordando-se das vexações soffridas por culpa de *Anhangá*. »

Acontece algumas vezes nas margens do Amazonas, mas algum tanto arredado do littoral, ouvir-se ao longe um ruido, que se vae approximando e tornando cada vez mais for-

te, que depois passa, enfraquece e se perde para voltar algumas horas depois, percorrendo o mesmo caminho em sentido inverso.

E' o som do vento na folhagem, que refresca com o cair da noite, ou algum phenomeno que terá facil explicação quando fôr mais bem observado.

Os indios o attribuem a uma causa sobrenatural. E' o espirito do mal em suas correrias mysteriosas; é o *anhangá* que vae exercer o seu terrivel poder. Contam elles como na passagem d'este espirito as arvores se estorcem, as feras e as serpentes perdem a sua ferocidade, e mil outros prodigios. O caçador, o viandante extraviado, o imprudente que pernitoiu no despovoado, cheios de assombro e de pavor dizem ter encontrado o *Anhangá* nas florestas.

ORELLANA E AS AMASONAS.

Do meu manuscripto sobre o VALLE DO AMASONAS, extraio as seguintes linhas:

• • • • •
... «Ha entretanto um argumento em favor da narração de Orellana e aqui apresento, sem comtudo pretender tomar a sua defeza. Orellana commandava um navio, não foi o unico a combater contra as amazonas, não se achava a sós; acompanhava-o a guarnição do navio, que se não compunha exclusivamente de marinheiros rudes e soldados ignorantes, que facilmente podessem ser illudidos, mas tam-

Bem de officiaes, que é de presumir tivessem certa educação e conhecimentos. Seriam elles outros tantos protestos, que se levantariam contra a fabula por elle engendrada e em seu unico proveito.

Entretanto não consta que um só se apresentasse desmascarando o embuste, e a narração de Orellana correu mundo, sem que nenhum dos seus companheiros a desmentisse e contradissem. Com elles chegou á patria, onde referio o successo em que deviam todos ter tomado parte, e estes que sem duvida teriam sido interrogados, não desmentiram o facto.

Estariam todos elles peitados? Teria havido accordo previo entre todos elles, de modo que nunca trahissem a promessa que mutuamente se haviam feito?

Semelhante hypothese parece ser ainda mais difficil de verificar-se do que a possibilidade da existencia d'essas mulheres, constituindo uma republica e vivendo na mais completa independencia de homens.»



A CIDADE ENCANTADA.

Na foz do rio Gurupy, á 9 milhas da villa de Visão, na provincia do Pará, existe uma pedra enorme no meio das agoas, na distancia de 5 ou 6 milhas da ponta de terra mais proxima. Mede esta pedra, que nunca ficou coberta, nem nas maiores enchentes de março e agosto, 35 palmos de E. a O. e 45 de N. a S., e mais de 30 do ponto mais alto á superficie do mar.

Do lado que olha para o occidente tem uma especie de caverna, onde póde uma pessoa andar muito á vontade e tem já por diversas vezes servido de abrigo a naufragos.

Ainda se não medio a profundidade do mar em torno d'ella, mas presume-se que seja grande, visto como muito por perto passam os vapores da Companhia do Maranhão.

Era crença entre a gente do povo, que alli sôb aquella pedra existia uma cidade encantada e dizia-se que nas noites claras, quando a lua prateava as agoas tranquillias do mar, os pescadores que por perto passavam, ouviam distinctamente os sons harmoniosos de não sei que instrumentos desconhecidos e muitas vezes os repiques festivos de sinos.

Hoje, só algum pescador mais animoso, é que se atreve a ir pescar á noite nas proximidades da pedra.

CANUMAN.

Esta freguezia está situada á margem direita do rio, que lhe dá o nome. Foi fundada em 1802 por Joaquim Anveres da Costa Côrte Real, mas somente começou a tomar incremento depois de missionada pelo religioso carmelita Frei José das Chagas, que tantos e tão bons serviços prestou a religião e ao estado em toda a região da Mundurucania.



A PEDRA DAS AMASONAS.

Nas minhas excursões pelo Amasonas ouvia fallar de umas pedras verdes, á que dão o nome indigena de *mueraquitan*, e cujo fabrico attribuiam ás amazonas. Tive occasião de ver e até de possuir uma d'estas pedras, que muito raras são entretanto, já porque os índios as guardam como preciosidades e já pela exportação que d'ellas se faz para os musêos da Europa.

A' essas pedras attribuem propriedades maravilhosas e dizem que curam certas enfermidades—como a pedra, a colica nephritica, a epilepsia, as molestias do figado e outras.

Que pedras serão essas e de que materia se compõe?

Buffon dá-lhes o nome de *jade*, pedra nephritica; Omalius classifica-as na familia das *silicides*, como a especie de um subgenero, a que conserva o nome de *feldspath*. Humboldt, porém, diz que o que nos gabinetes se chama *amazonen-stein* (pedra das amosonas), não é jade, nem feldspath compacto, que é o de que trata Omalius, mas somente feldspath commum. Comtudo, este mesmo naturalista diz ter visto uma d'essas pedras, que era uma saussurite, verdadeiro jade, que orictognosticamente se aproxima do feldspath compacto e que forma uma das partes constituintes do *verde di Corsica* ou do *Gabbro*. Buffon considera-a como uma materia mixta, servindo de tranzicção entre as pedras quartzosas e as micaceas ou talquosas; persuade-se que não é ella produzida immediatamente pela natureza; mas que depois de trabalhada devera ter sido empregado o fogo para lhe dar a extrema duresa que a ca-

raclerisa, visto como resistem estas pedras ás melhores lî-
nas e só cedem ao diamante.

Seja o que fôr, o que é certo é que as mueraquitans
existem, em maior ou menor quantidade, guardadas como
verdadeiras preciosidades e geralmente attribuido o seu pro-
cesso ás amasonas. Os que combatem a possibilidade da
existencia d'essas mulheres sem marido ou *icamiabas*, não
podem e não sabem explicar a verdadeira procedencia das
ditas pedras. Grande era a quantidade que d'ellas havia
e traducção era entre os indios que em certa quadra do anno
a tribu que com as amasonas mantinha relações, ia bus-
cal-as em mão d'ellas.

Hoje, com o desaparecimento das *icamiabas*, também
tem desaparecido as pedras.

Isto me não parece ainda uma prova concludente e de-
cisiva em favor da existencia das amasonas, mas é certa-
mente um argumento que faz de alguma sorte vacillar o
espírito.

De onde vinham essas pedras? Si não eram as amaso-
nas quem as fabricavam, como explicar o seu progressivo
desaparecimento?

Antes de estudar esta questão, confesso que recusava
peremptoriamente crer na existencia das amasonas, que
considerava como uma d'essas muitas fabulas de que está
cheia a historia. Hoje porem meu espírito vacilla, e si não
tenho razões decisivas para crer, também me não parecem
absolutamente convincentes as razões dos que negam a pos-
sibilidade da sua existencia.

FARO.

A villa de S. João Baptista de Faro, que teve sua origem em uma aldeia dos indios Uaboys, estabelecida abaixo da confluencia do historico Nhamundá ou Jamundá com o Pracatú, acha-se situada na extremidade occidental de um bello lago, de 3 milhas de comprimento e 2 de largura e na margem esquerda do mesmo Nhamundá, para onde foi transferida pelos padres capuchos da Piedade, que a missionaram.

Ainda hoje mostram os praticos do lugar o sitio em que existio a antiga aldeia dos Uaboys ou Jamundás, nome com que geralmente se designa os indios, que existiam n'aquella região.

Em 1758 o governador e capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado elevou aquella aldeia á cathedra de villa, dando-lhe o nome de Faro.

Esta solemnidade fez-se no dia 21 de dezembro de 1758. Estando presente o ouvidor Feijó, o vigario e outras pessoas, diz o Sr. Ferreira Penna, procedeo-se a pilouros para a eleição dos juizes e procuradores da camara que deviam servir no primeiro triennio de 1769 a 1771. No dia 27, depois de levantado na praça o pilourinho, abriram-se o, pilouros, e os que sahiram eleitos, tomaram logo posse do cargo da republica.»

Já ali, por conta do Estado, houve uma olaria; cujos restos ainda são visiveis, assim como uma fabrica de fição e tecidos de algodão.

Possue actualmente o seu districto algumas fazendas de criação de gado, e suas mattas abundam em salsa, oleo,

cravo, castanha, etc. Também exporta em grande quantidade falcas de *itaúba* para o porto de Belem.

Entretanto, e á despeito de tanta riqueza, contrista ver o estado de decadencia a que tem chegado esta villa, digna sem duvida de melhor sorte.

O contracto celebrado pelo governo da provincia do Pará com a companhia de navegação e commercio do Amazonas, estabelecendo uma linha regular de vapores para Faro, alimentou a esperanza de ver aquella localidade sahir do torpor em que se acha. Intelizmente porém, esse contracto foi pouco depois substituido por outro, que tirando ao municipio de Faro aquelle elemento de progresso, fez desaparecer a promessa de *tornar uteis suas vastas campinas e de levar a esse isolado extremo occidental da provincia o commercio e com elle o desenvolvimento da industria e da civilisação.*

Em consequencia da progressiva decadencia da villa, solicitaram alguns dos principaes fazendeiros de Faro e obtiveram em 1859 da assembléa provincial a transferencia da séde da mesma villa para a margem septentrional do lago *Algodoal*.

«Esta localidade, diz ainda o Sr. Ferreira Penna, tem a vantagem de achar-se quasi no centro do municipio e nas proximidades das principaes fazendas de creação e sitios de cultura; si todavia attender-se a que o lago, talvez por causa da sua consideravel expansão, não é accessivel durante o inverno, mesmo á embarcações, que navegam no Jamundá, e, durante o verão, ás pequenas canoas, porque, n'esta ultima estação, fica reduzido quasi á pequenos poços, reconhecer-se-ha que a localidade para onde a lei mandou

transferir a villa, não melhora as condições d'esta, nem o commercio do municipio.»

O que é certo, é que, com grande satisfação dos habitantes da villa, nunca se tratou de realisar a mudança.



PIRACUHIH.

(*Farinha de peixe*). Dão os indios este nome á conserva do peixe, que preparam do seguinte modo: Depois de bem cozido, enchugam o peixe e o levam para o forno até ficar bem secco.

Assim preparado, conserva-se por muito tempo e d'elle fazem uso por diversas formas. O *piracuhim* mais apreciado é o do peixe *tucunaré*. Na ultima exposição de Paris foi esta conserva tida como a melhor.



SILVES E VILLA-BELLA.

As freguesias de Villa-Nova da Rainha e Silves, na provincia do Amasonas, elevadas á cathegorias de villas, a primeira pela lei provincial de 15 de outubro de 1852 com a denominação de *Villa Bella da Imperatriz* e a segunda por lei de 21 do mesmo mez e anno, são constituídas ambas no dia 14 de março de 1853, com grande rigosijo e contentamento dos seus respectivos habitantes.

ARVORES DO AMASONAS.

Eis as arvores que mais abundam nas margens do Amasonas:

Embaúbas—Auerana—Monguba—Sumaúma—Louro—
Mututy—Paracaúba—Macacaúba—Assacú—Mueratinga —
Ingá—Mary-mary (canafistula)—Catauary—Castanha de
macaco—Sapucaia—Envira—Paricá, e etc.

RIQUESA DA SERRA DE PARINTINS.

E' muito rica em madeiras da melhor qualidade, sobresahindo entre todas a bella *muirapinima*. Dizem que ha tambem ali o páo-brasil; entretanto nenhum dado seguro ha para poder asseverar a sua existencia.

JURIMAUA'S.

Valente tribu de indios do Solimões e verdadeiros fundadores da freguezia de Coary.

Missionada esta tribu pelos carmelitas, foi depois perfidamente arrancada a elles por jesuitas hespanhóes, que com parte d'ella fundaram uma povoação no *Guallaga* ou *Huallaga*.

Foram os *Jurimauás*, que no *Coary* prestaram hospitaleiro acolhimento ao capitão Pedro Teixeira na volta de sua viagem a Quito.

ONDE NASCE O AMASONAS ?

Diversas tem sido as opiniões acerca do lugar preciso em que nasce o grande rio; porem a mais seguida e provavelmente a mais segura, é que nasce no lago *Hyauricocha* ou *Laurcocha*, no districto de Huanuco, do departamento de Tarmá, a 32 leguas N. N. E. de Lima, capital do Perú, com o nome de *Tunguragua* e que partindo da extremidade oriental do dito lago, segue na direcção de N. N. O., entre as montanhas dos Andes, começando a ser navegavel do ponto em que se lhe reúnem o *Guanama* e o *Pulcão*. Até *Jaen de Bracamoros* só o é em pequenas canôas ou montarias, que possam passar as cachoeiras. De *Bracamoros* inclina-se a N. N. E., e a navegação torna-se então mais franca até o *Pongo*, augmentando-se o volume de suas aguas com os affluentes *Chinchippé*, *Chachapúas* e *S. Thiago*, tendo já então 250 toesas de largura. Sessenta milhas abaixo do *Pongo*, que é um canal de seis milhas de comprimento e poucas braças de largura, recebe os rios *Morona* e *Pastaza*. Mais adiante recebe o *Guallaga* e o *Ucayale* e começa então a ser conhecido pelo nome de *Maranhão*. Toma o rumo de N. E., por espaço de 90 milhas, augmentando o volume de suas aguas com o *Nonai* e o *Napo*, inclina-se depois para E, recebe o *Cassiquiare* e entra no territorio brasileiro em *Tabatinga*, onde toma o nome de *Solimões* até receber o rio Negro.

Uma linha recta tirada de *Tabatinga* até a margem direita do rio *Japurá*, defronte da foz do *Apaporis*, é a divisa entre o Brasil e o Perú, segundo art. 7.º da Convenção de 23 de Outubro de 1851.

Foi Vicente Pinzon quem primeiro descobriu a foz do Amasonas; tomando posse d'elle em nome da coròã portugueza (1500). Os Hespanhóes pretendem que foram descobertas as suas cabeceiras pelo capitão Maranhon, que fazia parte da expedição de Pizarro, e d'ahi o nome de *Maranhão*, que ainda muitos lhe dão, desde a confluencia do *Ucayale* até *Tabatinga*.

Quarenta annos depois da descoberta de Vicente Pinzon, deu Francisco Orellana a este rio o nome de *Amasonas*, por haver, diz elle, encontrado na foz do Nhamundá, que se lança na margem esquerda do grande rio, mulheres guerreiras com as quaes affirmou haver-se batido. Os indigenas davam-lhes o nome de *Icamiabas* e Orellana apelidou-as *Amasonas*. Suppunha-as habitadoras das cabeceiras do *Nhamundá*, na serra *Icamiaba* e guardadas por varias tribus extremamente ferozes, como os *Pariquis*, *Tagaris*, *Guacaris* e outras, que habitavam as margens do *Nhamundá*.

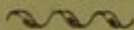
«A grandesa d'este celebrado rio, diz o padre José de Moraes, lhe tem multiplicado os nomes pela multiplicidade dos acontecimentos. Uns lhe chamaram rio *Maranhão*, outros *Amasonas*, *Orellana* e *Grão-Pará* outros.

O primeiro, que é entre todos o mais antigo, sem ser necessario embarçarmo-nos com deducções violentas, é a meu ver o que lhe deram os castelhanos, de um seu capitão do mesmo appellido de *Maranhão*. O segundo o deu Francisco de Orellana, quando navegando por elle, foi accommettido das margens, por onde passava, de um pequeno esquadrão de mulheres, que com os arcos e flechas lhe

picaram a marcha, alludindo ao mesmo nôme, com que foram distinctas entre as do seu sexo as bellicosas Amasonas da Asia. E do seu mesmo appellido de Orellana lhe deram o terceiro os soldados da sua comitiva. O quarto, de *Grão-Pará*, que quer dizer *mar grande*, foi dado pelos portuguezes, porque defronte da cidade, aonde só logra este nomê, se forma a larga bahia, que compõe os quatro rios Mojú, Guamá, Capim e Acará, que a não ter no meio a grande ilha das Onças e as que lhe ficam defronte, correndo para a barra, seria muito mais dilatada a sua grandeza.»

A extensão do Valle do Amazonas foi avaliada por Humboldt em 260,000 legoas quadradas. N'essa immensa área existe um desenvolvimento superior a 7,000 legoas de rios navegaveis.

O Amazonas tem sido navegado á vapor n'uma distancia de 800 legoas geographicas.



S. JOAQUIM.

A fortaleza d'este nome está situada na margem esquerda do rio Tacutú, 98 leguas acima da foz do Rio Branco. Foi mandada levantar pelo governador do Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Pouco acima da fortaleza está a fazenda de gado de propriedade nacional, assim como a povoação tambem denominada de S. Joaquim.



NOTICIA SOBRE BRAGANÇA.

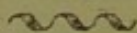
O clima de Bragança é reputado um dos mais saudáveis da provincia do Pará e os medicos aconselham a sua residencia ás pessoas que soffrem de affecções pulmonares. A vegetação ali é poderosa, como em todo o Valle do Amazonas. Tem excellente e abundante agoa potavel; possue salinas, estensas campinas de criação, muita caça e peixe em abundancia.

Entre os edificios, deve-se fazer menção especial da igreja matriz, concluida em fins de 1872. E' um bello templo, com uma só torre no centro do frontespicio e cuja parede do fundo é de forma octogonal.

Além da matriz, ha a igreja de S. Benedicto e a pequena capella de S. João Baptista, ainda não concluida.

Consiste o commercio de Bragança em gado vacum e cavallar, farinha de mandioca, arroz, algodão, etc.

Communica com a capital da provincia por meio dos vapores da Companhia do Maranhão e de barcos e canoas. Tem além d'isto a estrada de Guamá, por onde tranzita o correio.



RIO DOS MACACOS.

Este rio é uma ramificação do rio dos Breves. Vae do poção dos Macacos para E; recebe alguns affluentes, inclina-se para o norte e entra no Aramá, a E. da confluencia d'este com o Jaburú.

O RIO URUBU'.

Depois de ter recebido o caudaloso e importantissimo rio Madeira, recebe o Amasonas as aguas do *Arauató*, que lhe levam as aguas do rio Urubù, o qual tambem recebe em seu curso as aguas do lago de Canumã, em cujas margens existio a freguezia de N. S. da Conceição, e banha as taperas das antigas freguezias de S. Raymundo e S. Pedro Nolasco.

O rio Urubù, onde em outro tempo floresciam as missões dos mercenarios, acha-se hoje de todo deserto e as taperas das abandonadas freguezias servem de mocambos a escravos fugidos. Davam-lhe os indigenas o nome de *Burururú*, de uma de suas tribus, mas substituíram n'ò os portuguezes pelo de *Urubù*, porque é hoje geralmente conhecido.

Habitavam-n'ò, entre outras, as nações *Burururú*, *Guanavena*, e *Cabouquena* contra as quaes em 1664 commetteu Pedro da Costa Favella, em represalia, horrivel carneficina em que pereceram 700 indigenas, foram prisioneiros 400 e incendiaram-se 300 malocas.

Eis o facto que deu lugar a tão lamentavel acontecimento:

Em consequencia das ordens do Governador Ruy Vaz de Siqueira, diversas missões, escoltadas por mosqueteiros, internaram-se pelos sertões do Amasonas e de alguns rios, que n'elle affluem.

Uma d'estas escoltas, commandada pelo sargento-mór Antonio Arnaud Villela, entrou com o missionario Fr. Ray-

mundo, da ordem das Mercês, no rio Urubù e teve a infelicidade de perder parte dos seus companheiros, com o commandante e o alferes Francisco de Miranda, nas mãos dos Cabouquenas e Guanavenas, que com mostras de paz conseguiram illudil-a. Apenas lograram escapar o missionario e o seu companheiro mal ferido e alguns mosqueteiros e indios amigos, que se apressaram em montar as canôas.

Senhores do campo, embarcaram-se os selvagens em 45 canôas para a aldeia de Saracá, onde sabiam que se achava o alferes João Rodrigues Palheta; mas, pouco antes de chegarem á aldeia, encontram-se com elle, que os esperava á frente de dezoito soldados e dusesentos indios em cinco canôas e os põe em completa debandada.

Informado o governador de semelhantes acontecimentos, resolveu tomar prompta desforra e infligir nos indios do Urubù exemplar castigo.

A' 6 de setembro do mesmo anno sahio de Belem a expedição contra os indios do Urubù, commandada pelo capitão Pedro da Costa Favella. Compunha-se esta expedição de trinta e quatro canôas com quinhentos indios sob as ordens de seus superiores e de quatro companhias de tropas regulares, sob o mando de quatro capitães de infantaria e de outros officiaes subalternos.

A' 25 de setembro chegou a expedição á aldeia de Tapajós, hoje cidade de Santarém, e depois de chamar a si muitos indigenas domesticados das aldeias d'aquelles contornos e de refrescar a sua gente, partio o capitão Favella para o seu destino.

A' 4 de novembro partio da cidade de Belém o governa-

dor com o fim de subsidiar de mais perto a expedição, levando comsigo o maior numero de gente que poudo pôr em pé de guerra. Não foi porém alem de Porto de Mòs (1), visto como interesses momentosos da politica chamaram-n'o com urgencia á cidade. Em seu lugar porém partio o sargento-mór Antonio da Costa em demanda da expedição.

No dia 25 do corrente desembarcou o capitão Favella no primeiro porto dos indios inimigos no rio Urubù; e depois de fortificar-se na margem do rio e de deixar ali tropa sufficiente para defender as canoas e as fortificações, penetrou com a força no interior das mattas.

A' 7 de janeiro encontrou os Cabouquenas já unidos aos Guanavenas e cutros das serranias do Parù, que marchavam tumultuariamente contra a expedição em bandos numerosos. Travou-se então encarniçada peleja e depois de tenaz resistencia conseguiu Favella pôl-os em debandada.

A perseguição foi violenta. Os indios accossados por Favella e pelo sargento-mór Antonio da Costa, que chegou n'essa occasião, reúnem-se de novo e com mais furia continúa o combate.

Foi horrivel: morreram 700 selvagens; cahiram prisioneiros 400 e as chammas produsidas pelo incendio de 300 aldeias allumiaram sinistramente essa scena de luto e de sangue.

Assim terminou essa celebre expedição do rio Urubù,

(1) Chamava-se então aldeia do Xingú, e primitivamente aldeia de Maturú.

o qual d'então em diante pareceu ter ficado fechado aos exploradores.

Consta que o actual presidente do Amasonas o Sr. Dr. Domingos Monteiro Peixoto pretende mandar explorá-lo. Oxalá possa elle levar avante o seu patriotico intento.

CURIUIAIAS.

E' o nome de uma tribu, que habita o centro das matas, e á não pequena distancia das margens do rio Xingú.

Os *Curiúaias* são bravos, destemidos e inimigos de todas as outras tribus, á excepção da tribu dos *Tucuna-peuas*, que cultivam as suas relações com muita reserva.

Tem cabanas em que moram permanentemente; plantam mandioca e algodão e fazem redes.

Evitam cuidadosamente approximar-se do rio, e quando uma ou outra vez o fazem, mostram-se aterrados e confusos.

PIRANHA.

E' uma ave de côr preta. Chamam-na assim os indios por ter a cauda a forma de uma thesoura aberta (*piranha*, em lingua tupi.)

Tambem com este nome ha um peixe, de dentes mui afiados e cortantes

JOSÈ PEDRO CORDOVIL.

Foi o fundador da antiga Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, onde teve um importante estabelecimento agricola, além do que possuia nas terras que da foz do lago José-assù, dentro do Ramos, á do Matto-Grosso, no Amazonas, lhe foram concedidas em sesmaria pela rainha D. Maria I.

O lugar onde está hoje edificado o paço da camara municipal de Villa Bella, foi o da primitiva residencia de Cordovil.

De genio excessivamente irascivel e orgulhoso, não admittia superioridade, pelo que teve de sustentar longa e porfiada luta com o missionario Fr. José das Chagas, a quem por fim foi obrigado a ceder o campo, pela impossibilidade de o sustentar, vendo-se abandonado do publico cujas sympathias e boas graças não soubera captar.

Possuio avultadas riquezas, que perdeu no jogo, vicio a que se entregou em demasia, e não, como diz o sr. coronel Accioli, *na reduccão dos indios*.

Morreu mendigo, coberto de andrajos, á porta do hospital da caridade, em Belem.



ABIURANA DO RIO BRANCO.

E' uma arvore de quatro palmos de grossura e sessenta pouco mais ou menos de comprimento: emprega-se nas construcções civis.

O BISPO D. ROMUALDO DE SOUZA COELHO.

Eleito a 22 de janeiro de 1819 bispo da diocese do Gram-Pará e sagrado no 1.º de abril de 1821 pelo bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva Coutinho, faz a sua entrada solenne na cidade de Belém o Sr. D. Romualdo de Souza Coelho a 5 de julho do mesmo anno.

A cerimonia foi feita com a maior pompa, demonstrando o povo subido contentamento por ver o solio paraense, occupado por um filho da provincia, capaz de honral-o e de ennobrecel-o pelos costumes honestos de sua vida publica e particular, pela mansidão e amenidade do seu character e pelas virtudes de que o coração lhe era vasto sanctuario, realçando-lhe todas estas prendas uma intelligencia opulenta, cultivada com esmeros e cuidados.

A cerimonia da entrada do illustre bispo paraense teve lugar na igreja de Nossa Senhora das Mercêz, levantando-se um vistoso arco na bôca da rua dos Mercadores, no mesmo lugar em que ainda hoje se usa collocar-o para iguaes ceremonias.

O concurso do povo, que assistio a esse acto e que victoriava jubiloso o prelado, era sobremodo extraordinario.

D. Romualdo de Souza Coelho, 8.º bispo da diocese do Gram-Pará, nasceu na villa, hoje cidade de Cametá ou Camutá, a 7 de fevereiro de 1762. Era tio e foi o primeiro mestre do illustre arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa Cruz.

Falleceu a 15 de fevereiro de 1841, com 79 annos de idade, tendo governado o bispado 19 annos e 7 mezes.

Jaz sepultado no presbyterio da capella mór da cathedra, da parte do Evangelho, na mesma sepultura do seu antecessor D. Manoel de Almeida, segundo o havia pedido.

Os seus diocesanos fizeram collocar sobre as suas cinzas uma lapide com o seguinte epitaphio :

« *Á memoria do virtuoso D. Romualdo de Souza Coelho, VIII bispo do Pará, nascido na mesma provincia a 7 de fevereiro de 1762 e fallecido a 15 de fevereiro de 1841; dedicam os paraenses seus diocesanos e patricios.* »

« Viveu sempre pobre, diz um seu discipulo e biographo, e pobre em cujas mãos não entrava o dinheiro, e nem mesmo na sua gaveta, porque sendo seu mordomo o padre Raymundo Severino de Mattos, este arrecadava as offerendas, emolumentos e ordenados, e por suas mãos é que corriam as despesas : tirada d'estas verbas a quota necessaria á sua frugal subsistencia e de sua familia, o restante era patrimonio do seu seminario, do das educandas, das viúvas e dos pobres.

.....
« A viúva, o pobre e o afflicto, sempre acharam no seu pae extremado o medico dedicado assim como a uncção salutar, com que eram curadas as suas enfermidades. »

O povo paraense ainda hoje venera como um santo o Sr. D. Romualdo de Souza Coelho.

Deixou diversos e preciosos manuscriptos e correm impressos com o seu nome alguns trabalhos importantes.



OLEO DE UCUU'BA.

E' extrahido da massa interior do fructo da grande arvore *myristica officinalis* ou *sebifera*, pertencente á familia das *myristiceas*, segundo Martius ou á das *laurineas*, segundo Duchesne.

E' concreto, de côr branca e bastante inflammavel. E' empregado contra as affecções rheumaticas, asthma e tremores das articulações.

Tambem com elle se preparam velas como as da carnaúba e talvez superiores, sendo bem fabricadas.

O leite da *ucuúba*, tambem empregado pela medicina, em gargarejo e collutorios no tratamento das aphtas e ulceras da boca, é extrahido por incisões do tronco da mesma arvore.

Abunda espantosamente esta arvore em todo o valle do Amasonas e carrega admiravelmente de fructos, que contém uma polpa, a que o povo dá o nome de *sebo vegetal*.



GUAJARATUBA.

E' uma ilha do Solimões, entre o lago Taracajá e o rio Uamory, onde foi em outro tempo a freguezia do Coary, trasladada pelo carmelita Fr. Antonio de Miranda, e d'onde outro de nome Mauricio Moreira mudou-a para o lugar onde hoje se acha.

D'ahi começa a corrente do Jurupari-pindá.

RIO ANDIRA'.

E' um rio da Mundurucania, que se lança no rio *Urariá* ou *Ramos*, nome porque é mais geralmente conhecido.

O Ramos ou *Urariá* lança-se na margem direita do Amasonas, ou antes parece que não é mais do que um braço que o Madeira deita para E., dose legoas acima da sua foz, e entra no Amasonas cincoenta legoas abaixo d'ella.

O nome primitivo do rio *Ramos* era *Urariá*, porque em suas margens abundava o sipó *urary* ou *uirary*, com que preparam os indios o celebre veneno do mesmo nome.

Nas barreiras da foz do rio Andirá ha em grande abundancia excellente tabatinga vermelha e tabatinga branca ou giz. Disse-me o Rvd.^o Sr. vigario do Andirá Manoel Justiniano de Seixas, que foi com esse giz, diluido com leite de sôrva e agoa, que caiu as paredes da igreja matriz, que ficaram alvissimas e não deixam vestigios nas roupas dos que n'ellas se encostam.

Affirmou-me o mesmo Sr. vigario Seixas, que havia com abundancia tabatinga amarella e da melhor qualidade no rio *Araticú*, cabeceira do Andirá, assim como que nas mattas que margêam este rio, existem arvores de páo brazil. Tambem delá trouxe eu uma amostra de *muerapini-ma*.



MUCUIM.

E' um bichinho extremamente pequeno, de côr vermelha, que se agarra ao corpo, provocando insupportavel comichão. E' uma das pragas do Amasonas.

A CACHOEIRA DO TARUMAN.

E' uma das mais lindas cachoeiras do Rio Negro; fica a quatro legoas pouco mais ou menos de Manáos.

Domina uma elevada ribanceira, formada de pedra; tem oito braças em sua queda e a correnteza é de quatro milhas. E' formada por um verdadeiro parallelogramo tão symetrico, que mais parece obra esmerada da mão do homem do que producto da natureza. As margens são ornadas de magestosos arvoredos e o fundo da cachoeira é todo como matizado de pedras delicadas.

A pancada é tão forte que chega-se a ouvir na distancia de duas legoas e o nevoeiro que se desprende das agoas, reflectido pelos raios do sol, forma um dos mais lindos e deslumbrantes panoramas.

Em Manáos é conhecida geralmente por *Cachoeira grande* para differenciar se de outra mais proxima da cidade e a que dão o nome de *Cachoeirinha*.

E' um sitio de tradicionaes recordações para os habitantes do lugar.

AS MADEIRAS DE OBIDOS.

No genero de madeiras, diz o Sr. Ferreira Penna, Obidos é um dos mais ricos municipios, e o Trombetas por si só pôde fornecer toda a madeira de que precise o estado para as suas construcções durante longos annos.

A CIDADE DE SANTARÊM.

E' uma das maiores cidades da provincia do Pará e pela magnifica posição em que se acha collocada, á margem direita do Tapajós, junto á sua confluencia no Amasonas, parece destinada a ser um dia o centro de um grande commercio, que dará impulso á civilisação no Tapajós, rio de immensas riquezas e de grande população.

Foi primitivamente uma aldeia occupada pelos indios Tapajós.

Em 1694, em consequencia de receios de invasões estrangeiras, especialmente de francezes, que ameaçavam de Cayena entrar em conquista, mandou o governo portuguez estender fortificações por todos os pontos do Amasonas, onde podesse havel-as. Manoel da Motta e Siqueira offereceu-se para á sua custa levantar as fortificações necessarias, com a condição de ficar á sua disposição o commando d'ellas.

Foi acceito pelo governo o offerecimento e Manoel da Motta, nomeado superintendente das fortificações, mandou logo levantar as que lhe foram indicadas pelo governador, entre as quaes a do Tapajós, que em 1697 ficou concluida, sendo feita, diz o Sr. Ferreira Penna, de taipa de pilão, em fórma quadrada com 22, braças de cada lado, tendo cada angulo um baluarte.

Com o estabelecimento da fortaleza cresceu e progrediu a aldeia do Tapajós, ao passo que outras ficavam estacionarias ou decahiam.

Em 1754, elevou-a o capitão-general Mendonça Fur-

tado á cathegoria de villa com a denominação de Santarém, e em 1848 foi-lhe conferido o titulo de cidade.

A cidade de Santarém parece ir caminhando em via de prosperidade. « Graças á sua vantajosa situação junto a confluencia dos dous grandes rios, diz ainda o Sr. Ferreira Penna, onde se constituem, por assim dizer, um centro de união mercantil entre as capitaes das tres grandes provincias do N. O., a cidade de Santarém entretém um commercio activo com o porto de Belem por intermedio dos vapores da companhia do Amasonas; com os districtos vizinhos que trazem a seu porto em pequenas canôas uma extraordinaria variedade de generos; e com Cuyabá, por meio de canôas especiaes, denominadas igarités e ubás, que annualmente descem das immedições do Diamantino, trazendo couros, pequenos diamantes e ouro em bruto, que trocam por sal, ferro, aço, polvora, chumbo, louça; vinhos e guaraná, com que elles regressam para os pontos de sua procedencia.»

Ha actualmente ali como uma especie de colonia de americanos industriosos, que se tem estabelecido nas montanhas que circumdam a cidade e que muito tem concorrido para o desenvolvimento da agricultura.

Em geral são intelligentes, laboriosos e morigerados.

Os trabalhos feitos nos estabelecimentos dos Srs. Pitt, Rhome e Rhik são dignos de serem vistos. Si continuarem a concorrer emigrantes nas condições dos que actualmente existem em Santarém, de certo que muito terá a ganhar a agricultura ali.

A população do municipio é calculada em 10,000 habitantes e a da cidade em 1,800 a 2,000.

Fallando de Santarém, dizia em 1788 o bispo D. Fr. Caetano Brandão: «Esta villa é uma das melhores do Estado; compõe-se de moradores brancos e índios, 1,300 almas. As casas dos índios estão arruadas com muito boa ordem e aceio. E' terra abastada de peixe; serve de escala ás embarcações que descem do Rio Negro e Madeira. Tem alguns moradores abonados, cuja riqueza consiste principalmente em cacáo, que é o mais bem preparado de toda a capitania, juntamente com o das duas povoações vizinhas, Obidos e Alemquer.»



PEDRA PERIGOSA.

Pouco abaixo do porto de Villa Bella da Imperatriz, bem em frente ao furo do lago *Macurany*, e pouco afastada da margem do rio, ha uma ponta de pedra, ou cachopo, que no inverno apresenta o aspecto de violento caldeirão.

E' quasi desconhecida essa pedra, que póde ainda ser fatal á navegação nos mezes de verão, se não cuidarem em collocar ali uma balisa ou signal.

O perigo maior está em nunca ficar ella descoberta, apresentando na maior vasante, pouco mais de meio palmo d'agua sobre si, como já foi verificado.

Encoberta, como se acha, poderá causar sinistro igual ao que teve o vapor *Belém*, da companhia do Amasonas, no mez de outubro de 1862, em uma pedra semelhante, quasi em frente á cidade de Manáos.

PARA'.

Minha patria é a virgem das florestas
Com grinaldas de flor de sicopiras
Nas tranças—nos vestidos de safiras
Com que o sol do Equador quiz adornal-a
E coberta de flores e de gala

Singela e feiticeira
S'espelhando nas agoas do Amazonas
Ella é mais do q'as outras brasileira.

Si o sol desponta por detraz da serra,
Onde se elevam condurús gigantes,
Vê trementes brilhar os diamantes,
Que a noute fria lhes chorou na rama;
E se eleva, e resvala e se derrama

Por sobre o matto rico;
Mas não penetra no tecido espesso
Da salsa, qu'enlaçou-se pelo angico.

Lá canta o c'raxué nas frescas tardes,
Do grossso muruty na larga palma;
E quando a branca lua fulge calma
O mauso jacamim seu canto exhala
A branda mangerona, que trescala

E a linda mamorana
Açoitadas pela brisa, que perpassa,
Da sertaneja ambrêam a cabana.

Minha patria é a virgem das florestas
Perfumada de essencia de baunilha;

E' a morena feiticeira filha
Do largo Tocantins e do Amasonas :
E' a meiga tapuia d'essas zonas
Singela e feiticeira
Mas ornada das flores de seus bosques
Ella é mais do qu'as outras brasileira.

Lá canta a sertaneja — na viola
E vergonhosa seu cantar modula ;
E o seio sob a cassa fina pula
A' irmã no dansar tão divertido :
E o velho muito uphano e embevecido
Seniado na maqueira
Orgulha-se por ver a filha esbelta
E linda a estremecer como a palmeira.

As lustrosas madeixas do cabello
Em trevo e cumarù todo ambreado
Rescendem — e o jasmim, que pende ao lado,
Derrama um cheiro activo, que enebria :
E a roceira tão cheia de magia
Olha meiga e expressiva
O noivo a conversar todo esguelhado,
Que vergonhoso á seu olhar se esquiva.

Minha patria é a virgem d'essa terra,
Que nutre o condurù e pão de rosa,
Engraçada a sorrir ; mas vergonhosa,
E gentil, e mimosa e tão garrida —
A roceira discreta e divertida,
Singela e feiticeira ;

Mas guardando os costumes sertanejos,
Ella é mais do qu'as outras brasileira.

A's barras do vestido roçagante
De esmeraldas, rubins e arêas d'ouro
Lhe traz o Tocantins grande thesouro
Do leite, onde corre assoberbado :
E, passando sereno ou agitado,
O tronco que arrancára,
Do grosso muruty leva comsigo
Ou da angazeira, qu'o tufão quebrára.

Minha patria é um eden de delicias,
Onde os dias se passam docemente ;
Lá sopra de continuo a brisa ardente,
Que anima a vida em corações gelados :
Nossos céos são mais puros e estrellados,
E a lua mais brilhante
Nossas terras robustas alimentam
O doce bacury, sem semelhante.

Lá erra na campina toda a noute
A ruiva capivara assobiando
E por entre o capim se resvalando
Ao rio vae beber, que junto passa,
A' tardinha a corrente que perpassa,
Em pé na arêa clara
Contempla a garça, que de quando em quando
Sacode as azas, que molhar deixara.

Minha patria é a virgem d'essas terras
Que banham o Tocantins e o Amasonas,

Queimada pelo sol d'estivas zonas,
Ornada das riquezas d'essas plagas;
A virgem, que se banha n'estas aguas
Singela e feiticeira;
E' a virgem formosa das florestas,
Ella é mais do qu'as outras brasileira.

(SOUZA FILHO.)



O CORONEL JOSÉ SIMÕES DE CARVALHO.

O conde dos Arcos, em um officio dirigido em 1804 ao governo da metropole e no qual lembra a conveniencia de transferir-se a sede do governo da capitania do Rio Negro para o lugar da Barra, hoje cidade de Manáos, como o fôra até 3 de agosto de 1798, propõe para governador da mesma capitania o coronel d'engenheiros José Simões de Carvalho.

Não chegou porém o coronel Carvalho a tomar posse do governo do Rio Negro, porque morreu em Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, onde está sepultado, de uma indigestão de ovos de gaivota, e não de tartaruga, como referem alguns historiadores.

Em consequencia d'isso foi em 1805 nomeado para substituil-o o intendente da marinha e dos armazens reaes no Pará, José Joaquim Victorio da Costa.



CARANA'.

(*Mauritia aculeata*). Empregam-se as fibras das folhas novas no fabrico de redes e de cordas.

Estas arvores são bellas palmeiras, delgadas, de mediana grandeza, com espinhos venenosos e que crescem nos lugares do littoral do Amasonas, sujeitos á inundação, como tambem em terrenos pantanosos do interior das mattas.

Dá fructo em cachos grandes. A folha é semelhante á da palmeira *assahy*.

Ha differentes especies e de todas ellas se extrahem fibras, em geral perduraveis e fortes.

Crescem em abundancia nas duas provincias do Pará e Amasonas.

CARARAUCU'.

E' o nome das barreiras, que á margem esquerda do Amasonas, entre a foz do paraná do Pacoval e a do da Capella, se ostentam altivas, descrevendo uma grande curva. A corrente do rio é ali violenta e obriga o viajante á procurar a margem opposta.

Na extrema norte ha um *caldeirão* cujo estampido ouve-se a muitas milhas de distancia.

Uma d'estas barreiras, a que se denomina *Paurá*; serve de limite ás villas de Silves e Bella da Imperatriz.

O RIO PURU'S.

O nome *Purús* deriva-se da palavra *purú-purú*, que quer dizer — pintado; ou de *myra-purú*, — gente pintada.

Em tempos idos eram assim chamados pelos habitantes do Amasonas e Rio Negro os selvagens da nação *Pamary*, moradores n'esse rio, por serem pintados ou manchados de branco. «Tornam-se foveirós, diz o capitão-tenente Amasonas, os indios que habitam suas margens, defeito sem o qual nascem e que se communica com o contagio.»

Com o andar dos tempos, denominou-se o rio— *Purús* — simplificando-se assim. a palavra.

O nome primitivo dado ao rio pelos *Pamarys* era *Wainy*, dando-lhe os outros selvagens, que o habitam, diferentes nomes, segundo o seu dialecto.

Ainda é desconhecido o ponto em que nasce o *Purús*. «Sendo o mais consideravel de quantos entram no Solimões por sua margem austral, diz o capitão tenente Amasonas, é de presumir que venha de muito longe, ou seja, como pretendem muitos, o desaguadouro do lago Rogagualho.»

Corre de O. para L. e lança-se no Solimões, 45 leguas acima do rio Negro.

Para melhor precisar as distancias e localidades dividio-se este importante rio em Baixo-*Purús*—da sua foz até o rio Tapanha, 505 millas; em Medio-*Purús*—da foz do Tapanha ao rio Mamoryha-Grande, 385 milhas; e em Alto-*Purús*—da foz do Mamoryha-Grande até as cabeceiras do mesmo *Purús*, mil e tantas milhas.

Por diferentes vezes tem organizado o governo expe-

dições com o fim de descobrir as cabeceiras do Purús. Uma das primeiras, senão a primeira, foi dirigida por um certo João Cametá, que apenas chegou até a embocadura do Ituxy, percorrendo sómente 700 milhas.

A segunda expedição foi effectuada em 1852 por um individuo de Pernambuco, chamado Seraphim da Silva Salgado. Partindo de Manãos no dia 10 de maio, em duas grandes canoas tripoladas por doze indios e com uma força de dose praças e um cabo, percorreu Salgado 1,300 milhas; mas á excepção dos nomes e grandesa apparente de poucos tributarios ou affluentes do Purús e a noticia importante da auzencia de cachoeiras, nenhum resultado valioso offereceu a sua viagem.

A terceira expedição foi em 1860, levada a effeito, durante a administração do Sr. Dr. Adolpho de Barros, por Manoel Urbano da Encarnação, homem bastante intelligente e ousado. A sua missão não tinha por fim explorar as cabeceiras do Purús, mas verificar si de facto o rio Ituxi, o mais importante dos seus affluentes, offerecia, como se disia, a desejada communicação com o Madeira, acima das numerosas cachoeiras d'este rio.

Em 1862 foi mandada uma nova expedição, que voltou sem ter conseguido resultado algum satisfactorio.

De junho de 1864 a fevereiro de 1865 procurou o Sr. W. Chandless explorar o rio em busca de suas cabeceiras, mas apesar de ter avançado mais que o pratico Manoel Urbano, não logrou resolver aquelle importante problema hydrographico. Chegou até 10.º 5' de lat. S., e á distancia de 1620 milhas geographicas da foz.

VILLA BELLA DA IMPERATRIZ.

O lugar em que hoje se acha collocada esta villa, em uma pequena collina á margem direita do Amasonas, era em 1804 occupado por uma fazenda agricola, de propriedade de José Pedro Cordovil, que offereceu-a á rainha D. Maria 1.^a

Dignando-se acceital-a, mandou a rainha estabelecer ali uma missão, que, com a denominação de Villa Nova da Rainha, foi confiada á direcção do carmelita Fr. José das Chagas.

Floresceu a missão durante a permanencia d'aquelle notavel religioso, que tão importantes serviços prestou á catechese do Amasonas.

Em 1833 foi elevada á freguezia com a denominação de *Tupinambarana* e por lei provincial de 15 de outubro de 1852, foi elevada á cathegoria de villa, com a denominação que ora tem.

De todos os municípios da provincia do Amasonas, é o de Villa Bella o que promette mais lisongeiro futuro. Em seu extenso districto abundam e são cultivados os cacoaes, e a exportação do cacáo já é ali feita em muito subida escala.



O ALFERES PEDRO TEIXEIRA.

Foi o primeiro portuguez que transitou por terra do Pará ao Maranhão, portador de cartas do capitão-mór Francisco Caldeira Castello-Branco para o governador do Estado

do Brazil Gaspar de Sousa e para Jeronymo de Albuquerque, conquistador e capitão-mór do Maranhão. Foi escoltado por poucos soldados. Os indigenas do Caité tentaram matar-o aleivosamente, porém Teixeira conseguiu fazer paz com elles e tomou posse do territorio em nome do rei de Portugal.

O seu apparecimento no Maranhão causou, como era natural, pasmo e admiração, por ser o primeiro que assim tinha caminhado, somente guiado pelo instincto, penetrando em terreno que lhe era completamente desconhecido, composto de um intrincado labyrintho de rios, matagaes, e bosques.

Regressou felizmente da commissão de que fôra incumbido.

TUPÉS.

Dão este nome nas duas provincias do Pará e Amazonas a uns tecidos ordinariamente feitos da casca dos braços das palmeiras guarumã ou uarumã e muruty. São quadrilateros ou compridos : quando o seu tecido é mais denso, e formando flores ou quadros, servem-se d'elles como de tapête debaixo das rêdões, para as preservar da humidade; e quando mais grosseiros e maiores servem para n'elles seccar-se ao sol os fructos do café, cacão e outros e ainda assucar.

AS CACHOIRAS DO MADEIRA.

Diz o Sr. Dr. J. M. da Silva Coutinho :

«O salto do *Theotônio* é a mais bella cachoeira do Madeira. Tem ahí o rio 250 braças de largura e é obstruido por uma muralha de granito de uma a outra margem, da qual despenham-se as aguas com grande ruido. E' tão forte a queda, que na parte superior parece que o rio está em vibração.

Depois do *Theotônio* seguem-se em grandesa o *Ribeirão*, *Benanunc* e *Madeira*. No *Ribeirão* o nível no lado direito é mais elevado que no esquerdo. E' a primeira vez que observo este curioso phenomeno.

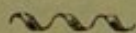
Ha no todo 15 cachoeiras e 3 correntesas. Contavam 19 os antigos, mas as duas ultimas cachoeiras, —*Guajará-assú* e *Guajará-mirim*— constituem um mesmo salto.

No *Theotônio*, *Girão* e *Ribüne* é preciso arrastar as canoas por terra em qualquer tempo; na *Bananeira* sómente pelo verão, conforme a grandeza da embarcação. Em *Santo Antonio*, *Marinho*, *Caldono*, *Pederneira*, *Paredão*, *Araras*, *Madeira*, *Páo-Grande* e *Guajará* é preciso descarregar a canôa e fazel-a passar vasia á espia. A variação de 2 a 3 palmos no nível muda completamente o estado das cachoeiras. No mesmo lugar em que hontem passou-se á remo, sem perigo, é preciso hoje descarregar e empregar o maior cuidado.

Em menos de uma hora a cachoeira pára do turbilhão medonho á placidez do lago. Só uma estrada acabará para sempre com essa cadeia de perigos, que tantas vidas e for-

- tunas tem absorvido. A estrada póde ter 40 leguas e realisa tão grande vantagem para o imperio, que deve ser quanto antes concluida.»

Muito, é certo, diminuem esses escólhos, de que está semeado o rio, as tranzacções e o movimento commercial entre o Brazil e a Bolivia; mas o homem, que hoje dispõe da pólvora, do vapor e de outras forças poderosas, mais tarde ou mais cedo triumphará d'esses obstaculos, que lhe parecem querer esbarrar o caminho.



ESTATÍSTICA DA CIDADE DE MANÁOS.

A cidade de Manáos, capital da provincia do Amasonas, tem 494 casas, das quaes 237 são cobertas de telha e 239 de palha. Entre as primeiras ha 18 sobrados ou casas assobradadas. Tem mais 20 ruas, 11 travessas, 7 praças e 3 estradas. Ha ali 49 casas commerciaes.

A exportação provincial, no exercicio de 1871 a 1872, montou á cifra de Rs. 3,375:088\$005.

O genero de mais exportação é a borracha, que no citado exercicio elevou-se á somma de 1,588,132,616 kilos.

Segue-se o pirarucú secco, que apenas se exporta para o Pará e que subio no mesmo exercicio á somma de 1,245,513,481 kilos.

Couros de boi e de veado, estopa, guaraná, manteiga de tartaruga, oleo de copahyba, piassaba e salsa, são também generos de grande exportação.

A MATRIZ DA VILLA DA CONCEIÇÃO.

Quem ha vinte annos passasse pela antiga villa de *Maués*, hoje Conceição, ficaria contristado ao ver que servia de matriz uma casa baixa, acanhada, immunda, coberta de palha, e em cuja cumieira, para indical-a como igreja christã, apenas se via alçado o symbolo da redempção.

Pareze que n'aquellas paragens tibio e arrefecido andava o espirito religioso; felizmente d'esse estado de indifferença veio arrancar-as o virtuoso franciscano Fr. Joaquim do Espirito Santo Dias e Silva, que nomeado vigario d'aquella villa, tratou immediatamente de dotal-a com um bom templo.

Da melhor vontade attenderam os parochianos ao empenho do zeloso parochio e todos se interessaram para que fossem realisados os seus desejos.

E de facto, poucos mezes haviam decorrido e a melhor praça d'aquella villa via-se ornada com um excellente templo. Si não se póde chamal-o sumptuoso, si não tem grandes ornatos e notavel architectura, tem a forma exterior de templo, é aceiado e seguro e com sufficiente capacidade para a população da villa.

Foi incaçavel Fr. Joaquim na realisação do seu projecto; não contente em dirigir os trabalhos na villa, percorria as mattas á procura de madeira e muitas vezes carregou-a em seus hombros. E bem compensado era para elle esse lidar, porque tinha a satisfação de ver que todos os seus parochianos, sem distincção de classe ou de posição, porfiavam em imital-o.

Nada convence tanto como o exemplo.

Depois de concluída a obra, retirou-se Fr. Joaquim de *Maués* com a intenção de para ali voltar. Não conseguiu lograr este desejo, porque secularisando-se, partio para Portugal á visitar os parentes, e lá pouco tempo depois falleceu.

Na villa da Conceição (*Maués*) é ainda hoje acatado ~~com~~ reconhecimento e respeito o nome de Fr. Joaquim do Espirito Santo Dias e Silva.

MURITY OU MURUTY OU BURITY.

(*Mauritià vinifera*). Esta elegante palmeira é uma das mais altas do Amasonas, onde cresce em abundancia, principalmente na zona comprehendida entre a capital do Pará e a cidade de Santarém, na foz do Tapajoz.

E' uma palmeira elevada, diz Baena, aprumada, de casca bastante grossa e rija e o cerne um miolo quasi semelhante ás escôvas de côco.

No cocuruto d'esta arvore, sahem certas canas, que na extremidade deitam uma rama parecida na forma com um chapéo de sol. Produz fructo em cachos. Dentro do fructo ou côco tem um caroço envolvido em massa amarella.

Das fibras de suas folhas, quando ainda fechadas, se fazem cordas, linhas e rêdes, menos resistentes que as do tucum.

UCUYPIRANGA.

Abaixo da foz do lago grande de Villa Franca, á margem direita do Amasonas, está o lugar denominado *Ucuypiranga*, situado em uma bella eminencia.

Foi ahi, que na revolução de 1835, estabeleceram os cabanos um formidavel ponto e tão fortificado que por muito tempo foi o terror da comarca do Baixo-Amasonas.

Não obstante porém o apparato bellico de que se cercava, rendeu-se por fim, devendo-se este importante serviço ao padre Antonio Manoel Sanches de Brito, então juiz de paz em Obidos.

Do *Ucuypiranga* vae-se por terra até as margens do Tapajoz.



SAHIRÉ.

E' um instrumento usado nas festividades dos indios. A cerca d'elle diz o capitão tenente Amasonas : «E' um semicirculo com seu diametro, raios, cordas, etc., tudo forrado de algodão ou arminho enfeitado com fitas e coroado de uma cruz da mesma forma forrada e enfeitada. Tres mulheres indigenas o carregam; e é muito raro que uma d'ellas não seja côxa. Ellas levam o *Sahiré*, dansando e cantando um hymno, ordinariamente em honra da Santa Cruz, da Virgem Santissima e de S. João Baptista.»

Eis a lettra do hymno, que cantam em lingua geral:

— *Itá camuti pupé neiássúcaua pitanguê puranga ité.*
E o estribilho em portuguez :

—E Jesus e Santa Maria.

—*Santa Maria cuian puranga, imemboira iauerá
iuaté pupé, oicou curussá uassú pupé, ianga turama re-
rássú*

E o estribilho :

—E Jesus e Santa Maria.

A traducção do primeiro hymmo, é esta :

«Em uma pia de pedra foi baptisado o Menino Deus.»

E a do segundo :

«Santa Maria é uma mulher bonita : o seu filho é como
ella : no alto ceo está n'uma cruz grande para guardar a
nossa alma.»

Levam o *Sahiré*, diz ainda o capitão-tenente Amasonas,
às mais das vezes quando acompanham alguma imagem á
igreja para ser festejada ou quando desembarcam a corôa
do Espirito Santo na vespera da Assenção. Nas festas de S.
João e S. Thomé, que são feitas pelos indigenas, ao dito Sa-
hiré acompanha mui de perto um tambor, tocado por um
sujeito que ao mesmo tempo toca uma gaita : o serio e sa-
tisfação com que elle desempenha esta original duplicata,
importa uma bem agradavel curiosidade. »

A festa do *Sahiré* vae hoje cahindo em completo desuso.

IRATASSIOA.

E' uma raiz cheirosa com que perfumam a roupa e la-
vam a cabeça.

COMARCA DO SOLIMÕES.

Constituiu-se a 19 de março de 1855, a comarca judicial do Solimões, na provincia do Amasonas, creada pela lei n. 26, de 7 de agosto de 1853, tomando posse da vara de juiz de direito o bacharel Felix Gomes do Rego.

Tambem teve execução n'esse dia o decreto de 28 de setembro d'aquelle anno, que elevou á cathegoria de termo judiciario o municipio da villa de Ega, hoje cidade de Teffé e cabeça da comarca do Solimões.



OS PARAENSES.

A respeito do character dos paraenses, escrevia Baena o seguinte :

«Os paraenses, na generalidade, são essencialmente doces, amantes das delicias, dos festins, do repouso e brandura da vida e com todos gasalhosos. A franquesa e a sinceridade, o amor da liberdade e da ordem e o horror da perfidia e da lisonja, são as principaes feições, pelas quaes o character da maior parte d'elles se distingue. Fóra da provincia elles desenvolvem a sua habilidade intellectual, procurando constantemente augmental-a por meio da mais seria applicação e estudo, e adquirem aquellas maneiras polidas, porque se distinguem na Europa os mais amestrados no civil tratamento. Isto demostra que não lhes falta genio e disposição de entendimento para as sciencias e para as bellas artes : e si no seu solo patrio não patenteam toda

a estensão das suas faculdades racionaes, é porque n'elle faltam estabelecimentos em que se promova e diffunda a instrucção indispensavel aos homens que se destinam aos empregos publicos da administração do Estado e aos progressos da agricultura, da mineralogia, da industria e do commercio. Em summa, as qualidades e talentos que caracterisam o espirito dos paraenses, são taes, que facilmente podem colher todo o fructo da habilidade e pericia de quem se proponha a instruil-os.»



SEQUESTRO DOS BENS DOS PADRES MERCENARIOS

Por aviso regio de 24 de março de 1794 procede a junta de fazenda do estado ao sequestro de todos os bens que os padres mercenarios possuiam na capital do Pará. Esses padres haviam sido poucos mezes antes expulsos d'ahi e mandados para os seus conventos do Maranhão, em virtude de uma representação que contra elles fizera o bispo D. Fr. Caetano Brandão, de saudosa memoria. Os bens foram avaliados em duzentos e trinta e dous contos quinhentos e noventa e oito mil setecentos e setenta réis.

O vasto e sumptuoso templo que possuiam na cidade de Belém, foi dado á irmandade de Santo Christo do Forte, para ali celebrar os seus actos religiosos. Este magnifico templo, que até o meiado do anno de 1861 desabara em ruinas, acha-se hoje restaurado pelos exforços e diligencias do

commandante das armas d'então, o marechal Francisco Sergio de Oliveira e de outros distinctos militares.

Até o anno de 1794 a irmandade de Santo Christo do Forte fazia as suas festividades na igreja de Santo Alexandre, que pertencera aos extinctos jesuitas, mas teve de abandonal-a quando ella ia ser entregue á confraria da Santa Casa da Misericordia, que a solicitava por se achar a sua precisada de reparação. Entretanto semelhante reparação nunca foi feita, de modo que a igreja desabou completamente e hoje nem vestigios sequer existem.

A prata dos padres mercenarios, que era de grande valor, sendo remettida para Lisboa, foi ao fundo á bordo da charrua *S. João Magnanimo*, que naufragou nos baixos da Tijoca. A charrua era um magnifico navio, construido no arsenal de marinha do Pará e fazia a sua primeira viagem.

A fazenda *Val de Cães*, pertencente aos mercenarios, foi depois vendida por rs. 64:106\$131, assim como a de Santa Anna.

As outras, comprehendendo 186 escravos, 40,470 cabeças de gado vacum e 5,262 de gado cavallar, foram encorporadas aos bens da corôa.



CURABI.

E' o nome de uma pequena flexa envenenada, de que se servem algumas tribus.

PUXIRY OU PUXURY.

(*Nectandra puchury major et minor.*) Pertence á familia das laurineas. E' uma arvore que produz uma grande nóz, que encerra duas amendoas a que dão o mesmo nome da arvore.

Ha duas especies de puxiry—grosso e o miúdo. Este é o mais delicado, assim no gosto como no aroma.

A arvore do puxiry é peculiar do Rio Negro e seus afluentes. O seu fructo foi colhido pela primeira vez, segundo Baena, em 1775.

Emprega-se o fructo ou antes a semente, a que dão o nome de fava.

Toma-se internamente em pó, na dóse de um escropulo a uma oitava e emprega-se com resultado nas diarrhéas, desynterias, leucorrhéa, colica e cholera.



A INSTRUÇÃO PUBLICA NO PARA'.

Do relatorio ultimamente apresentado á presidencia da provincia pelo director da instrucção publica, verifica-se haver na provincia 160 escolas do ensino primario, sendo 87 para o sexo masculino e 73 para o feminino.

Estas escolas são frequentadas por 6,047 alumnos, sendo do sexo masculino 4,658 e do sexo feminino 1,389.

Além d'essas escolas ha mais 16 nocturnas para adultos, sendo 8 publicas,—2 na capital e 1 em cada uma das cidades

do interior, regidas por professores publicos e 8 particulares; as primeiras com 150 alumnos e as segundas com 325, para livres: uma d'estas è especialmente destinada para escravos com 55 alumnos, pertencente ao collegio particular de Santa Maria de Belem.

As matriculas n'estes ultimos annos tem sido do modo seguinte:

Em 1868	4,800 alumnos.
« 1869	4,710 «
« 1870	4,680 «
« 1871	4,809 «
« 1872	6,607 «
« 1873	8,055 «

Vê-se pois que a instrucção primaria vai fazendo sensiveis e rapidos progressos. Entretanto ainda è mui pequena a matricula em relação á população da provincia.

ACUTIPURU'.

Diz Baena: E' um macaco pequenino, de pelle felpuda de cor do ebano lustroso, as patas velludosas e longa a cauda, que traz sempre revolta para a frente em feição de pennacho. O opulento somno d'este animal è objecto da cantiga, com que as indianas costumam adormecer os seus filhinhos. Eis a lettra da cantiga no romance d'estas mulheres: *Acutipuru ipurú nerupecê cimitanga-miri uquêre uarama*;—cuja versão é: Acutipuru, empresta-me o teu somno para minha creança tambem dormir.

AJURICABA.

E' o nome do celebre principal dos Manãos, que, ao soldo dos hollandezes, commetteu no Rio Branco diversas correrias contra os estabelecimentos portuguezes, que invadia, arrancando d'ali os indios para os conduzir ás feitorias hollandezas no *Suriname*.

A' margem esquerda do Rio Negro está o rio *Ajuricaba*, onde o famoso principal dos Manãos teve sua malóca.



CONSEGUIO ESCAPAR.

Em agosto de 1838 uma expedição sahida de Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, contra os cabanos que se haviam fortificado em um ponto do rio Mamurù, foi em uma noite sorprendida pelos revoltosos.

A sorpresa foi tal, que ficaram inutilisados todos os meios de defesa, e foram fria e barbaramente assassinados todos os que compunham a expedição, em numero de trinta.

Entre estes havia uma india de nome Carlota, que depois de muito ferida em diversas partes do corpo e com o craneo cortado, teve a lembranca de lançar-se ao rio e á custo logrou chegar á terra. Occultou-se á espera que amanhecesse e seguiu então pelo matto, que era por ella completamente desconhecido. Após oito dias de perigosa viagem por terra, em alguns dos quaes uma ou outra fructa silvestre lhe servia de alimento, conseguiu chegar á mar-

gem do Amazonas, no lugar denominado *Lages* e d'alli foi condusida para a villa em estado tal, que mais parecia um espectro ambulante, do que um ser vivo. As feridas, com excepção das do craneo, estavam cobertas de vermes, que devoravam-lhe as carnes corrompidas. Em uma familia de Villa Nova encontrou Carlota mão caridosa, que compadecendo-se d'aquelle estado miserando, curou-a, de modo que em pouco tempo achava-se ella completamente restabelecida.

Um anno depois d'este acontecimento dava Carlota á luz uma creança, que morreu.

E' com horror que quem viaja pelo rio Mamurú, ainda hoje olha para o lugar onde se deu aquella horrivel carnificina; ainda ali se vêem os restos do barco, que foi sorprendido.



OLEO DE CACÃO.

E extrahido das sementes do fructo assim denominado. E' concreto e de cor branca. A medicina emprega-o com vantagem.

Nos districtos de Cametá fabrica-se o sabão conhecido pelo nome de *sabão de cacão*, por ser preparado com as cinzas energicas das cascas d'este fructo.

Esta industria póde dar grande interesse aos productores; ella faz esperar que, mediante processos mais perfeitos, venha-se obter facilmente o sabão de um modo que rivalise com o melhor que apparece no mercado.

PUXIRU'M OU PUTIRU'M.

No interior das duas provincias banhadas pelo grande rio, dá-se o nome de *puxirum* ou *putirum* á certa bebida de que usam os indios quando se reúnem amigavelmente para algum trabalho, ou ainda á reunião mesma de pessoas convidadas para o trabalho da derrubada ou factura de uma roça, para uma pescaria, etc.

Durante o serviço, é estylo destribuir pelos trabalhadores convidados muita aguardente e sobretudo muito *caxiry*, que é uma bebida fermentada, feita de mandioca.

Em geral termina sempre a festança em brigas, e não é raro darem-se casos de morte, já pelo ferro homicida e já pela quédia de alguma arvore, de algum tronco que o offendido, em consequencia do estado de embriaguez em que se achava, não soubera evitar.



MAMAURANA.

(*Carolinea princeps*). É uma arvore que cresce á margem dos rios; dá uma flor encarnada e branca, e o fructo é semelhante ao do copoassu.

O alburno do tronco e do ramo das duas especies — *carolinea princeps* e *carolinea insignis*— offerecem uma especie de estopa bastante forte com que se fabricam cordas, servindo tambem aquella substancia para calafetar os navios.



BANANEIRAS.

Ha em grande abundancia em todo o valle do Amasonas. No municipio de Villa Bella vi bananas ou *pacovas*, como ahi são chamadas, de um tamanho descommunal.

Ha diversas variedades, das quaes conheço as seguintes :

—*Pacova grande*, cujo comprimento varia de um a dois palmos, e de tres pollegadas de diametro.

—*Pacovi*, semelhante á *pacova grande*, porém de menor diametro. Ha tres qualidades, sendo a melhor a denominada *acary*.

—*Pacova rôxa*,—por ter a casca d'esta côr.

—*Pacova maçã*.

—*Pacova prata*.

—*Pacova japurá* ou *cambotas* ou *anã*, por ser muito pequena a arvore.

—*Pacova mundurucú*, por ser pintada como se costuma pintar a tribu dos *mundurucús*.

—*Pacova Cayenna*.

—*Pacova inajá*; pequena e extremamente doce.

—*Pacova de S. Thomé*.

OLEO DE MERITY.

É obtido do fructo da palmeira d'este nome, que em grande quantidade existe no valle amasonense.

PUPUNHA OU PUPUNHEIRA.

É uma palmeira, cujos fructos se comem cosidos. O seu nome botânico é: *guilielma speciosa*. Dá um coquinho parecido com o do *paty*, porém tem muita massa oleaginosa.

«Um dos signaes de haver povoações quando se viaja, diz o naturalista A. R. Ferreira, é em se avistando ao longe as ditas pupunheiras, por serem das primeiras plantas, que se costumam plantar nos estabelecimentos de povoações, de fazendas e das casas dos mesmos lavradores, e isto, tanto pela sua formosura e extrao linaria altura, como pela essencial utilidade de lhe comem os fructos.»



ZARABATANA.

É uma arma terrivel e certa de que se servem os indios. Dentro do tubo interior, introduzem uma setta de paxiuba ervada (*huamiri*) e na extremidade superior da setta, enrolam um pouco de *sumaúma*, de forma que tape hermeticamente o orificio do cylindro, e offereça tal ou qual resistencia ao ar, para ser expellida com mais violencia.

Este meio póde ser de muita utilidade aos naturalistas preparadores, porque não só não se espanta o animal, acontecendo errar-se o tiro, e nem se estraga a pelle, no caso de acertar-se.



UM PHENOMENO.

A' margem direita do *Ramos*, no espaço que fica entre a foz do paraná de *Mauês* e a do lago das *Garças*, observava-se no verão uma especie de *pororoca*, da qual até hoje se ignora a origem.

Denuncia-se o phenomeno por um entumescimento rapido na superficie d'agua e sómente n'aquelle espaço e margem, o qual occasiona uma ondulação mais ou menos forte, segundo a sua maior ou menor intensidade, e desaparece com a mesma rapidez, deixando nas areias molhadas da praia o vestigio da sua passagem.

VILLA E CURUÇÁ.

Esta villa, creada em 58, está situada á margem esquerda do rio *Curuçá*, 5 legoas acima da ponta do *Tapari*. E' a cabeça do município e tem o mesmo nome.

Os generos de producção do município, cuja população é calculada em 5,000 almas, são, além de outros, cumarú, oleo de copahyba, peixe salgado e grude de peixe.

OLEO DE ASSAHY.

E' obtido por meio da decocção do fructo d'aquelle nome, producto da palmeira *euterpe oleracia*, que é muito abundante em quasi todo o valle do Amasonas.

E' ligeiramente amargo, fixo e de côr verde-escura.

FREGUEZIA DA PRAINHA.

Esta freguesia, outr'ora denominada *Outeiro*, acha-se situada á margem esquerda do Amasonas, fronteira ao rio *Uruará*, para onde foi transferida em 1830.

Contrista a a'ima do viajante o espectaculo que apresenta essa antiquissima povção, digna sem duvida de melhor sorte.

As casas, em sua quasi totalidade, apresentam um aspecto ruinoso ou de imminente desmoronamento, entretanto que a matta proxima e por assim dizer invadindo a povoação e as trepadeiras cobrindo o tecto das casas, denunciam ao viajante admirado a incuria e o deleixo dos habitantes.

A causa de todos esses males, d'essa decadencia a que parece condemnada aquella localidade, é sem duvida a peregrinação que a maior parte da população faz todos os annos para os sezonaticos e mortiferos seringaes dos rios Jary e Tamatahy, onde vae á extracção da borracha, seduzida por fabulosos e imaginarios lucros, voltando mezes depois—pobre, carregado de dividas e cheia de enfermidades adquiridas n'esses lugares paludosos, mephiticos, insalubres . . . e entretanto não disilludida ! . . .

E tanto é mais censuravel e reprehensivel essa peregrinação dos habitantes da Prainha para os seringaes, quanto é certo que as suas ferteis campinas, muito apropriadas para a creação, existem cobertas de grandes rebanhos de gado vacum, cujo numero se eleva de 14 a 16,000 cabeças. Entretanto, apesar dos recursos que ali ha para a creação do gado, e do subido lucro, que esta industria deixa aos creadores

ainda assim a seringa lhe é preferida. A lavoura parece ser ali completamente desconhecida, posto que o terreno seja em extremo fértil.

EXTINÇÃO DA CABANAGEM.

Em janeiro de 1840 (28) teve lugar, na foz inferior do Ramos, o rendimento dos revoltosos conhecidos pelo nome de *cabanos*.

Foi encarregado d'essa importante commissão, por parte das autoridades de Villa-Bella da Imperatriz (então Villa Nova) o capitão João Valente do Couto, actualmente residente na Villa de Monte-Alegre, o qual partio acompanhado apenas de seis pessoas, e desempenhando satisfactoriamente a perigosa commissão de que se incumbira, conseguiu a entrega das armas e a apresentação de mais de trescentos homens.

Com este acontecimento e com igual que dias depois se deu na villa de Maués, restabeleceu-se o imperio da lei, ficando extincta na comarca do Rio Negro, hoje provincia do Amazonas, essa revolução que tanto sangue e tanto dinheiro custou ás duas provincias do Pará e Amasonas, então unidas em um só corpo.

MEZA DE RENDAS DE TABATINGA.

A sua receita no exercicio de 1871 a 1872 foi de 481\$760 e a despesa de 3:456\$360.

OS ANAMBÉS.

Diz o Sr. Ferreira Penna: Os *Anambés* são de cor clara, altos, bem conformados, olhos horisontaes, nariz aquilino; o seu aspecto indicando, como em todos os indigenas, uma raça, que tornou-se taciturna e melancolica pelos longos soffrimentos, que os colonos europeus lhes infligiram, revela ao mesmo tempo certa humildade magestosa, que attrahe a attenção e as sympathias de um observador sincero e desinteressado.

Os homens e as mulheres são generosos e obsequiadores

Os *Anambés* formavam uma tribu dependente nas cabeceiras do Pacajá Grande. Residiam ali desde seculos, obedecendo a um chefe unico que tinha vindo do occidente como um sabio e guerreiro. Longos annos depois appareceram os europeus que lhes fizeram guerra e pouco depois os missionarios jesuitas, que com elles estavam em paz, começaram a separar as mulheres dos maridos e a levar muitos para Portugal, os homens para trabalhar nas roças e remar canoas e as mulheres para lavagem da roupa e para a cosinha; o que desgostou tanto a nação, que começaram muitos a desobedecer ao chefe e a formarem tribus separadas.

Uma nação autropophoga veio do lado do sul atacal-os; houve muitas mortes e guerras e retiraram-se os inimigos.»

Estas informações foram dadas ao Sr. Ferreira Penna por um moço *tuchaua* ou chefe dos *Anambés*.

No tempo da geração passada, appareceu no Pacajá Grande a tribu *Jaurité-tápuira*, antropophaga, a qual começou

a fazer guerra aos *Anambés*, e estes retiraram-se então para as cabeceiras do rio Cururuhy, que é affluente do Pacajá Grande e formaram ali a aldêa do Tauá, onde ainda hoje residem.

PURQUÊ.

É o *gymnotus electricus* de Linnêo, do genero *malacopterygiano* ápodo, o mais vigoroso e notavel dos da sua especie, e por isso mais conhecido e estudado pelos naturalistas.

Este peixe habita os lagos, igarapés e rios da America meridional, preferindo os primeiros e os igarapés, por terem agoas menos movediças: é encontrado porém mais particularmente nas provincias do Pará e Amazonas, onde se lhe dá o nome de *purquê* e os ha ahi em grande quantidade e de todos os tamanhos, chegando alguns a têrem 5 e 6 pés de comprimento e quasi meio pé de diametro na sua maior grossura. A côr da pelle é preta, excepto na parte inferior da mandibula, e por baixo do pescoço, que é de um bello vermelho. A sua configuração em geral é como a das enguias, pelo que os francezes lhe tem chamado *enguia electrica*.

Tem a propriedade fulminante em alto gráo, dando choques ou commoções electricas vigorosas nos seus inimigos e em tudo quanto o toca, por forma que abate e fere de torpor inevitavel e temporario, não só os peixes, como tambem os homens e os mais animaes. Quando a descarga electrica

é muito forte e o torpor profundo, sendo ao mesmo tempo dirigida sobre algum, ou alguns dos órgãos importantes e essenciaes á vida, acontece algumas vezes seguir-se a morte, a qual sobrevém então por asphixia. O aparelho ou pilhas, onde por uma singular faculdade este animal segrega a electricidade, occupa os lados da cauda ou rabo, e toma o volume de nove decimos do corpo e talvez metade da sua espessura.

A sua composição organica é admiravel, e recebe na estrutura extraordinarissimo numero de nervos, e finas cartilagens. A sua carne é pouco ou nada utilizada nos usos culinarios, não só por ser mal saborosa, como porque é de consistencia mucilaginosa, e de cheiro de alguma sorte desagradavel.

Dr. Francisco da Silva Castro.

(Ext).



ALDEAMENTO DOS INDIOS.

Na provincia do Pará existem seis aldeamentos de indios, a saber: dous no municipio da capital, dous no de Santarém, um no de Porto de Moz, no rio Xingú; e outro finalmente no de Portel.

O aldeamento chamado do Rio Capim foi creado em 1861; o de Maracanan em 1865; o de Tapajós em 1866; e o do rio Xingú em 1869.

AS ENCHENTES DO AMASONAS. (1)

O dilatado curso do *rio-mar* influe para que as marés sejam inteiramente desconhecidas de Obidos para cima.

Esse immenso volume d'agoa que se observa e que sem embargo de correr perennemente para lançar-se no Atlantico, se eleva á altura descommunal de 35 palmos, submergindo terras que parece incrivel passarem por essa transformação annual, é todo originado pelas chuvas e pelo degelo das cordilheiras, que atravessam este continente de sul á norte.

O degelo começa a operar-se no equinocio de setembro pela passagem do sol para o hemispherio do sul. As agoas d'essa proveniencia chegam ao leito do suzerano dos rios em novembro, e fazem apparecer o que vulgarmente se chama *répiquete*.

Na verdade são um verdadeiro alarma em toda a extensão do grande rio as primeiras pollegadas d'agoa que sobem acima do nivel da ultima vasante !

É assumpto de todas as conversações. Cada um faz as suas conjecturas, e perguntam-se mutuamente : *Será grande a enchente que começa ?*

A resposta geral é conhecida : *Quem sabe ?* Todos estremecem com as apprehensões de futuros desastres.

(1) Devo este interessante artigo á elegante penna do illustrado e intelligente Sr. Dr. Romualdo de Souza Paes d'Andrade.

Entretanto esta primpira impressão se desvanece e poucos são os que cuidam em acautelar-se !

O Amasonas, cumprindo as leis do Eterno, vae em sua marcha imperceptivel subindo as altas ribanceiras e espraizando-se pelos prados, d'onde arrebatá os animaes destruindo as plantações. Isto se repete muitas vezes, sem que se cogite em estabelecer meios de salvação !

No Egypto, para obviar os estragos das enchentes do Nilo, fizeram um padrão no qual estava marcado por dias o progresso ordinario das agoas e bem assim o extraordinario de certo tempo em diante; entre nós, que vivemos em tempos de progresso, ainda ninguem se lembrou de estudar um meio pelo qual se possa determinar os phenomenos que precedem as grandes enchentes para assim evitar-se enormissimos prejuizos.

Quanto a mim julgo isto mui possivel.

Estou na convicção de que se pôde com precisão predizer si uma enchente tem de ser ordinaria ou extraordinaria pela observação das causas que a determinam.

É sabido que tres são as causas de diminuição das agoas vindas das cachoeiras e fornecidas pelas chuvas: 1.^a o esgoto feito pela corrente que as derrama no oceano; 2.^a a evaporação produzida pelo calorico athmospherico; e 3.^a a absorpção feita por uma vasta área de terras de alluvião. Ora, a primeira d'estas causas não pôde falhar, nem modificar-se; porque no mesmo plano inclinado a corrente estará sempre na razão directá do volume d'agoa, e o esgoto na razão da corrente;—a segunda causa pôde modificar-se pela variação do tempo e omittir-se a abundancia de evaporação

por falta de acção dos raios solares; e a terceira póde totalmente faltar, achando-se ensopados ou cheios os *igapós* (banhados).

Fica evidente que havendo falta de evaporação regular ou de absorpção, as agoas que deviam desaparecer por esse modo, superabundam e avolumam nos leitos, causando as inundações.

Os habitantes do Valle do Amasonas são unanimes em affirmar que cahindo tarde a paschoa da resurreição, ha grande cheia; mas ignoram a razão d'essa verdade. A paschoa cahe sempre na primeira dominga depois da lua cheia do equinocio de março; ora, si succede dar-se o equinoccio conjunctamente com a lua nova, como em 1859, ou ao menos com o quarto crescente, é costume apparecerem grandes chuvas em todo o mez de abril, que imbebem os poros da terra: a passagem do sol para o hemispherio do norte produz o derretimento do gelo na cordilheira, e a agoa d'essa origem chega ao leito do rio em principios de maio, encontrando ja os *igapós* completamente ensopados ou cheios, e superabundam produzindo a innundação.

As festas moveis, porém, não podem servir de regulador; porque si a cheia de 1859 foi grandissima, cahindo a paschoa a 24 de abril, a de 1866 foi tambem muito grande, cahindo a paschoa no 1.º de abril. De sorte que bem se pôde dizer aos lavradores do Amasonas: *acautelaes-vos todas as vezes que o repiquete de novembro sorprehender os igapós ainda ensopados ou cheios, e que se sigam grandes e continuadas chuvas.*

Ao governo, que tem o dever de promover o augmento

da fortuna publica, ajudando o desenvolvimento das particulares, cabe sahir ao encontro da imprevidencia do povo do Amasonas, mandando estudar os meios de evitar-se a perda de centenaes de contos de réis, que traz cada uma cheia grande.

VILLA BELLA.

R. S. Paes d'Andrade.



S. JOÃO D'ARAGUAYA.

Do mappa fornecido pelo inspector da colonia militar de S. João de Araguaya, em janeiro de 1873, contavam-se ali 57 fogos, 266 pessoas, sendo 145 do sexo masculino e 121 do sexo feminino; 19 escravos, sendo 13 do sexo masculino e 6 do feminino, 1 igreja por acabar e 62 casas habitadas.



OLEO DE PIQUIA'.

E' extrahido por decocção ou expressão da polpa do fructo da arvore d'aquelle nome.

E' concreto, de côr branca e tem o gosto do fructo de que é extrahido. Ainda se não conhece bem o seu uso e applicação. Talvez sejam os mesmos que tem o oleo da castanha com o qual muito se parece.

JOÃO MENDES.

Era descendente da familia « Marinho » da cidade de Obidos, tão notavel pelas qualidades que a ennobrecem e pelos cargos importantes que alguns de seus membros tem occupado.

Na idade de 6 annos acompanhou João Mendes a seus paes em uma excursão, que fizeram estes ao rio Madeira e de onde não deviam voltar. Achando-se reunidos em uma praia, foram repentinamente assaltados pelos indios *Araras* e por estes aprisionados.

João Mendes assistio a morte dos paes e a pobre creança, além de ser obrigada a contemplar o espectaculo horrivel da mutilação de seus cadaveres, foi tambem obrigada a devorar alguns bocados d'aquellas carnes, que fumegavam e que eram saboreadas pelos cannibae n'aquelles horriveis festins.

Dias depois d'este acontecimento eram por sua vez agredidos os *Araras* por um troço de valentes *Mundurucús*, que ficaram senhores do campo. Muitos dos *Araras* morreram no combate e os outros acharam na fuga meio de evitar que servissem suas cabeças de trophéos de guerra a seus encarniçados inimigos.

Agradados os *Mundurucús* da phisionomia de João Mendes, acolheram-n'o com muitas demonstrações de prazer e trataram logo de o pintar com os signaes caracteristicos da sua tribu.

Soube João Mendes por tal modo captar as sympathias da tribu numerosa e guerreira, que foi por ella elevado ao

grão de seu *tuchaua* ou chefe, e como tal dirigio-a por muitos annos, levando-a á guerra contra outras tribus, sempre com feliz resultado.

Em 1825 foi á capital do Pará e ahi se apresentou ao presidente José Felix Pereira de Burgos, que além dos presentes que lhe fez, nomeou-o capitão da tribu, titulo de que muito se orgulhava.

Depois da revolução de 1835, pretendeo João Mendes abandonar a vida selvagem, que a fatalidade lhe fizera adoptar; não lhe foi possível porém, porque os habitos adqueridos durante mais de trinta annos, lhe contrariavam os desejos.

Retirou-se para o lago *José-assú*, no districto de Villa Bella, onde fallecêo em 1865.

VIGARARIA GERAL DO RIO NEGRO.

O primeiro vigario geral da comarca do Rio Negro foi o Dr. José Monteiro de Noronha, tão conhecido pelo seu importante «*Roteiro da viagem da cidade do Pará, até as ultimas colonias do sertão da Provincia*», escripto na villa de Barcellos, no anno de 1768.

A vigararia geral do Rio Negro foi confirmada por Carta Regia de 18 de junho de 1760.

PARINTINTINS.

E' uma tribu da Mundurucania no Amasonas e Ma-deira.

Em extremo selvagens e indomaveis, os Parintintins tem até hoje se mostrado avessos e hostis a todo e qualquer contacto civilizador.

São antropophagos e vivem em continuadas guerras com as tribus circumvisinhas. Os Mundurucùs são os seus mais encarniçados inimigos e os vão de dia em dia decimando.

Diz o capitão-tenente Amasonas, que a nação dos Parintintins, que passa por muito bem conformada e clara, tem a extravagancia de se deformar, estendendo artificial e excessivamente os beiços e as orelhas.



PACAJÁ.

E' um rio extenso e notavel da provincia do Pará. Desce dos limites da provincia de Matto Grosso, na direcção de S. a N., atravez de um paiz montanhoso, perdendo-se na bahia de Portel.

E' navegavel em grande extensão até as primeiras cachoeiras.

«Subindo-se por este rio acima, diz o padre José de Moraes, se divide em dous braços; um á mão esquerda, que corre em pouca distancia do rio Tocantins, e o braço da parte direita se communica com o rio Xingù; de sorte que

d'este rio se póde vir á boca do Pacajá sempre em canôa pelo rio e a causa porque se não communicam por este rio é a grande difficuldade das suas cachoeiras.

Adiante da boca do rio Pacajá, cousa de duas leguas, está situada na terra firme a aldeia de *Arucará* (hoje villa de Portel), dos religiosos da companhia, a mais populosa das que até agora temos contado.»

Até as primeiras cachoeiras e principalmente proximo á sua barra, só existem moradores civilisados e das cachoeiras para cima habitam as tribus *Curupité* e *Anambé*, além da tribu *Carambú*, completamente selvagem e que vive no centro das mattas.

As producções naturaes consistem em grande quantidade de castanhas, cravo, brêo, oleo de copahyba, cacáo, tabaco e alguma borracha.

GUARIBA.

E' uma especie de macaco de pelle preta ou de pelle loura. Reunidas em bandos e trepadas nas arvores, costumam soltar, mormente na estação das chuvas, gritos agudos ou roucos, que se ouvem em grandes distancias.

Dizem que a gordura d'este animal tem a propriedade de curar tumôres syphiliticos. Estes animaes trazem os filhos ás costas e assim os criam, até poderem andar sós.

RIO TROMBETAS.

E' um dos importantes affluentes do Amasonas, e notavel por sua extensão e falta de sinuosidade na parte inferior do seu curso. Desce das cordilheiras da Guyana e lança-se no Amasonas a 4 milhas a O. N. O. de Obidos. Tem um curso de mais de duzentas e quarenta milhas navegaveis, na cheia, para qualquer canôa e ainda vapores, que não demandem grande calado.

As terras de suas margens são baixas e ás vezes alagadas até a barra do *Cuminá*, seu principal affluente. D'ahi em diante começam as cachoeiras, que vão subindo gradualmente até as terras altas e montanhosas do Rio Branco. Tem uma milha de largura até a foz do *Cuminá*, que com elle corre quasi parallelamente, cortando sempre ao norte.

As margens d'este rio notavel e ainda muito pouco explorado, contém abundancia de pedra calcarea, e muitos pirites de ferro. D'ahi se tem tirado amostras de ouro e em uma praia achou-se já um diamante. E' ainda conhecida por isto pelo nome de *praia do diamante*.

Fôrma no centro duas grandes bacias, que são um verdadeiro labyrintho de ilhas. Acham-se nas suas praias diversas crystalisações e muito cascalho. Todo esse terreno tem certo aspecto mineralogico muito pronunciado, mòrmente nas cachoeiras onde se acham grandes massas de ferro, e de onde já se tiraram amostras de pedra-lume, crystal de rocha, estanho, antimônio, plumbagina e mica.

O leito do Trombetas é arenoso, a agua é muito clara, e formado por elle ha um lago cujas aguas são tão salitro-

sas, que se não pôdem beber e tem por isto a denominação de «lago salgado.»

Tributarios d'este rio são muitos igarapés e lagos, nos quaes abunda o peixe. Em suas mattas é prodigiosa a quantidade de caça; -a sua flora é superabundante. Entre os seus productos distinguem-se a castanha, o cacão, a salsa, o cravo, o oleo de copáhyba e o cumarú. Tem excellentes madeiras de construcção naval e civil, sobre sahindo entre ellas a belta *muêrapinima*. Encontram-se tambem ali *taquaras*, que medem palmo e meio de diametro.

A parte inferior do rio é pouco habitada, havendo todavia alguns estabelecimentos de civilizados. Um pouco acima encontram-se os celebres *mocambos* ou aldeias de escravos fugidos.

Os indios que habitam o rio Trombetas, moram além da ultima cachoeira e são descendentes dos indios *Paecis*, que viviam na aldeia d'este nome, convertida depois em *Pauxis* e finalmente em Obidos. Elles tem relações commerciaes com a Guyana Hollandesa, de onde recebem machados, armas e outros instrumentos. Fallam um dialecto especial, que não se assemelha aos das outras tribus.

No relatorio do Sr. Conselheiro Brusque, apresentado em 1863 á assembléa provincial do Pará, lêem-se as seguintes interessantes noticias :

«Asseguram-me algumas informações recebidas, que existe no rio Trombetas grande numero de indios selvagens, que vagueiam nas mattas acima das cachoeiras d'aquelle rio.

Segundo o testemunho de um explorador de nome Tho-

maz Antonio de Aquino, que na supposição de encontrar riquezas n'aquelle rio, subio pelo seu principal ramo denominado *Cuminá* até encontrar as cachoeiras, e d'este ponto em diante seguiu caminho por terra por espaço de 13 dias consecutivos; encontrou n'esta paragem uma grande tribu selvagem de còr quasi branca, e semelhante ao typo que n'esta provincia se chama *mameluco*.

Refere este individuo, que os homens d'esta tribu usavam apenas um cinto de embira trançada, e compridos os cabellos do meio da cabeça para traz, tendo por adorno uma delicada trança de palha nos delgados dos braços e das pernas.

As mulheres estavam semi-núas, tendo apenas uma grossa fxa pendente da cintura, adornada de missangas e pequenos guisos, enfeites estes, que denotam ter tido seguramente esta tribu alguma communição com homens civilizados, que lhes forneceram esses adornos e são por certo os Holandezes.

Affirma ainda aquelle explorador ter conseguido saber d'estes indigenas, que n'aquelles desertos outras tribus existem para nós desconhecidas.

Tenho por verdadeiras estas noticias, conclue o Sr. Conselheiro Brusque, confirmadas tambem por alguns escravos, que tendo fugido da companhia de seus senhores, foram expulsos d'aquella longinqua localidade, onde foram occultar-se, pelas hordas selvagens, que ali appareceram, referindo em seu regresso a Obidos estes mesmos factos.



BAHIAS DA PROVINCIA DO PARA'.

As principaes e mais frequentadas bahias são : as de Gurupi, Piryatanga, Caetá, Juapiriga, e Maracanã na foz dos rios d'estes nomes; a das Salinas na costa junto ao pharol; as do Sol e Santo Antonio, na costa oriental do golpho Pará; as de Guajará, Marajó, Boccas e Melgaço, no prolongamento do mesmo golpho; a de Marapatá, na foz do Tocantins, a dos Vieiras, que não é senão um braço meridional do Amasonas, e finalmente a do Tapajoz, entre Santarém e Villa Franca.



POVOAÇÃO LABRIA.

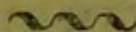
Foi fundada em 1871 pelo tenente coronel A. R. P. Labre. Demora á margem direita do rio Purús, abaixo da foz do Ituxy, 4 milhas pouco mais ou menos, aos 7.º 18' 43" de latitude sul e 64.º 47' 15" de longitude oeste de Greenwich e 692 milhas da foz do Purús.

A localidade d'esta povoação é salubre, tem um ponto de vista magnifico, está cercada de immensas riquezas naturaes, como que lhe servindo de berço, com vastas florestas virgens e palmeiras, cujos terrenos são de summa fertilidade para toda e qualquer especie de cultura do clima do norte do Brazil e com campos de ricas pastagens para gado na distancia de tres e quatro legoas : ha fontes de agoa potavel, fora do rio, cristallina e bôa.

Os moradores possuem bonitas plantações; as terras são mui ricas em estrames e de facil cultivo, porque emmatam

pouco e tardiamente. O plantador é auxiliado por estações favoráveis ; as chuvas são regulares e criadoras ; começam muito cedo, de modo que a mandioca póde ser plantada em fins de agosto e todas as mais sementes do 1.º de setembro em diante, epoca do apparecimento das chuvas.

O clima da localidade é benigno e agradável, gosa de frescura pela vastidão das matas, que permanecem em perpetua verdura.



UM HEROE AMASONENSE.

Nasceu o tenente Joaquim Benjamin da Silva em Villa Bella da Imperatriz. Dotado de nobres e patrioticos sentimentos, offereceu-se para marchar para o Paraguay, e ali praticou taes e tantos actos de bravura, que merecendo o respeito e a estima dos companheiros, mereceu tambem ser agraciado pelo-governo imperial com os habitos de Christo e da Rosa.

Pertenceu ao corpo d'engenheiros e foi um dos heróes da ilha do *Cabrita*.

Em diversas jornadas soube o heróe amazonense conquistar o nome de bravo e no fatal ataque do *Capão do Pires*. á 16 de julho de 1866, quando sobre a trincheira mostrava o destimido offial o ardor de que se achava possuido, uma granada inimiga arrancou-lhe a vida, roubando-o assim á patria e á familia.

Geralmente sentida foi a sua morte no Amazonas, e func-

cionando a assembléa provincial no dia em que á Manáos chegou a noticia da sua morte, suspendeu immediatamente a sessão, á requerimento do tenente-coronel Freitas Guimarães, como publica demonstração do apreço em que tinha a provincia aquelle filho dilecto e da profunda dor que lhe causara a sua morte.

CUAXINGUBA.

E' a arvore chamada no Rio Negro *Uapum-uassu* e pelos portuguezes *Lombrigueira*.

Pertence á familia das *urticaceas*, segundo Duchesne.

Da casca d'esta arvore faziam os Jurupixunas tangas e camisas.

«Escolhem os troncos mais grossos, refere assim o Sr. G. Dias, cortam-n'o no comprimento que querem tenha o panno e fazem-lhe na casca uma incisão longitudinal. Por entre os labios da incisão introduzem uma palmeta de madeira, disposta á maneira de cunha, para separarem a casca do tronco. Separam-n'a ainda da epiderme verde, vestem de novo o tronco, batem-n'o e expellem a humidade.»

A medicina emprega com vantagem o leite ou gomma-resina liquida da *cuaxingúba* pela sua acção anthelmentica e caustica.

Costuma-se tomar de um a dous escropulos em café ou agua pela manhã, em jejum, por alguns dias consecutivos.

O seu effeito é real, mas tambem bastante arriscado o seu emprego, porque pôde produzir violenta gastro-enterite ulcerosa, em consequencia da propriedade caustica que possui e causar a morte em poucos dias, como já tem acontecido.

Isto porém succede quando se dá o leite em quantidade maior do que a prescripta.

ARCOS.

São armas curvas, ordinariamente feitas da madeira páo-d'arco, ou tambem da palmeira *paxiúba* ou de qualquer outra madeira susceptivel de curvar-se em arco de circulo, por effeito de uma corda preparada com fios torcidos de curauá e encerada com um preparado chamado breu de flecha, presa á cada extremidade do lado convexo. Umas vezes os arcos são completamente envolvidos por fios extrahidos das folhas das palmeiras *tucum* ou *tucuman*; outras vezes, não. São emfim armas de que se servem os indios para arremessarem ao longe as flechas.

JAUARY.

(*Astrocarium jauary*). Dos foliolos d'esta planta se extrahem fibras com que se fabricam excellentes redes, boas cordas e tambem servem para tecidos finos.

ALFANDEGA DE SERPA.

Por decreto de 25 de janeiro de 1872, foi creada na villa de Serpa uma alfandega de quinta ordem, com as attribuições conferidas ás demais alfandegas do Imperio, guardadas as disposições do regulamento annexo ao decreto de 31 de julho de 1867.

Permittio-se igualmente que as embarcações com destino á fronteira do Perú e da Bolivia, *« quando não possam, por seu grande calado, subir além de Serpa, »* ali com assistencia das autoridades fiscaes da alfandega, baldeem os generos para embarcações menores.

Parece-nos sem fundamento semelhante permissão, porque ninguem ha que ignore que, ainda mesmo os navios de maior calado, podem ir até Tabatinga e além.

O PRIMEIRO COMBATE NO TERRITÓRIO PARAENSE.

Em 1616 pairavam os Hollandezes no Amasonas, perto da foz do rio Xingù, esperando uma grande armada para alli fazer assento. Informado d'isto o governador, nomêa a Pedro Teixeira para d'aquella posição repellil-os. Partio Pedro Teixeira, levando por seu immediato o alferes Gaspar de Freitas de Macedo, e atacando o inimigo, teve a fortuna de derrotal-o, fazendo-o abandonar a posição occupada.

Foi este o primeiro combate travado no territorio paraense.

O volume colossal da montanha Tauajury, que se levanta ao N. da villa, a serra do Ereré ao O. com sua fachada escabrosa quasi a prumo do lado N., o serro Maxirá e o Monte Grande, que se ergnem do meio do campo como gigantescas torres conicas; e o serro Paraíso, que é o mais occidental, a vasta planicie cortada pelo Amasonas e a longiqua linha de montes do Curuá, que mal se desenhão no horisonte do lado do sul; todos estes objectos de formas e aspectos variados constituem um magnifico panorama, o mais bello painel da natureza, que é permittido admirar-se nas duas provincias brasileiras do Amasonas.

Monte Alegre não é somente um lugar alegre e enriquecido de panoramas graciosos; é sobretudo importante por sua temperatura menos elevada do que em qualquer outro ponto do Amasonas, por sua athmosphera pura, por sua salubridade emfim, concorrendo muito para isto a pureza de suas agoas nativas, circumstancia tanto mais preciosa quanto é isto um phenomeno raro nas margens do grande rio. »

O nome primitivo de Monte Alegre era *Gurupatuba*, aldeia fundada pelo padre Manoel da Costa, da companhia de Jesus.

Foi elevada á cathegoria de villa em 1758.

No porto da villa de Monte Alegre houve já uma fabrica de serrar madeira para o arsenal de marinha do Pará.



OUVIDOR.

O primeiro ouvidor da comarca do Rio Negro foi o Dr. Lourenço Pereira da Costa.

O PADRE JOÃO PEDRO PACHECO.

A 28 de setembro de 1837 falleceu na Villa Nova da Rainha, hoje Villa Bella da Imperatriz, o vigario-geral da comarca do Rio Negro, padre João Pedro Pacheco, sendo sepultado no dia 29 na matriz d'aquella villa, na capella mór, do lado do Evangelho.

Mysterio é ainda a causa de sua morte e posto que a maledicencia se encarregasse de assoalhar um facto horroso para d'elle tirar corollarios contra aquelle distincto sacerdote, sempre como inverosimeis repelli-os-ha o bom senso.

Havendo soffrido em dous dias consecutivos violentas dores de cabeça, sem ter tomado alimentação alguma, á excepção de algumas chavenas de café, chamou no dia 27 d'aquelle mez a Roque Newton Pacheco Arupady, que havia sido seu escravo, e pediu-lhe que o sangrasse nos pés e nos braços. Abertas as veias e perdido todo o sangue, oito horas depois entregava elle a alma a Deus.

Roque Newton ainda vive e reside em Villa Bella.



PESCARIA DE TAINHAS.

E approvada, por provisão regia de 12 de março de 1691, a pescaria de tainhas e de guriubas, proposta pelo governador do estado Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, sendo fundada em junho do seguinte anno na costa oriental da ilha de Joannes, junto da foz do rio *Cajunã*.

AGRICULTURA DE OBIDOS.

A cultura do cacáo é quasi a industria exclusiva de Obidos.

O café não é exportado e sua producção mal chega para o consumo.

O tabaco é cultivado ainda em escala menor que o café, A maior quantidade e a melhor qualidade que ali apparece no mercado, é proveniente dos mocambos do rio Trombêtas.

O algodão produz ali perfeitamente bem, e, como o café, ha em todos os sitios pequenas plantações que não dão productos em quantidade sufficiente ás necessidades dos moradores.

Milho, feijão e arroz acham poucos cultivadores, e estes mesmos só plantam em quantidade insignificante.



OLEO DE BAUNILHA.

É extrahido de uma fava, que tem aquella denominação e que é o fructo da trepadeira *vanilla aromatica*, que cresce abundantemente em certas localidades do Pará e Amasonas.

É usado não só para perfumaria, como para aromatizar doces de differentes especies. É de côr vermelho-escura e de cheiro activo e agradável.

GUARANA'.

(*Paulinea sorbilis*; da familia das pindaceas).

E' uma planta vivaz, trepadeira em forma de cipó; contém grande quantidade de *cafeína*, gomma, tanino, e etc. Emprega-se o fructo reduzido á massa sob diversas formas. E' refrigerante, calmante, subtonico e adstringente; tambem é reputado como ante-febril. Toma-se internamente, reduzido a pó tenue e fino, por meio de uma grossa, na dose de duas a quatro oitavas para uma libra de agua fria ou ligeiramente tepida, adoçada com assucar.

E' empregado com grande proveito nas diarrhéas agudas ou chronicas, nas molestias das vias urinarias, provenientes de relaxamento dos orgãos e nas excitações nervosas. O seu uso continuado, porém, produz insomnias. Da raiz, que é amargozissima, usam os indios em infusão como preservativo das febres intermittentes.

O *guaraná* é hoje empregado por medicos notaveis nas diarrhéas, cholera, enxaquecas, e até contra a tísica. O Dr. Stenhouse, na analyse que fez do producto d'esta planta, achou-lhe uma quantidade consideravel de *theína*, que é a materia que dá ao chá o seu valor peculiar.

O fructo dá um cacho á semelhança dos da uva, e, quando está maduro, é de uma bella côr vermelha rutilante.

O *guaraná* é cultivado em grande quantidade nos municipios de Maués e Villa Bella da Imperatriz. Em Maués sobretudo constitue elle quasi que a unica industria e que tanto tem concorrido para a sua prosperidade.

«A planta *guaraná*, diz o incansavel Sr. Ferreira Pen-

na, parece ser a companheira fiel das tribus indigenas Mundurucùs, Maués, Araras, Muras e Apiacás.

A sua patria, pois que é onde mais communmente se encontra em estado silvestre, é esta magnifica região, ainda pela maior parte habitada por aquellas tribus e que o autor da — *Corographia Brasilica* denominou *Mundurucania*, comprehendida entre o Tapajoz e o Madeira, — região maravilhosa pela variedade e abundancia de seus ricos productos vegetaes.

Os habitantes da provincia de Matto Grosso e os da Bolivia, desde as margens do alto Paraguay e do Madeira até as montanhas orientaes dos Andes, fazem avultado consumo do guaraná, que tem entre elles, o emprego que no Pará e em quasi todas as provincias se dá ao café e no Rio Grande ao mate.

Tomam-n'o frio todos os dias, principalmente de manhã muito cedo, em um calice ou cuja, conforme as condições sociaes e posse de cada um. Para se reduzir á pó a massa do guaraná emprega-se geralmente a lingua ossea do pirarucù, a qual substitue optimamente uma lima.

No Pará, onde ha 20 annos era uma bebida de uso geral e continuo, tem sido substituido pelo assahy, que, com o ser muito mais agradavel, não tem todavia as qualidades beneficas do guaraná; tendo já havido quem opinasse que uma das causas da multiplicidade de molestias, que hoje reinam no Pará e que outr'ora eram aqui quasi desconhecidas, está provavelmente na quasi extincção do uso do guaraná.

Os indios Maués, muitos Mundurucùs, os Muras e os

Araras o tomam a qualquer hora do dia ou da noite, começando das 3 ás 5 horas da manhã

Cada anno descem pelo Madeira mercadores da Bolivia e Matto Grosso dirigindo-se a Serpa e Villa Bella da Imperatriz, para onde trazem seus generos d'exportação e d'onde recebem os de importação. D'ahi antes de regressarem vão a Maués, d'onde levam mil arrobas de guaraná, regressando então com suas *ubás*, carregadas d'aquelles e d'este ultimo genero, que elles vão vender nos departamentos de Beni, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba na Bolivia e nas povoações do Guaporé e seus afluentes.»

O preço de cada arroba de guaraná, comprado nos municipios em que elle se fabrica, é de 40\$ a 50\$000.

Em Matto Grosso chega muitas vezes a preços fabulosos.

Eis como o preparam :

Torram em fogo lento e brando a amendoa, que é de côr escura e quasi do tamanho de uma avelã, trituram-n'a bem em um pilão, deitando-lhe um pouco d'agua, até ficar bem compacta e dão-lhe então a forma de rolos cylindricos ou outra qualquer, para por ultimo ser levada ao forno e endurecer. Assim preparado, dura annos sem alteração.

Em geral, consideram de superior qualidade o guaraná que apresenta uma côr clara no interior; posto que não seja isto signal decisivo da sua perfeição.



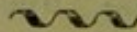
CABURY.

Quasi em frente á foz do paraná-miry do *Pacoval* ou *Cararaucú*, á margem esquerda do Amásonas, está a do rio *Cabury*, que fazendo passar suas aguas pelo *Adauacá*, as confunde no *Nhamundá*, de onde muitos inferem ser essa a foz superior do mesmo *Nhamundá*.

A corrente, que ali é impetuosa, faz com que todos os cedros e outras arvores, que descem por aquelle paraná-miry, tenham obstruido a sua entrada em espaço mui consideravel.

Quando o Sr. Conselheiro Dias Vieira presidio a provincia do Amasonas, mandou-o desobstruir, fazendo a despesa de quinhentos mil reis, que se tornou infructifera, e continuará a sel-o, emquanto se não puder evitar a invasão dos madeiros.

Si com a desobstruição d'aquelle rio tem a provincia do Amasonas a vantagem da facil communição com as fazendas de criação de gado do municipio de Faro, na provincia do Pará, ficando-lhe a conducção menos dispendiosa e mais facil do que actualmente, tem entretanto a desvantagem de offerecer aos contrabandistas um caminho seguro para se furtarem ao pagamento de impostos, especulação esta que tem actualmente tomado bem largas proporções.



CARAJURU'.

Tinta vermelha, extrahida das faculas de um cipó do Rio Negro, da familia das *bignoniaceas*. É empregada nas artes.

O RIO XINGU'.

Este rio tão notavel desce das montanhas de Matto Grosso, ao norte das vertentes de Cuyabá, na lat. de 12° 42' e na long. de 325°, seguindo o rumo geral de S. a N., entre o Tocantins e o Tapajoz.

E' livremente navegavel por grandes vapores até a sua primeira cachoeira ou cerca de 75 milhas acima de sua barra e com varias outras secções igualmente navegaveis.

«São deliciosos os horisontes, diz Baena, e formosa e agradavel a foz d'este rio; elle rola com grande rapidez e acaba no Amasonas com grande largura e profundidade.

As suas aguas na superficie tem a côr ferruginea; feridas pelo remo mostram-se crystallinas, e nas margens são diaphanas, de maneira que em uma braça de fundo se percebe o que está n'elle.

Do rio Arapari para cima até a primeira cachoeira existem ilhas e algumas com boas praias onde as tartarugas vão encovar os ovos. Quando com as chuvas incha o Xingü, estas ilhas são alagadas, mas não totalmente, porque ha paragens nas quaes se pôde fazer plantação e edificar.»

Atravessa o Xingü em grande parte de seu curso um paiz montanhoso.

Em 1859, em consequencia do apparecimento de uma grande porção de indios da tribo *Tucunapeu*, estabeleceu-se no rio Xingü e logo acima da primeira cachoeira, uma missão incumbida de chamar á civilisação aquelles indigenas. Esta importante tarefa foi confiada a Fr. Marcello de Santa Catharina de Sena, a quem foram dadas as

instrucções necessárias e os recursos indispensaveis. Fr. Marcello estabeleceu-se junto ao rio Tucuruhy, mas pouco depois abandonou a nascente missão. O unico resultado que d'ella se obteve, foi uma noticia muito incompleta acerca dos indios do rio Xingü.

Segundo essas informações e outras posteriormente colligidas, ha n'aquelle rio, acima das cachoeiras, as tribus seguintes : — Jurunas — Tucunapeuas — Juaicipoias — Urupayas — Curiaias — Peopaias — Tauá-tapuêrá — Tapuia-eretê — Carajás-mirim — Carajás-pocùs — Xipócas — Araras — e Tapaiunas.

A nação *Juruna* é a mais numerosa, sendo sua população calculada em 3,000 almas, pouco mais ou menos. Ella teme muito os *Tucunapeuas*, apesar de serem estes menos numerosos.

Em razão do terror que estes lhes inspiram, fogem os *Jurunas* de habitar no continente e preferem estabelecer-se nas ilhas, que na vasante não fiquem em contacto com a terra firme. São em extremo insubordinados e nem respeitam os seus proprios *tuchauas*; vivem reunidos, mas evitam sempre toda e qualquer sujeição. São indolentes, andam nus, usam de arco e flechas, porém sabem servir-se das armas de fogo. Tecem fios e redes mui grosseiras.

«Subindo da boca d'este rio acima, diz o padre José de Moraes, em distancia de trinta leguas, está a nação dos indios Jurunas, situada em quatro pequenas aldeias, que tem nas ilhas do mesmo rio.

«D'esta nação se não duvida que não seja feroz e coma carne humana. Distinguem-se das mais nações, exceptuan-

do os Jacypoias, que tem os mesmos signaes, com uma cinta preta, que formam da testa até a ponta da barba de largura de tres dedos, tudo feito a ferro e sangue e tinta preta de genipapo, e os mais abalisados se distinguem com dous riscos pretos pelas faces e queixos, menos largos que o signal da testa.»

Os *Tucunapeuas* são mais intelligentes que os *Jurunas*. Pelo modo porque recebem os que os procuram, denotam conservar ainda restos de educação, que receberam talvez em eras passadas.

Na ilha em que residem ha vestigios de uma pequena capella, que indica ter ali o homem culto procurado plantar o germen de uma civilisação, que se perdera em prejuizo d'aquelles infelizes.

Entre as outras tribus, convém fazer menção da dos *Araras*.

Os individuos que a compõe, são de aspecto nobre e activo, de cor quasi branca e tem cabellos castanhos. As mulheres fazem do cabello longas tranças, que alcançam a curva dos joelhos, e os homens o trazem cortado e assaz curto, usando muitos d'elles finos e espessos bigodes. Andam completamente nus, tendo em si por unico adorno uma grinalda feita de pennas de variadas cores e braceletes de dentes de animaes.

Referem os *Jurunas* que os *Araras* são antropophagos, mas os *Tucunapeuas* o negam.

A parte inferior do rio Xingü é habitada por gente civilisada, encontrando-se n'ella as povoações de Souzel,

Pombal, Veiros, Villa de Porto de Moz, e Villarinho do Monte.

Os productos d'este rio, cujas margens são talvez as mais ferteis e ricas da provincia do Pará, são numerosos, distinguindo-se como principaes, a borracha, o cacáo, a castanha, a estopa, o cravo e o breu.

FUROS.

Chamam-se *furos* os canaes naturaes que communicam entre si as agoas dos rios, lagos e bahias.

Estes furos são innumeraveis e muitas vezes apresentam rêde tão vasta, que formam um verdadeiro labyrintho, como, por exemplo, a S.O. da ilha de Marajó e nas embocaduras do Tocantins e Jamundá.

PROVINCIA DO AMASONAS.

Compõe-se a provincia do Amazonas de 7 municipios, 2 cidades e 5 villas com 22 freguezias.

As cidades são: Manáos (capital) e Teffé.

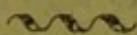
As villas: Serpa, Silves, Villa Bella da Imperatriz, Conceição e Barcellos.

Conta 411 eleitores e 7,903 votantes.

Elege 20 deputados provinciaes, 2 deputados geraes e 1 senador.

IBAKE OU O PARAISO DOS INDIOS.

«Tem para si que somente as femeas e varões fortes, que n'esta vida mataram e comeram em guerra muitos inimigos, depois que morrem se ajuntam a ter paraiso em certos valles, junto a uns outeiros, a que elles chamam «campos alegres» quasi outros Elysees, e ali fazem grandes banquetes; porém os cobardes, que em vida não fizeram façanha, vão penar com os máos espiritos.» (*Vida do padre J. d'Almeida.*)



A FILHA DAS SELVAS.

(CANTO DA TAPUYA.)

Sou tapuya gentil e formosa,
N'este mundo não tenho rival;
Na carreira da vida, afanosa,
Jamais hão de encontrar outra igual.
Das florestas sou eu a rainha,
N'estas selvas eu só dou a luz,
Se um cacique de mim se avisinha
Um vassallo mais ainda terei.

Mil guerreiros de tribus diversas
O tacápe a meus pés vêm depôr,
E em praser suas almas immersas
Me dão provas seguras de amor;
E os incito a mui altas façanhas
Contra a gente imboaba e fatal,

P'ra que subam com glorias tãmanhas
Ao fastigio da gloria immortal.

N'estas selvas perfidia não vemos,
Não se sabe fingir a paixão,
Mui felizes, aqui não bebemos
O absintho de negra traição,
E por isso jamais invejamos
Os amores das brancas d'além :
N'este affecto mendaz não pensamos,
Que mil dores trazer-nos só vêm.

Meus desejos são logo cumpridos,
Sem que opponha-se a elles ninguém;
Que estes homens nas selvas nascidos
Gentilezas praticam também :
E por isso detesto o cynismo
Com que sabem mentir na cidade;
Olho á furto e á mêdo esse abysmo,
Esse abysmo de louca vaidade ! . . .

Nos não temos orquestras suaves
Que os ouvidos affagam tão bem;
Mas que importa, se o canto das aves
Que escutamos, enlevos contém ?
Aqui tudo é prazer, harmonia,
Mil encantos respira-se aqui !
São um Eden de etherea magia
Estas selvas aonde eu nasci !

Quando o sol ja descahe no occidente
Inundando o oceano de luz,

Corro os bosques, notando, contente,
Maravilhas que a mente seduz;
Ou então n'esta rêde de pennas
Sôrvo aromas que a brisa me traz,
Ouço as aves trinando serenas
No suave remanso da paz.

Aqui tudo é prazer, alegria,
Aqui vivo contente a sorrir;
Canto sempre—de noite e de dia—
E não lembro jamais o porvir,
Sou das selvas rainha; e ditosa
Levo a vida em continuo gozar,
Té que a morte me venha impiedosa
A existencia feliz acabar.

Vigia.

V. ALVES.



MAPUA'.

Este rio nasce de varios pequenos lagos, que se encontram nas mattas entre os rios *Anajás*, *Quanaticú* e *Guajará*, e lança-se no rio *Aramã*, que é antes um braço do *Anajás*.

É navegavel por canôas e até por pequenos vapores.

Nas suas mattas e principalmente nas margens dos lagos, que lhe dão origem, ha grande abundancia de seringaes dos quaes se extrahe talvez a melhor borracha que vae ao mercado do Pará.

CUNAUARU'

E' o nome de um sapo, de côr escura e menos asqueroso que os outros; tem vermelhos os olhos. Vive constantemente sobre os troncos das arvores e dá-se a conhecer por um grito particular, como se proferisse a palavra *cunan*, que repete a miudo em tom lamentativo.

Este sapo segrega uma materia resinosa, com a qual faz uma especie de panella pequena em que se aninha. Essa materia resinosa e de aroma muito agradável quando se queima, é não só empregada como remedio, mas tambem dizem que é excellente breu. A côr é semelhante á do juthy-sica.

Acreditam os indios que o achar o *cunauarú* é prenuncio de felicidade.

OS NINHOS DO JAPIM.

Representam os ninhos d'este passaro notavel uma especie de sacóla comprida, arredondada, sob a forma de uma abobora (*cucurbitacea*) de dous e meio a tres palmos de comprimento, sendo a cavidade interior de meio pé ou pouco mais de diametro e mais folgada no fundo do que na entrada; o que lhes dá uma figura ventriculosa na parte inferior.

A entrada é praticada na parte superior e lateral, um pouco obliquamente para baixo, em uma especie de cupu-

la como de alambique, a qual cobre o alto d'aquelle artefacto.

Os ninhos são de côr escura pela banda de fôra e feitos de filamentos e cipós finos, tirados com arte, por meio do bico, das folhas das differentes palmeiras, que abundam no valle do Amasonas. Os cipós finos e filamentos são compridos e imitam á primeira vista *piassaba*.

Tecem os ninhos com os bicos e as unhas com grande habilidade e ligeireza e acabam a sua obra dentro de tres a cinco dias, conforme as distancias onde vão procurar os materiaes. No fabrico desta obra não observam os operarios o grande preceito architechtonico geral de lançarem primeiramente os alicerces, para depois seguirem por diante com o resto do edificio. Como excepção de regra, começam a trabalhar de cima para baixo, fazendo primeiramente o telhado e perto d'elle abrindo a porta d'entrada, para continuarem depois até a base. Desde que o buraco da entrada fica tecido e patente, por ali entram e sahem os operarios, embora o fundo não esteja arrematado e por tanto susceptivel de ser franqueado.

(Do Dr. *Francisco da Silva Castro*.)



GADO VACUM EM OBIDOS.

A criação de gado vacuum é uma das mais importantes industrias de Obidos. O municipio pôde ter actualmente de 14 a 16,000 cabeças de gado.

O JACARÉ E A ONÇA.

Feroz e terrível para com o homem, é covarde e pusillanime o jacaré em relação a onça.

Parece incrível o que vou escrever, mas é a verdade, que todos conhecem no Amasonas e que por muitas pessoas me foi referida.

Agarra a onça pela cauda o jacaré e devora-o, sem que este se atreva a tentar a menor resistencia. Salta no rio ou no lago, pucha-o para terra, vira-o uma e muitas vezes, dá-lhe nas queixadas, mette-lhe as garras no ventre e martyrisa-o á semelhança do gato antes de devorar o rato.

Depois de haver assim martyrisado aquelle immenso e possante amphibio, que ali está quieto, immovel, e como fascinado, põe sobre elle e começa a devoral-o pela cauda.

Terminada a primeira refeição, cobre com folhas a parte comida, affasta-se da victima, que ainda vive, e retira-se segura de que a encontrará no mesmo lugar, quando voltar. Si por ali acontece passar alguém, embravece-se o jacaré, abre a immensa goela e ameaça atirar-se contra o individuo que passa; e entretanto espera sem fazer o menor movimento, sem tentar sequer fugir, que volte de novo a onça para acabar de devoral-o.

Referio-me o reverendo vigario de Silves, que uma vez encontrou em seu sitio uma onça devorando a um enorme jacaré. Ao approximar-se do lugar em que ambos se achavam, fugio a onça, deixando a presa com a cauda meio comida. Avistando-o, tornou-se furioso o jacaré, e retirando-

se o vigario e occultando-se a uma certa distancia, vio voltar a onça, que aliás não éra grande, e acabar de devorar a presa, que ali havia ficado como á sua espera.

Não sei explicar essa especie de fascinação que exerce a onça sobre esse gigante dos lagos e dos igarapés. Creio que duvidosa não seria a victoria em favor d'elle, si ousasse travar luta corporal com a onça, porque é prodigiosa a força que tem o jacaré na cauda e nas queixadas. Entretanto não ha exemplo de haver elle ousado semelhante commettimento. Deixa-se agarrar pela onça e morre, sem offerecer a mais pequena resistencia. A onça parece reconhecer a fascinação que sobre elle exerce, assim como tambem parece respeitar a terrivel phalange de dentes, que lhe enchem as queixadas. E pois, antes de entrar n'agoa, para atravessar um rio ou um lago, urra duas ou tres vezes, como para annunciar a sua passagem, e os jacarés, que seriam capazes de a devorarem, si a não conhecessem, fogem espavoridos para o fundo do rio ou do lago.

MUNICIPIO DE VILLA BELLA.

A população da villa e municipio de Villa Bella da Imperatriz póde ser calculada em 5,200 a 5,500 habitantes, não estando comprehendida n'este calculo a freguezia do Andirá.

A villa tem 68 casas e todo o municipio 640 casas, pouco mais ou menos.

O numero de escravos não excede ali de 80.

JAPIIM OU JAPIM.

E' o *Chéo-chéo* ou *Japury* e *Guacho* de algumas provincias do Brasil.

Ha-os de duas variedades, uns que ostentam as côres preta e branca e amarella (*cassicus icteronotus*) e são os legitimos *japiins* e mais geralmente conhecidos; e outros que trajam as côres preta e encarnada (*cassicus haemorrhous*) menos vulgares e pouco conhecidos: são os *japiins da matta*.

Além d'estes, ha um outro mais elegante e formoso, o qual não póde por forma alguma confundir-se com qualquer dos individuos d'aquellas duas variedades, com quanto pertença á mesma familia: é o *cassicus cristatus*, vulgarmente chamado *Japú* ou em lingua tupy *Iapú*.



BIBLIOTHECA PUBLICA DO PARA'.

Este estabelecimento possui actualmente 1,380 obras em 3,985 volumes, nas seguintes linguas: hebraico, grego, polaco, italiano, hespanhol, latim, allemão, inglez, francez e portuguez.

«A bibliotheca publica do Pará, diz o Exm.^o Sr. Dr. Domingos José da Cunha Junior em seu Relatorio á Assembléa provincial no corrente anno (1873); é a repartição menos pesada á provincia. Composta de dadivas do povo—em livros e dinheiro—muito pouco tem o governo despendido com ella.»

A LENDA DA SAPUCAIA-OROCA.

Sapucáia-oroca é uma pequena povoação á margem do rio Madeira.

Pouco abaixo do lugar em que se acha assentada referem os indios que existio outr'ora uma outra povoação, muito maior do que esta, e que um dia desappareceu da superficie da terra, sepultando-se nas profundidades do rio.

E' que os *Muras*, que então a habitavam, levavam vida desordenada e má e nas festas, que em honra de *Tupana* celebravam, entregavam-se á dansas tão ~~lascivas~~ e cantavam cantigas tão impuras, que faziam chorar de dôr aos *angaturámas*, que eram os espiritos protectores, que por elles velavam.

Por vezes os velhos e inspirados *pagés*, sabedores dos segredos de *Tupana*, haviam-nos advertido de que tremendo castigo os ameaçava, si não rompessem com a pratica de tão criminosas abominações.

Mas cegos e surdos, os *Muras* não os viam, nem os ouviam.

E pois um dia, em meio das festas e das dansas e quando mais quente fervia a orgia, tremeu de subito a terra e na voragem das agoas, que se erguiam, desappareceu a povoação.

As altas barrancas que ainda hoje ali se vêem, attestam a profundidade do abysmo em que foi arrojada a povoação e os reprobos. . .

Depois, muitos annos depois, foi que começou a surgir

a actual povoação, que ainda não poudé attingir ao gráo de esplendor da que fôra submergida.

Foram de novo habital-a os *Muras*; mas em breve, por entre a escuridão da noite, começaram a ouvir, tranzidos de medo, como o cantar sonoro de gallos, que incessante se erguia do fundo das agoas.

Consultados os *pagés* venerandos, que prescrutavam os segredos do destino, declararam estes que aquelle cantar de gallos, ouvido em horas mortas da noite, provinha daquelles mesmos *anga-turámas*, que deploraram outr'ora a miserrima sorte da povoação submergida e que sempre protectores dos filhos da tribu dos *Muras*, serviam-se do canto despertador dos gallos da *Sapucáia-oroca* (*) submergida, para recordarem o tremendo castigo porque passaram seus maiores e desviarem a nova geração do perigo de sorte igual.

E' este o facto que deu origem ao nome da povoação—*Sapucáia-oroca*.



MARAJÁ.

E' uma palmeira que produz um fructo roxo e um pouco parecido com a uva.

Ha diversas especies de *marajás*.

Os foliolos dão fibras com que se fazem alguns tecidos, cordas e rêdes

(*) *Sapucáia-oroca* quer dizer gallinheiro.

UAYCURAPA'.

Rio no municipio da Villa-Bella da Imperatriz, muito abundante em madeiras reaes.

Na sua foz e em uma bella praia está o lugar denominado *Tauaquéra*, onde os jesuitas começaram a edificação de um convento, cujas paredes ainda ali existem, admiraveis sobretudo pela solidez da construcção.

Constando que no circuito que abrange aquellas paredes haviam grandes riquezas enterradas, mais de um individuo ali tem ido fazer excavações, que nenhum resultado tem dado.

O *Uaycurapá* é o mysterioso El-dorado do municipio de Villa-Bella.



O RIO IÇÁ.

É um dos affluentes do Amasonas, com cujas agoas se confunde na lat. de 3.º 9' S. e 67.º 52' de long. O. G.

Tem perto de 400 braças de largura na foz e fundo sufficiente para a navegação de navios de 10 palmos de calado, em uma extensão maior de 100 legoas, menos nos mezes de secca. As suas cabeceiras acham-se nas visinhanças da cidade de Pasto, na republica do Equador, onde, como no Perú, é conhecido pelo nome de Putumayo. Por elle desciam algumas vezes os nossos vizinhos d'esse lado para traficarem no Amasonas. Communica com o Japurá, na parte superior das cabeceiras, pelo canal *Perida* e na inferior, por meio do *Puréos*.

Póde-se chamar a este rio, diz o ouvidor Ribeiro de Sampaio, o dourado *Içá*; porque das minas que tem nas suas cabeceiras arroja o ouro para as suas margens.»

Os castelhanos fundaram uma pequena povoação junto á boca do *Içá*, na margem septentrional, por ocasião do tratado de limites entre Portugal e a Hespanha, e cuja povoação abandonaram completamente em 1766.

Actualmente é só habitado o *Içá* por diversas tribus indígenas, e entre ellas a nação *Içá*, que deu nome ao rio, ou, como dizem outros, por causa de uns pequenos macacos de loda preta, que abundam em suas margens e que são conhecidos por este nome.



QUADRO COMMEMORATIVO.

Na sala das congregações do Lyceu do Pará, ha um bello quadro commemorativo da epidemia do cholera-morbus que em 1855 assolou a cidade de Cametá. Este quadro, que rememora aquellas scenas de lucto e de dôr, é obra de um notavel pintor paraense, o Sr. Constantino Pedro Chaves de Mello, actualmente professor de desenho no dito Lyceu.

Mede o quadro 16 palmos de largura e 13 de comprimento. Representa o Dr. Angelo Custodio Corrêa, presidente da provincia, indo a Cametá levar soccorros aos cholericos.

O pincel revela ali mão de mestre.

UM TIGRE AMAZONENSE.

Braz Corrêa da Silva, filho legitimo do ex-soldado José Maria Corrêa da Silva e de Laudegaria Piedade Corrêa da Silva, nasceu em Villa-Bella da Imperatriz, em cuja escola de ensino primario aprendeu a ler.

Na idade de 11 annos foi pelo pae empregado no serviço de pescaria e nesse mister tanta dedicação mostrou que aos 13 annos tinha-se tornado um dos mais habéis pescadores.

Foi tambem n'essa idade que deu os primeiros signaes da perversidade de sua indole, avançando com um remo contra o pae, que conseguiu, fugindo o corpo, evitar a pancada, que lhe poderia arrancar a vida.

Na idade de 15 annos era Braz um guapo mancebo, de maneiras insinuantes e de tão agradavel phisionomia, que quantos o viam com elle sympathisavam. Sob essas apparencias seductoras occultava Braz a ferocidade do tigre.

Foi n'essa idade que atirou-se na senda da perdição, começando por seduzir uma irmã, a quem prostituiu, tendo já então fallecido o pae.

Queixas da mãe, levadas á policia, fizeram com que fosse capturado e remettido como recruta para Manáos.

Pouco tempo depois desertava Braz e seguia caminho da comarca de Obidos, onde, na ilha de Santa Rita, raptou uma menina de 12 annos, e habitando com ella uma montaria, percorria o districto de Villa Bella e principalmente a costa da Saracura, a ilha das Onças e a ponta do Pinguel.

Em uma manhã passava elle pela ilha do Chibuy; ven-

do um mütum pousado em uma arvore, saltou em terra para matal-o. Então a menina, aproveitando-se d'esse instante que lhe deparava o acaso, com inaudita coragem, empurra a montaria para o meio do rio. Braz vio fugir-lhe a presa e sentindo-se ludibriado por uma creança a quem tinha acarretado uma vida miseravel, procurou de longe seduzil-a, chamando-a. A pobre menina, porém, vendo-se livre das garras do seu algoz, atravessou o Amasonas e seguiu sosinha para o sitio do pae.

No dia seguinte foi Braz encontrado por um parente, que por acaso fôra á ilha do Chibuy, e conduzio-o para o Cabury, onde elle tentou sedusir uma segunda irmã.

Com receio de ser preso, retirou-se, tornando-se então o terror de todo o districto pelas tropelias que diariamente praticava.

Passou-se para o Paraná de Juruty e ahi foi pedir agasalho em casa de um fuão Villaça. Em conversa, perguntando-lhe o dono da casa por Braz, respondeu elle com admiravel sangue frio a todas as perguntas, sem jamais trahir-se.

Ver Joanna, filha unica de Villaça, e ficar por ella apaixonado, foi obra de um momento, e sabendo que aquelle ia muito cedo á pesca, para logo planejou a consummação de um crime.

Despedio-se ao romper do dia e foi occultar-se no igapó visinho á casa e vendo uma hora depois passar Villaça para a pescaria, seguiu caminho da casa, pretextando qualquer desculpa mentirosa.

Dirigindo-se a Joanna, convidou-a a ir com elle ao porto,

mas oppondo-se a mãe, lança mãos violentas á menina, que aterrada não se póde defender e arrasta-a para a montaria. Correndo a pobre mãe a defender a filha, lança o monstro mão de um terçado e prostra-a sem sentidos, concluindo essa obra de sangue com repetidos golpes, que lhe arrancam a vida.

E a mão que acabava de fazer correr o sangue da mãe, ainda quente e tinta, passa a affagar a filha !

De novo pássou-se o monstro para o municipio de Villa Bella e occultou-se na matta próxima á casa da mãe, até que, depois de muitos excessos por elle praticados, foi preso por um irmão, que em recompensa d'esse serviço recebeu da policia a quantia de rs. 60\$000, que lhe havia sido promettida.

Remettido para Manáos, conseguiu Braz evadir-se da cadêa, e no Solimões, para onde dirigio-se com outros companheiros, perpetrou uma morte e fez diversos roubos.

Sendo-lhe aquelle rio inteiramente desconhecido, voltou para Villa Bella, onde causou tal terror a noticia da sua apparição, que muitos habitantes deixaram os sitios e retiraram-se para a villa.

Suppondo Braz que Joanna talvez ainda habitasse o paraná de Juruty, para ali dirigio-se, encontrando porém abandonada a casa, que fôra muda testemunha da luta de uma mãe, que succumbe, defendendo a filha.

D'ahi seguio para o rio Trombetas, onde foi de novo preso e remettido para Manáos.

Hoje acha-se na ilha de Fernando.

ESTATISTICA ECCLESIASTICA DO AMASONAS.

A provincia do Amasonas, que faz parte do bispado do Gram-Pará, forma uma vigararia-geral que tem por séde a cidade de Manáos. Tem 22 freguezias, das quaes quasi metade acham-se sem parochos.

É lamentavel que milhares de individuos vivam por ahi sem o beneficio da palavra divina e da administração dos sacramentos.



O NOME DO RIO MADEIRA.

Os indigenas davam-lhe o nome de *Caiari*, que Francisco de Mello Palheta substituiu em 1725 pelo de *Madeira*, em consequencia da grande quantidade de troncos de arvore ou madeiros, que incessantemente são arrastados pela correnteza.



INDIOS JAUAPERYS.

Na margem do Rio Negro, em numero consideravel, atacaram os indios *Jauaperys*, no dia 9 de dezembro de 1870, a uma embarcação que seguia de Manáos para Venezuela, e n'essa occasião feriram gravemente a diversos tripolantes e roubaram mercadorias no valor de alguns contos de réis.

VILLA DA CONCEIÇÃO.

É a antiga villa de Maués, fundada em 1798 por Luiz Pereira da Cruz e José Rodrigues Preto (e não *Porto*, como se acha no Diccionario do capitão-tenente Amasonas), na margem direita do rio *Maué-assú*.

Dos nomes de seus fundadores, isto é, da primeira syllaba do primeiro e da ultima do segundo, formaram a palavra *Luséa*, nome que teve enquanto foi missão.

Em 1832 foi esta villa theatro de barbaridades praticadas pelos indios *Maués*, que em seu furor assassinaram diversos individuos. Era chefe d'essa horda o *tuchaua* Manoel Marques, que depois de terminada a carnificina, foi levar o facto ao conhecimento do ouvidor, na antiga Villa da Barra, hoje cidade de Manáos. O missionario carmelita Fr. Joaquim de Santa Lusía é até hoje accusado, mas provavelmente sem fundamento, de ter insinuado aos indios essa matança.

A villa da Conceição é uma das mais importantes da provincia do Amasonas, e muito lisongeiro será o seu futuro, si os meios que tem para engrandecer-se não forem tolhidos por paixões politicas.



OLEO DE MUCAJÁ.

E' extrahido do fructo da palmeira d'este nome, que abunda no valle do Amasonas.

É concreto e de cor amarella.

O BISPO D. FREI MIGUEL DE BULHÕES.

No dia 8 de fevereiro de 1749 chegou á cidade de Belém o terceiro bispo da diocese do Gram-Pará D. Fr. Miguel de Bulhões, da ordem dos pregadores, sendo recebido com todas as formalidades que lhe eram devidas. A 15 de fevereiro fez a sua entrada solemne com grande esplendor e extraordinaria concurrencia de cidadãos de todas as classes e jerarchias.

Foi elle quem declarou, em provisão de 2 de maio de 1758, que o rio Gurupi era a linha divisoria da provincia ecclesiastica do Gram-Pará, principiando a do Maranhão na margem direita do dito rio, e da margem fronteira a do Pará. Resignou o bispado em 1759 e retirou-se no anno seguinte para Lisboa.

Foi muito attribulado o seu governo, em consequencia da opposição violenta que lhe fizeram os padres jesuitas, por se opporem a que elle executasse, apesar das ordens terminantes da côrte, a bulla *Apostolicæ servitutis*, de 20 de dezembro de 1741, do Santo Padre Benedicto XIV, a qual declarava livres todos os indios e fulminava penas d'excomunhão contra os que praticassem, defendessem, ensinassem ou pregassem o contrario.

POROROCA.

No rio Purús, na distancia de 690 milhas da foz, dá-se mui sensivelmente o phenomeno da *pororoca*.

FRECHAS.

« São instrumentos offensivos de que mais geralmente se servem os indios, ou para a caça e a pesca ou para a guerra. São especies de settas, compostas de duas partes distinctas, a haste e a ponta. A haste é ordinariamente feita da propria taboca, sendo delgada e direita, e a ponta ou *sumba* é feita ou de madeira rija aguçada, como paracaüba, maçaranduba, ou de palmeira paxiüba ou de outra qualquer madeira menos rija, porém armada a sua extremidade inferior de pedaços aguçados de ossos longos de animaes ou mesmo dos proprios ferrões da arraia ou também das espinhas de peixes. Estas frechas umas são aladas, outras não. As aladas são as que tem pennas de varios passaros collocadas uma pollegada abaixo da extremidade superior e no sentido longitudinal. Estas são as de que se servem para maiores distancias, ou arremessadas directamente ou descrevendo uma parabola; as outras são exclusivamente empregadas para as pequenas distancias.

Tambem costumam os indios untar as pontas das frechas com um preparado composto de substancias vegetaes venenosas, em que figura especialmente o cipó *uirary*.»

Ha tres especies de frechas usadas na guerra, diz o Sr. Gonçalves Dias,—*uagike comm*—a harpoadá—*uagike méran*; e a outra para caça dos animaes menores—*uagike bacamnumok*. A primeira tem a ponta alongada ou eliptica, feita de taquara; tostam-na para ficar mais dura, e a raspam e aparam para que fique cortante como faca, e a ponta fina como agulha. O animal, ferido d'ella, sangra muito, porque um dos lados é concavo. A ponta da frecha

harpada, que tem polegada ou polegada e meia de comprimento, é feita de páo d'arco ou de *airi*. E' fina e muito aguda. Tem oito ou dez harpéos, e se emprega na caça de animaes grandes e pequenos e tambem na guerra: a sua ferida é perigosa por ser de difficil extracção.

As frechas da terceira especie são obtusas e matam por contusão: tomam para isso uma vara que tenha tres ou mais nós, formando como um botão, de que fazem a extremidade da frecha.

Para dar mais força ás primeiras, untam-nas com cera, passam-n'as ao fogo para que penetre melhor e assim fazem tambem com os arcos.»



TURURY.

Extrahem-se das diversas qualidades d'estas grandes arvores certas especies de fibras, que formam um quasi panno natural.

Os indigenas empregam-nas em seus vestidos e são de uma só peça e sem costura; quando muito lhes adaptam mangas. Serve ainda entre elles este tecido natural, para fazer cobertôres, mosqueteiros e esteiras. Actualmente fabricam com elle chapéos muito finos.

Prestam-se ainda como estopa nos calafetos e poderiam tambem servir para o fabrico de cordas.



JACITARA.

E' um cipò grande, pouco grosso e espinhoso. Dos tallos partidos em pedaços mais ou menos delgados se fazem tranças para assento de cadeiras e outros moveis, bem como cestas, esteiras e outros objectos semelhantes.



CARUARA.

Acreditam os indios que os *pagés*, quando lhes apraz e para se vingarem de qualquer individuo, introduzem-lhe no corpo uma enfermidade ou *feitico*, a que dão o nome de *caruara*.



OLEO DE COPAHYBA.

E' extrahido, por meio de incisões, da arvore *Cupai-fera officinalis*. E' fixo, de cor branca amarellada, transparente, de um cheiro forte e sabor acre. Tem grande emprego nas artes e na medicina, onde bastante são conhecidos os seus effeitos.

Este producto natural constitue um interessante artigo de commercio e sua colheita tem ido sempre em augmento desde 1836.

Diz o celebre naturalista A. R. Ferreira que em fins do seculo passado, isto é, em 1787, vendia-se no Pará cada Pote de 9 canadas de Lisboa por 6 e 6\$400; accrescentando

que já era então um dos negócios mais importantes dos que se faziam com as drogas do certão, ainda que só no Solimões houvesse a arvore d'onde este oleo se colhe. «Usavam d'elle os pintores em falta de linhaça, mas servindo pouco para pinturas expostas ao tempo, por cahirem logo; sendo de mais duração as que se fazem no interior das casas, ou em partes resguardadas da chuva. Nasce pelo centro dos matos, em partes seccas e livres d'aguas estagnadas.»

Já não abundam estas arvores, diz o Sr. conselheiro Brusque, nas proximidades das margens dos rios navegaveis e conhecidos; é mister ir á longas distancias para encontral-as em estado de serem aproveitadas. Não é porque tenham de todo desaparecido d'estas paragens sob o peso da mão destruidora do homem, que lhes arranca até á ultima gota a seiva da vida; mas porque acredita-se que a arvore que uma vez contribuiu com o contingente do oleo, que lhe extrahiram, não torna mais a produzi-lo. Entretanto parece mais natural suppor, que completamente exgotada a arvore, tem necessidade de longos annos para recuperar a seiva perdida e por isso se mostra avara da pouca que possue, áquelle que já uma vez ferio-a mortalmente.

Seja como fôr, a colheita d'este producto deve decrescer em um futuro, que não está remoto. Entregue aos indios semi-selvagens, que são os que principalmente d'ella se occupam, continuará á mercê de sua imprevidencia e ignorancia e a natureza succumbirá por certo aos duros golpes da rude destruição.

Eis o que consta da estatistica da exportação d'este artigo :

O termo médio das quantidades e valores da exportação d'este producto nos annos, que decorreram de 1836 a 1852, segundo dados officiaes, é o seguinte :

Termo medio . . . 3,660 canadas, na importancia de rs. 26,891\$970

Nos annos, que decorreram de 1852 a 1862, regulou a exportação do modo seguinte :

ANNOS.	CANADAS.	VALÔRES.
1852 a 1853	8,215	53,597\$725
1853 a 1854	23,984	174,055\$000
1854 a 1855	8,142	53,602\$000
1855 a 1856	6,030	34,262\$713
1856 a 1857	3,438	33,525\$000
1857 a 1858	3,385	45,547\$500
1858 a 1859	4,064	67,726\$500
1859 a 1860	4,893	86,453\$500
1860 a 1861	3,394	98,990\$070
1861 a 1862	2,868	76,997\$452
Termo medio do de- cenio de 1852 a 1862	22,571	72,455\$746
Comparado com o pe- riodo de 1836 a 1852	3,660	26,891\$970
Diferença para mais	18,911	45,563\$776

No periodo decorrido de 1862 a 1868.

ANNOS.	LIBRAS.	VALÔRES.
1862 a 1863	152,241	66,416\$690
1863 a 1864	151,384	63,027\$960
1864 a 1865	153,451	65,451\$230
1865 a 1866	187,880	90,893\$000
1866 a 1867	151,353	74,122\$174
1867 a 1868	173,934	101,364\$606

MINERALOGIA DO AMASONAS.

A parte conhecida da provincia é pobre de mineraes metalliferos. No rio Japurá existe ouro, mas não se sabe em que circumstancias. É de presumir que haja em abundancia, porque os indios, que desconhecem os processos aperfeiçoados para a extracção, apresentam algumas vezes não pequenas porções em troca de ferramentas e fazendas.

Os regatões, que negociam no Japurá, informam que os indios usam grosseiramente da bateia, o que revela que anteriormente andou por alli alguém que entendia da materia.

Consta que no Rio Branco tambem existe ouro.

No alto Rio Branco foi achado ha annos um fragmento de sulfureto de ferro nos veieiros do quartz das rochas graniticas.

Os oxidos de ferro entram na composição de todas as rochas da provincia. Tambem abundam as argilas brancas e coradas. A' vermelha dão a denominação de *cury* e á amarella de *tauá*.

No alto Purús encontra-se em abundancia gesso crystallizado.

MUCAJA.

(*Acrocomia loseospatha*.) Dos foliolos que possui, tiram-se as fibras com que se fazem cordas e que se podem prestar tambem para os tecidos.

INSTRUÇÃO PUBLICA NO AMASONAS.

De alguns annos á esta parte vae tomando notavel desenvolvimento a instrucção publica na provincia do Amasonas. Além de um lyceu bem montado e regularmente frequentado, posto que se ache em uma casa de acanhadas proporções, tem a provincia mais 36 escolas publicas do ensino primario, sendo 28 para o sexo masculino e 8 para o feminino.

O lyceu possui todos os preparatorios exigidos para as academias do Imperio. As matriculas são gratuitas e os compendios são os adoptados no imperial collegio de Pedro II e no lyceu paraense.

São regulares os vencimentos dos professores do lyceu, bem como os dos professores primarios. Vencem estes 1:200\$000 annualmente.

A camara municipal da capital creou em agosto de 1872 duas escolas nocturnas, que já se acham funcionando, para os adultos e os que por qualquer circumstancia não puderem frequentar as escolas que funcionam durante o dia.

A provincia do Amasonas despende annualmente com a instrucção a quantia de Rs. 66:000\$000, pouco mais ou menos.



LAGOS DA PROVINCIA DO PARA'.

Os mais notaveis são : o Lago Grande de Villa Franca, os do Amapá, Faro, Arary, Melgaço Monte-Alegre e Juruty.

UAPÈS.

A tribu dos *Uapès*, que habita as margens do rio do mesmo nome, confluyente do rio Negro, distingue-se por terem os individuos, que a compõe, furadas as orelhas e o labio inferior. Recommenda-se tambem por admittir varios grãos de nobreza, a que serve de distinctivo, como ordem militar, uma pedra branca, muito lisa, de forma cylindrica, e furada, para lhe passarem um cordão com que a trazem pendurada, O tamanho exprime o grão de nobresa : os principaes usam de pedras de meio palmo de comprimento.



MAÇARANDUBA.

(*Mimusops elata*, ou *mimusops excelsa*, segundo Freire Allemão.)

E' uma arvore gigantesca, da familia das sapotaceas, e que se encontra em grande abundancia no Valle do Amazonas.

E' facil distinguil-a no meio das florestas em que cresce. Ergue-se do solo em linha recta, diz o sr. F. Penna, como o tronco do muriti, e, como este, despida de galhos, apresentando na parte superior uma bella corôa de ramagens. As folhas são oblongas, de 1 até 2 decímetros de comprimento, verde-escuras e lustrosas na face e de um amarello pardo no dorso, com bordos lisos e nervuras mais ténues e regulares do que as do abricoseiro, formando um tecido espesso e quasi coriaceo.

O tronco eleva-se á altura de 20 a 25 metros e é revestido de uma casca tuberculosa como a do castanheiro, e cuja superficie verde-negra é alterada por numerosas manchas brancas. Seos fructos globulosos, muito menores do que um pecego ordinario, encerram uma polpa saborosa A madeira é uma das melhores e mais procuradas para construcção de casas e de embarcações de qualquer dimensão; ella resiste, mais do que qualquer outra, á acção destruidora do tempo e da agua. E' dura e rija, fina e de facil brunidura.»

Disse a commissão da Exposição industrial do Pará, que entrava em duvida, si era a maçaranduba o *galactodendron utile* de Humboldt e Bompland, o qual abunda na cordilheira dos Andes, especialmente na Columbia, e que estes deus naturalistas classificaram na familia das *artocarpeas*.

Os habitantes da cordilheira lhe chamam *palo de vacca* (arvore de vaca.)

As partes empregadas da maçaranduba são—o leite ou gomma—resina liquida, que se obtem fazendo-se na casca uma incisão transversal, que chegue á madeira.

Toma-se internamente, combinado com algum costimento emolliente ou peitoral em partes iguaes, e externamente em emplastro estendido sobre a pelle e coberto com algodão.

E' empregado com vantagem nas molestias do peito.

No Pará e no Amasonas usam d'elle como alimento e tomam-no misturado com café ou chá, tornando assim mais saborosas e nutritivas estas bebidas.

O mesmo praticam os habitantes da cordilheira dos Andes com igual leite, que tiram da sua *Galactodendron utile* e por igual processo.

O leite da maçaranduba, combinado com a borracha ou ainda com a gutta-percha, presta-se ao fabrico de mil artefactos, como cadeias de relógio, anneis, castiças, bandejas, pulseiras e etc. Um vaso de porcellana ou de barro, diz o Sr. F. Penna, uma cadeira ou qualquer outra peça de copa e de mobília, que se quebre, recebendo no lugar fracturado uma camada d'este leite, torna-se tão perfectamente soldada, que toma, por assim diser, maior consistencia e solidez do que antes possuia.



PEDRAS «MORONA».

Pouco antes da foz do Madeira e quasi em frente á boca do *Puraquécua* e quasi a flôr d'agua, ha umas pedras, a que denominam «*Morona*», porque foi n'ellas que a 28 de outubro de 1862 encalhou o *Morona*, vapor de guerra peruano.



UATUMÃ.

Povoação situada á margem esquerda do rio que lhe dá o nome e fundada em 1814 por Chrispim Lobo de Macedo.

Seus habitantes são oriundos da tribu *Pariqui* e entregam-se ao serviço extractivo da salsa, copahyba e outros generos silvestres.



NOTICIA SOBRE O PURU'S

Na sua breve, mas interessante memoria sobre o rio Purùs, exprime-se d'este modo o incançavel Sr. tenente coronel Labre :

«O Purùs comporta um grande volume d'agoas por sua largura e grande extensão percorrida: é branca a cor de suas agoas; mostra muitas sinuosidades no seu curso, deixando, de verão, á descoberto muitas praias e altas ribanceiras. De inverno, na sua maior enchente, sobe a trasbordar, cobrindo uma zona de nunca menos de 12 a 15 milhas, nivelando-se com as agoas de seus innumeros lagos. O Hayapuá e o Jary são os maiores, devendo ter mais de 30 milhas de circumferencia. Ha algumas ilhas, sendo a do Uajaratuba a principal: mede 4 milhas de largura, termo medio, com uma extensão de 18 a 20 milhas. Deita-se o rio em um leito de areia e barro, tendo algumas pedras nas barreiras das terras altas, porém deixando franca a navegação.

«A extensão percorrida por este caudaloso rio das cabeceiras á sua foz, é por uma superficie de pouca declividade (como se vê de sua declinação) por entre uma floresta densa e não interrompida. O solo ás margens se divide em terras altas e baixas; estas são cobertas d'agua periodicamente, de inverno, e aquellas são isentas de innundação. As terras sujeitas ás innundações são misturadas e de cor parda, com grandes camadas de estrumes vegetaes, e tendo no fundo das baixas e lagos grande quantidade de argilla. As terras altas são de barro vermelho granitado e terrenos mui porosos; e nos lugares povoados de palmeiras são pardacentas

na superficie e misturadas ligeiramente de areia e boas camadas vegetaes, sendo o fundo de barro vermelho.

«Os invernos ou *chuveiros* aqui são longos; as chuvas são copiosas, especialmente nos mezes de fevereiro, março e abril, tempo da grande cheia e trasbordamento do rio, cuja enchente começa no mez de outubro e sôbe até fins de março. A vasante tem lugar em principio até fins de setembro, isto no medio Purús. As enchentes e vasantes do Purús são periodicas e regulares; é uma pequena imitação do Nilo; são porém alternadas de lugar a lugar, segundo as distancias, pela grande extensão percorrida, alternando-se também as estações, começando o inverno e o verão mais cedo nas cabeceiras.

«Ha muita electricidade athmospherica, especialmente em principios e fins d'aguas, produzindo estrondosas detonações, precedidas de quedas de fluidos electricos; as chuvas se prolongam até o mez de julho e recommçam em setembro.

« De inverno a temperatura, pela manhã, regula de 20 a 23.º, subindo a 26 do meio dia para a tarde; de verão regula com mais ou menos differença, trazendo porém sensiveis alterações, baixando para 14 nos dias de friagem, e subindo para 28 nas tardes calmosas de agosto. As noites e manhãs são frescas, e as tardes das 5 e meias horas em diante; a esta hora ha mais ou menos brandas virações, que tornam as tardes amenas, com alguns dias excepcionaes.»

CRATO.

Para facilidade das communicações commerciaes do Pará com Matto-Grosso e Goyaz, ordenou o governador D. Francisco de Souza Coutinho a fundação d'esta povoação no rio Madeira.

Nada entretanto foi possível conseguir-se, em consequencia da insalubridade do clima.

Por algum tempo servio esse lugar de presidio, principalmente para aquelles que cahindo no desagrado de algum governador, ou não commungando as idéas politicas de algum presidente, para ali eram remettidos.

Commandando o sargento Manoel Baptista de Carvalho o destacamento collocado n'aquelle ponto e procurando a maneira de evitar a morte, que ali o esperava, mandou incendiar as poucas casas, que então havia, e attribuindo este acontecimento ao acaso, abandonou o lugar, retirando-se com o destacamento.



MAMURU'.

É um rio no municipio de Villa Bella da Imperatriz, onde abunda a celebre madeira *muerapinima*, da melhor qualidade.

É ainda notavel este rio, por fabricar-se ali o melhor guaraná conhecido. Tem communicação com as campinas do rio Tapajóz, e é por ellas que tranzitam os compradores de guaraná, que de Cuyabá vem á procura d'esse genero.

MANACAN.

Manacan ou *manacá* ou *geratacaca* ou *gerataca* ou ainda *mercurio vegetal* é um arbusto de folhas alternas, oblongas, acuminadas e curtamente pecioladas. As flores são solitárias e terminaes e a corolla monopetala. A raiz principalmente é impregnada de um principio amargo e enjooativo, que estimula a garganta.

Emprega-se internamente em decocção de meia a uma onça em libra e meia d'agoa ou em tintura alcoolica, ou em infusão em vinho branco.

É um poderoso excitante do systema lymphatico e modificador energico da idiosincrasia escrophulosa; é muito recommendado na syphilis, no rheumatismo e em outros encommodos. Tambem o empregam como antidoto nas mordeduras das cobras venenosas, E planta muito usada no Amasonas pelos pagés e curandeiros com tal ou qual resultado.

Ha duas qualidades de *manacan*, diz o Sr. Dr. F. da Silva Castro, uma de folha como a do café e outra de folha comprida semelhante á da mangueira; a esta chamam—*manacan de veado*, em virtude de um preconceito popular. Refere Baena—que os indios acreditam que alguem embriagando-se com ella e conversando depois com uma mulher pejada, lhe passa a embriaguez, e si fôr immediatamente ao matto caçar veados, acha-os e apanha-os sem difficuldade, porque elles não correm nem fogem.

O extracto do *manacan* é empregado por algumas tribus do Alto Amasonas, para envenenar as settas.

LUIZ DO REGO BARROS.

A 21 de janeiro de 1635 reassumio Luiz do Rego Barros, decimo quarto capitão-mór, o governo da capitania do Gram-Pará, por ordem do governador do estado Francisco Coelho de Carvalho, dez mezes depois que o senado municipal e o povo da cidade de Belém, se recusaram a investil-o novamente n'aquêlle cargo, não só pelo abuso que d'elle fazia nos momentos irosos do máo genio que tinha, como porque havia abandonado o governo, sem previa licença da autoridade superior. Do inquerito a que se procedeu sobre os factos allegados contra Luiz do Rego, nada constou, que o incriminasse, e em virtude d'isso é que foi novamente empossado da governação publica.

Luiz do Rego com tanta prudencia e moderação se houve em quanto esteve fóra do poder, que os odios e as paixões que contra elle se levantaram estavam extinctas, quando o governo da capitania lhe voltou ás mãos; depois somente cuidou da jurisdicção do seu cargo com zelo tão singular pelo serviço publico, que fazia a admiração de todos pela transformação, que n'elle se operara. Nunca deu mostras de resentimento pelos dissabores que passara, nem exerceu vingança sobre ninguem, pelo que foi sinceramente estimado da população inteira.

UXIRANA DA VARZEA.

E' uma arvore de 3 a 5 palmos de grossura e 50 a 70 de comprimento. É empregada para construcção naval e civil.

D. ROMUALDO DE SOUSA COELHO.

Partio a 31 de Janeiro de 1822 para Lisboa o bispo D. Romualdo, com o fim de tomar assento nas côrtes como deputado pelo estado do Gram-Pará e do Rio Negro.

A junta provisória e mais alguns individuos de posição e importancia na cidade de Belém, incumbiram a D. Romualdo que procurasse obter do congresso nacional nova organização para as juntas governativas de que as autoridades territoriaes lhes fossem subordinadas, para maior regularidade e bom desempenho do serviço publico, e que lembrasse ao governo da metropole ser medida de boa politica a substituição do titulo de—governador das armas—por outro qualquer que se adaptasse mais á nova organização politica, aconselhando-lhe outros expedientes administrativos, tendentes a fazer com que o Estado do Gram-Pará se conservasse sempre unido a Portugal.



MEZA DE RENDAS DE SANTO ANTONIO.

No porto de Santo Antonio do Madeira foi creada uma meza de rendas de 1.^a ordem, por decreto de 25 de janeiro de 1873.

Esta estação fica habilitada para a importação dos generos procedentes da republica da Bolivia, bem como para a exportação dos generos nacionaes e despachos de tranzito ou de mercadorias, que navegam com carta de guia.



A MISERICORDIA DO PARÁ.

A santa casa da misericórdia do Pará é uma das mais antigas, senão a mais antiga de todo o imperio. O seu primeiro compromisso foi-lhe dado por Felippe III, sendo o compromisso da misericórdia de Lisboa de 1619 o que se mandou observar; e com elle se regeu a confraria até 1850, em que outro novo lhe foi concedido pelo presidente Jerônimo Francisco Coelho, e depois reformado em 1854 pelo presidente Sebastião do Rego Barros.

Teve a sua primeira igreja no largo chamado da Misericórdia e n'ella funcionou a irmandade até o anno de 1798, epoca em que passou para a igreja da extincta companhia de Jesus, onde actualmente se acha e cujo templo, diz um illustrado chronista, parece não desmerecer do agrado das pessoas entendidas pela perfeição dos seus retabulos e pulpitos, todos de talha dourada, sendo a madeira de excellente cedro.

O artista, que fez essa primorosa obra foi o irmão Simão Luiz, o qual gastou dezoito annos n'esse serviço e ensinou a muitos indios da aldeia de Mortigura (Villa do Conde) o seu officio e elles bastante o ajudaram.

As imagens, que ainda hoje se admiram na igreja, são todas do tempo dos jesuitas e todas ellas de cedro, primando pela belleza e perfeição da escultura, talhadas e preparadas aqui mesmo no paiz.

O irmão Simão Luiz foi feliz escolha do padre Antonio Vieira, quando de Lisboa partio com outros companheiros para a missão do Maranhão a 22 de Setembro de 1652.

Depois da prisão e expulsão dos jesuitas para fora do seu collegio, em 1760, esteve a igreja abandonada por alguns annos, até que foi entregue á irmandade de Santo Christo dos Milagres, a qual ali se conservou até o anno de 1798, sendo depois transferida para a igreja das Mercês, onde hoje funciona.

N'esse mesmo anno de 1798 tomou a misericordia conta da igreja de Santo Alexandre, por ordem regia ou alvará com força de lei.



A REGIÃO AMASONICA SEGUNDO AGASSIS.

«A região amasonica, disse o professor Agassiz, é um novo mundo, que póde conter, alimentar e desenvolver uma população maior de 20,000,000. O desaproveitamento de seus productos naturaes, na opinião de respeitaveis autoridades, póde ser avaliado em cerca de 50,000,000\$000.»



COMARCAS DA PROVINCIA DO PARÁ'.

A provincia do Pará, compõe-se actualmente de 12 comarcas, que são: Comarca da capital, de Braganca, de Marajó, de Macapá, de Cametá, de Breves, de Gurupá, de Santarém, de Obidos, da Vigia, da Cachoeira e de Monte-Alegre.

UIRARY.

É o nome do veneno que empregam os indios para her-
varem as flechas.

«O veneno das flechas, diz o Sr. G. Dias, ervadura, *cure*, como dizem os viajantes francezes, ou *uirary*, como dizem os filhos do Amasonas, é um instrumento de destruição como Deus creou poucos n'este mundo. Qualquer animal, mesmo aquelles de maior porte, expira em alguns segundos, principalmente si o toxico si introduz nas proximidades do coração; todavia os naturalistas preparadores podem tirar d'elle grandes vantagens, desde que se conheça o seu antidoto, tão prompto no seu contra-efeito como o proprio veneno.»

Este antidoto é o chlorureto de soda ou sal commum.

Tambem dizem que o succo do limão é um antidoto poderoso.

Diz Baena que esse veneno é extrahido de um cipó chamado *uirary*, grosso, escabroso e guarnecido de folhas parecidas com as da maniva.

«A sua manipulação, continua elle, consiste em mascar a casca, horrifada com agoa fria, destilal-a e ferver-a ao lume, até ficar o sumo inspissado em ponto de linimento. Para augmentar a energia do toxico, addicionam-lhe succos exprimidos de outros vegetaes e cipós, que sejam de natureza venenosos.»

O *uirary*, diz o Sr. Ignacio Accioli, sem a mesma commixturação de outras particulas vegetaes e animaes, é mortifero. Pertence á classe dos sipós, dá-se nos lugares palu-

dosos; suas flores tetrapetalas são de cor amarella pallida, ás quaes succedem pequenos fructos do formato de uma fava, n'uma capsula periforme. Os indios são ciosos em patientear a maneira do fabrico; todavia este consiste na extracção por meio do fogo dos succos venenosos da casca, que é escabrosa, e raizes colhidas no tempo do verão, tomando na acção do cosimento uma forma espessa, á qual então reúnem outras substancias vegetaes venenosas e formigas tocandeiras, guardando depois o veneno em pequenas panellas, onde se conserva em continua fermentação, que perde pelo trato do tempo, tornando então a soffrer nova ebulição no fogo, misturando-se-lhe o tucupi ou sumo da mandioca.»

O animal, que é ferido pela flecha impregnada de *ui-rary* fica no primeiro momento como que attonito e surpreso; immediatamente depois sobrevem-lhe vertigens, torpor, vomitos, si d'isto é susceptivel, e a morte.

No estado de torpor ou vertigem em que se acha, pôde ser sem resistencia posto em gaiola ou jaula, introduzindo-se-lhe depois na boca uma pedra ou, melhor, uma solução de sal de cosinha. Quando o animal volta a si, acha-se preso, mas em estado tal de prostracção, que lhe não permite nas primeiras horas o menor acto de colera ou de desespero.

Conservam as flechas impregnadas de veneno a sua força por longos annos, e antes de arremessal-as costumam os indios mettel-as na boca para salivarem. Nenhum mal lhes faz isto, porque o perigo está somente no contacto do veneno com o sangue.

O mais abundante e violento d'estes venenos é o *uirany* de Tonantins, o qual é por isso mais conhecido. Comtudo são fortes todos quantos se fabricam no Solimões e seus afluentes.

Os indigenas do Purús preparam-no bastante energico, e talvez melhor que o de Tonantins. No rio Japurá encontra-se de excellente qualidade, mas é principalmente nos rios Branco e Negro onde melhor merece a sua terrivel reputação.

Hoje procuram curar o tetano por meio da acção d'este veneno.

Em geral, em vez das flechas, hervam os indios pequenas setas a que chamam *uamiris* e que despedem por meio da *zarabatana*.

SERRA DE PARINTINS.

Na margem direita do Amasonas e em frente á foz do Nhamundá, corre a serra de Parintins, que é a divisa official das duas provincias do Pará e do Amasonas, na ponta mais saliente da dita serra e que caminha para o rio.

Em uma curva que esta serra descreve, ja dentro da provincia do Amasonas e proxima á parte inferior do paraná-mirí de Parintins, vê-se ainda o atterro e palissada mandada fazer pelo antigo governo da Barra do Rio Negro, com o fim de servir de registro ás embarcações, que entrassem n'aquella capitania.

Pretendeu o presidente Tenreiro Aranha servir-se d'essa mesma obra e para o mesmo fim e ali collocou um destacamento sob as ordens de um sargente de nome Vasconcellos. A experiencia porém incumbio-se de demonstrar que nenhuma utilidade havia em semelhante medida, e pouco tempo depois foi dissolvido o destacamento, ficando ainda ali abandonadas diversas madeiras compradas para a edificação de uma casa ou quartel.

Os indigenas olham para a serra de Parintins com certo temor supersticioso, e não é sem grande acatamento e respeito, que por ella passam. Dizem que ali ouvem tocar sinos á noite, «o que, diz o capitão tenente Amasonas, se attribue á tradição de algum estabelecimento jesuitico, que abandonado, tenha sido invadido pelo matto e em sua espessura perdido os sinos.»

«A montanha de Parintins, diz Baena, assumio este nome dos sylvicolas assim denominados, que a habitaram. Altos arvoredos a enramam até a sua lomba, que é uma planura, onde dizem ter existido uma aldêa dos ditos Parintins, fundada pelos jesuitas e que os mesmos aldeanos se revoltaram contra os que lhe ministravam a doutrina, queimaram as casas, esboroaram a igreja, enterraram os sinos e transfugiram para as brenhas. Ainda dura nas circumvisinhanças a tradição oral, de que em todas as noites de natal se ouvem os sinos soterrados.»



PRESIDENTES DO AMASONAS.

De 1852 a 1873 tem sido administrada a provincia do Amasonas por 14 presidentes.

FRANCISCO COELHO DE CARVALHO SARDO.

A' 15 de fevereiro de 1648 morreu o governador e capitão-general do estado do Pará Francisco Coelho de Carvalho Sardo. Por disposição sua, que fielmente se observou, foi sepultado na porta do convento de Santo Antonio, em Belém, para cujo lugar foi conduzido o feretro, diz o chronista, por entre as lagrimas e as saudades da população inteira, que muito o amava.

Assumio o governo do estado com inteira independencia do governo do Maranhão, conforme declarava a sua patente e por nomeação do fallecido governador Carvalho Sardo, o capitão Ayres de Souza Chichorro, que deu então, como sempre, provas da sua prudencia e do seu tino administrativo.



MERUXINGA.

Dão os indios este nome a uma mosca pequena.

No paraná-miri do *Limão*, que divide a ilha, em que está assentada Villa Bella, da ilha Maracá, á margem direita, está o lago *Meruxinga*, que tem este nome, por causa da abundancia, que em si contém d'aquellas moscas, cuja quantidade é tal, que occasiões ha em que nem se pôde fallar. Quem passa por aquelle lago, das 5 horas da tarde em diante, observa que essas moscas surgem do fundo e vòam logo que chegam á superficie.

ANAPU'

E' o rio mais extenso dos que se acham entre o Tocantins e o Xingù. Desce das montanhas de Matto-Grosso e lança-se na bahia de Portel.

Em suas margens abunda a castanha, oleo de copahyba, brêo, borracha, etc. « Tambem se diz que nas mattas d'este rio, escreve o padre José de Moraes, ha muita abundancia de páos pintados excellentes, a que os naturaes dão o nome de iburapinima (*muerapinima*), que é o páo mais precioso que se tem descoberto em toda a America Portugueza. »



OLEO DE CUMARU.'

E' extrahido da peqnena fava, que se contém no fructo da arvore *dipterix odorata*, da familia das leguminosas.

Usa-se d'elle na perfumaria e tambem é empregado contra a onzena e ulcerações da boca. *e tem com...*



MACANÁ.

E' um instrumento offensivo e defensivo de que se servem os indios nas suas guerras. E' uma especie de maça, á semelhança das que usavam os romanos nos circos. E' feita de madeira rija e pezada.

TABACO.

Este genero que em abundancia exportava a provincia do Amasonas, em época não mui remota, é hoje objecto de importação !

Tal é a cegueira pelos phantasticos lucros que a borra-cha offerece, que aquella importante lavoura foi quasi que de todo abandonada, com excepção do municipio de Maués, onde é ainda algum fabricado.

E não ha reflexões por mais sensatas, e não ha conselhos ou ameaças de um futuro assustador, que façam retirar o povo da seducção, que mais tarde ou mais cedo ha de leval-o ao abysmo.

Lá está o Purús, lá estão o Madeira e o Rio Branco offerecendo suas terras prodigiosamente uberrimas ao lavrador; elle as vê . . . mas cega-o e fascina-o a seringueira, e eil-o após essa miragem, que illudindo-o, acarreta-lhe a miseria, as enfermidades e a morte.

O povo não se quer convencer de que a lavoura é a verdadeira fonte da riqueza e da felicidade de um paiz. A extracção da seringa é uma mina no Amasonas, mas sempre são pobres as regiões das minas.

PEDRA DE AMOLLAR.

Nas margens do rio *Gurupatuba* encontra-se excellente pedra, conhecida pelo nome de pedra de amollar.

O PEIXE BOI.

E' muito commum nos lagos e rios, que banham o valle do Amasonas. E' o *manatus americanus* de Desmarest. Os indigenas dão-lhe o nome de *manay*.

A semelhança da cabeça d'este animal, mais ou menos approximada á da vitella, fez-lhe talvez dar a denominação que tem.

A carne, e com particularidade a do ventre, dizem ser muito saborosa. O peixe boi chega a ter até 5 metros de comprimento.

Fallando acerca do peixe-boi, escrevia no seu curiosissimo Diario de Viagem o bispo do Pará D. Fr. Caetano Brandão :

« Entre as cousas que aqui tenho admirado, foi um chamado peixe boi. Disseram-me que era dos mais pequenos e comtudo seria do tamanho de um novilho de um anno. Só tem o focinho semelhante ao do boi; nada mais. Junto ao pescoço vêm-se-lhe dous pequenos braços e a cauda. O resto tudo é carne muito succosa. Tem banhas como de porco e d'ellas se extrahe muita copia de azeite que contribue para a fartura do Estado, como tambem a carne, que é semelhante á do porco. Este animal páre os filhos e os cria aos peitos; sustenta-se unicamente de feno ou herva que nasce nas margens dos rios . . . Asseguram-me que deita 20 a 30 potes de azeite ou manteiga.»

Affirma o Sr. Em. Liais que o peixe-boi não é absolutamente herbivoro e que come peixe. Aqui no Amasonas todos me asseveram o contrario.

«Ha outro peixe-boi, diz Baena, que differe d'estes na corpulencia, que é maior, e na gordura e toucinho, cuja quantidade é tal, que muito pouca carne se lhe divisa. A' este chamam peixe-boi de azeite, porque só para isto serve. Nos lagos de Faro ha muitos d'esta qualidade e alguns tamanhos, que de um se póde extrahir quasi uma pipa de azeite.

O peixe-boi vive em geral nos rios e nos lagos d'agua doce e mesmo salgada.

GUAPUHI.

E' uma planta trepadeira. Obra como tonico.

A raiz, crua ou assada no rescaldo, ralada e depois exprimida, para servir o liquido nas primeiras vinte e quatro horas, é empregada com muita vantagem nas ophtalmias chronicas.

SUASSUREÇA.

Fructa silvestre das mattas de Faro, Parintins e de toda a região da Munducurania. Seu sabôr é primoroso e superior, segundo a opinião geral, ao do *caramury*. E' pequena, de forma orbicular, e sua côr, quando madura, é de um roxo formoso.

A INSTRUÇÃO EM SANTARÉM.

Na cidade de Santarém, funcionam actualmente 5 escolas de instrução primaria, além de um collegio particular. D'estas, 4 são do sexo masculino e uma do feminino. Estão matriculados n'aquellas 179 alumnos e n'esta 72 alumnas, fazendo o total de 251.

Entre as 4 escolas do sexo masculino, 2 são pagas pela provincia, uma é particular e uma é nocturna, paga pela municipalidade. Nas 2 escolas publicas estão matriculados 66 alumnos repartidamente; na particular 37 e na nocturna 72.

O collegio particular, sob a denominação de « collegio de N. Senhora da Conceição » e habilmente dirigido, contava em abril do corrente anno 28 alumnos internos, 5 meio-pensionistas e 20 externos. Funcionam ali as aulas de instrução primaria, grammatica nacional, grammatica franceza e latina, historia e geographia, arithmetica, algebra, geometria e instrução religiosa.

MOLONGÓ.

E' uma especie de tuberosa, de perfume extremamente activo e delicado, produzida por um arbusto do mesmo nome, abundante nas margens de alguns rios do Pará.

Julio Cezar Ribeiro de Souza.



LAGOS FORMADOS PELO AMASONAS.

São mais notaveis os seguintes: Saracá — Manacapuru — Manaquiri — Cudajaz — Autazes — do Rei — Derury — Anamá — na provincia do Amasonas.

Todos estes lagos communicam com o grande rio, ainda no verão. Só nas vasantes extraordinarias seccam completamente alguns canaes.

Pelo inverno, no interior dos lagos, de que alguns tem mais de 40 palmos de profundidade, navegam grandes canoas. E' nos lagos que, durante o verão, fazem-se as mais abundantes pescarias, principalmente do pirarucú, que constitue um ramo importante do commercio das provincias do Pará e Amasonas.



A CIDADE DE CAMETA.'

Cametá ou Camutá, antiga aldêa dos Pacajás, á margem esquerda do magestoso Tocantins, 13 leguas acima da sua foz na bahia de Marajó e á 30 leguas de Belem, é uma das mais antigas povoações do Pará.

A sua primeira fundação, em 1635, não foi no lugar em que actualmente se acha, mas no sitio ainda hoje conhecido por *Camutá-tapera*, a 2 leguas de distancia da cidade.

« N'este lugar, hoje tão tristemente decadente e quasi abandonado, diz o Sr. F. Penna, foi pela primeira vez nas margens do Tocantins alevantada e adorada uma cruz, o si-

nal da redempção; ali se construiu o primeiro templo, onde se rendêo graças ao omnipotente em presença da magestade d'aquellas aguas; ali teve origem e sua primeira fundação a cidade de Cametá; é ainda ali que forão sepultados e consumidos os restos mortaes do primeiro governador e capitão general do Maranhão e Pará Francisco Coelho de Carvalho, um dos mais distinctos e mais honrados fidalgos do seo tempo; ali finalmente se preparou e d'ali partio em 1637 a famosa expedição ao Amazonas e a Quito, commandada pelo bravo Pedro Teixeira, cujo nome é o mais illustre em toda a historia das conquistas de Portugal n'esta parte de suas antigas colonias.»

Feliciano Coelho, seo fundador, dêo-lhe o nome de Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá.

Em 1848 foi elevada á cathegoria de cidade.

Cametá foi o berço do bispo D. Romualdo de Souza Coelho e do arcebispo da Bahia, marquez de Santa-Cruz, ambos eminentes n'as lettras e nas virtudes.

CASTANHEIRO.

(*Bertholecia excelsa*). Da casca do tronco d'esta arvore e quando não tem ainda chegado ao seu desenvolvimento ordinario, se extrahe a estôpa, que serve para o calafeto de navios, e poderá provavelmente aproveitar no fabrico de papel.



AS FESTAS DOS INDIÓS.

Entre estes singelos ôlhos da natureza, diz um escriptor nacional, a posse do que podia satisfazer os seus appetites, lisongear o seu orgulho ou redundar em gloria do chefe ou da tribu a que pertencessem, era motivo de regosijo em que todos tomavam parte. Uma pescaria abundante, uma caçada feliz, uma boa colheita de fructos e legumes ou somente de generos proprios para o fabrico de seu *cavim*, assim como a victoria sobre os seus inimigos ou a tomadia de um prisioneiro, eram occasião de festejo solemne, para o qual eram convidadas as tribus alliadas das circumvisinhanças. Eram estas festas de duas naturezas, civis ou religiosas; porém a sua indole e educação guerreira fazião com que todas em ultimo resultado não tivessem outro fim que não fosse despertar os sentimentos briosos ou antes ferozes de cada tribu e de cada individuo.

Celebram os indios periodicamente suas festas nacionaes, diz o capitão-tenente Amazonas, com mais ou menos formalidades, que se resentem de apparencias religiosas; algumas começando pelo jejum e maceração e acabando pela devassidão.

Entre ellas, a que mais se tem observado, é a que celebram por occasião da admissão dos mancebos na fila dos guerreiros. Começam a festa, açoitando-se alternadamente com duros azoragues por espaço de oito dias, durante os quaes as mulheres preparam licôres e comidas. Passão então ao *puracé* (baile), durante outros oito dias, em que comem e bebem copiosamente e tomam o *paricá*, que é o pó a que reduzem a amendoa de uma fructa.

Eis o modo por que tomam o *paricá*.

Introduzem o pó em um instrumento composto de dous tubos de ossos de aves, o qual applica um ás ventas do outro e sòpra com toda a força. O effeito do *paricá* é o mesmo que o do opio; faz adormecer e n'esse estado ver e ouvir cousas bizarras e extravagantes.

O *paricá*, diz o Sr. Gonçalves Dias, servia aos indios em vez de fumo. Nos cachimbos em que os Muras fumavam o *paricá*, os tubos eram feitos de alguns caniços ou das hastes, que sustentam a fructificação das palmeiras *marajá* e outras, e tambem da *taboca-mirim*. As caçoletas onde punham o *paricá* eram os gargaes do fructo da *cabaceira*. Os tubos eram reforçados com fio de algodão ou com a casca dos talos da folha da palmeira *yacitara*.



MANETENERIS.

A população indigena das margens do Purús é calculada em 5,000 almas. A tribu mais numerosa é a dos *Maneteneris*. Plantam algodão, fiam e tecem pannos para a confecção de rêdes e vestidos, que tem muita semelhança com os que usam os bolivianos, que descem pelo Madeira. As mulheres trasem somente uma tanga. Tem grandes pacovaes á margem do rio, mas a sua residencia fixa é no interior.



PEDRO D'ALBUQUERQUE.

A' 6 de fevereiro de 1644 falleceu da enfermidade chronica que padecia e que se agravou em consequencia do naufragio que soffreu ao entrar na barra do Pará, o governador do estado Pedro d'Albuquerque.

O seu funeral foi um dos mais tristemente apparatusos e dos mais concorridos. Nos poucos mezes, que governou o estado, havia Pedro d'Albuquerque sabido conquistar a estima de todos por suas virtudes moraes e civicas e pela justiça e integridade de seu character.

Jaz sepultado na cappelá-mór da magestosa igreja do convento de N. Senhora do Carmo da cidade de Belém.

Deixou nomeado para substituil-o provisoriamente no governo do estado a Feliciano Corrêa, o qual entrou logo em exercicio, coadjuvado pelo sargento-mór Francisco Coelho de Carvalho Sardo.



A SERINGUEIRA.

A celebre arvore, geralmente conhecida por *seringueira*, é alta, perpendicular, de cópa pouco frondosa. Mède de 20 a 40 metros de altura, tendo de grossura um metro e alguns centimetros de diametro. A folhagem imita á primeira vista a folha da maniva.

Os indios *Cambebas* chamavam-n'a *cau-uchü*; no commercio é conhecida por borracha ou gomma elastica; o povo dá-lhe o nome de *seringa* ou *seringueira*.

PARINARY.

E' uma arvore, acerca da qual escreveo o celebre naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira

« A formiga ajunta a pagina exterior d'esta arvore para fazer seos ninhos e os indios a recolhem depois de ajuntada pela tal formiga. A isto chamam *Taracué*, e lhes serve para isca sobre que fazem fogo.»

Tambem dão á formiga o nome de *taracué* ou antes de *tracué*. Encontram-se estes ninhos em maior quantidade, e quicá de melhor qualidade, no Solimões. Tem muito consumo, porque os indios, tendo quasi sempre necessidade de accender fogo ao ar livre, preferem o isqueiro ao phosphoro, que nem sempre encontram. Preparam o isqueiro muitas vezes com algodão em rama, cordas, trapos etc.; mas, quando a podem conseguir, preferem a isca de *tracué*.



A PROVINCIA DO PARÁ.

Compõe-se a provincia do Pará de 34 municipios, 7 cidades e 27 villas com 72 parochias.

As cidades são : Belém (câpital), Santarém, Obidos, Vigia, Cametá, Bragança e Macapá.

As villas : Gurupá, Porto de Moz, Monte-Alegre, Franca, Itaituba, Alemquer, Faro, Mazagão, Mojú, Guamá, Igarapé-mirim, Ourém, Curuçá, Cintra, Mocajuba, Baião, Breves, Oeiras, Curralinho, Portel, Melgaço, Muaná, Cachoeira, Monsarás, Soure, Chaves e Visão.

RALOS DOS UAPÉS.

E' um invento curioso dos indios do Uapés, de uso mui frequente em todo o Rio Negro, para o fabrico da farinha, e de exportação como objecto de curiosidade.

Engastam na madeira escavada e curva uns como dentes de silex rijissima, aos quaes dão desenhos variados, concluindo por dar-lhes uma mão de breu de sorva para os segurar melhor.

Ha-os de differentes tamanhos.

SUMAUMEIRA DE MACACO.

É uma arvore alta, da qual nascem umas cabacinhas, que encerram uma felpa semelhante ao algodão. Da-se-lhe o nome de *sumaumeira de macaco*, porque mui guloso do fructo é aquelle animal.

As fibras felpudas do fructo são empregadas no enchimento de almofadas.

CARVÃO DE PEDRA NO AMAZONAS.

Na exposição dos productos naturaes e industriaes feita em 1861, na capital da provincia do Amazonas, figurou uma amostra de carvão de pedra, que o americano J. Brom dizia haver extrahido de um lugar proximo a Manáos. Tendo sido experimentado um fragmento da amostra, reconheceu-se que era de boa qualidade.

HIAPUÁ.

E' uma especie de mandioca do matto. Serve em geral para fazer gomma. Muitos preparam tambem com ella a farinha, tendo o cuidado de lavar a massa repetidas vezes em muitas aguas.



TUCU'M.

São os filamentos ou fibras extrahidas dos foliolos da palmeira *astrocarium vulgare*, de tronco bastante espinhoso e sem ramos, e que abunda em todo o valle do Amasonas.

Do cimo d'esta palmeira partem cinco a sete folhas recortadas, das quaes se extrahem filamentos muito semelhantes ao linho e que se prestam á mais delicada fiação, embora um pouco mais escuros.

O *tucum*, manipulado em delicados cordões, serve no fabrico de lindas maqueiras para rêdes, linhas de pescar e differentes usos domesticos. Em cordoalhas, torna estas mui superiores ás que são fabricadas com o linho e canhamo europeu, tanto pela sua flexibilidade natural e resistencia, como tambem pela sua longa duração, embora sempre exposta á acção do tempo.

Tambem é ahi muito vulgar o *caruá* ou *carauá*, planta bastante fibrosa, de onde se extrahe uma especie de linho muito alvo, porém mais aspero que o *tucum*. Quando preparado em cordoalhas, torna estas bastante resis-

tentes. São porém sujeitas á pouca duração, quando expostas á humidade.

Julga-se que manipulado com alcatrão poderá servir no apparelho de navios.

OS RIOS GUAMA' E CAPIM.

O rio *Guamá* tem um curso pouco extenso, dirigindo-se ao principio de S. a N. e depois de E. a O, até confluir com o rio *Capim* á 16 legoas da sua foz, formando então ambos o rio *Guajará*. Communica-se com o rio Gurupi, em suas vertentes, mediando apenas entre ambos um pequeno pedaço de terra, que não chega a uma legoa. E' navegavel na maior parte do seu curso, durante o inverno, para pequenos vapores, e, durante o verão, somente até a freguezia de S. Miguel, onde então apparece uma pequena cachoeira.

E' muito habitado na parte inferior, achando-se em suas margens a villa de *Ourém*, antigamente denominada *Casa-forte*, em consequencia de um pequeno forte, que ali houve. Banha igualmente as freguezias de S. Miguel e de S. Domingos, e deita um pequeno braço, que se denomina *Irituia* e que banha a freguezia do mesmo nome.

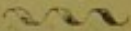
«Foi o rio *Guamá*, diz o padre José de Moraes, o mais fertil e seus moradores os mais opulentos, depois que entraram a plantar muito café e cacáo manso, á instancias do capitão general João da Maya da Gama, que foi o que promoveu a sua cultura, em tempo que valia muito.»

Actualmente os seus productos principaes são: breu, cravo, andiroba, óleo de copahiba e excellente tabaco, conhecido pelo nome de *tabaco de Irituia*.

O rio *Capim* é formado pela reunião do *Surubiú* e do *Ararandeua*; é muito extenso e estreito em geral até reunir-se ao Guamá. Desce do S. para N., formando numerosas e extensas curvas; tem apenas uma cachoeira em sua parte media, que desaparece durante o inverno, sendo então o rio navegavel em quasi todo o seu curso para pequenas canôas, e n'um terço inferior para vapores.

E' habitado na parte superior pelos indios *Amanajás*, na media pelos *Timbiras* e *Turiuáras* e na inferior por população civilisada.

Os productos naturaes de suas margens são: óleo de copahyba em grande abundancia, breu, cacáo, andiroba e cravo. As suas terras são excellentes para a cultura do arroz, cacáo, café e canna de assucar.



OLEO DE JACARÊ-COPAHIBA.

E' extrahido da arvore *calaphilum brasiliense*, da familia das *clusiaceas*, oriunda do Alto-Amasonas.

E' fixo, de côr verde-escura ou quasi preta e tem um cheiro forte e desagradavel.

E' empregado no calafeto das embarcações com melhor resultado do que o breu e o alcatrão, segundo affirmam as pessoas entendidas.

O THEATRO « BOM JESUS. »

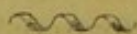
O intelligente Sr. Dr. Casemiro Borges Godinho de Assis, satisfazendo a uma das mais palpitantes necessidades das cidades civilisadas, e vencendo as maiores difficuldades, conseguiu levantar em Obidos, auxiliado pela população illustrada d'aquella cidade, um excellente theatro.

Começando a edificação em principios de fevereiro do corrente anno, poudo o theatro principiar a funcção a 21 de junho; e no praso de um mez foram ali representadas nove comedias e deram-se trese espectaculos. A maior parte d'aquellas composições foram da penna do mesmo Sr. Dr. Assis.

Mede o theatro «BOM JESUS» 90 palmos de comprimento sobre 41 de largura, tendo as paredes lateraes 23 palmos de altura, do solo ás vigas, que sustentam o telhado. Tem uma ordem de 16 camarotes, sobre uma galeria que poderá comportar talvez 100 pessoas.

A platêa mede 50 palmos de comprimento sobre 35 de largura e póde accomodar 150 espectadores.

A posição em que se acha o theatro é magnifica.



URUCU'.

A semente do *urucú* de infusão n'agua, deixa uma tinta encarnada muito linda, com que os indigenas pintam suas manufacturas e algumas tribus a si proprios.

Usa-se tambem na arte culinaria.

A CASTANHEIRA. (1)

Humboldt e Bompland, que fôram os primeiros, que descreveram a arvore da castanha, deram-lhe o nome de *Bertholetia excelsa*, naturalmente porque domina as demais arvores, que a circundam, por sua altura colossal e notavel robustez.

As castanheiras não tem sido até hoje descobertas senão no Pará e no Amazonas e nas florestas do Alto Orenoco.

Na provincia do Pará e em parte da do Amasonas, ellas, por uma singular disposição geographica, determinam geralmente os limites da extensão livremente navegavel dos rios. Ao norte e ao sul das planicies do Amasonas, diz o Sr. F. Penna, ellas occupam uma larga facha, passando de um lado pelas cachoeiras do Tocantins, Pacajás, Anapù, Xingù, Tapajós e Madeira, e do outro lado pelas do Jary, Parù, Maycurù, Curuá e Trombetas, indo reapparecer nas terras altas e pequenas montanhas do Jamundá e Uatuman. Assim, para este precioso vegetal, continúa o Sr. F. Penna, em vez de um *centro de criação* propriamente dito, ha duas vastas zonas, que acompanham de longe o curso do Amasonas.

No Tocantins chegam a formar grupos, mesmo em algumas ilhas das cachoeiras e não começam a apparecer na parte inferior, senão onde esse rio torna-se innavegavel pela multidão de rochas que lhe obstruem o leito.

(1) A maior parte dos dados e observações de que aqui me sirvo, devo-os aos trabalhos do illustrado e incançavel Sr. F. Penna.

No Pacajá succede o mesmo, apparecendo em numero consideravel junto ás cachoeiras do Uruá e Grande e á de Pependá, no affluente Cururuhy. Abaixo d'estes obstaculos do rio, raras vêzes vê-se uma ou outra arvore, e essa mesma não é senão o resultado da dispersão de algumas sementes emigradas da sua zona de creação.

A castanheira vegeta unicamente em terrenos altos e fortes, ao passo que a sapucaia vegeta indifferentemente n'esses terrenos ou em varzeas, ainda quando alagadas durante o periodo das grandes aguas.

Viajando pelo rio Pacajá, conta o Sr. F. Penna, avistei acima de uma floresta alagada a bella cupula de uma castanheira, e bem que se me assegurasse que tudo ali era um extenso *igapó* (matto alagado) pude penetrar por este até ao pé da arvore e verifiquei que ella se firmava em uma especie de ilha sobre um terreno solido e elevado cerca de dous metros acima do nivel do igapó, tendo a ilha talvez de 100 a 120 metros de circamferencia. Factos identicos se reproduzem e podem induzir a erros, mesmo a espiritos os mais intelligentes, como ja succedêo a ùm illustre viajante nosso compatriota, que por ùm facto identico, mas de certo não bem observado, disse em uma memoria muito estimada, que a castanheira era ùma planta *cosmopolita*.

A castanheira eleva-se a 24 e 30 metros de altura, dominando as florestas visinhas. Esta arvore gigantesca offerece o mais notavel exemplo do poder das forças organicas na estrutura dos seus fructos, especie de côcos arredondados e revestidos de espesso lenho, os quaes contém sementes triangulares, encerradas tambem n'um tegumen-

to lenhoso. Estas sementes ou amendoas, creadas dentro de um ouriço, são em numero de 12 a 16.

A immensa altura a que attinge a castanheira não permite facilmente chegar-se a seos galhos para apanhar-lhe os fructos, e quando o permittisse, seria este trabalho perdido em grande parte, pois que tem provado a experiencia, que não sendo colhidas em completa madureza, deterioram-se as castanhas em pouco tempo. É necessario pois esperar a queda espontanea dos ouriços.

A colheita dos fructos, que se faz precisamente na epoca em que começam a desprender-se dos galhos, de fins de de setembro a fins de fevereiro, é um trabalho simples, porém que exige a maior precaução contra os perigos que o acompanham. Volumosos, revestidos de uma couraça de consistencia cornea e formando, com as amendoas que encerram, uma massa de 2 a 4 libras de pezo, os ouriços da castanheira, escapando dos altos galhos, onde amadureceram, cahem com tanta força, que enterram-se no chão, abrindo uma cova mais ou menos profunda, segundo a natureza do solo.

Esta simples enunciação exprime o perigo da colheita, perigo, acrescenta o Sr. F. Penna, que mais de uma vez tem roubado a vida a colhedores inexperientes.

Para evitar semelhante perigo, continúa o infatigavel investigador, costumam armar debaixo da floresta uma ligeira barraca, de coberta, fortemente inclinada para o chão, e ali dentro esperam a hora em que, depois de agitados pelos ventos, os galhos tem desprendido de si todos os ouriços maduros e conservam-se em quietação completa. O colhe-

dor prudente sahe então do abrigo, que o defendêra, e enche o paneiro com os fructos, que vae encontrando espalhados pelo chão. Terminada esta operação, recolhe-se de novo á barraca e aguarda outra oportunidade para continuar a colheita. Em quanto está refugiado, occupa-se em quebrar os ouriços.

As amendoas da castanheira ou as castanhas, como geralmente se diz, não entraram na ordem de artigos de commercio senão nos primeiros annos do nosso seculo. Em 1775 eram tão pouco apreciadas, que apenas se empregavam para sustento dos animaes domesticos.

Hoje porém constituem um importante genero de exportação do Pará. O seo preço regulava ha 60 annos ou pouco mais, a 80 rs. o alqueire, e por muito tempo conservou-se a 100, 160 e 200 rs. Mais tarde elevou-se a 500 rs., preço então animador.

O preço normal regula actualmente de 5\$1a 6\$000 reis o alqueire; entretanto tem muitas vezes chegado a 7\$ e a 8\$000 reis.

O oleo da castanha, quando fresco, é empregado nos usos culenarios. É proprio para o fabrico do sabão branco e susceptivel de ser aromatisado.

Tambem serve para luz.

JAUARÁ-ICICA.

É uma especie de resina ou breu, de cor escura, cheiro activo e sabor acre. É empregada como betume.

ASILO DE N. SENHORA DO CARMO.

O estabelecimento, que tem este nome, acha-se no antigo convento de N. Senhora do Carmo, no Pará.

Extincta a ordem carmelitana na provincia, estava o convento em quasi completa ruina, e a igreja, que lhe é contigua, notavelmente deteriorada.

De ha muito desejava o actual senhor bispo fundar um asilo para educar meninas desvalidas, e para isto pedio e obteve da ordem carmelitana, de accordo com o governo imperial, o velho convento e suas dependencias. Para patrimonio do asilo havia tambem pedido a fazenda de Pernambuco, que depois foi vendida a particulares.

Na restauração do convento despendeu a somma de rs. 18:000\$000, proveniente das esmolas que conseguiu o prelado.

Foi inaugurado o asilo no dia 2 de fevereiro de 1872. Consistio o acto da installação em uma missa acompanhada de canticos e em um discurso pronunciado pelo Sr. conego Mourão, que presidio a cerimonia, na ausencia do prelado.

Entraram n'esse dia com as directoras seis meninas desvalidas. Actualmente conta o estabelecimento 25 meninas, que são sustentadas pelas esmolas dos fieis e pela caixa pia da diocese.

O Sr. conego Mourão instituio no corrente anno uma classe de catecismo, que é frequentada por 60 meninas que não pertencem ao estabelecimento.

O asilo de N. Senhora do Carmo é um vasto estabelecimento, podendo conter cerca de 200 meninas; é muito are-

jado, tem vastos dormitórios, excellentes salões e possui para os actos religiosos um dos mais bellos templos da cidade.

Além do ensino litterario, as meninas exercem-se em todos os misteres da vida domestica.

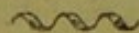
Quatro senhoras dirigem este estabelecimento, tendo uma d'ellas o titulo de superiora.

Os negocios de maior gravidade e importancia são decididos pelo director.



ARUBÉ.

E' uma especie de conserva, muito semelhante á mostarda: preparam-na do modo seguinte: amollecem a mandioca, deixando-a n'agua por alguns dias, tiram-lhe a casca, espremem-na e depois de bem socada e coada, escaldam-na com um pouco d'agua a ferver e secam-na de novo, misturando-lhe certos adubos, como pimenta, alho e etc.



ARATICU'.

E' o nome de um pequeno rio, em cuja margem está situada a decahida villa de Oeiras, na provincia do Pará.

Seus productos são: castanha, de que ha grande abundancia, pouco cumari, cravo e estopa.

O GENERAL GURJÃO.

Entre os heróes, que illustraram a patria na brilhante e affanosa luta que sustentamos contra o Paraguay, foi sem duvida o general Gurjão um dos mais distinctos entre os distinctos.

Tendo sentado praça de soldado em 1836, conseguiu por merecimento pouco vulgar ser elevado em 1868 ao posto de general do exercito brasileiro. Estava porém escrito que o illustre filho da capital do Gram-Pará não cingiria siquer durante um anno a banda de general. Ferido em um braço a 6 de dezembro de 1868 no combate da ponte do *Itororó*, o benemerito e bravo general Gurjão cerrou os olhos á vida ás dez horas da noite de 17 de janeiro de 1869.

Deixemos porém fallar uma testemunha occular:

« Chegara o dia 6 de dezembro; o exercito imperial, depois de ter feito uma marcha quasi impossivel pelo Chaco alagado, transposera de novo o rio Paraguay, desembarcara em Santo Antonio e avançava sobre a ponte do *Itororó*; um corpo de exercito ao mando do legendario Osorio seguira a flanquear e cortar a retaguarda do inimigo: antes de terminado esse movimento tão bem concebido e que só por si nos daria posse da ponte em questão, o illustre Argolo teve ordem de atacar.

« Vão morrer os exforços dos nossos soldados no desfiladeiro varrido da metralha. Fernando Machado, distincto pelo denodo e coragem, distincto pelos dotes da intelligencia, distincto pela confiança que merecia dos generaes e do exercito, cahe expirante, ferido gloriosamente. Cabe a Gurjão a

vez de ir ao assalto com a sua divisão; mas o perigo era tão grande, que seos soldados—os bravos soldados brasileiros—começam a recuar. Gurjão indigna-se ante essa manifestação de fraqueza; mas não é a apostrophe brutal, que lhe vêm aos lábios, nem a punição terrível que sua mão agita; elle quer ainda uma vez conduzil-os pela emulação e pela victoria do sentimento patrio, cujo imperio desmaiára por instantes n'aquella oscillação d'espíritos tão guerreiros. Gurjão, d'espada em punho, arroja-se para a frente, brandando: « Vêjam como morre um general ! » A sua divisão inteira o seguiu. Como não?

«Na ponte a luta foi tremenda: imaginai as ondas de dois oceanos, qual mais tempestuoso, se entrechocando n'um embate horrível, para a conquista de mais espaço, e tereis um quadro semelhante ao d'esse encontro de brasileiros e paraguayos: n'um dos pontos mais arriscadosahi estava Gurjão e as balas ainda o respeitavam.

«Eduardo da Fonceca, esse heróe a quem uma morte gloriosa cortaria momentos depois a existencia, tão assignalada n'estes quatro annos de guerra pela nobresa de character tanto quanto pela indomita bravura, pelos brilhantes serviços tanto quanto pela injustiça dos governos, Eduardo da Fonceca chegou-se duas vezes a Gurjão e amigo lhe dirigio estas palavras: « general, não é aqui seo lugar. » A luta continuou e depois . . . a frente querida de Eduardo rolava no pó e Gurjão era forçado a retirar-se, ferido no braço esquerdo !

«De seo estado maior, sò um official ficara incolume ! »

O general Hilario Maximiano Antunes Gurjão nascêo a 21 de fevereiro de 1820.

O SEMINARIO EPISCOPAL DE MANA'OS.

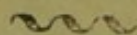
Este modesto estabelecimento, creado em 1848 pelo Exm.^o Sr. D. José Affonso de Moraes Torres, presta excellentes serviços á causa da instrucção, em um internato sob a intelligente direcção do padre Dr. Frederico Cattani.

O abandono em que o zeloso prelado o Sr. D. José Affonso achou a maior parte das freguesias do Amasonas, a falta de sacerdotes de que pudesse lançar mão para provê-las convenientemente, a grande repugnancia dos poucos que havia em sahirem da capital do Pará para se empregarem nas remotas parochias do Amasonas, foram as razões que levaram o prelado a crear este seminario, que tem sido mais ou menos auxiliado pela assembléa provincial do Amasonas.

O edificio em que funcçiona actualmente o seminario é acanhado; é porém de crer, que augmentando-se os recursos da provincia, não duvide ella concorrer para que tome mais largas proporções aquelle tão util estabelecimento.

A' expensas suas montou o sollicito reitor actual uma pequena typographia no edificio do seminario, onde ensina aos alumnos a arte typographica.

São elles que imprimem a maior parte dos livros por onde estudam.



ESTATISTICA COMMERCIAL.

A praça do Pará em 1871 exportou perto de 10,700 contos de borracha, e 1,600 contos de cacáo.

O RIO NEGRO.

A' 80 milhas da fôz, e antes de tomar o nome de Amasonas, recebe o Solimões o rio Negro, que é um dos seus maiores affluentes e de maior largura do que elle.

Nasce o rio Negro a E. do Popayan, na Nova Granada, ao N. E. de Caquetá, na lat. de 2° 30' N. e 36° 49' O. de Olinda, segundo o capitão-tenente Amasonas.

Davam-lhe os indigenas a denominação de *Quiary* e ainda de *Guriguacurú*, e na parte superior a de *Heneyá*.

Corre na direcção de E. S. E. e vem confluir com o Solimões em 3° 9' de latitude S e 25° 17' de longitude.

N'este lugar estreita consideravelmente, de modo a não exceder de um quarto de legua, quando á alguma distancia da sua confluencia alarga de tal modo a fôr de 4 a 6 leguas, ou, como diz o ouvidor Ribeiro Sampaio, de 7 para 8.

Sem duvida nenhuma que a côr das aguas d'este rio, que contrasta com as do Solimões, foi que dêo motivo a lhe terem dado o nome de rio Negro.

« Ellas vistas no rio, diz o Ouvidor Sampaio, são de um escuro tão fechado, que parecem um lago de tinta preta; porém a sua verdadeira côr é de alambre, como se conhece quando se tomam em um copo. Pelas observações optico-phísicas se vem no claró conhecimento d'aquella côr preta, que se deve procurar nas razões de onde se tiram as causas da opacidade dos corpos. Uma só superficie ou lamina d'aquella agua é de côr de alambre e transparente, mas unindo-se diversas laminas e superficies turbam a transparencia e causam a opacidade, e por consequencia quanto

maior fundo, tanto maior será o escuro, o que bem se observa, reparando-se que á borda d'agua, até tres palmos d'extensão, em que o fundo não chega a um, mostra a agua a côr de alambre. A causa d'esta côr de alambre conjectura-se provir dos bitumes, que encontra o rio nos grandes e multiplicados rochedos por onde passa em quasi todo o seu curso, descendo das cordilheiras de Popayan. Outros querem que esta côr provenha das arvores, que inunda, por ser todo cheio de ilhas alagadiças; o que não parece improvavel.»

«As aguas, diz La Condamine, mostram aos olhos um escuro tão carregado, que mais parece um lago de tinta preta. Não é difficil de conceber que unindo-se muitas laminas ou superficies d'agua, hão de turvar infallivelmente a sua transparencia, e quanto mais alto fôr o fundo, tanto maior deve ser o escuro: d'aqui vem que junto á beira, onde o fundo é mais baixo, a agua quasi que mostra, a sua côr natural.»

As aguas do rio Negro continuam por algumas milhas a nodoar as aguas do Amasonas e durante a vasante, ainda perto de Serpa, isto é, na distancia de mais de 80 milhas descobrem-se na margem esquerda do grande rio largas manchas escuras, que muitos attribuem ás aguas do rio Negro.

«N'essa época (da vasante), diz o Sr. Dr. Adolpho de Barros, da confluencia do rio Negro até quasi a villa de Serpa, distinguem-se, cada vez mais pronunciadas, duas gradações na côr das aguas do Amasonas: uma mais amarelenta junto á margem direita, outra mais escura do lado opposto. Figuram dous rios correndo unidos no mesmo

leito, mas confundidos inteiramente. Esse combate gigantesco prolonga-se por 30 leguas. Na enchente não succede o mesmo: não se vê no Amasonas o menor vestigio das aguas do rio Negro. Sômente mui perto da foz d'este, observam-se a espaços algumas largas manchas escuras, que sobrenadam nas aguas barrentas do grande rio.»



ABERTURA DO AMASONAS.

AUTO da abertura do rio Amasonas e outros á navegação commercial de todas as nações amigas do Brazil.

Aos sete dias do mez de setembro de mil oito centos e sessenta e sete do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, quadregésimo sexto da Independencia e do Imperio, achando-se á bordo da corveta a vapor Paraense e ao Noroeste da ilha Cutijuba, na bahia de Marajó, onde reunidas correm as aguas do Tocantins e Amasonas, Sua Excellencia o Senhor Joaquim Raymundo de Lamare, presidente e commandante das Armas da provincia do Pará, commandante em chefe da força naval no terceiro districto, conselheiro de guerra, veador de Sua Magestade a Imperatriz, vice-almirante da Armada Nacional e Imperial, condecorado com a Dignataria da Ordem da Rosa, commendador das de Aviz e Christo, Official da Ordem Imperial do Cruzeiro, condecorado com as medalhas de Ouro de Toneleiro e Uruguayana, Grão-Cruz da Ordem de Christo de Portugal e da Ernestina da Casa Ducal de Saxe e commendador da Imperial Ordem Austriaca da Corôa de Ferro e da Legião de Honra,

com todas as autoridades superiores da mesma provincia e pessoas abaixo assignadas, Sua Excellencia o mesmo senhor presidente passou a fazer a leitura do Decreto numero tres mil setecentos e quarenta e nove, de sete do mez de dezembro de mil oitocentos e sessenta e seis, o qual é do theor seguinte :

« No intuito de promover o engrandecimento do Imperio, facilitando cada vez mais as suas relações internacionaes, e animando a navegação e commercio do rio Amasonas e seus affluentes, dos rios Tocantins e S. Francisco, ouvido o meu Conselho de Estado, hei por bem decretar o seguinte :

Artigo 1.º — Ficará aberta, desde o dia sete de setembro de mil oitocentos e sessenta e sete, aos navios mercantes de todas as nações a navegação do rio Amasonas até a fronteira do Brazil, do rio Tocantins até Cametá, do Tapajoz até Santarém, do Madeira até Borba e do Rio Negro até Manáos.

Artigo 2.º Na mesma data fixada no artigo 1.º ficará igualmente aberta a navegação do rio S. Francisco até a cidade do Penêdo.

Artigo 3.º A navegação dos affluentes do Amasonas, na parte em que só uma das margens pertence ao Brazil, fica dependendo de previo ajuste com os outros Estados ribeirinhos sobre os respectivos limites e regulamentos policiaes e fiscaes.

Artigo 4.º As presentes disposições em nada alteram a observancia do que prescrevem os tratados vigentes de navegação e commercio com as republicas do Perú e Venezuela, conforme os regulamentos já expedidos para esse fim.

Artigo 5.º Os meus ministros e secretarios de Estado,

pelas repartições competentes promoverão os ajustes de que trata o artigo 3.º, e expedirão as ordens e regulamentos necessários para a effectiva execução d'este Decreto.

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, do meu Conselho, Senador do Imperio, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro sete de dezembro de mil oitocentos e sessenta e seis, quadragésimo sexto da Independencia e do Imperio. — Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador. — Antonio Coelho de Sá e Albuquerque. »

E finda a leitura Sua Excellencia, em nome de Sua Magestade O Muito Alto e Muito Poderoso Senhor Dom Pedro Segundo Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, declarou abertos á navegação das bandeiras commerciaes de todas as nações os rios Amasonas até a fronteira do Brazil, Tocantins até Cametá, Tapajoz até Santarém, Madeira até Borba e Rio Negro até Manáos; seguindo-se depois a cerimonia da benção das aguas dos rios Amasonas e Tocantins pelo muito Reverendo Conego Vigario Geral e Governador do Bispado, Sebastião Borges de Castilho.

Terminada a cerimonia religiosa e saudado o acto com vivas e salvas do estilo, o navio Almirante seguiu aguas acima, acompanhado de todas as as embarcações que se achavam presentes, e que são as seguintes: corveta á helice *Nictheroy*, Commandante, Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Luiz Ferreira, os vapores da Companhia de navegação e commercio do Amasonas, *Belém*, commandante, Capitão Tenente reformado José Lopes de Sá; *Sou-*

re, commandante Manoel Pereira de Figueiredo, e *Inca*, commandante, Talisman de Figueiredo e Vasconcellos, todos os tres sob o mando do Capitão de Mar e Guerra graduado e reformado Antonio José Pereira Leal; o vapor da Companhia de navegação costeira de Maranhão, *Odorico Mendes*, commandante Joaquim Peixoto da Costa Santos, e os vapores do governo á serviço d'esta provincia, *Jurupensén*, commandante, Primeiro Tenente Liberato Lins Cavalcanti d'Oliveira, e *Pará*, commandante, Antonio José Martins; e ao achar-se em frente da ilha Arapiranga, deu Sua Excellencia signal de parada e na mesma ordem regressou para a cidade de Belém.

E para que conste em todo o sempre um facto de semelhante transcendencia, tanto para o progresso e desenvolvimento das provincias banhadas pelas aguas dos ditos rios, como para as nações commerciantes de todo o mundo, mandou Sua Excellencia o Senhor Presidente da Provincia lavrar o presente auto, que vai assignado pelo mesmo Excellentissimo Senhor, pelas pessoas que se achavam presentes e por mim Antonio Gregorio da Fonseca, official da Secretaria do Governo, que o escrevi.—E eu Domingos Soares Ferreira Penna, secretario interino da provincia, o conferi e subscrevi.—Joaquim Raymundo de Lamare.—João Maria de Moraes.—O Conego Sebastião Borges de Castilho.—Visconde de Arary.—Domingos Antonio Raiol.—Doutor Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães.—Pedro Miguel de Moraes Bittencourt.—João Maria de Moraes Junior.—José Caetano Ribeiro.

FIM.

INDICE.

Abicaxis	148	Cachoeiras do Madeira.	203
Abirana do R. Branco	185	Cachoeira das Furnas.	41
Acauán	104	Cachoeira do Taruman.	190
Acutipurú	213	Cacaoal imperial.	115
Agricultura d'Obidos	244	Caicara	22
Ajuricaba	214	Cametá (A cidade de)	299
Adeamentos de indios	224	Canal de Tagipurú (O).	132
Alfandega de Serpa	240	Canna de assucar	155
Amazonas (O)	24	Canuman	170
Amazonas (As)	163	Capitania do Rio Negro.	158
Amazonas (Abertura do)	321	Carabobocas	166
Amazonas e o Tocantins (O).	25	Carajurú.	248
Amazonas (Onde nasce)	177	Character do indio (O)	84
Amatary	86	Caramuri	71
Ambrosio A. Bararoá	21	Caraná	198
Anajaz	120	Cararaucú	«
Anambés (Os)	222	Caruara	273
Ampú	294	Carurú	49
Andirá (Rio).	189	Carvão de pedra	305
Anhangá	167	Castanheira (A)	310
Antonio Vieira (Padre).	134	Castanheiro.	300
Araguary.	23	Catitú	88
Araticú.	315	Cauixi	101
Arcos	239	Cavallo Marinho.	93
Arsenal da marinha.	129	Chaves (Villa de).	135
Arvore colossal	18	Chispim de Leão	87
Arvores do Amazonas	176	Cicantá-ihua	80
Arubé	315	Cidade encantada.	169
Asylo do Carmo.	314	Colonia de Obidos	112
Bahias do Pará	236	Comarca de Obidos	161
Bananeiras	217	« de Parintins	88
Bancos do Amazonas	119	Comarcas do Pará.	288
Barcellos (Villa de)	200	Combate no Pará	240
Bens dos Mercenários	210	Commercio do Pará	55
B. F. T. Aranha	29	Companhia de N. C. do Amazonas	92
Biblioteca do Pará	260	C. de N. do Amazonas	166
Bispo do Pará (O 1º)	149	Conceição (Villa da)	269
Bispo D. Romualdo (O)	186	Conquista de Cayenna	46
Bragança	47	Conseguio escapar	214
Bragança (Noticia de)	180	Conspiradores	144
Brazão de armas	48	Contrabando	31
Cabury	248	Crato	283

Cuatá	64	Guamá e Capim	307
Cudajaz (Villa de) . .	161	Guapiassú (O vapor) . .	157
Cultura do anil	16	Guapuhy	297
Cumaty	145	Guaraná	245
Cumbarú ou Cumarú . .	78	Guariba	232
Cunauarú	256	Habitação dos indios . .	81
Cupacá	79	Heróe amasonense . . .	237
Curabi	211	Hiapuá	306
Curiuaias	184	Hiumara	75
Curupira	86	Ibake	253
Cururú-boia	49	Içá (O rio)	263
Cuaxinguba	238	Idume	21
Dados estatísticos . . .	13	Igaçabas	23
Dinheiro no Pará (O)	53	Igreja de S. Alexandre	136
Diocese do Gr-Pará (A)	94	Ilhas do Madeira	12
Distancias dos pontos		Inajá	109
do Amasonas	35	Inauguração da provin-	
Enchentes do Amaso-		cia do Amasonas	9
nas (As)	225	Indios do Apaporis . . .	118
Enterramentos	45	Indios Jauaperis	268
Episodio do naufragio		Inhiguaras	40
do Purús (Um)	124	Injustiça (É mais uma)	77
Estatística	40	Instrucção no Amasonas	277
« de Obidos	38	« em Obidos	156
« ecclesiastica do		« em Santarém	298
Amasonas	268	« no Pará (A)	212
Estatística de Manãos .	204	Ipadú	74
« commercial	318	Iratassihôa	208
Execução	103	Jacamim	74
Extincção da cabanagem	221	Jacarés do Amasonas .	89
Farinha d'agoa	65	Jacarè e a onça (U) . . .	258
Faro	173	Jacitara	273
Festas dos indios (As)	300	Jacundá (O rio)	118
Filha das selvas (A) . .	253	Japim ou japiim	260
Forca	123	Jaquirana-boia	16
Fortaleza de Macapá (A)	68	Jary	156
Foz do Tocantins (A) . .	152	Jauary	239
F. C. de Carvalho . . .	293	Jauará-icica	313
Frechas	271	João Mendes	229
Furos	252	J. P. Pacheco (O padre)	243
Gado vacúm em Obidos	257	S. João d'Araguaya . . .	228
Gallo da serra (O) . . .	66	S. Joaquim	179
General Gurjão (O) . . .	316	S. José de Matary	151
Gigante dos rios (O) . .	14	José Pedro Cordovil . . .	185
Governo do Pará	80	J. S. de Carvalho	197
Guajaratuba	188	José das Chagas (Fr.)	82

Jurimauás	176	Município de V. Bella	259
Jurupary-pindá	44	Murity	206
Lages	54	Murucú	145
Lagos do Amasonas. . .	299	Naufragio do Purús (O) .	60
Lagos do Pará	277	Nhamundá (O rio) . . .	138
Largura do Amasonas. .	62	Ninhos do Japim (Os) .	256
Leite de assacú	143	Nogueira	151
Lenda da mueraquitan	99	Obidos	76
Lenda da sapucaia-oroca	261	Oleo de andiroba . . .	116
Limites de Manáos. . .	39	« « assahy	219
Lingua tupy ou geral .	75	« « bacaba	37
Luiz do Rego Barros . .	285	« « baunilha	244
Macacos (Rio dos) . . .	180	« « cacáo	215
Maçaranduba	278	« « copahiba	273
Macaná	294	« « cravo	105
Macrobios	102	« « cumarú	294
Macucu-mirim	128	« « jacaré-copahiba.	308
Madeira (O rio)	153	« « jupaty	112
Madeira (O nome do rio)	268	« « merity.	217
Madeiras de Obidos . .	190	« « mucajá	269
Maguary	94	« « pataua	135
Mamaurana	216	« « piquiá	228
Mamurú	283	« « seringueira . . .	109
Manacan	284	« « ucuúba	188
Manetenerys	302	« « umiry	147
Manteiga de peixe-boi .	16	Orellana e as Amasonas	168
Mapuá	255	Ouvidor	242
Marajá	262	Ovos de tartaruga . . .	33
Mar amasonico.	95	Pacajá	231
Marupá-mirim	79	Pacarás	95
Matriz de N. S. da Graça	81	Pagés	97
« de Monte Alegre.	93	Pará (poesia)	194
« da Conceição . .	205	Paracutaca	141
Mazagão (Villa de) . . .	14	Paraenses (Os)	209
Meruxinga.	293	Parinary	304
D. Miguel de Bulhões.	270	Parintintins (Os) . . .	231
Misericordia do Pará (A)	287	Parú	91
Mixira.	29	Pedra de amollar . . .	295
Molongó	298	Pedras das Amasonas	171
Monte-Alegre	133	Pedra curiosa	71
Monte-Alegre (situação) .	241	Pedras «morona» . . .	280
Muerapinima	69	Pedra perigosa	193
Mueraquitan	96	Pedro d'Albuquerque .	303
Mucajá	276	Pedro de Ceriana (Fr.)	121
Mucum	189	Pedro Teixeira (O alf.)	201
Mujangué.	120	Peixe-boi (O)	296

Peopaiás	134	Solimões (comarca do)	209
Pescaria de tainhas	243	Sassurecá	297
Phenomeno (Um)	219	Sumaumeira de macaco	305
Phenomeno da pororoca	146	Taba	54
Pindá-siririca	41	Tabaco	295
Piracúhim	175	Tamaquaré	38
Piranha	184	Tapajoz (O rio)	42
Pium	71	Tapuia-eretê	128
Poesia	87	Tarubá	157
População de Belém	70	Tauary	83
Pororoca do Guamá	126	Tauá-tapuerá	166
Portuguez no Pará (O 1o)	78	Templos de Obidos	45
Prainha (Freguesia da)	220	Terrenos da Companhia	
Provincia do Pará (A)	304	do Amasonas	59
Pupunha	218	Theatro-Bom Jesus (O)	309
Puraquê	223	Tigre amazonense (Um)	265
Purús (O rio)	199	Tristão P. dos Santos	92
« (Noticia sobre o)	281	Troceno	108
Puxiry	212	Trombetas (O rio)	233
Puxirum ou putirum	216	Tucúm	306
Quadro commemorativo	264	Tucuman	38
Quadros notaveis	132	Tucupi	107
Quilombos	96	Tapés	202
Ralos dos Uapés	305	Turary	272
Recenceamento do Pará	162	Tuyuyú (O)	28
Rendas de Tabatinga	221	Uapés	278
Rendas de S. Antonio.	286	Uatumã	280
Recordações de Obidos	113	Uaycurapá	263
Reducto de S. José	143	Ucuypiranga	207
Região amazonica (A)	288	Uirary	289
Restituição de Cayenna	110	Uru	111
Rio Negro (O)	319	Urubú (O rio)	181
Riqueza de Parintins	176	Urucú	303
R. de Souza Coelho (D.)	286	Uxirana da varzea	285
Rua da Cadeia	26	Verba testamentaria	150
Sahirê	207	Vigararia geral do Bai-	
Salga do pirarucú	72	xo Amasonas	143
Santarém	150	Vigararia do R. Negro	230
» (A cidade de)	191	Vigia (cidade da)	27
Seminario de Manãos	318	Villa Bella da Imperatriz	201
Seringueira (A)	303	« de Gurucá (A)	219
Serpa	63	Xingú (O rio)	249
Serra de Parintins	291	Ypurinans (Os)	39
Silves	22	Ygaras	69
Silves e Villa Bella	175	Yara (A)	50
Solimões e Amasonas	125	Zarabatana	218

OBRA DE LUJO TERMINADA

EL

MUNDO ILUSTRADO

BIBLIOTECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIA, VIAJES, CIENCIAS, ARTES, LITERATURA

Esta interesante publicación sale á luz por cuadernos de ocho entregas, formando cada cuaderno treinta y dos páginas en folio mayor, ó sean sesenta y cuatro columnas.

A pesar del gran lujo de esta publicación, y del indisputable mérito de las obras, grabados y cromos-litografías que contiene, cada cuaderno sólo cuesta 4 reales semanales.

Esta publicación forma cuatro tomos de 768 páginas cada uno y se sirve al precio de 96 reales tomo.

